

ANA LÚCIA ANTUNES DE OLIVEIRA BICHERI

A MEDIAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO NA PESQUISA ESCOLAR
FACE A CRESCENTE VIRTUALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Marília
2008

ANA LÚCIA ANTUNES DE OLIVEIRA BICHERI

A MEDIAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO NA PESQUISA ESCOLAR
FACE A CRESCENTE VIRTUALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus de Marília para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.
Área de concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento. Linha: Informação e Tecnologia.

Orientador: Prof. Dr. **Oswaldo Francisco de Almeida Júnior**

Marília
2008

B48m Bicheri, Ana Lúcia Antunes de Oliveira.
A mediação do bibliotecário na pesquisa escolar face a crescente virtualização da informação / Ana Lúcia Antunes de Oliveira Bicheri. – Marília, 2008.
-- 197f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2008.
Bibliografia: f.175-187
Orientador: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

1.Biblioteca escolar. 2.Pesquisa escolar. 3.Mediação da informação. 4.Mediação bibliotecária. 5.Tecnologias de informação. I.Autor. II.Título.

CDD 027.8

ANA LÚCIA ANTUNES DE OLIVEIRA BICHERI

A MEDIAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO NA PESQUISA ESCOLAR
FACE A CRESCENTE VIRTUALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Dissertação para obtenção do título de Mestre
em Ciência da Informação

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

.....
Prof.^a Dr.^a Helen de Castro Silva Casarin

.....
Prof. Dr. José Fernando Modesto da Silva

Marília, 17 de março de 2008.

À Deus e aos amores de minha vida:

José e Didi - meus pais e meu esposo Amarildo.

AGRADECIMENTOS

À Deus por toda minha vida.

A meus pais, *José e Didi*, minha eterna gratidão. A vocês que mesmo sem entenderem os diferentes momentos de estudos, prazos, preocupação e nervosismo souberam ser pacientes, me ajudar e me amar. *Eu amo vocês!*

Ao meu esposo *Amarildo*, que nunca se queixou das longas horas de estudo que nos roubaram momentos de passeio e de namoro. Pelo contrário, soube ser na caminhada o menino sapeca que me arrancou sorrisos e o homem que me deu forças para continuar. *Moleque, eu te amo!*

A *Oswaldo Francisco de Almeida Júnior*, orientador e professor que com suas conversas sobre mediação da informação fez nascer em mim o propósito de estudo no mestrado. Orientou sem impor, respeitou meus limites e soube esperar o amadurecimento que hoje me traz a um caminho que quero continuar a seguir.

À minha grande amiga *Sueli Bortolin*, companheira incondicional de todas as horas, a contadora de histórias que faz história na vida de tanta gente. É aquela que ouve o que não digo e traz a resposta que preciso.

Aos parentes e amigos, por entenderem minha ausência durante o desenvolvimento da dissertação e por sempre torceram por mim.

A *José Fernando Modesto da Silva*, pela base teórica durante a pesquisa e pelos apontamentos e contribuições na banca de qualificação.

À *Helen de Castro Silva Casarin*, professora e membro da banca que muito contribuiu para minha dissertação.

Aos *docentes do curso de Pós-Graduação* em Ciência da Informação da UNESP pelos conhecimentos transmitidos.

Aos colegas de mestrado pelos momentos de companheirismo, estudo e lazer.

Aos *funcionários e docentes* do Departamento de Ciência da Informação da UEL, em especial à professora *Ivone Guerreiro Di Chiara* que como professora me mostrou caminhos, enquanto mãe de alunos valorizou a bibliotecária e acreditou na docente.

Aos *colegas do Grupo de Pesquisa Interfaces* que ouviram minhas idéias e torceram por mim.

Aos *funcionários da Secretaria de Pós-Graduação*, em especial à *Carol*, pela atenção e pelas informações e orientações no momento certo.

Aos *funcionários da biblioteca da UEL* e da *UNESP-Marília* pela atenção e atendimento.

Aos *bibliotecários (sujeitos)* pela atenção e disponibilidade em responder a entrevista.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Muito Obrigada!!!

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira. *A mediação do bibliotecário na pesquisa escolar face a crescente virtualização da informação*. 2008. 197f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

RESUMO

Paralelamente ao avanço da tecnologia e uso da expressão “Sociedade do Conhecimento”, percebe-se pessoas que não sabem efetuar a contento pesquisas e leituras. Alguns professores e bibliotecários escolares preocupam-se apenas com a orientação na aquisição de habilidades para o uso dos recursos tecnológicos na localização de informação. Esquecem que a ambiência da biblioteca, maior que seu espaço físico, deve alcançar os lares dos alunos, salas de aula e outros aportes de apoio pedagógico. Sendo assim, procurou-se responder questões como: O bibliotecário sabe que é um mediador? Como tem sido esta mediação? O bibliotecário acompanha as mudanças tecnológicas, inserindo-as em seu fazer cotidiano? A virtualização da informação facilita o uso das fontes/recursos de pesquisa e a capacidade de selecionar informação e ampliar conhecimento? O estudo teve como objetivos: avaliar a percepção do bibliotecário quanto a sua responsabilidade cotidiana em mediar a pesquisa escolar, independentemente da ambiência em que se encontra; analisar a postura e as habilidades técnicas/cognitivas do bibliotecário na mediação da pesquisa em um momento de crescente virtualização da informação; verificar o processo de utilização de recursos tecnológicos na busca de informação; identificar a existência de parceria entre bibliotecário e professor na prática da pesquisa escolar; obter subsídios para propostas de projetos/ações que visem busca de soluções para que a pesquisa escolar atinja seus objetivos. Buscou-se embasamento teórico por meio da literatura pertinente e para coleta de dados aplicou-se uma entrevista focalizada com o profissional bibliotecário em seis escolas de ensino fundamental da cidade de Londrina. Constatou-se que há diferentes realidades e posturas na mediação bibliotecária na pesquisa escolar e na relação professor/bibliotecário e que os bibliotecários podem ampliar o uso de tecnologias em sua mediação diária, por exemplo, com um site interativo, conforme sugerido no texto.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Pesquisa escolar. Mediação da informação. Mediação bibliotecária. Tecnologias de informação.

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira. *Librarian mediation in school research face the increasing information virtualization*. 2008. 197f. Dissertation (Master's in Information Science) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

ABSTRACT

In parallel with the advancement of technology and use of the term "the knowledge society", realizes it is people who do not know sign to the satisfaction surveys and readings. Some teachers and school librarians concern itself only with the guidance in the acquisition of skills for the use of technological resources in tracking information. Forget that the environment of the library, more than its physical space, must reach the homes of students, classrooms and other contributions of teaching materials. Therefore, it is answering questions such as: The librarian knows who is a mediator? As has been the mediation? The librarian accompanies technological change, inserting them into their daily lives do? The virtualization of the information facilitates the use of sources / resources research and the ability to select information and expand knowledge? The study aimed to: assess the perception of the librarian as its responsibility in daily mediate the search school, regardless of the environment in which it is; examine the attitude and technical skills / knowledge of the librarian in mediation of the search in a time of growing virtualization of documents; verify the process of the use of technological resources in the search for information; identify the existence of partnership between librarian and professor in the practice of research school; obtain subsidies for proposals for projects / activities aimed at finding solutions to the search school reaches its objectives. Intent is a theoretical through the relevant literature and to collect data applied to be a focused interview with the professional librarian in six schools of basic education of the city of Londrina. It was found that there are different realities and postures in mediation in the search school librarian in relation teacher / librarian and that the librarians can expand the use of technology in their daily mediation, for example, with an interactive site, as suggested in the text.

Keywords: School Library. School Research. Information Mediation. Librarian Mediation. Information Technologies.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) X Biblioteca Escolar.....	19
Quadro 2 – Objetivos de atividades para/com alunos na biblioteca – Macedo	24
Quadro 3 – Objetivos de atividades para/com alunos na biblioteca – Bernardi	25
Quadro 4 – Objetivos de atividades para/com alunos na biblioteca - Khulthau.....	25
Quadro 5- Como eram as pesquisas no primeiro ano de atividade da bibliotecária.....	63
Quadro 6 – Information Search Process (ISP) – Processo de Busca de Informação.....	87
Quadro 7 – Diferenças de denominação nas etapas evolutivas do processo de PE	90
Quadro 8 – O estudante/pesquisador e os níveis de desenvolvimento baseado na teoria de Vygotsky.....	108
Quadro 9 – Nove normas para competência informacional.....	112
Quadro 10 – Objetivos da Information Literacy	112
Quadro 11 – Vantagens e desvantagens da pesquisa escolar na Internet.....	137
Quadro 12 – Critérios de seleção para informações capturadas na Internet.....	139
Quadro 13 – Respostas referentes ao perfil dos sujeitos entrevistados.....	148
Quadro 14 – Respostas referentes aos recursos tecnológicos na biblioteca.....	152
Quadro 15 – Respostas referentes à pesquisa escolar e mediação.....	154
Quadro 16 – Respostas referentes à orientação à pesquisas realizadas na internet...	161
Quadro 17 – Respostas referentes à parceria entre mediadores na pesquisa escolar.	163

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ALA – American Library Association

BE – Biblioteca Escolar

CDD – Classificação Decimal de Dewey

CRA – Centro de Recursos de Aprendizagem

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

FAQs – Frequently Asked Questions- Perguntas feitas frequentemente

GBAE/SC – Grupo de Bibliotecários da Área Escolar de Santa Catarina

GEBE – Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar

IFLA – Federação Internacional das Bibliotecas

IL – Information Literacy

ISP – Information Search Process

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

SRI – Serviço de Referência e Informação

SRID – Serviço de Referência e Informação Digital

TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNESCO – United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNESP – Universidade Estadual Paulista

WWW – World Wide Web

ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A BIBLIOTECA ESCOLAR	15
2.1 Ambiência da Biblioteca Escolar	15
2.2 Conceituando a Biblioteca Escolar	19
2.3 O bibliotecário escolar	32
2.4 Situação das bibliotecas escolares brasileiras	38
3 PESQUISA NA ESCOLA: OBJETIVOS INICIAIS E REALIDADE PRESENTE	51
3.1 Conhecimento: sua construção/reconstrução	52
3.2 Pesquisa escolar	54
3.2.1 Pesquisa escolar e sua inserção na escola	59
3.2.2 Pesquisa escolar : relato de experiência e considerações	62
3.2.3 Pesquisa escolar e familiares de alunos	72
3.2.4 Pesquisa escolar e os professores	75
3.2.5 Pesquisa escolar e os bibliotecários	80
3.2.6 Pesquisa escolar e a parceria entre bibliotecário e professor	84
3.2.7 Pesquisa escolar e uma reflexão sobre suas etapas de desenvolvimento	86
4 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA BIBLIOTECA ESCOLAR	92
4.1 Mediação e mediador	93
4.2 Teorias educativas relevantes à atuação do bibliotecário mediador na escola	99
4.2.1 Vygotsky	102
4.2.2 Competência Informacional	109
4.2.3 Pedro Demo	115
4.2.4 Carol Kuhlthau	117
4.2.5 Paulo Freire	118
5 A MEDIAÇÃO DA PESQUISA EM MEIO AO DESENVOLVIMENTO DAS TECNOLOGIAS ...	120
5.1 Breve retrospectiva sobre as fontes de informação e a pesquisa escolar	120
5.2 Novos ambientes, usuários e mediações da informação	123
5.3 A Internet e seus reflexos na Biblioteca Escolar	127
5.4 A mediação bibliotecária na pesquisa escolar por meio da Internet	130
6 METODOLOGIA	144
7 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E PROPOSTAS DE PROJETOS/AÇÕES	148
7.1 Algumas percepções	164
7.2 Propostas de projetos e ações	167
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
REFERÊNCIAS	175
APÊNDICE A – Roteiro para entrevista focalizada	188
APÊNDICE B – Cidade de Londrina - Paraná	190
APÊNDICE C – Carta de apresentação da pesquisadora e da pesquisa	192
APÊNDICE D – Instituições onde foram realizadas as pesquisas	194

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa escolar é uma das atividades que apóiam tanto professores quanto alunos/pesquisadores na descoberta, na apropriação da informação, conhecimento, experiência, e vivência. É condição imprescindível para o desenvolvimento da aprendizagem.

Para o sucesso de uma pesquisa há a necessidade de mediadores (em especial, professores e bibliotecários) que impulsionem e provoquem ações e mudanças.

Os mediadores devem agir de forma a tornar o aluno capaz de buscar, selecionar, entender, assimilar a informação de que necessita para seu aprendizado, construir e reconstruir o conhecimento, tornando-se assim livre, autônomo, crítico e também mediador sujeito de sua educação.

Acreditamos que com parcerias na mediação da pesquisa escolar muitos são os beneficiados, principalmente os alunos/pesquisadores, futuros profissionais, que estarão multiplicando esta experiência e tendo maior segurança no decorrer de suas investigações e atividades, seja ela profissional ou pessoal.

Atualmente, as pessoas têm maior variedade de mecanismos para busca e acesso à informação, pois com o crescente desenvolvimento da tecnologia, novos sistemas e fontes de informação são criados diariamente. O tratamento e a recuperação de informações e documentos passaram a ser também informatizados.

Neste caso informações e documentos desvinculam-se de seu suporte físico e assumem um suporte digital, com organização integrada de textos, imagens e sons.

Em tempos de mudanças tão rápidas, exige-se maior reflexão e discussão a respeito da pesquisa escolar. Embora tudo pareça ser muito acessível e prático, essa tecnologia pode ser complexa para quem não tem familiaridade ou capacitação na busca e recuperação da informação em tal ambiente.

Com o aumento de tecnologias de produção, circulação e transmissão de informações, novas competências se espera do bibliotecário, que deve estar preparado para se adaptar e atuar de modo diferente do que vinha atuando. É crescente a importância, dentro do contexto da Sociedade do Conhecimento, do bibliotecário como educador/mediador do conhecimento.

A pesquisadora deste trabalho, atuando alguns anos como bibliotecária escolar vivenciou a prática da pesquisa na escola, conviveu com professores, alunos e seus familiares, percebendo diferentes sentimentos e posturas com relação à pesquisa.

Sempre tentando fazer com que a pesquisa fizesse sentido e estivesse no dia-a-dia dos usuários, acompanhou parte do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação e sua influência no processo de pesquisa e na mediação da informação.

Mais tarde atuando como professora em uma universidade vivenciou a pesquisa e o comportamento de acadêmicos nessa prática, percebendo a importância da formação de alunos/pesquisadores desde os primeiros anos na escola.

Observou que os projetos destinados ao desenvolvimento da pesquisa nas instituições educacionais não têm sido prioridade, a mediação na pesquisa não acontece eficientemente e, portanto, até hoje a pesquisa escolar não tem alcançado o resultado esperado e nem é identificado o seu verdadeiro sentido.

Ao participar de um Grupo de Pesquisa sobre mediação da informação e manter contato com outros profissionais e instituições de ensino, as angústias e esperanças com relação à pesquisa escolar aumentaram, dando origem a presente dissertação que tem como título: *“A mediação do bibliotecário na pesquisa escolar face a crescente virtualização da informação”*.

Alguns problemas justificam este estudo e merecem investigação: como o fato de que alguns bibliotecários não têm consciência de que são mediadores que devem proporcionar a aquisição de conhecimento por meio da pesquisa em variadas formas e diversos canais de comunicação, de maneira que a informação possa estar ao alcance dos estudantes e satisfazê-los.

Preocupados apenas em orientar seus usuários na localização de informação, não formam parcerias com outros mediadores, como o professor, para a mediação da pesquisa de estudantes. Esse posicionamento faz com que a pesquisa continue longe de alcançar seus objetivos.

Mesmo com o avanço da tecnologia parece que não há mudança nesse panorama, pois há bibliotecários tecnicistas e burocratas que não fazem idéia da importância da mediação em todas as atividades, principalmente no trato com os usuários.

Sendo assim, nesta investigação procuramos responder a questões como: O bibliotecário sabe que é um mediador? Como tem sido esta mediação? O

bibliotecário está acompanhando as mudanças tecnológicas e inserindo-as na mediação da pesquisa? A virtualização da informação está alterando a orientação no uso das fontes e recursos de pesquisa?

Tais preocupações se justificam quando percebemos que ao finalizar o século XX e adentrar o século XXI a literatura e o discurso acadêmico intensificaram o uso da expressão “Sociedade do Conhecimento”, mas paralelamente vemos pessoas que ainda têm dificuldades em adquirir o conhecimento e que não sabem efetuar a contento pesquisas e leituras de modo a satisfazer suas necessidades e interesses.

Perante tal realidade, o processo de pesquisa, nos mais variados níveis de ensino, tem sido motivo de discussão há muitos anos.

Diferentes estudos e publicações têm sido feitos a respeito desse assunto. A abordagem deste trabalho não é o estudo da tecnologia, mas sim a relação entre mediadores e recursos tecnológicos que possam apoiar a pesquisa.

Os *objetivos* propostos foram:

- Avaliar a percepção do bibliotecário quanto a sua responsabilidade cotidiana em mediar a pesquisa escolar, independentemente da ambiência em que se encontra.
- Analisar a postura e as habilidades técnicas/cognitivas do bibliotecário na mediação da pesquisa em um momento de crescente virtualização da informação.
- Verificar o processo de utilização de recursos tecnológicos na busca de informação.
- Identificar a existência de parceria entre bibliotecário e professor na prática da pesquisa escolar.
- Obter subsídios para propostas de projetos/ações que visem busca de soluções para que a pesquisa escolar atinja seus objetivos.

As principais *hipóteses* estabelecidas foram: julga-se erroneamente que a mediação ocorre apenas no momento do atendimento ao usuário; os mediadores estão despreparados para orientar trabalhos de pesquisa; há indefinição da responsabilidade/identificação de “quem” deve ensinar o ato de pesquisa; a parceria entre os diferentes mediadores (familiares, professores, bibliotecários etc.), é inexistente e, ainda, há uma má utilização de fontes e recursos de informação.

Assim, apresentamos no presente capítulo uma introdução ao tema da investigação, abordando problemas, justificativa, objetivos e hipóteses.

No segundo capítulo retratamos “*A biblioteca escolar*”. Discorrendo sobre sua ambiência abordamos a educação e a escola; conceituamos a biblioteca escolar procurando caracterizá-la. Também citamos o bibliotecário escolar e por fim, ao comentar sobre a situação das bibliotecas escolares brasileiras enfatizamos a necessidade da biblioteca e do bibliotecário no espaço educacional.

Enfocamos no terceiro capítulo a “*Pesquisa na escola*”. Introduzimos o assunto abordando o conhecimento e os tipos de pesquisa. Adentrando na pesquisa escolar procuramos focá-la, discorrendo sobre seu conceito, sua inserção na escola, considerações sobre pessoas a ela envolvidas, como professores, bibliotecários, alunos e familiares de alunos. Também apresentamos etapas de desenvolvimento da pesquisa escolar e um relato de experiência.

No quarto capítulo, “*Mediação da informação na biblioteca escolar*”, abordamos mediação e mediador citando algumas teorias educativas relevantes à mediação bibliotecária na escola.

No quinto capítulo, “*A mediação da pesquisa em meio ao desenvolvimento das tecnologias*”, discorremos sobre novos ambientes, usuários e mediações da informação, fazemos uma breve retrospectiva de como era a mediação do bibliotecário na pesquisa escolar até alguns anos atrás. Abordamos também a Internet e seus reflexos na mediação bibliotecária, explanando sobre o comportamento dos usuários e algumas vantagens e desvantagens dessa ferramenta na pesquisa escolar.

No sexto capítulo apresentamos os objetivos e os procedimentos metodológicos do presente estudo.

No sétimo capítulo fazemos a análise das respostas da entrevista e apresentamos nossas sugestões junto com as propostas dos entrevistados para a pesquisa escolar.

O oitavo capítulo apresenta nossas considerações finais com algumas reflexões a respeito da função do bibliotecário/mediador entre os recursos/meios de informação e a pesquisa escolar.

2 A BIBLIOTECA ESCOLAR

O conceito de Biblioteca Escolar, concebido pela sociedade em geral, varia de acordo com o conhecimento e vivência de cada um. Daí a importância de se esclarecer esse conceito com base em estudos, pesquisa e experiência. Em se tratando de ensino e aprendizagem para todos, o Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar (1999, p.1), afirma que:

A biblioteca escolar (BE) propicia informação e idéias fundamentais para seu funcionamento bem sucedido na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A BE habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.

Com base na citação acima e em outros conceitos, abordaremos neste capítulo aspectos concernentes à Biblioteca Escolar, sua ambiência, seus objetivos, função e principais requisitos para um bom funcionamento, o profissional que nela atua e a real situação em que se encontram a maioria das bibliotecas escolares brasileiras. De acordo com Amato e Garcia (1989, p.11),

[...] entre os diversos meios educativos, encontra-se a biblioteca - recurso indispensável para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizado e formação do educando. Pode-se afirmar que uma escola sem biblioteca é uma instituição incompleta, e uma biblioteca não orientada para um trabalho escolar dinâmico torna-se um instrumento estático e improdutivo dentro desse contexto.

Neste sentido, a seguir iniciaremos nossa fala sobre a Biblioteca Escolar discorrendo sucintamente sobre a educação e a escola; e conseqüentemente a necessidade da biblioteca e do bibliotecário nesse espaço.

2.1 Ambiência da Biblioteca Escolar

A educação é fator relevante no desenvolvimento de toda a sociedade já que informação, leitura e conhecimento são imprescindíveis ao desenvolvimento social, cultural e econômico de cada pessoa. Mas a quem cabe a responsabilidade de educar? O quê ou a quem educar? Essa é uma longa história. Moll (1998, p.20), relata que houve um tempo em que

[...] as crianças e os jovens eram educados no contexto mesmo em que viviam a vida. No espaço de trabalho, nos ritos religiosos, nas festas comunitárias, nas batalhas campais, no território "doméstico" de comer, falar, cantar, rezar, amar. Era a própria vida social a mediadora, e portanto a seletora, dos saberes a serem aprendidos.

O tempo passou e a identificação e seleção dos saberes a serem aprendidos, ou como podemos dizer o *currículo*, já não podia mais se referir apenas às necessidades do entorno sócio-cultural que revestem pequenas comunidades. Acompanhando a história, as mudanças sociais, econômicas e culturais de novos tempos; aliado ao nascimento do chamado indivíduo e do Estado-nação verificou-se a necessidade do surgimento de instituições, como a escola, responsáveis pela educação formal.

Em meio a muita controvérsia, coube à instituição escola preparar os indivíduos/sujeitos para a sociedade, para a vida. Desde então, procurou-se definir oficialmente temáticas e áreas de conhecimento. Também foram determinadas formas de abordagem/meios de ensino que passaram por momentos de extrema rigidez disciplinária, de críticas e crise que pedem novas maneiras, menos rígidas, porém concretas de educar.

Entre erros e acertos nessa trajetória, Moll (1998, p.22), incita a necessidade de se articular um processo educativo escolar

[...] que recupere a responsabilidade e a incidência da comunidade sobre a formação das novas gerações [...] que redesenhe os currículos [...] que enraizado nas temáticas e problemáticas atuais, remete os alunos ao passado, para que além das histórias oficiais entendam a vida cotidiana e as dinâmicas culturais de outros tempos tão ricos como o que vivemos, e os arremesse ao futuro, construindo projeções de uma sociedade em que se vive e se é feliz [...]

Ao querermos um processo educativo escolar que novamente insira a responsabilidade da comunidade na formação das novas gerações, e que possibilite aos alunos jogar com o passado, o presente e o futuro na construção/projeção de uma sociedade, constatamos que precisamos constantemente nos questionar, refletindo sobre o que significa educar, preparar os sujeitos para a vida, reavaliar o currículo escolar e a metodologia de ensino.

Nesse sentido Brandão, (1982, p.7,10) revela que a educação nunca saiu do entorno social. Segundo ele

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. [...] Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos.

O crescimento e o desenvolvimento das sociedades e a mistura de culturas gera a necessidade de ampliação da responsabilidade de educar. Porém é

preciso saber o que é educar. Almeida Junior (2006a, p.48), salienta que “educar significa preparar a pessoa, não para sujeitá-la a uma sociedade já constituída, já construída, mas para que seja ela uma agente transformadora, alguém que interfira no mundo[...]”.

Seguindo esse ponto de vista podemos dizer que educar, preparar uma pessoa para ser um agente transformador que interfira no mundo significa também formar uma pessoa que não seja apenas um habitante de uma cidade, estado ou país, mas uma pessoa ativa e conhecedora de seu direito à vida, à liberdade, à igualdade perante a lei, à segurança e à propriedade, ou seja, um cidadão consciente de seus direitos e deveres na e para com a sociedade.

Percebemos que, apesar de não ser a única responsável pela formação de bons cidadãos, as escolas devem preocupar-se com a formação e o desenvolvimento de atitudes de seus alunos, sua visão de mundo e participação na sociedade.

Ainda no sentido de educar a pessoa e de inseri-la na sociedade, Paulo Freire (2006, p.47) dizia que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”.

Portanto, a escola não pode mais se propor a *transmitir* conhecimentos, visto ser maior a sua responsabilidade. Por isso deve contar com uma infra-estrutura que vai desde um prédio em boas condições, apoio político/financeiro, diretrizes e bases para o desenvolvimento de atividades, à participação de profissionais capacitados, interessados e comprometidos em desenvolver um ensino de qualidade.

No Brasil, para aprimorar o conteúdo e a qualidade da educação, e servir de base a uma formação básica comum, o Ministério da Educação criou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que estabelecem metas educacionais, visando estimular e subsidiar a elaboração/revisão do currículo dos Estados e Municípios. Os PCN (BRASIL, 1997, p.69), propõem às escolas que capacitem os alunos a:

- . posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- [...]
- . utilizar as diferentes linguagens verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- . saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- . questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

Junto a tais propostas, surgem novas informações, descobertas e acontecimentos. Os professores, sozinhos, não têm condições de oferecer todas as informações necessárias aos alunos. Nesse caso, a escola como um todo se volta para a educação formal e objetiva proporcionar o acesso e uso da informação em todas as instâncias educacionais, colaborando para a aquisição e construção do conhecimento.

Aí a necessidade, na escola, de outros recursos como biblioteca, laboratórios de informática, química e redação, entre outros, que proporcionem o desenvolvimento e aprimoramento do ensino/aprendizagem (professor/aluno); ou como recentemente discutida, a aprendizagem constante por meio do aprender a aprender.

Macedo (2005, p.169) cita a importância da interação entre bibliotecários e professores, interpenetrando conhecimentos e práticas específicas de cada um no intuito de capacitar o estudante para “um complexo de ações para o adequado uso e apropriação da informação e do conhecimento ao longo da vida, a fim de contribuir para torná-lo um sujeito bem informado, que venha a influir no contexto social de seu país ou local de atuação.”

Além disso, conforme constatação de Campello (2002, p.17-18) os PCN reconhecem e entendem que a biblioteca

[...] é fundamental para o desenvolvimento de um programa de leitura eficiente, que forme leitores competentes e não leitores que leiam apenas esporadicamente [...] é um espaço apto a influenciar o gosto pela leitura recomendando que ela seja um local de fácil acesso aos livros e materiais disponíveis [...] lugar de aprendizagem permanente, um centro de documentação onde se encontrem informações que irão responder aos questionamentos levantados dentro das diversas áreas curriculares [...].

Neste caso a biblioteca escolar é um recurso pedagógico que, inserido na escola pode atuar na formação de leitores, influenciando o gosto pela leitura, oferecendo um espaço de aprendizagem permanente onde em diferentes fontes sejam encontradas informações procuradas por seus usuários.

Mas há outros pontos propostos pelos PCN (BRASIL,1997, p.69) e citados anteriormente, que estão ligados à biblioteca escolar e a pesquisa, como o uso de diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos; bem como questionar a realidade, formulando problemas e resolvendo-os. Para a realização desta os alunos devem ser capazes de usar as diversas fontes/recursos de informação; além de questionar a realidade, formular problemas que busquem uma solução, devem fazê-lo com liberdade, expressa na criatividade, na intuição e na capacidade de análise crítica.

Outros itens já foram analisados por pesquisadores da área biblioteconômica, como a criação de oportunidade para que os alunos sejam capazes de desenvolver atitudes de cidadania, conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sócio-cultural, utilizar diferentes linguagens, entre outros, conforme quadro elaborado por Neunzig (2007, p.107) a seguir:

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS	CONTRIBUIÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR
Desenvolver atitudes de cidadania	A biblioteca é um espaço de excelência para desenvolver esta prática e pode participar de maneira efetiva na formação de atitudes de respeito ao outro, já que é um espaço de convivência coletivo. [...]
Conhecer e valorizar a <i>pluralidade</i> do patrimônio sócio-cultural	Ensinar a preservar e a valorizar espaços que reúnem o conhecimento produzido pela humanidade é uma das grandes contribuições da biblioteca escolar, questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los.
Utilizar diferentes linguagens	A biblioteca é um espaço apto para influenciar o gosto pela leitura, pois além de reunir diversificada gama de suportes informacionais, representa recurso imprescindível para a formação de leitores que sejam capazes de decifrar o código lingüístico e saber interpretar o que lêem para poder construir uma concepção de mundo.
Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos	Cabe a biblioteca escolar incentivar e ensinar o uso adequado de qualquer suporte de informação, visando preparar os estudantes para serem usuários de outras unidades de informação e fazer com que os mesmos criem oportunidades de aprendizagem e desenvolvam capacidade de aprender ao longo da vida.
Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los	A biblioteca escolar deve proporcionar meios para seus clientes serem capazes de descobrir novos horizontes, tornando-os veículos de disseminação de informação, integrando as futuras gerações, no sentido de poderem refletir e despertar o interesse e o compromisso em cada um na construção de uma sociedade culturalmente mais justa e democrática.

Quadro 1: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) X Biblioteca Escolar
Fonte: Neunzig (2007, p.107)

Constatamos assim, que a biblioteca escolar, apesar de não ser mencionada com todas as letras, está inserida nos recursos necessários ao bom andamento da educação e formação do cidadão. A seguir, procuraremos conceituá-la.

2.2 Conceituando a Biblioteca Escolar

A Biblioteca Escolar existe, ou deveria existir, no ambiente escolar, agindo dentro e fora do espaço físico da escola, junto à comunidade. De acordo com Castrillon (apud MAYRINK, 1992, p.50),

A Biblioteca Escolar é uma instituição do sistema escolar que organiza materiais bibliográficos, audiovisuais e outros meios e os coloca a disposição de uma comunidade educacional. Constitui parte integrante do sistema educativo e participa de seus objetivos, metas e fins. A Biblioteca é um instrumento de desenvolvimento do currículo e permite o fomento da leitura e a formação de uma atividade científica, constitui um elemento que forma o indivíduo para a aprendizagem permanente, estimula a criatividade, a comunicação, facilita a recreação, apóia os docentes em sua capacitação e lhes oferece informação necessária para a tomada de decisão em aula. Trabalha também com os pais de família e com outros agentes da comunidade.

Apesar de esse conceito ter sido apresentado por Castrillon a mais de quinze anos, dentre outros conceitos citados na literatura da área, é o que se identifica com o pensamento e visão da autora desta pesquisa. Ele é antigo, mas ao mesmo tempo é atual, pois reflete/espelha o que a biblioteca escolar deve ser.

Castrillon mostra que além de organizar a informação e disponibilizá-la à comunidade educacional a biblioteca escolar deve estar inserida na comunidade como um todo, participando ativamente de seus objetivos, metas e fins. Como instrumento de desenvolvimento do currículo escolar, deve promover a leitura e a pesquisa, proporcionar a aprendizagem permanente dos estudantes, sua criatividade, comunicação e recreação. Precisa apoiar os professores em sua capacitação e atualização, bem como atender também pais de alunos e outros agentes da comunidade.

A esse conceito podemos acrescentar que hoje, em função do avanço tecnológico as atividades da biblioteca escolar não se restringem ao espaço da escola, extrapolando seus muros e chegando a outros ambientes onde se encontra a comunidade escolar.

Percebemos que a Biblioteca Escolar não é uma estrutura isolada, mas sim envolvida com todo o programa e processo educativo. Deve voltar seus objetivos e atividades para a comunidade escolar, ou seja, alunos, professores, funcionários e pais de alunos, entre outros membros ligados a essa comunidade.

É um espaço propício ao ensino e a aprendizagem, a encontros, encantos, descobertas, conhecimento, prazer, convivência, comunicação, recreação, dúvidas e esclarecimentos, entre outros pontos.

O senso comum percebe a biblioteca como local onde se organiza, conserva e disponibiliza livros. Não está errado, porém é importante lembrar que à medida que surgem novos suportes de informação e documentação a biblioteca precisa se atualizar e alterar sua atuação na sociedade. Isso tem acontecido, mas não tem sido dado a conhecer o suficiente.

Segundo Obata (1999) a biblioteca deve ser vista também como um espaço de produção de cultura.

Junto a este conceito é pertinente citar que algumas bibliotecas, procurando atuar de forma mais integrada, heterogênea e pluralizada, unindo diferentes recursos aos tradicionais textos e materiais da biblioteca acabaram por mudar sua denominação. Algumas por exemplo recebem Centro de Recursos para a Aprendizagem ou Centro de Recursos de Aprendizagem (CRA) como denominação. Outras colocam na porta de entrada “Biblioteca-CRA”. Este último pode-se notar, está em fase de transição de denominação e conceito em sua comunidade. Mas a grande maioria é denominada Biblioteca Escolar.

Integrada no processo dinâmico de desenvolvimento dessa comunidade deve atender as expectativas e necessidades informacionais desse público realizando diferentes funções.

São funções da Biblioteca Escolar: a função *educativa*, que diz respeito ao apoio no desenvolvimento de atividades curriculares; a função *política* que deve propiciar democraticamente aos alunos o acesso ao acervo; a função *cultural* que favorece a assimilação dos conteúdos da cultura; e a função *social* que transforma a biblioteca em um local de lazer para a comunidade escolar.

Desempenhando a função *política* e *social*, num ambiente aberto, de livre e fácil acesso a toda comunidade, promove o desenvolvimento das funções educativa e cultural.

A função *educativa*, baseada na orientação e uso de variados suportes/recursos informacionais pode desenvolver no aluno habilidades de pesquisa e estudo independente, reforçando o conteúdo dado em sala de aula e favorecendo a busca e aquisição de informação e conhecimento por parte do educando.

A função *cultural* beneficia, por meio de diferentes leituras, a criatividade, a descoberta da arte, de novos mundos e culturas, extrapolando os “muros e paredes” da biblioteca e da escola, propiciando a comunicação e complementos à educação formal.

Ambas as funções (educativa e cultural) podem também desenvolver o gosto pela leitura.

Fragoso (2002, p.27-28) afirma que nas funções educativa e cultural estariam subentendidos os objetivos da Biblioteca Escolar, relacionados a seguir:

- a) cooperar com o currículo da escola no atendimento às necessidades dos alunos, dos professores e dos demais elementos da comunidade escolar;
- b) estimular e orientar a comunidade escolar em suas consultas e leituras, favorecendo o desenvolvimento da capacidade de selecionar e avaliar;
- c) incentivar os educandos a pensar de forma crítica, reflexiva, analítica e criadora, orientados por equipes inter-relacionadas (educadores + bibliotecários);
- d) proporcionar aos leitores materiais diversos e serviços bibliotecários adequados ao seu aperfeiçoamento e desenvolvimento individual e coletivo;
- e) promover a interação educador -bibliotecário- aluno, facilitando o processo ensino-aprendizagem;
- f) oferecer um mecanismo para a democratização da educação, permitindo o acesso de um maior número de crianças e jovens a materiais educativos e, através disso, dar oportunidade ao desenvolvimento de cada aluno a partir de suas atitudes individuais;
- g) contribuir para que o educador amplie sua percepção dos problemas educacionais, oferecendo-lhe informações que o ajudem a tomar decisões no sentido de solucioná-los, tendo como ponto de partida valores éticos e cidadãos.

Como em todas as áreas, é necessária a existência de objetivos, metas e fins para que se possa delinear um projeto, uma linha de ação. Muitos profissionais, de acordo com suas leituras, pesquisa e experiência na área expõem os objetivos da Biblioteca Escolar, que embora não sejam idênticos entre si, com certeza colaboram para mais uma visão desses objetivos. Amato e Garcia (1989, p.12-13) afirmam que a Biblioteca Escolar deve visar a:

- ampliar conhecimentos, visto ser uma fonte cultural;
- colocar à disposição dos alunos um ambiente que favoreça a formação e desenvolvimento de hábitos de leitura e pesquisa;
- oferecer aos professores o material necessário à implementação de seus trabalhos e ao enriquecimento de seus currículos escolares;
- colaborar no processo educativo, oferecendo modalidades de recursos, quanto à complementação do ensino-aprendizado, dentro dos princípios exigidos pela moderna pedagogia;
- proporcionar aos professores e alunos condições de constante atualização de conhecimentos, em todas as áreas do saber;
- conscientizar os alunos de que a biblioteca é uma fonte segura e atualizada de informações;
- estimular nos alunos o hábito de freqüência a outras bibliotecas em busca de informação e lazer;
- integrar-se com outras bibliotecas, proporcionando: intercâmbios culturais, recreativos e de informações.

Os objetivos da Biblioteca Escolar são discutidos em âmbito nacional e internacional por inúmeros representantes da área, visando um desempenho cada vez mais eficiente de suas atividades. Há sugestões feitas pelos participantes em diversos eventos. Um dos resultados de tais encontros é o Manifesto da IFLA/Unesco para Bibliotecas Escolares. Segundo esse documento (MANIFESTO, 1999), para o

desenvolvimento da competência em leitura e escrita, bem como no uso da informação no processo de ensino-aprendizagem a Biblioteca Escolar deve:

- apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola;
- desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida;
- oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento;
- apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos;
- prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas idéias, experiências e opiniões;
- organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade;
- trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola;
- proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia;
- promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu derredor.

Analisando o Manifesto, Macedo (2005, p.168) afirma que uma Biblioteca Escolar deve, por meio de princípios técnicos e educativos especiais, ser organizada e ter objetivos bem definidos que foquem o aprendiz. Acrescenta que bibliotecários e colaboradores devem unir esforços ao corpo docente na consecução do processo ensino-aprendizagem, buscando chegar à capacitação informacional do aluno. Indica que a missão da Biblioteca Escolar é “informar educando”.

Que admirável e desafiadora é a missão de informar educando! Na Biblioteca Escolar isso envolve a responsabilidade de não só desenvolver nos usuários o domínio de habilidades no uso dos suportes e recursos informacionais visando a localização, acesso, seleção, análise, interpretação, assimilação, avaliação, uso e comunicação de informação e conhecimento ao longo da vida; mas também o prazer da leitura e a promoção da aprendizagem.

Uma vez que a Biblioteca Escolar deve interagir com estudantes que vão da Educação Infantil ao Ensino Médio, precisa conhecê-los, a fim de atuar de acordo com os diferentes interesses e necessidades nas diversas etapas.

Partindo do princípio de que a capacidade dos alunos de fazerem uso dos recursos informacionais e realizarem pesquisas difere de acordo com a fase de desenvolvimento, apresentamos a seguir algumas classificações/divisões efetuadas por alguns profissionais da área de Biblioteca Escolar.

Em função do desenvolvimento do usuário-educando, Macedo e Siqueira (1987, p.69) estabelecem que

[...] para alunos pequenos a biblioteca escolar volta-se, principalmente, ao desenvolvimento de habilidades artísticas, estimula a percepção, a criatividade, incentiva a leitura de textos com imagens/ palavras, proporcionando o prazer de ler. À medida que os alunos vão se desenvolvendo a biblioteca escolar volta-se, sobretudo, às atividades de apoio ao estudo e à pesquisa, instrumentalizando o aluno para usar os recursos da biblioteca na obtenção da informação.

Apesar de terem se passado vinte anos da citação de Macedo e Siqueira ela ainda é válida e deve ser reforçada, pois ainda não é a realidade de muitas bibliotecas escolares.

Em outra obra, Macedo (2005, p.172-173) reforça a idéia de que em se tratando de objetivos da biblioteca escolar, é necessário levar-se em consideração, assim como na matrícula escolar, as fases de desenvolvimento dos alunos, séries curriculares e/ou idade. Baseando-se em Piaget, ela esclarece as fases de desenvolvimento e traça um perfil de atividades para alunos da 1ª série em diante, conforme disposto em quadro a seguir:

ETAPA	OBJETIVOS/ATIVIDADES
<p><i>Pré-escola - (de 4 a 6 anos)</i></p> <p>Fase anterior à alfabetização; estágio da inteligência-indutiva, dos sentimentos individuais espontâneos, mas ligados ao adulto.</p>	
<p><i>1ª a 4ª série - (de 7 a 10 anos)</i></p> <p>Fase da alfabetização e de sua sedimentação para atos de ler e escrever - início de operações intelectuais concretas, da lógica e dos sentimentos morais, sociais e de cooperação.</p>	<p>Nesse bloco, os objetivos da biblioteca escolar se voltam, principalmente, para o desenvolvimento das habilidades artísticas, da percepção e da criatividade. Conseqüentemente, estimula-se a leitura de textos com imagens e, gradativamente, para absorção de palavras, frases e sentenças, no sentido de proporcionar o prazer de ler. Sempre intermediando com programas de "leitura do mundo".</p>
<p><i>5ª à 8ª série - (de 10 a 14 anos)</i></p> <p>Já com domínio do ato de escrever e fluência no ato de ler - passando das operações concretas às hipotético-dedutivas; de formação da personalidade à inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos.</p>	<p>Agora, os objetivos da biblioteca escolar vão se voltando para as atividades de apoio ao estudo e à pesquisa. Esse momento é considerado propício ao estudante para o aprendizado de normas que visam o preparo de trabalhos de pesquisa, bem como para sedimentar a utilização adequada dos multiformes recursos e serviços da biblioteca, para enfim capacitá-lo a ser "usuário da informação".</p>

Quadro 2: Objetivos de atividades para/com alunos na biblioteca, segundo Neusa Dias de Macedo.
Fonte: Macedo (2005, p.172-173)

Bernardi (2005, p.203-204) afirma que “de acordo com conceitos pedagógicos” devem-se adotar divisões de atividades/objetivos, como as apresentadas no quadro a seguir.

ETAPA	OBJETIVOS/ATIVIDADES
<i>Educação Infantil</i> (2 a 5 anos)	A biblioteca escolar deve fundamentar um importante objetivo: o de criar o prazer e o gosto pela leitura, por meio de inúmeras atividades lúdicas. Assim, o profissional da biblioteca escolar pode conquistar esse leitor mirim e inculcar nele as "maravilhas" de uma biblioteca.
<i>Ensino Fundamental</i> (1ª a 4ª série)	Já é possível passar ao leitor os conceitos mais específicos sobre biblioteca, escola, família, cidade e mundo. Inicia-se por introduzir a leitura do mundo, de acordo com princípios de Paulo Freire. Os alunos são preparados nos procedimentos de como realizar uma consulta: onde e como fazê-la. São apresentados a eles diferentes tipos de textos e de recursos informativos existentes na biblioteca, os quais poderão e deverão ser utilizados em momentos e com propósitos determinados.
<i>Ensino Fundamental</i> (5ª a 8ª série)	Espera-se que, com o domínio da escrita e da leitura, e de certa forma com os conhecimentos já adquiridos, os alunos possam se tornar cada vez mais críticos, atuantes, e até mesmo ser "formadores de opinião". Muitos deles se destacam e são convidados a atuar como monitores orientadores das séries mais novas, em algumas atividades da biblioteca.
<i>Ensino Médio</i>	O enfoque se diferencia pela atuação mais autônoma dos alunos. Vão sempre à biblioteca escolar, com ou sem o professor. É claro, porém, que quando vão sozinhos há necessidade de monitoração por parte dos assistentes da biblioteca. Utilizam-se dos serviços da biblioteca de forma direta, muito crítica, mas também colaboram no sentido da melhoria. São, muitas vezes, "agentes de mudança", indicando, apontando, sugerindo, discutindo, desafiando, porém sempre utilizando a biblioteca escolar.

Quadro 3: Objetivos de atividades para/com alunos na biblioteca, segundo Marilucia Bernardi.
Fonte: Bernardi (2005, p.203-204)

Kuhlthau (2002, p.16-18), respeitando estágios cognitivos piagetianos desenvolveu um programa de atividades seqüenciais (de acordo com o ritmo da maioria dos alunos), com sugestões diversificadas para ensinar os alunos a usarem os recursos informacionais e prepará-los para a prática da pesquisa escolar. Procurando fazer com que o aluno desenvolva melhor atividades na biblioteca e faça uso da informação de maneira regular e gradual desde a Educação Infantil até as últimas séries do Ensino Fundamental estruturou sem rigidez na divisão, um Programa dividido em três fases, conforme quadro a seguir:

FASES	ETAPAS
<p>FASE I (4 a 7 anos)</p> <p>Preparando a criança para usar a biblioteca Compreende o período inicial de</p>	<p>• 1.ª Etapa - Conhecendo a biblioteca Precede a alfabetização e destina-se a crianças de 4 a 6 anos. Neste momento, o programa consiste de atividades que irão, predominantemente, procurar desenvolver na criança uma atitude positiva com relação à biblioteca e aos recursos informacionais, especialmente os livros. Ela se familiariza com os espaços da biblioteca e começa a se interessar pelos livros do acervo.</p>

<p>escolarização da criança até sua alfabetização.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • 2ª Etapa - <i>Envolvendo as crianças com livros e narração de histórias</i> Destinada a crianças de 6 a 7 anos, ocorre durante o período de alfabetização e nesse momento a criança vai se envolver mais profundamente com os livros, principalmente através da escuta de histórias.
<p>FASE II (7 a 10 anos) - (1ª a 4ª série)</p> <p>Aprendendo a usar os recursos informacionais Consiste, basicamente, de atividades que irão propiciar habilidades para usar os recursos informacionais disponíveis na escola.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • 1a Etapa - <i>Praticando habilidades de leitura</i> Para crianças de 7 anos. • 2a Etapa - <i>Expandindo os interesses de leitura</i> Para crianças de 8 anos. • 3a Etapa - <i>Preparando para usar os recursos informacionais de maneira independente</i> Para alunos de 9 anos. • 4a Etapa - <i>Buscando informação para trabalhos escolares</i> Para alunos de 10 anos.
<p>FASE III (11 a 14 anos) - (5ª a 8ª série)</p> <p>Vivendo na Sociedade da Informação O estudante se prepara para conviver numa sociedade com abundância de recursos de informação, desenvolvendo atividades que lhe permitirão compreender o ambiente informacional da sociedade contemporânea.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • 1a Etapa - <i>Usando os recursos informacionais de maneira independente</i> Para alunos de 11 a 12 anos. • 2a Etapa - <i>Entendendo o ambiente informacional</i> Para alunos de 13 a 14 anos.

Quadro 4: Objetivos de atividades para/com alunos na biblioteca, baseado em Carol Khulthau.
Fonte: Khulthau, traduzido e adaptado por Campello et al (2002, p.16-18)

Com base nas orientações de Macedo (2005), Bernardi (2005) e Khulthau (2002), constatamos que se deve desenvolver na biblioteca um programa de atividades diferenciado, de forma a abranger os vários níveis de interesse, necessidade e conhecimento de toda a comunidade escolar. Não podemos esquecer que, independente da estrutura do programa, ele deve fazer parte e acompanhar o Plano Político Pedagógico da Escola, pois assim não será uma atividade isolada e sem sentido para educadores e educandos; pelo contrário, contribuirá para a construção do conhecimento dos educandos.

Também discorrendo sobre os objetivos propostos pelo Manifesto, Martucci (2005a, p.187) cita alguns desafios da educação e da biblioteconomia afirmando que o prazer é a palavra-chave do rol de objetivos e acrescenta que

[...] a aprendizagem ao longo da vida supõe a alegria ou o prazer de aprender (sempre). Aí está o nosso primeiro grande desafio. O segundo é abrir as portas da biblioteca escolar para a comunidade (sempre), configurando-a como biblioteca comunitária, ou espaço educativo aberto a todos. O terceiro [...] é

implantar a biblioteca escolar na concepção que a sociedade da informação e a educação para o século XXI demandam: com espaço, tecnologia, pessoal e recursos de informação e comunicação que proporcionem o acesso local, regional, nacional e global. [...]

Em meio a tais desafios, procurar alcançar seus objetivos exige que a Biblioteca Escolar disponha de um *espaço, acervo, equipamento e pessoal habilitado*. E isso envolve a disponibilização de recursos financeiros especificamente para a Biblioteca.

Nas escolas particulares tal empenho inicial cabe aos mantenedores da Instituição. Já as escolas públicas dependem do apoio financeiro do governo (municipal, estadual e/ou federal). Com relação ao oferecimento de verbas orçamentárias para o funcionamento da biblioteca escolar pública para todos Macedo (2005, p.209), defende que:

Se a responsabilidade sobre a biblioteca escolar cabe às autoridades locais, regionais e nacionais, deve essa agência ser apoiada por política e legislação específicas. Deve também contar com fundos apropriados e substanciais para a manutenção de seu acervo, tecnologias, equipamentos e treinamento de pessoal, livres de qualquer ônus.

Aprovada a existência da biblioteca na escola e a disponibilização de verbas podemos então pensar no **espaço** da Biblioteca Escolar. Ele precisa ser planejado envolvendo questões relacionadas à localização, equipamentos, mobiliário, serviços e outros fatores importantes para sua integração e sintonia com a escola.

Amaro (2005, p.308-309) chama atenção para o fato de que o local que a biblioteca ocupa na distribuição e na organização espacial é um dos indicadores de sua participação como elemento constitutivo do processo educativo, bem como da sua relação com a escola. Para ela a biblioteca

[...] deve estar localizada no ponto central. Para ela devem convergir caminhos e olhares e, a partir dela, deve ser possível alcançar horizontes e a vida em seu entorno. É preciso haver integração do exterior com o interior e, ao mesmo tempo, de dentro para fora. [...] o mobiliário deve levar em conta a mobilidade e a flexibilidade para mudanças, o que pode ser conseguido pela estrutura modular. Quanto às cores, é necessário criar uma identidade própria da biblioteca, mas sem causar rupturas com o ambiente do seu entorno.

Percebemos que a biblioteca deve ser um local de fácil acesso, em harmonia com a escola e estar sempre aberta, para que a toda a comunidade escolar e se possível local possa freqüentá-la em diferentes momentos e horários.

O espaço da biblioteca deve ser atraente, acolhedor, envolvente e prazeroso; proporcionar conforto por meio de um local bem iluminado, ventilado, com

uma clara sinalização/comunicação visual, mobiliado e decorado de acordo com o perfil de seus usuários, ou seja, que esse espaço não seja só para usuários maiores e adultos, mas que tenha também estantes, mesas e cadeiras baixas, ao alcance dos pequenos usuários.

Macedo (2005, p.278) sugere “um ambiente novo, agradável, na biblioteca, convidando o aluno a passar horas no recinto, mas sem descuidar da preparação intelectual”. Para isso precisa ser um ambiente sedutor, que instigue a curiosidade, convide à leitura e à pesquisa, possibilitando aos seus usuários o encontro de respostas e o prazer de ali estar.

É importante, nesse caso, a existência de diferentes espaços/ambientes adequados para pesquisa, trabalhos em equipe, uso de computador, de internet, espaço para leitura e lazer, de forma que usuários com diferentes interesses possam usufruir desse ambiente. Dispor, entre outros recursos, de televisão, computadores e Dvds de forma a facilitar e enriquecer a realização de atividades. Reforçando essa idéia, Martucci (2005c, p.326) convida a reflexão de que

[...] o espaço da biblioteca escolar, tradicionalmente projetado e organizado para o consumo de informações constantes em fontes locais e remotas, que hoje incorpora um novo ambiente, específico para a produção de informação; ou seja, um ambiente reservado e apropriado à criação, com computadores, acesso à internet e outros equipamentos periféricos de informática que permitam a digitação de textos, a gravação de sons, a digitalização de imagens, a elaboração de apresentações. [...]

Em meio às observações quanto ao espaço e ambiência da Biblioteca Escolar, é bom lembrar que a atuação da Biblioteca Escolar não se limita ao espaço físico, ao acervo de livros e outros suportes. Seu âmbito de atuação deve ultrapassar suas paredes e abranger outros ambientes da escola e da comunidade, como o lar dos alunos.

Levando-se em consideração que a biblioteca deve disponibilizar informações, ela precisa compor seu **acervo** com materiais diversos, ou seja, desde o texto impresso e recursos audiovisuais a informações dispostas em meio virtual.

O acervo deve ser planejado, formado e desenvolvido mediante o projeto pedagógico da escola, a proposta curricular de cada área, a realidade da escola, bem como, se possível, atender também necessidades e interesses de sua comunidade. É interessante que seus recursos e serviços estejam disponíveis para consulta presencial ou remota. Conforme Campelo et al (2001, p.84),

[...] a partir das diretrizes dos PCN, no que diz respeito aos materiais que irão embasar a aprendizagem, observa-se que a característica mais evidente do acervo da biblioteca escolar é a diversidade. Baseada nos “textos de fato” a aprendizagem proposta nos PCN exige uma coleção que contemple a “diversidade de textos que circulam socialmente”. [...]

Portanto, o acervo da Biblioteca Escolar deve ser amplo, atualizado e diversificado, condizente com as diferentes necessidades e interesses da comunidade escolar, de modo a proporcionar estudo, conhecimento e lazer. Composto por livros, jornais, revistas, fotos, folhetos, atlas, mapas, recortes, apostilas, trabalhos de alunos, audiovisuais e documentos multimídias como fitas de vídeo, Cds, Dvds, entre outros materiais que abrangem a leitura de lazer, consulta para as disciplinas do currículo escolar, programa e atualização dos professores, curiosidades e interesses gerais da comunidade escolar.

A internet caracteriza-se como uma grande fonte de informação na Biblioteca Escolar, devendo esta proporcionar à comunidade escolar seu acesso para pesquisas e leituras, sem deixar de orientar os usuários para otimizar sua utilização.

Na seleção do acervo devemos cuidar para que ele seja composto de textos de qualidade, que mexam com as emoções, dúvidas e angústias de seus leitores; que levem a criança e o adolescente gradativamente e em diferentes momentos à imaginação, fantasia, reflexão, questionamento, descoberta e senso crítico.

Sendo o acervo formado em função dos usuários é compromisso da biblioteca cuidar para que este seja selecionado, adquirido, organizado e disponibilizado de acordo com a realidade, características, interesses e necessidades da comunidade escolar a que está inserida. De acordo com Simão; Schercher; Neves (1993, p.13),

[...] a maior ou a menor interação entre biblioteca e leitor (usuário) vai depender, em grande parte, de como a biblioteca está organizada e do grau de compreensão recebido, através do atendimento que lhe é proporcionado, de que ele, o usuário, é co-participante do processo de desenvolvimento da biblioteca e que ela é seu patrimônio e patrimônio da comunidade, estando instalada ali para servi-los.

No ambiente escolar, para uma maior interação dos pequenos usuários com a biblioteca e seus recursos é fundamental que o acervo seja de livre acesso, pois dessa forma a criança pode ir às estantes pegar um livro, manuseá-lo e decidir se lhe agrada/interessa ou não. Tal processo repetido várias vezes faz com que a criança se sinta participante do espaço da biblioteca, livre para localizar, selecionar, decidir e conhecer ao menos parte do acervo, o que poderá fazer com que volte outras vezes.

Garcez e Blattmann (2005d, p.327) explicam que quando o acesso às estantes é livre, é função do bibliotecário “fazer o usuário entender a dinâmica da organização dos diversos tipos de materiais. [...] É também nesse momento que ele [usuário] é levado a compreender os cuidados necessários quanto ao uso dos recursos e materiais da biblioteca escolar. [...]”

Embora a organização e a disposição do acervo sejam de incumbência e responsabilidade do bibliotecário o foco de todo planejamento da biblioteca deve ser o usuário. O tipo de organização escolhido deve seguir normas biblioteconômicas, porém, voltadas para as características dos usuários da biblioteca escolar.

Conforme Macedo (2005, p.318), o acervo deve ser organizado e disposto fisicamente “segundo suas especificidades e conforme regras particulares, códigos e fontes classificatórias da área biblioteconômica, com adaptações, quando necessárias”

Para que os usuários tenham livre acesso às estantes, reconhecendo os diferentes tipos de fontes de informação e sua localização, a organização do acervo deve ser bem simples. É necessário um detalhamento alfanumérico que facilite a “leitura das estantes”.

Algumas bibliotecas acomodam em estantes baixas os livros de literatura infantil, em ordem alfabética de título e com etiquetas coloridas identificando a maior ou menor quantidade de textos e ilustrações. Isso facilita a localização, a visualização das capas e o manuseio do acervo.

A classificação de assuntos pode ser feita, por exemplo, seguindo os números gerais da Classificação Decimal de Dewey (CDD). Neste caso os livros didáticos de Matemática de 1.^a a 4.^a séries poderiam receber como n.º de chamada apenas 510 para assunto, a classificação de autor/título e a indicação de série. Na estante destinada aos livros de matemática estes se encontram separados por série. No caso dos livros didáticos de ciências um aluno da sétima série saberá que todos os livros da 6.^a série falam sobre os seres vivos, os de 7.^a série falam sobre o corpo humano, e assim por diante. Já na etiqueta dos livros de literatura infanto-juvenil, além da classificação geral de assunto e a classificação de autor/título, podem ser mencionadas as séries mínimas indicadas por editoras, escritores e ou professores.

Há profissionais, como Martucci (2005c, p.326), contrários a simplificação do sistema de informação, alertando que a escolha por organizações mais fáceis para a criança pode gerar problemas futuros, pois agindo assim,

[...] deixam-se de lado os processos técnicos usuais de classificação de assunto, de classificação de autor, de composição do número de chamada, de etiquetagem de lombada, de ordenação relativa de estantes, de catalogação, de indexação e de instrumentos de recuperação da informação, compondo-se sistemas de informação criativos mas absolutamente locais. [...] O aluno aprende a usar com autonomia a biblioteca de sua escola, porém, hoje, a formação do usuário da informação exige o uso de padrões bibliotecários internacionais nas bibliotecas escolares, o que o habilitará a utilizar qualquer biblioteca em qualquer lugar do mundo.

Usando de bom senso percebemos que a organização do acervo de forma simples não deve impedir que sejam respeitadas a classificação, catalogação e informações básicas consolidadas sobre material de referência, para pesquisa, para leitura, para consulta rápida e outros. Ou seja, a organização deve ser feita de modo a que os usuários da biblioteca escolar tenham contato com uma organização padronizada, sejam preparados para freqüentar diferentes tipos de biblioteca, como a pública e a universitária, entre outras, as quais venham a necessitar durante toda sua formação/desenvolvimento e posteriormente a ela.

Tudo dependerá da forma como o acervo estiver organizado e disposto, da sinalização da biblioteca e da orientação dada pelo bibliotecário. O importante é cuidar para que o acervo seja processado, organizado e disposto de forma a facilitar e garantir o acesso dos usuários às informações. E que a disposição desse acervo, a sinalização da biblioteca e a orientação do bibliotecário sejam claras a ponto de fazer com que os usuários saibam o que podem encontrar, onde e de que maneira.

Para o bom aproveitamento do acervo e dos recursos da biblioteca é muito importante a ação do bibliotecário para com seus usuários fazendo uso da adequada organização e da linguagem apropriada a cada idade no momento da orientação.

Fica claro que apenas a existência de uma Biblioteca Escolar, bem localizada, de bom tamanho, bem decorada, com um grande acervo atualizado não é suficiente para atender as necessidades informacionais da comunidade escolar e contribuir para a qualidade do ensino e formação do aluno.

É preciso haver um profissional habilitado, capacitado para trabalhar na Biblioteca Escolar. Nesse caso um bibliotecário graduado e se possível, contar com auxiliares de biblioteca também. Martucci (2005b, p.355) afirma que na ambiência informacional, engajado ao trabalho docente, o bibliotecário escolar é um bibliotecário-professor, é aquele “que vai ensinar, orientar e facilitar o acesso e o uso da informação e das tecnologias de informação e comunicação, desde o nível da alfabetização

informativa e digital, além de desenvolver atividades de promoção da leitura e atividades de animação e ação cultural”.

É sobre esse profissional que discorreremos a seguir.

2.3 O bibliotecário escolar

Para que a biblioteca escolar possa cumprir com seu papel ela precisa, além de espaço, equipamento e acervo, de um bibliotecário competente e engajado na escola como um todo.

Este profissional é um mediador, já que está entre a escola e a biblioteca, entre o aluno e o acesso à leitura, a pesquisa, ao conhecimento e ao lazer, entre outros. Sua responsabilidade como mediador é muito grande, pois estará fazendo uso de seus valores, conhecimentos, crenças e ponto de vista nas atividades de seleção, organização, disponibilização do acervo/informações, intervindo nas práticas de leitura e pesquisa no ambiente em que atua.

De sua capacidade, postura e atividades é que dependerá a imagem da biblioteca na escola.

Como mediador, como agente de transformação, é importante e necessário que o bibliotecário motive seus usuários à busca de informação para leituras de pesquisa e lazer, auxiliando na formação do aluno-cidadão. Agindo assim proporcionará momentos de descoberta, alegria, criatividade, reflexões, debates, questionamentos, aprendizagem e prazer fazendo da biblioteca “um local de encontro entre a alegria de ler e o questionamento em torno do que se quer aprender”. (FRAGOSO, 1996, p.34)

O bibliotecário escolar tem sob sua responsabilidade, a promoção da leitura e da pesquisa, a aprendizagem permanente dos educandos, o conhecimento, orientação ao acesso e uso das fontes de informação e recursos da biblioteca pelos usuários, a capacitação/atualização do corpo docente, elaboração e participação em projetos integrados com as diversas disciplinas e Departamentos, entre outros.

Entre suas atribuições está a tarefa de disponibilizar ao professor espaço, fontes e recursos que lhe possibilitem alcançar com sucesso e satisfação os objetivos de seu programa. Segundo Macedo (2005, p.337), deve ficar claro que

[...] o bibliotecário não é apenas um elemento que “oferece apoio” ao professor e à escola, mas um profissional da área da informação documentária que necessariamente deve ser o dirigente de um dos vários departamentos da escola: o da Biblioteca/Centro de Recursos para Aprendizagem. Projetos e programas específicos, reivindicações e relatórios, por sua vez, devem ser bem recebidos e equacionados pelos órgãos da administração superior e do estabelecimento de ensino onde a biblioteca está sediada.

Sendo assim, o bibliotecário deve trabalhar em equipe, revelando-se ao professor como um colega/companheiro nas atividades, e não como um indivíduo apático que em nada interfere e coopera com as metas da escola.

O bibliotecário não pode ficar no seu cantinho e agir isoladamente. Deve estar integrado no processo de ensino e aprendizagem, num trabalho de cooperação e participação junto a comunidade; deve ir ao encontro de seus usuários, saber o que precisam, o que gostam, o que querem, quais são seus interesses. Conhecê-los e mostrar-lhes o que de bom pode ser feito para eles e com eles. Precisa divulgar quem é o bibliotecário e o que é a biblioteca, de forma que os usuários sintam necessidade de freqüentá-la.

Fazer-se conhecer à comunidade também em seu papel de educador e animador cultural, dinamizando o ambiente da biblioteca, realizando tarefas técnicas, administrativas e pedagógicas, estimulando o uso do acervo, tanto impresso quanto multimídia e tirando do imaginário da sociedade a propalada idéia do antigo bibliotecário passivo (guardião de livros, voltado quase inteiramente para atividades técnicas e exaustivos empréstimos de livros).

A Biblioteca Escolar geralmente conta com um quadro de funcionários reduzido, devendo nesse caso, o bibliotecário escolar dividir seu tempo em tarefas técnicas de organização do acervo visando a recuperação da informação independente do tipo de suporte em que esta se encontra, mas por outro lado, não se esquecer de dedicar grande parte de seu tempo buscando conhecer, atender, orientar e cativar seus usuários, auxiliando-os em sua construção de conhecimento, para que sejam verdadeiros “consumidores” dos recursos que a biblioteca oferece e sejam, eles mesmos, produtores de novas informações.

Deve ter os usuários, em especial o educando, como objetivo fim de suas atividades, respeitando-o em sua necessidade de saber, de conhecer. Bortolin (2006, p.70-71) afirma que o profissional que trabalha na biblioteca escolar, em sua relação com os educandos,

[...] além de respeitar as características e necessidades dos usuários de hoje, deve estabelecer limites, sem autoritarismo, para que a criança e o adolescente possam ter, não apenas livre acesso às estantes, mas também espaço de

liberdade para imaginar, indagar e inquietar, maravilhando-se com suas descobertas. [...]

Assim o bibliotecário escolar deve fazer com que o educando identifique a biblioteca como um local prazeroso, um “ponto de encontro”, como um dos meios de descoberta do mundo, do caminho do conhecimento, do entendimento de si mesmo.

Tornando a biblioteca um espaço vivo, presente e dinâmico na vida da escola e participando dos caminhos de descobertas dos educandos o bibliotecário precisa cuidar do atendimento que envolve, entre outros, o fornecimento de informações, a comunicação da existência e localização de material de interesse e/ou solicitado pelos usuários, a orientação no uso da biblioteca, acervo e recursos, a realização de pesquisas e, se necessário, o encaminhamento a outras bibliotecas. Realizar atividades e projetos que façam parte do dia-a-dia escolar, como varais de poesias, jogos, divulgação do acervo, encontro com autores e ilustradores, cantos de leitura, hora do conto, feiras culturais, caixa-estante, desafios de leitura, etc.

Em atividades como essas a biblioteca estará presente em vários espaços da escola, criando um clima de leitura, pesquisa e diversão. Portanto, extrapolar o espaço físico da biblioteca e da escola em função do atendimento das necessidades e interesses de seus usuários também deve ser sua meta.

Almeida (2005, p.260-261) salienta que o bibliotecário escolar é um educador, devendo participar de forma ativa no processo educativo da seguinte forma:

- . No estímulo à leitura e à pesquisa entre alunos e também entre professores.
- . Estar preparado para tal, disponibilizando fontes de informação especializadas, e ainda capacitar esses atores da biblioteca escolar a utilizar recursos oferecidos pelas novas tecnologias.
- . Buscar contatos com intelectuais, artistas e formadores de opinião para o desenvolvimento de atividades integradas à escola, estimulando a criação artística e cultural e formando apreciadores das artes e da literatura.
- . Estabelecer relação com a comunidade para obter apoio para o desenvolvimento de projetos, estimulando o empreendedorismo juvenil.
- . Aproveitar os idosos para ações com crianças e adolescentes, estimulando o respeito pelo idoso e criando vínculos afetivos na comunidade.

Percebemos a importância da qualidade das atividades e as atitudes tomadas pelo bibliotecário, que deve, além de graduado em Biblioteconomia, ser um mediador comunicativo, criativo, envolvido e interessado nas questões educacionais.

De forma a planejar e integrar-se a projetos e atividades da escola, bem como para cumprir a contento as atividades e comportamentos já mencionados o bibliotecário escolar precisa ter uma formação que o capacite para tal, pois a ele cabem tanto tarefas técnicas específicas da Área de Biblioteconomia quanto atividades e atitudes pedagógicas. Fragoso (2002, p.127) sugere que ele tenha

[...] conhecimentos subjetivos – interativos, cognitivos e éticos; conhecimentos profissionais – fontes de informação, organização e classificação, geração e uso de bases de dados; conhecimentos pedagógicos – adaptação dos conteúdos específicos para ações de orientação e instrução (formar e informar).

O bibliotecário precisa aliar aos conhecimentos e técnicas específicos de Biblioteconomia noções de outras áreas como, por exemplo, Administração e Pedagogia, uma vez que estará participando da aprendizagem, do aprender a aprender, trabalhando junto a outros educadores, como o professor.

A princípio o bibliotecário não conhece a parte pedagógica e por isso mesmo precisa inteirar-se da área educacional adquirindo novos conhecimentos por meio de leituras, encontros e conversas com educadores, reuniões, palestras e cursos entre outros. Ele deve conhecer a linha pedagógica da escola, os Parâmetros Curriculares Nacionais e outras orientações e/ou recomendações de ensino.

Além disso, deve praticar a autocrítica e realimentar seus conhecimentos e habilidades com uma educação continuada, ou seja, procurar manter-se informado e atualizado tanto em sua área profissional quanto na parte pedagógica. Só assim poderá participar ativamente e com segurança dos projetos da escola, interferindo e sugerindo metas e estratégias.

Em relação a isso, Modesto (2005c, p.351) lembra que, de acordo com o Manifesto da Unesco, deveria haver na biblioteca escolar um profissional com qualificação tanto em educação quanto em biblioteconomia. E acrescenta que

Outro documento, publicado no Reino Unido, *School Libraries: the Foundations of Curriculum*, já na década de 1980 recomendava aos gestores e autoridades educacionais o emprego de pessoal com dupla qualificação, biblioteconomia e educação – situação que permitiria o uso de habilidades e conhecimentos de ambas as disciplinas [...]

Com certeza um profissional com esta dupla qualificação estaria mais preparado para desempenhar as atividades de uma Biblioteca Escolar. Porém, não lhe bastam conhecimentos de Biblioteconomia, Educação e Administração, entre outros. Precisa gostar de crianças, de adolescentes, de jovens, de adultos, de idosos, enfim, deve gostar e saber lidar com pessoas de diferentes idades, pois como se sabe a comunidade escolar é formada principalmente pelos alunos (crianças e adolescentes), mas também por direção, funcionários administrativos e gerais, professores, familiares de alunos. Em alguns casos, pessoas dos arredores da escola também.

Caldin (2006, p.163) lembra que

[...] originalmente o bibliotecário devia ser, antes de tudo, um erudito. A explosão bibliográfica transformou-o em um técnico sem erudição. Esse foi um erro da Academia, colocando no currículo dos Cursos de Biblioteconomia uma maciça dose de disciplinas técnicas em detrimento das humanas e sociais. Então o bibliotecário deve, por si mesmo, buscar o que perdeu: ser um autodidata em cultura geral. Não é possível ler todos os livros, mas ler todos que for possível – essa deveria ser a palavra de ordem dos bibliotecários [...].

Verificamos a importância de o bibliotecário estar atento às novidades de sua área e ao mundo que o rodeia. O mundo está em constante mudança e o bibliotecário precisa acompanhá-las, aperfeiçoando seu perfil.

Seu bom desempenho depende de seu perfil e de sua postura diante dos obstáculos, de sua competência técnica e de sua consciência com relação a seu papel de mediador, agente social, crítico e transformador na sociedade.

Almeida Junior (2006a, p.53-54) discorrendo sobre a postura do bibliotecário escolar menciona que o bibliotecário adequado é aquele que

[...] está em constante questionamento; [...] que procura conhecer sua área de atuação; [...] que tem consciência de que o usuário é seu fim último; que sabe que as informações com as quais lida não são neutras e imparciais; que está sempre procurando conhecer os motivos que há por trás de suas ações; [...] que sabe que a informação é imprescindível para a formação do cidadão. O bibliotecário escolar é aquele que reconhece sua profissão como importante e necessária para a sociedade e se reconhece como um agente de transformação social. [...]

Questionar-se, conhecer sua área de atuação, ter a satisfação do usuário como fim, lidar com informações que não são neutras e imparciais, colaborando para a formação do cidadão realmente são atitudes que fazem do bibliotecário escolar um importante agente de transformação social.

E nesse “ser um agente de transformação social” na biblioteca escolar este mediador não pode estar alheio ao comportamento de seus usuários e, portanto pode e deve “interferir” em suas leituras, pesquisas e comportamento face à informação. Acaba por ser um bibliotecário “leitor, pesquisador, educador, etc.”.

É imprescindível que, independente do ambiente e de influências educacionais, políticas, sociais, e culturais, o bibliotecário seja, antes de tudo, um leitor. Um leitor incondicional e permanente dos assuntos ligados à sua área profissional, de atuação específica e também de modo geral a temas referentes às questões sociais, políticas e econômicas de maneira a atuar de forma relevante e competente em seu meio, procurando sempre redimensionar suas atividades de acordo com a realidade, mudanças e necessidades de sua comunidade.

Atualmente, frente a tantos e importantes avanços tecnológicos, imagens e meios de comunicação de massa, algumas pessoas têm trocado uma boa leitura por outras formas de lazer. Neste contexto, incutir nas crianças o prazer da leitura deve constituir uma das prioridades e desafios do bibliotecário escolar.

Este tipo de bibliotecário apresenta particularidades que o diferencia de bibliotecários que não atuam na biblioteca escolar. Martins e Bortolin (2006, p.35) dizem que as ações do bibliotecário escolar

[...] se encontram mais próximas dos pedagogos e demais educadores, pois sobre ele recai a preocupação em dividir a responsabilidade de educar e de apoiar a escola no cumprimento do seu Projeto Político Pedagógico. Sendo assim, esse gênero de bibliotecário, além de conhecer as técnicas que lhes foram transmitidas durante sua formação, deve apresentar qualidades que o possibilite promover de fato a leitura.

Sua responsabilidade na formação de leitores é significativa. Um dos requisitos é ser leitor e dar testemunho disso aos alunos, ou seja, não só disponibilizar leitura aos seus usuários, mas também propor-lhes leituras.

Vale lembrar que o trabalho do bibliotecário não é neutro, nem isolado. Cabe ao professor e ao bibliotecário estabelecer uma parceria, unindo esforços, imaginação e criatividade em várias atividades, para esse fim.

O bibliotecário tem sua participação na formação do leitor e no prazer da leitura, desprendida da cobrança de leitura para aquisição de conteúdos ou normas gramaticais. Aproveitando-se disso e indicando uma leitura que desperte o interesse da criança ou do adolescente o bibliotecário poderá proporcionar-lhe uma primeira experiência prazerosa com a leitura ou mesmo mantê-la àqueles que já a vivenciam.

Esse mediador precisa ser um leitor de leitores, conforme afirma Battles (2003, p.150) quanto ao crescimento e desenvolvimento de hábitos de leitura.

[...] da mesma forma que o erudito começou com histórias infantis e foi progredindo aos poucos, passando pelos livros de aventura, romances, biografias, livros de viagem e, finalmente, livros de história, os novos leitores deveriam seguir o mesmo caminho, levando a sociedade toda junto com eles. A determinação do lugar de cada leitor nessa escala evolutiva estaria a cargo do bibliotecário. É esse o papel que ele deve desempenhar na vida dos que freqüentam uma biblioteca. Babás educam crianças, e bibliotecários educam leitores. Leitores lêem livros, bibliotecários lêem leitores. [...]

São várias as atividades que podem ser desenvolvidas pelo bibliotecário para incentivar a leitura, por exemplo: hora do conto, exposições, concursos literários, oficinas de leitura, murais informativos, feiras de livros, leitura & arte na biblioteca, formação de contadores de história, divulgação do acervo (pelo bibliotecário e por alunos), divulgação de leitura, divulgação de lançamentos de editoras, história da escola

ou do bairro, debate sobre autores e livros, varal de poesias, entre outros. É importante que as atividades realizadas pelo bibliotecário escolar façam parte de um projeto de atividades inserido no planejamento e/ou realidade da escola.

Não é fácil visualizar a contribuição do bibliotecário na formação do leitor, pois ela não se resume em realizar hora do conto, indicar e emprestar livros. Na verdade ela está nas “entrelinhas” da mediação, da intervenção deste profissional na escola, em seu engajamento e comunicação na comunidade, como trabalha em parceria, em sua maneira de organizar o espaço da biblioteca (organização do ambiente e tempo para frequência e leitura), como recebe seus usuários, como demonstra seu amor pela leitura, como indica leituras, como lê uma história, como conta uma história, como escuta uma história, como apresenta um autor, como se apresenta como bibliotecário leitor, como não desiste frente às dificuldades encontradas, como cria oportunidades de leitura frente à vida escolar.

Constatamos que não há uma receita, um guia passo-a-passo, pois as pessoas e as realidades de cada escola não são idênticas. Podemos, no entanto, indicar caminhos por meio de pesquisas e experiências reveladas.

Outra prioridade e desafio do bibliotecário escolar é a pesquisa escolar e a mediação da informação junto à explosão informacional ampliada pelos recursos tecnológicos. Estes itens, porém, serão discutidos em outro capítulo.

A seguir abordaremos a situação da biblioteca escolar no Brasil.

2.4 Situação das bibliotecas escolares brasileiras

Vimos anteriormente o que poderia/deveria ser a Biblioteca Escolar, sua ambiência, objetivos, funções, principais requisitos para um bom funcionamento, o profissional habilitado e sua atuação. Agora faremos algumas explicações a respeito da situação em que se encontram a maioria das bibliotecas escolares brasileiras.

Na literatura e em eventos da área biblioteconômica há relatos de iniciativas bem sucedidas, principalmente na rede particular de ensino. Nesses casos podemos verificar positivamente o valor que os usuários atribuem à Biblioteca.

A maioria das bibliotecas escolares que dispõe de um bibliotecário graduado encontra-se na rede de ensino particular. Conforme verificado por Martucci (2005b, p.353) “o ensino particular procura incorporar nas unidades escolares

elementos diferenciados para ampliar a qualidade da formação oferecida às crianças e aos jovens.”

Embora essas instituições particulares sejam em número menor que na rede pública de ensino é nelas que a questão da biblioteca e do bibliotecário escolar está melhor encaminhada.

No setor privado, em geral, em função dos recursos advindos de mensalidades escolares, as bibliotecas possuem espaço, acervo, equipamento e profissionais condizentes às necessidades da comunidade escolar no que tange a possibilitar aos educandos o acesso à informação, realização de pesquisas, leitura e apropriação de conhecimentos, bem como formação para a vida como cidadãos.

Essas bibliotecas tornam-se ponto de atração e de encontro em meio a comunidade escolar. Além de acervo adequado e atualizado, o local em que estão instaladas geralmente é de fácil acesso, com boa arquitetura, salas, acomodações e equipamentos, senão modernos, funcional e em boas condições.

Muitas delas acompanham padrões inovadores; estão com o acervo informatizado e disponibilizam aos usuários computadores para pesquisas e realização de trabalhos. Também contam com um quadro de pessoal capacitado e em número suficiente para um atendimento de qualidade.

Um bom exemplo disso é o do Centro de Recursos de Aprendizagem do Colégio Marista de Brasília (Ensino Infantil e Fundamental). Por ocasião da comemoração dos seis anos do “CRA”, a então bibliotecária e assessora de tecnologia da informação e psicopedagógica (2º a 5º ano), Kelley Cristine Gasque (2007, p.1) informou que:

[...] as atividades oferecidas no CRA vão além do acervo de 35 mil livros. [...] “Hoje temos um acervo sistematizado, moderno e adequado à grade curricular do colégio com ferramentas interativas que proporcionam aulas diferentes e inovadoras.” [...] “Há seis anos, trabalhamos com uma equipe de seis funcionários e três estudantes de biblioteconomia da Unb, para mantermos o acervo sempre atualizado e organizado” [...] No Centro de Recursos de Aprendizagem, a família marista encontra um Centro Cultural, com mostras e exposições de alunos e professores monitoradas; acervo com literatura infantil, infanto-juvenil, brasileira e estrangeira, além de outras áreas do conhecimento ligadas aos componentes curriculares; salas de estudo para grupos e individuais; 36 computadores ligados à internet, revistaria, gibiteca, mapoteca, dvdteca e muito mais. As famílias também podem participar do mundo do CRA fazendo empréstimos de livros, além de contar com a assinatura dos principais jornais do país à disposição.

Pelas informações acima temos uma idéia da importância e integração do CRA e da bibliotecária na escola. Também podemos acrescentar que com tais recursos, a probabilidade da figura do bibliotecário ser reconhecida e vista como

necessária para o gerenciamento da biblioteca escolar é bem maior. Mas conforme citado anteriormente, isso depende muito da postura, da atuação e do engajamento desse profissional no processo de ensino-aprendizagem como um todo.

Algumas escolas particulares possuem biblioteca e bibliotecário, mas podemos dizer que um número muito pequeno de bibliotecários se destaca e tem seu trabalho reconhecido pela comunidade escolar por não alcançarem os objetivos pretendidos por eles mesmos e esperados pela escola.

Um ponto negativo e preocupante é a parceria bibliotecário/professor que dificilmente acontece. Professor e bibliotecário não procuram conhecer o trabalho um do outro. O bibliotecário não se faz conhecer e também à biblioteca, com sua política de serviços, seus possíveis projetos e programações. O professor, mesmo indo à biblioteca não informa ao bibliotecário seus projetos e conteúdo das aulas. Conseqüentemente não estabelecem parceria. Macedo (2005, p. 335) alerta para esse problema ao afirmar que esses profissionais, “embora exercendo funções de educadores, praticamente se desconhecem, pois não costumam trabalhar interativamente. E nada fazem para concretizar um trabalho conjunto, principalmente quanto à capacitação informacional do estudante [...]”

O bibliotecário, por vezes, atua de forma tecnicista, acomodada e apática, sem assumir seu verdadeiro papel, sem agir concreta e politicamente com propostas para promoção da leitura, pesquisa e acesso à cultura.

Pior ainda, este profissional, cercado de recursos de leitura, em alguns casos lê pouco ou praticamente não lê. Na década de 1980, no Brasil já havia uma preocupação quanto a isso. Barros (1986, p.30) já dizia que o bibliotecário que não lê

[...] não avança e não promove conhecimento. Não se arma para os imprevistos do dia-a-dia, como que esquecendo que a biblioteca é palco de incontáveis dúvidas, que a sua cultura pode ajudar a resolver. Sendo o bibliotecário um profissional da informação, por excelência, não pode, ele próprio, estar alheio aos fatos e às notícias. É essa constante atualização do conhecimento, repito, que faz do seu referencial teórico uma base segura de apoio ao leitor a que está vinculado. [...]

Reforçando a importância do bibliotecário-leitor nos apoderamos do ponto de vista de Neves (1998), o qual destaca que para os estudantes universitários, especificamente os do curso de Biblioteconomia, a leitura deve ser um instrumento para sua formação acadêmica e profissional, um instrumento de educação permanente, bem como de reflexão social. Ele ressalta que os bibliotecários, cumprindo seu papel de

agentes sociais e culturais, mediadores e incentivadores da leitura devem cobrar do Estado um maior comprometimento com o desenvolvimento da leitura no Brasil.

Sabemos da existência de bibliotecários displicentes quanto à prática de leitura, tão necessária em sua atuação. Quando a falha está apenas no bibliotecário podemos culpá-lo integralmente.

Mas nem sempre a culpa é só do bibliotecário. Outros fatores contribuem para que hajam falhas em seu dia-a-dia profissional, como o fato de nem todas as bibliotecas de instituições particulares de ensino disporem de acervo atualizado, edifício planejado, funcionários capacitados e em número suficiente, entre outros requisitos.

Vários são os casos em que a situação precisa ser melhorada, seja em instalação e acomodações, número de funcionários, recursos informativos, etc. Encontram-se muitas bibliotecas com apenas um bibliotecário se desdobrando, fazendo um pouco de tudo para atender seus usuários. Nesse “fazer um pouco de tudo” o que ocorre é que dificilmente se consegue realizar um trabalho de qualidade.

Dessa forma o bibliotecário, mesmo tendo boa vontade, se não for uma pessoa persistente e convincente, desenvolve quase que o tempo todo atividades técnicas e mecânicas como organização do acervo e empréstimo de livros, sem condições de ampliar sua atividade, seu atendimento, o trabalho em parceria com o professor e comunidade como um todo. Ou seja, não elabora/realiza projetos integrados; não se insere realmente na escola e não participa do processo de ensino-aprendizagem.

Consequentemente a escola não o conhece e nem à biblioteca. Não visualiza seu potencial, o que faz levar adiante a idéia de que o bibliotecário é um profissional técnico, e não um educador.

Muitas escolas particulares, contratam um bibliotecário para atuar na biblioteca da escola não por reconhecerem sua importância nesse espaço, mas em função dos Conselhos Federal e Regionais de Biblioteconomia, que com base na legislação (Lei 4084/62) que regulamenta a profissão, exigem que as bibliotecas sejam gerenciadas pelo profissional bibliotecário. Na verdade, alguns diretores consideram que o trabalho de um bibliotecário é apenas “emprestar livros”, e que isso qualquer pessoa sem graduação em biblioteconomia pode fazer.

Dessa forma o contratam, mas não lhe oferecem condições para exercer a contento sua missão. Sem estrutura e sem um auxiliar seu tempo é tomado para empréstimo de material, afastando-o de atividades profissionais e pedagógicas. Ele fica

isolado, por vezes até permitindo que a biblioteca seja um local de castigo. Sim, porque mesmo em escolas particulares ainda hoje há quem queira, como válvula de escape, mandar para a biblioteca alunos que não fizeram a tarefa, que se comportaram de maneira inadequada e/ou outros motivos que atrapalhem a aula.

Outro fator negativo é a falta de educação continuada ao bibliotecário escolar. Há casos em que o próprio profissional se acomoda e não procura se atualizar. Mas na maior parte dos casos sabe-se da dificuldade encontrada pelo bibliotecário em se ausentar da biblioteca para cursos de atualização, especialização e mestrado entre outros. Como geralmente o número de funcionários é mínimo, o bibliotecário não se ausenta da biblioteca para que ela não precise ser fechada. Participa apenas de cursos de curta duração que nem sempre suprem suas necessidades profissionais.

Essa situação não é tão fácil de ser resolvida, pois sabemos que os salários, apesar de variarem, geralmente são maiores que os da rede pública. Alguns bibliotecários se acomodam e se sujeitam às más condições de trabalho e reconhecimento para manter o necessário emprego. Quem geralmente sai perdendo, muitas vezes sem perceber, são os educandos.

E assim, infelizmente, sem reconhecer a necessidade e importância da biblioteca na escola e do profissional especializado para o seu gerenciamento as instituições continuam a não empenhar recursos para sua existência e desempenho.

Mas se na rede particular de ensino a situação não é inteiramente favorável, na rede pública a situação é lastimável. Há evidências de que para um número significativo de brasileiros a Biblioteca Escolar é ainda um espaço inexistente. De acordo com Martucci (2005b, p.353),

Em termos de recursos humanos e de funcionamento de biblioteca escolar na rede estadual de ensino, o panorama é bem heterogêneo: bibliotecas fechadas por falta de pessoal ou alocadas em sala de uso conjugado com a direção, professores ou coordenação pedagógica, sob sua absorção os procedimentos de controle do uso de materiais; [...]

Embora o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001, p.25), aprovado pela Lei 10.172 determine em seus objetivos e metas que as escolas de ensino fundamental devam ter padrões mínimos nacionais de infra-estrutura, incluindo espaço para biblioteca, bem como atualização e ampliação de seu acervo, alguns levantamentos retratam outra realidade.

De acordo com um levantamento realizado a pedido do Jornal da Tarde pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo, juntamente com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos, cruzando

dados do Censo Escolar 2006 mostrou que somente 15% das mais de 5 mil escolas estaduais possuem bibliotecas e que 73% dispõem de salas de leitura. (FALTA, 2007)

De fato, na rede pública de ensino, em geral as bibliotecas escolares, quando existem, na maioria das vezes são precárias, em más condições de instalações físicas, equipamentos, acervo; não contam com um profissional bibliotecário inserido no processo de ensino/aprendizagem e conseqüentemente não oferecem condições para o desenvolvimento de atividades que correspondam a seu potencial de atuação social.

Na maioria das vezes sua localização é de difícil acesso, com iluminação inadequada e pouco arejada; quase sempre perde na disputa com outros setores da escola. Seu espaço físico não é apropriado, muito menos planejado. Em geral é pequena com relação ao número de alunos. Por vezes é uma sala no fim de um corredor, ou do pátio, conjugada à sala da diretoria ou secretaria da escola ou até mesmo um simples armário fechado dentro da sala de aula.

Muitas vezes a sala recebe o nome de biblioteca, mas na verdade é um depósito, um amontoado de livros e de materiais que em nada corresponde às atividades de uma biblioteca.

Se o espaço físico já é um problema, quanto mais o mobiliário e as acomodações. Raros são os casos em que o espaço permite acomodar adequadamente alunos de uma turma inteira para leitura e pesquisa. Geralmente os professores vão à “biblioteca”, pegam o material e levam para a sala de aula ou para o pátio.

Quando a biblioteca existe na escola pública, por vezes tem um horário de funcionamento que não corresponde ao número de horas de funcionamento da escola. Assim, alunos que não podem freqüentar a biblioteca fora de seu horário de aula não podem contar com ela. Há casos em que inclusive no horário normal de aula não se tem acesso à Biblioteca. Tais alunos geralmente recorrem à Biblioteca Pública da cidade.

O acervo é outro ponto a ser discutido. Garcez e Blattmann (2005, p.194-195), chamam atenção para o fato de que

Quanto à situação das comunidades que possuem escolas, e respectivas bibliotecas, percebe-se um estado de inércia. Observa-se que o usuário não é motivado a utilizá-la, o acervo é subutilizado, seja pela falta de organização ou por suas características (insuficiente ou desatualizado) [...]

Boa parte do acervo é constituída por doação. Embora as pessoas que fazem a doação estejam bem intencionadas, muitos dos materiais, em sua maioria livros, estão danificados (rasgados, riscados, amarelados), desatualizados (inclusive em ortografia). Há também casos em que junto à doação encontram-se cartas, cadernos

peçoais e manuais de eletrodomésticos, entre outros. Isso exige uma rigorosa e conscienciosa seleção para um possível e necessário descarte desses materiais antes mesmo de inseri-los na coleção. Contudo, isso nem sempre é feito.

O Governo brasileiro, por meio do Plano Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE), tem investido quantias razoáveis na distribuição de acervos para bibliotecas escolares. Porém, críticas têm sido feitas quanto à seleção e qualidade de tal acervo, como incompatibilidade com os níveis escolares, quantidade e disponibilidade inadequadas com a demanda.

Independente de sua origem (doação da comunidade ou distribuição do Governo), em sua maior parte são livros didáticos e em grande número de exemplares. Ao invés de diversidade de texto, o que o aluno geralmente encontra na biblioteca são livros didáticos, insuficientes para a abertura de horizontes e visão de mundo. Garcez e Blattmann (2005, p. 266), afirmam que isso reflete a “falta de políticas para as bibliotecas escolares, e demonstram o entendimento errôneo dos administradores escolares em relação ao livro didático – vendido como suporte ao ensino, mas que não estimula ou amplia outras leituras”.

A predominância de material didático e pouca opção de leitura geram um acervo mais quantitativo que qualitativo. Sem atrativos e sem corresponder a necessidade da comunidade escolar, o acervo é procurado apenas para cópias de tópicos indicados pelo professor.

Considera-se um problema a falta de dotação orçamentária regular que favoreça a seleção, aquisição e manutenção de um acervo de qualidade. Para Macedo, (2005, p.314)

Infelizmente, na maioria dos estados brasileiros, a provisão de verbas específicas para bibliotecas não existe. Tudo isso, por dificuldades contínuas verificadas tanto nas bibliotecas escolares como nas bibliotecas públicas. De um lado, porque a biblioteca escolar ainda não tem “vida oficial”; de outro, pela omissão injustificável das necessidades de bibliotecas, nas provisões orçamentais das escolas.

Mencionamos o PNBE como um dos exemplos que envolvem dotação orçamentária do Governo Federal para o acervo de bibliotecas escolares. Todavia, as más condições em que se encontram as bibliotecas escolares brasileiras refletem a falta de atenção do Governo com relação à avaliação e reestruturação de políticas públicas de acesso à informação.

Em defesa aos detentores do poder governamental e financeiro devemos levar em conta que mesmo com programas bem estruturados nem sempre o resultado é satisfatório.

Por outro lado há quem realize trabalhos exemplares com poucos recursos. Retomando o que já foi mencionado, isso depende do profissional que atua na biblioteca, de sua competência, de seu engajamento na escola, de sua criatividade e persistência no sentido de contornar problemas.

Embora não possamos esquecer da necessidade de uma infra-estrutura favorável a atuação do bibliotecário escolar Caldin (2006, p.163) defende que

A qualidade do acervo encontra-se condicionada a vários fatores externos à figura do bibliotecário, mas é passível de ser contornada pela criatividade, pelo empenho e pelo senso de responsabilidade social desse profissional da informação. [...] Está superado o conceito tradicional de que a biblioteca escolar seja um depósito de livros doados pelo Governo ou por particulares para complementar o programa de estudos. Sua função agora é a de ser um centro de informação e cultura.

Eis aí uma grande polêmica na biblioteca escolar, pois a literatura revela fatores positivos desse espaço de atuação que incentivam estudantes e profissionais. Mas na realidade brasileira em que a biblioteca escolar praticamente não existe, torna-se muito difícil visualizar e constatar tais fatores.

Se na rede pública praticamente não existem nem bibliotecas escolares, o que se pode dizer do profissional que nela deveria atuar? Que tipo de pessoa tem atuado nas bibliotecas escolares brasileiras? Quais as atividades desenvolvidas e de que forma?

Apesar de na literatura técnica da área biblioteconômica haver discussões que enfatizam a necessidade e importância do bibliotecário escolar ainda faltam olhares e atenção específicos para a biblioteca escolar por parte de alguns Governos e mesmo por membros da classe bibliotecária, como por exemplo alguns bibliotecários que são pais de alunos e se omitem em tal necessidade/exigência. Resultado disso é que muitas escolas designam para a biblioteca espaços pequenos, mobiliário, acervo e acomodações precários, bem como pessoas que não dominam conhecimentos básicos para atendimento e gerenciamento desse espaço.

Macedo (2005, p.215) organizando debates e conclusões de um fórum virtual baseado no Manifesto Ifla/Unesco para a Biblioteca Escolar, lançou vários pontos de reflexão, entre eles a questão “Por que tem sido descuidada explicitamente a inclusão da figura da biblioteca escolar nos documentos oficiais da área, quer em projetos e diretrizes educacionais, quer em estatutos e regimentos de escolas?”

Com esse “descuido” o que percebemos é que em muitas salas “chamadas bibliotecas” há um funcionário que não possui formação especializada para desempenhar atividades de planejamento, organização, dinamização da leitura, pesquisa e atendimento necessários à comunidade escolar.

Realmente é raríssimo encontrar um bibliotecário trabalhando na biblioteca escolar. Encontra-se em grande número pessoas despreparadas para dirigirem esse local, como por exemplo, serventes, motoristas, inspetores de alunos, professores readaptados (com problema de saúde, psíquico, neurológico, idade avançada, que não suportam mais uma sala de aula, etc.). Muitos desses professores são os mesmos que quando atuavam em sala de aula mandavam seus alunos para a biblioteca e não os acompanhavam. Aproveitavam o horário destinado à hora da biblioteca para prepararem outras atividades, corrigirem provas ou mesmo saírem para tomar um cafezinho. Garcez e Blattmann (2005, 198) constataam que

Existem lamentavelmente em nossas bibliotecas escolares casos de professores no final de carreira, muitas vezes com problemas de saúde, e incapacitados para lecionar, que são simplesmente transferidos para esses espaços sem o mínimo de entendimento da importância da biblioteca e sem saber como estruturar e organizar um acervo compatível com o processo pedagógico.

Essas pessoas são designadas para a biblioteca sem uma avaliação, um questionamento quanto à aptidão, interesse e/ou capacitação para tal função. Isso gera problemas quanto ao comportamento e atividade desses funcionários na biblioteca.

Tomemos por base um professor readaptado. Se este, por diversos fatores, não pode mais atuar em sala de aula também não conseguirá, pelas mesmas razões atuar de forma prazerosa e eficaz na biblioteca. Da mesma forma, o servente e o motorista não têm a formação específica para atuar na biblioteca.

Sem afinidade com o setor, sem orientação e sem motivação a atuação de tais pessoas deixa muito a desejar. Se não conhecem uma biblioteca, não sabem o que é necessário e o que pode ser feito. Sem conhecimento e capacidade ficam “cuidando” da biblioteca, causando o já citado isolamento da escola e deixando que a imagem da biblioteca continue a de um depósito de livros, de um local sombrio, próprio para castigo. Algumas dessas pessoas, no momento de solicitar materiais para a biblioteca acham que não há necessidade, pois em sua opinião a biblioteca já tem um enorme acervo que ninguém procura.

Há também pessoas interessadas em desenvolver um bom trabalho, mas que sem conhecimento específico não têm argumentos para reivindicar uma melhor

estrutura para as atividades. Geralmente não vinculam suas atividades às de sala de aula, despendem seu tempo e esforço apenas na organização do acervo (precariedade e a seu modo) e ao empréstimo de livros sem dar a devida atenção aos usuários.

Atuando de maneira ineficiente, praticamente invisível, os funcionários da biblioteca facilmente são convocados a fechar a biblioteca (que não faz falta) e deslocados para ajudar em outras funções/setores na escola.

Por outro lado, se a biblioteca não faz falta, os poderes públicos não se preocupam em destinar verba para planejamento, construção e manutenção de bibliotecas, bem como para contratação de bibliotecários. Constata-se que o problema da falta de verba recai sobre o desconhecimento da biblioteca, do bibliotecário e de sua função. Desconhecimento esse que se deve ao fato do ambiente escolar público até hoje ter sido estruturado sem a presença do bacharel em biblioteconomia.

Mas nem só de fracassos vive a biblioteca escolar pública. Embora as pessoas que atuam nessas bibliotecas sejam, em sua maioria, despreparadas e desmotivadas por falta de orientação, treinamento, verbas, condições de trabalho, espaço físico e acervo adequados há relatos de projetos de grande êxito.

Podemos citar o Projeto “Bibliotecas Escolares: Palavras Andantes”, da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Londrina, estado do Paraná, em parceria com a Secretaria Municipal da Cultura, por meio da Biblioteca Pública. Coordenado por Rovilson da Silva, esse projeto, instituído em 2002, visa promover a leitura nas escolas da rede municipal de ensino da cidade de Londrina. Tem como

Objetivos Específicos - oferecer cursos de formação continuada ao professor que medeia a leitura na escola e que atua na biblioteca; - implantar biblioteca em cada unidade escolar; - ampliar o acervo das bibliotecas escolares; - oferecer a Hora do Conto semanalmente para cada turma da escola; - possibilitar o empréstimo de livros. [...] O projeto oferece cursos mensais aos professores sobre a leitura, mediação de leitura, áreas do conhecimento, arte e sobre a biblioteca escolar; - As escolas são visitadas para o acompanhamento do trabalho realizado; - São enviados materiais de apoio pedagógico à escola; - Compra de livros; - Compra de mobiliário adequado à biblioteca. Atualmente participam do projeto 130 professores de 80 escolas municipais. (PROJETO, 2007, p.1)

Como percebemos por meio desse projeto os professores que atuam nessas bibliotecas são capacitados e motivados para atuarem nesse ambiente. E o resultado tem se mostrado positivo uma vez que, de acordo com o coordenador do projeto, no ano de 2006, enquanto a média de leitura nacional era de 2,2 livros por ano, a da rede municipal em Londrina foi de 8,9 livros por ano.

Há outras iniciativas como essa no Brasil. Hoje, em meio às variadas cobranças, formam-se mais bibliotecas nas escolas, mas em sua maioria dirigida por professores. Eis aí uma grande briga com profissionais bibliotecários, pois esses funcionários têm recebido erroneamente por parte da comunidade escolar, a designação de bibliotecário.

Para os bibliotecários, uma pessoa sem a capacitação/treinamento específicos do curso de graduação em Biblioteconomia não pode ser chamada de bibliotecário e muito menos estar dirigindo esse espaço. Silva e Bortolin (2006, p.12) atentam para uma discussão relacionada a isso.

[...] muita crítica tem sido feita sobre o professor ocupar o espaço do bibliotecário na escola. Por outro lado, com a mesma intensidade se fala do despreparo pedagógico do bibliotecário para atuar na biblioteca das escolas. Corporativismo a parte, pouco se tem feito para resolver esse impasse e a biblioteca escolar, em especial na esfera pública, não progride. Ineficiente, permanece ausente da vida dos estudantes. Sofre do mal da invisibilidade, quase ninguém percebe sua falta. [...]

De acordo com esses autores, além da crítica dos bibliotecários quanto à atuação dos professores na biblioteca, há também uma crítica dos professores quanto à atuação de bibliotecários na escola. Realmente esses dois profissionais mediadores responsáveis pela conscientização da comunidade escolar com relação à importância da biblioteca em seu caráter educativo-informacional na escola não se unem para tal tarefa.

Há autores que defendem que na biblioteca deveria atuar uma pessoa com dupla formação, em biblioteconomia e em educação. Na verdade é preciso refletir e discutir a realidade atual quanto à falta de formação de um profissional com habilidades técnicas, mas também voltada para a atuação educativo-pedagógica que a biblioteca escolar tanto precisa. Segundo Silva, A. (2005a, p.241),

A transformação que precisamos, na verdade, deve ser iniciada nos cursos universitários com os alunos de educação. A universidade, portanto, deverá contribuir para a formação de profissionais comprometidos também com os serviços da biblioteca e de toda a sua demanda de informação. Exige-se, sim, que o bibliotecário conheça a dinâmica escolar, mas o inverso não é verdadeiro, o professor muitas vezes não conhece a biblioteca escolar e sua função. Os dois são educadores!

De fato, embora conheçamos relatos de experiências gratificantes relacionadas a projetos propostos em parceria por professor e bibliotecário, ou de professor envolvendo o bibliotecário em que os alunos saem extremamente beneficiados sabemos também que geralmente o professor, embora diga que a biblioteca é importante, normalmente não a frequenta e não sabe utilizar seus recursos. Portanto, o

professor precisa de mais informações acerca da biblioteca e do bibliotecário para o estabelecimento de parceria e também atuação na biblioteca.

Mas o contrário também é verdadeiro, pois também a formação do bibliotecário para atuar em escolas é falha. Os antigos currículos dos cursos de Biblioteconomia eram muito técnicos e não ofereciam a capacitação necessária a este profissional para atuar em biblioteca escolar, já que para atuar neste tipo de biblioteca o bibliotecário precisa além de conhecimentos técnicos de biblioteconomia, saber um pouco dos processos de pedagogia, visto lidar com crianças e adolescentes. Garcez e Blattmann (2005, p.194) concordam com parte de tal pensamento, afirmando que “existe uma falha de estrutura na área acadêmica [...] na formação do bibliotecário escolar, que não é preparado como um profissional que possa bem atuar de modo mais coerente em biblioteca escolar”.

É necessário que os cursos de graduação em Biblioteconomia insiram disciplinas da área de educação, visando preparar bibliotecários com conhecimento básico em pedagogia para atuação em biblioteca escolar.

Outra opção refere-se ao ponto de vista de Casarin (2007), que discorda a respeito da inserção de disciplinas de cunho pedagógico, pois “não haveria fim o currículo com a inserção de todas as disciplinas necessárias”. Como alternativa ela acredita em

uma flexibilização do currículo permitindo que o aluno escolha um “perfil”, cursando disciplinas nos cursos de Pedagogia, Letras, ou em áreas tecnológicas, didática do ensino superior, etc. e também estágios. Uma ou outra disciplina [no currículo de Biblioteconomia] não resolve! (grifo nosso)

Se desde a graduação o aluno de biblioteconomia for mais motivado para leitura e pesquisa, para a compreensão do ambiente de ensino (escola) terá mais facilidade para desenvolver propostas educacionais.

Hoje, ainda que pouco, alguns currículos de Biblioteconomia oportunizam parte deste tipo de noção. Porém, no momento de estágios, por exemplo, nem todos os alunos vivenciam a realidade de uma biblioteca escolar.

Isto é um entrave para a atuação do bibliotecário quando vai trabalhar em uma biblioteca escolar. Silva, A. (2005b, p.363), insiste em que

[...] as faculdades de biblioteconomia precisam ampliar a matéria sobre a biblioteca escolar em seu currículo, considerando os novos paradigmas da educação e do uso das novas tecnologias da comunicação. Por outro lado, as faculdades de educação deveriam abrir em suas grades curriculares cursos e disciplinas nos quais as bibliotecas escolares e os bibliotecários fossem apresentados nas suas concepções e aspectos de seu projeto bibliotecário.

Se isso acontecer todos sairão ganhando, principalmente a biblioteca escolar e seus usuários. Enquanto isso não acontece em grande escala, a biblioteca escolar, principalmente da rede pública fica à margem do ensino brasileiro, com um apoio financeiro inadequado e sem profissionais habilitados para dinamização desse ambiente.

A queixa e a denúncia efetuada por educadores conscientes desse problema não é um discurso recente. Na verdade esse discurso faz parte da pauta de discussão e propostas de vários profissionais engajados numa luta em favor da biblioteca escolar no ensino no Brasil.

Em face das constatações apontadas nesse item podemos dizer que a Biblioteca Escolar brasileira, essa quase *inexistente* e *desconhecida* biblioteca é o “*patinho feio*” das bibliotecas.

Quase *inexistente* porque em meio à falta de investimentos públicos para criação e manutenção de bibliotecas são raras as escolas que dispõem de uma biblioteca em pleno e satisfatório funcionamento, bem como de seu profissional.

Desconhecida, pois uma pequena parcela de usuários pode e sabe como dela usufruir. Como fator agravante até mesmo professores e autoridades, entre outros profissionais diretamente envolvidos com o ensino a desconhecem.

E finalmente “*patinho feio*” dentre as bibliotecas, já que embora seja base para a formação de leitores e pesquisadores é local desvalorizado por muitos profissionais da área que dão preferência à Biblioteca universitária, empresarial ou especializada.

Esse patinho feio precisa ser descoberto, conhecido e mostrado à sociedade, para que esta saiba o que a Biblioteca Escolar, por meio de seu corpo de funcionários, acervo e demais recursos, pode por ela e com ela fazer.

Só assim poderá cumprir sua missão de “informar educando”, possibilitar a construção do conhecimento pelo aluno e contribuir na capacitação e autonomia dos usuários em buscar, avaliar e usar a informação. E conseqüentemente ser autor de mais informações.

Independente das diferentes realidades, a Biblioteca Escolar é espaço privilegiado para ser “o coração da escola” no que diz respeito à pesquisa escolar como formadora de estudantes-pesquisadores. Em função disso, no próximo capítulo discutiremos sobre a pesquisa escolar.

3 PESQUISA NA ESCOLA: OBJETIVOS INICIAIS E REALIDADE PRESENTE

Na educação atual fala-se muito em se formar pessoas competentes, aptas a enfrentarem a competitividade da sociedade moderna.

A competência de um indivíduo depende de seu conhecimento, que por sua vez depende de sua formação. A Escola tem por missão educar/ensinar/formar e para isso precisa desenvolver um ambiente de “construção do conhecimento” envolvendo todos os setores e comunidade escolar. Lioti (2005, p.10), afirma que

A construção do conhecimento, realizada mediante a interpretação de dados/informação, pressupõe o desenvolvimento de várias habilidades, as chamadas “competências em informação”, que podem ser traduzidas em: capacidade de explicar a real necessidade de informação, saber buscar, acessar, recuperar e interpretar informações, e, mais importante: saber como utilizar-se das informações para produzir conhecimento e intervir na realidade, solucionando problemas de ordem acadêmica, profissional, pessoal ou social.

Na citação acima, quando Lioti menciona “a capacidade de explicar a real necessidade de informação, saber buscar, acessar, recuperar e interpretar informações” identificamos o ato de pesquisa; bem como quando se refere a “saber como utilizar-se das informações para produzir conhecimento e intervir na realidade, solucionando problemas de ordem acadêmica, profissional, pessoal ou social” nos deparamos com os possíveis objetivos/resultados de uma pesquisa.

Nesse sentido, a pesquisa escolar acontece, ou deveria acontecer na escola, pois é um dos recursos que pode apoiar os educadores na tarefa de fazer com que o educando descubra/encontre, se aproprie e faça uso da informação de forma a transformá-la em conhecimento, experiência e vivência.

A pesquisa escolar é um fator determinante na formação do educando, bem como no desenvolvimento de sua competência para analisar e solucionar problemas. Sendo assim, é imprescindível a elaboração de projetos pedagógicos, que envolvendo a pesquisa, estimulem desde as primeiras séries o pensamento crítico, a autonomia e a politização do educando na construção de seu conhecimento.

Por defendermos a idéia de que a pesquisa escolar é base para o desenvolvimento de pesquisas mais aprofundadas que favorecem o desenvolvimento de um indivíduo e de uma sociedade, gerando conhecimento; e por acharmos que o conhecimento de um indivíduo é fator relevante em sua atuação como cidadão capaz de interferir e conviver bem na sociedade; neste capítulo discorreremos sucintamente sobre o conhecimento e posteriormente sobre a pesquisa.

3.1 Conhecimento: sua construção/reconstrução

Ao adentrar o século XXI percebemos que a literatura e o discurso acadêmico intensificaram o uso da expressão “Sociedade do Conhecimento”. Num ambiente complexo e em crescente inovação e transformação, tal Sociedade tem como objetivos principais a produção e o acesso à informação e ao conhecimento.

Isso porque vivemos em um tempo cujo valor da informação e do conhecimento está diretamente ligado à atividade econômica, à produção de tecnologia, de riquezas, ao estabelecimento de poder, nível e qualidade de vida.

Informação e conhecimento têm um papel essencial no bom desempenho e desenvolvimento de pessoas, organizações e países, bem como nas projeções do futuro. Porém, o que é informação? O que é conhecimento? De acordo com Beluzzo (2007) a *informação* é um conjunto de dados processados de forma a apresentar um significado e o *conhecimento* é a informação contextualizada e internalizada pelo ser humano.

O conhecimento é fundamental para a sobrevivência da humanidade como um todo, já que o homem, desde seu nascimento, em contato com a natureza, os objetos, a sociedade e a cultura que o cercam procura interpretar e conhecer o universo.

Na pesquisa (exploração e interpretação) do universo, à medida que nos desenvolvemos, vivenciamos crenças e experiências, passamos por períodos de insegurança, erros e conflitos. Precisamos tomar atitudes tanto críticas quanto práticas para transformar e resolver os problemas surgidos.

Em momentos de dúvidas somos levados à reflexão (à pesquisa) e nosso conhecimento adquirido é base para decisões em nossa trajetória de indivíduos que buscam viver cada vez melhor. Atribuindo significado às coisas e acontecimentos, construímos novos conhecimentos que nos permitem tomar decisões coerentes. E aí a construção/reconstrução do conhecimento acontece.

Extrapolando o conhecimento individual, podemos também nos referir a educação e ao conhecimento necessário ao desenvolvimento de toda uma cultura, de uma sociedade na qual estamos inseridos, dentro da qual somos influenciados e exercemos influência. De acordo com Brandão (1982, p.14, 25), a educação

[...] se instala dentro de um domínio propriamente humano de trocas: de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder. [...] Tudo o que existe disponível e criado em uma cultura como conhecimento que se adquire através da experiência pessoal com o mundo ou com o outro; tudo o

que se aprende de um modo ou de outro faz parte do processo de endoculturação, através do qual um grupo social aos poucos socializa, em sua cultura, os seus membros [...] (grifo do autor)

Em uma cultura e em uma sociedade as educações formais e informais visam o desenvolvimento físico, moral e intelectual de um indivíduo para sua integração individual e social no mundo. Aí encontramos a relação entre pessoas, e da pessoa com o mundo, a troca de símbolos, intenções, padrões de cultura e poder que envolvem a socialização do indivíduo e o conhecimento desde a infância até a idade adulta.

Também o conhecimento extrapola o indivíduo e pertence a uma cultura que cria, entre outras coisas, tecnologias que beneficiam a vida humana e proporcionam o progresso da sociedade. Passando a não ser apenas do indivíduo em si, podemos acrescentar que o conhecimento é também indispensável a diferentes áreas e profissionais para o desempenho de suas metas e funções.

São vários os tipos de saberes que o homem pode e deve fazer uso para responder a questionamentos e solucionar problemas cotidianos, compreendendo e alterando a realidade que o cerca. Dentre os conhecimentos temos o saber voltado para informações e atividades científicas e profissionais, bem como um saber comum.

Nessa descoberta, vivência e registro do conhecimento, distinguimos dentre as formas de conhecimento, o conhecimento *tácito* (existente na mente das pessoas, advindo da experiência que cada indivíduo adquiriu ao longo de sua vida.) e o conhecimento *explícito* (conhecimento que está registrado em suportes como livros, revistas, documentos de um modo geral.)

Outra forma de conhecimento que vale destacar é o conhecimento científico, que pressupõe uma aprendizagem superior. Para Barros (2002, p.13) o conhecimento científico, “busca informações sobre objetos e fenômenos já pesquisados e demonstrados e/ou comunicados. Trata-se [...] da postura metódica, reflexiva e crítica sobre as descobertas já realizadas.” Independente das crenças ou dos valores do pesquisador, procura mostrar a verdade dos fatos, sempre à procura de respostas.

Ao passo que encontramos respostas para os questionamentos, soluções para os problemas, novos conceitos e ampliações de teorias, outros entraves e novas dúvidas surgem, estimulando uma constante busca e descoberta de informações. Isso sustenta a pesquisa científica e tecnológica.

Em se tratando da realidade brasileira é crescente a disparidade de acessos e recursos informacionais, onde, devido à desigualdade sócio-cultural, uma pequena parcela de habitantes detém o domínio da informação e conhecimento.

Sendo assim, a escola, como mediadora entre estudantes e o acervo cultural da humanidade, deveria procurar atender um grande número de pessoas, tentando proporcionar aos educandos, chances de crescimento, de maturação e igualdade sócio-cultural.

Mas para isso, precisa tornar o educando independente para, por toda vida, ser ativo na construção de seu conhecimento; pois em meio a tantas e rápidas transformações, o conhecimento é inconstante. Neves (2007, p.4), afirma que a inconstância do conhecimento,

[...] permite a compreensão da necessidade do ser humano produzir perguntas e respostas relacionadas às dúvidas e questionamentos postos, objetivando a interpretação e a explicação da realidade, das coisas e dos fenômenos. Neste sentido, o conhecimento que hoje nós validamos; amanhã podemos refutá-lo [...] Isso nos remete ao campo da produção das explicações e das verdades.

Esse campo da produção das explicações e das verdades envolve nossa vida e o mundo, onde em todos os momentos nos encontramos em situações mediadas por regras e valores de uma cultura/sociedade.

Desta forma, independente de nossa classe social, de nossa cultura, do local onde nascemos ou vivemos, com quem vivemos, estudamos ou trabalhamos, é necessário que estejamos em constante “pesquisa”, busca de explicações, de mais informações e conhecimento. Segundo Carvalho (2007, p.1),

A pesquisa faz parte da vida cotidiana das pessoas. Ela está em toda parte desde uma simples olhada no relógio para uma conferida de hora, até mesmo nos grandes debates em torno da ciência. Sem pesquisa não há ciência, não há avanço tecnológico, portanto, não há conhecimento. O conhecimento é, sem dúvida, fruto de um longo trabalho de pesquisa, e é a partir dele que se chega aos grandes inventos, às descobertas, às novas explicações, aos conceitos, enfim à ciência.

Conscientes de que nossas ações são precedidas por algum tipo de pesquisa; e que novos e relevantes conhecimentos acontecem mediante o auxílio da pesquisa, este processo, nos mais variados níveis de ensino, tem sido motivo de discussão há vários anos. Por essa razão, a seguir discorreremos sobre pesquisa.

3.2 Pesquisa escolar

Verificamos que a construção do conhecimento está ancorada em uma postura que envolve investigação, reflexão, compreensão, experiência e ação; onde as

respostas aos problemas não aparecem sem o esforço do indivíduo, mas pelo envolvimento de habilidades adquiridas por ele em meio a constante interpretação e produção de conhecimento para sua existência. Quem pode proporcionar tais habilidades, aprendizagens aos educandos? Segundo Faqueti (2002, p.14),

Em meio à explosão informacional e os avanços tecnológicos que facilitam sua ampla disseminação, urge que as pessoas desenvolvam e aperfeiçoem cada vez mais suas habilidades em buscar e usar informações de forma crítica e criativa. As instituições educacionais devem contribuir para aquisição dessas habilidades capacitando seus alunos para que possam aprender ao longo de suas vidas com autonomia.

Ao questionarmos em quais momentos precisamos realizar uma pesquisa encontramos respaldo em Gil (2006, p.17), quando ao definir pesquisa como “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”, afirma que a pesquisa é requerida “quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, [...]”.

Procurando razões para pesquisar, podemos dizer que pesquisamos para esclarecer uma dúvida/questão, satisfazer uma curiosidade, buscar conhecimento, realizar um trabalho, publicar um artigo/capítulo, um projeto de pesquisa, solucionar um problema ou buscar atualização por meio da procura e coleta de informações.

Essas informações podem ser orais, escritas, representadas por imagens, símbolos ou mesmo vivenciadas. Estas mesmas informações, depois de apropriadas podem se transformar em um novo conhecimento.

Constantemente sentimos necessidade de informação e conhecimento. Ao discorrer sobre isso Choo (2003, p.84), afirma que

a *busca* da informação [...] é o processo pelo qual o indivíduo procura informações de modo a mudar seu estado de conhecimento. Durante a busca de informação, manifestam-se alguns comportamentos típicos, entre os quais identificar e selecionar as fontes; articular uma pergunta ou um tópico; extrair a informação; e estender, modificar ou repetir a busca. O *uso* da informação é a seleção de mensagens relevantes no espaço mais amplo da informação, de modo que isso gere uma mudança no estado de conhecimento do indivíduo ou em sua capacidade de agir. (grifo nosso)

Portanto, a informação e o conhecimento nos acompanham em todos os momentos e lugares. A pesquisa não está apenas no meio acadêmico, mas no cotidiano da vida pessoal e também em diferentes setores e campos de atuação profissional.

Independente de conhecimento relativo ao senso comum ou de caráter científico, existem variações quanto ao tipo de pesquisador, pesquisa, objetivo e método de pesquisa. Por essa razão as pesquisas são classificadas em diversos tipos levando-se

em consideração os *objetivos* do pesquisador, bem como o *material*, o *método* e o *procedimento de análise* empregado na realização da pesquisa.

A obtenção de informações em uma pesquisa depende de muitas e diversas fontes formais (acervo de bibliotecas, bancos de dados, etc.) e fontes informais (contatos pessoais com colegas, profissionais, entre outros).

Podemos nos considerar eternos pesquisadores, na família, no estudo e no trabalho, entre outros.

É importante e necessário orientar o indivíduo para a pesquisa, pois ninguém nasce sabendo realizar uma pesquisa, analisar e apresentar seus resultados.

Nossa opinião é que a pesquisa deve principiar de forma correta e profunda desde os primeiros estágios de ensino. Neves (2007, p.4), relata que, em função da idéia equivocada que os acadêmicos têm da pesquisa, considerando o modelo adotado na escolarização básica, ou seja, a pura reprodução das fontes, muitas são as dificuldades de aprendizagem desses acadêmicos.

Para que os acadêmicos cheguem à Universidade sem apresentar tanta dificuldade de aprendizagem e que, ao contrário, sejam competentes para realização da pesquisa acadêmico/científica é evidente a importância do conhecimento e da prática da pesquisa já no ensino infantil, fundamental e médio. A este tipo de pesquisa chamamos de “Pesquisa escolar”.

A pesquisa escolar é base para outros tipos de pesquisa como a pesquisa acadêmica e a pesquisa científica.

Procurando distinguir a pesquisa escolar da pesquisa científica nos apoderamos do pensamento de Demo (1993, p.97) ao afirmar que a pesquisa é vista

sob dupla face complementar, numa como *princípio científico*, noutra como *princípio educativo*. No espaço da educação básica prepondera a segunda face, porque não está em jogo produzir ciência propriamente, mas construir a metodologia do aprender a aprender. Pesquisa ressalta sua pretensão educativa, emergindo como estratégia de formação, âmago da pedagogia, dentro da didática. (grifo nosso)

Nesse sentido consideramos a pesquisa escolar sendo a pesquisa como princípio educativo. Ela deve favorecer a apropriação da informação ao aluno/indivíduo de forma que este possa posteriormente ser um pesquisador (princípio científico) que gere conhecimentos para a sociedade por meio de outras pesquisas, como as acadêmicas, profissionais e científicas.

Concordamos com Demo também no sentido de que na pesquisa como princípio educativo o contexto deve ser o do aprender a aprender como base para

autonomia emancipatória. Para ele (1993, p.98-99) não se espera que no princípio educativo o aluno possa, por exemplo,

construir os axiomas matemáticos, refazer a filologia da linguagem, recriar sozinho as leis físicas e a composição dos produtos químicos. Sobretudo na escola básica, a meta é reconstruir o conhecimento, em sentido participativo/construtivo. [...] Na escola, mesmo socializadora como todos os processos sociais, deveria preponderar a construção da consciência crítica e autocrítica, dentro da perspectiva da formação do sujeito. Educação reclama postura de sujeito. [...] Existe, neste processo, pesquisa. Não se produz ciência, como a entendemos academicamente, mas produz-se saber, entendido como consciência crítica.

Insistimos que a pesquisa escolar é base para outras pesquisas e por isso estaremos apresentando conceitos de pesquisa e discorrendo sobre a pesquisa na escola. Segundo Ferreira (1999) pesquisa é

1. Ato ou efeito de pesquisar. 2. Indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação, inquirição. 3. Investigação e estudo, minudentes e sistemáticos, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento: pesquisa química; pesquisa arqueológica.

Na busca da origem da palavra pesquisa, Silva (2002, p.364-365), lembra que pesquisa vem “do espanhol *pesquisa*, com raízes no antigo verbo castelhano *pesquerir*, dissimilação de *perquirir*, sempre com o sentido de investigar. Suas origens mais remotas estão no latim *perquirere*, procurar por toda a parte, buscar com cuidado, indagar [...]”.

Defendemos que a pesquisa escolar é um dos principais meios de aprendizagem na escola. Aliás, a aprendizagem é constante na vida como um todo. Sem ser citada explicitamente, a pesquisa é atividade solicitada também nas recomendações dos PCN (BRASIL, 1997, p.69), onde se propõe formar os alunos para:

[...] posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, [...] utilizar as diferentes linguagens [...] como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação; [...] saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos; [e] questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

Segundo tais recomendações nos aproximamos da pesquisa, pois, na construção do conhecimento por meio da pesquisa o estudante faz uso de diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos; questiona a realidade e formula

problemas tentando resolvê-los; e utiliza-se de diferentes linguagens para produzir, expressar e comunicar suas idéias, posicionando-se de maneira crítica.

A escola deve preocupar-se em levar o aluno a aprender a pesquisar, a aprender a aprender. No relatório elaborado para a UNESCO pela Comissão Internacional sobre Educação, Delors (1999) afirma que a educação, procurando responder a sua missão, deve organizar-se em torno de quatro *aprendizagens* básicas: “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a viver juntos” e “aprender a ser”.

Ao longo da vida estas aprendizagens representam os pilares do conhecimento para um indivíduo. Ao aprender a conhecer adquirem-se os instrumentos da compreensão; ao aprender a fazer age-se sobre o meio envolvente; ao aprender a viver juntos participa-se e coopera-se com os outros em todas as atividades humanas; e integrando-se esses três chegamos ao aprender a ser.

Tais aprendizagens também contemplam a pesquisa, visto que ela busca atender as necessidades das pessoas em relação a seu conhecimento. Analisando o parágrafo acima, também podemos dizer que devemos aprender a viver, aprender a ser cidadão, respeitando a nós mesmos e aos outros. A pesquisa, assim, está voltada para a construção do ser, para o aprender a ser, superando o mero apoio aos conteúdos programáticos.

Considerada como um meio indispensável na formação de indivíduos competentes e independentes na busca e uso de informações, bem como na aquisição de seu próprio conhecimento, a pesquisa escolar, na visão de Moro e Estabel (2005, p.1), tem dentre seus princípios básicos a função de

[...] auxiliar o aluno a estudar com independência, planejar, conviver e interagir em grupo, aceitar as opiniões dos outros, usar adequadamente a biblioteca, utilizar as fontes de consulta, desenvolver o pensamento crítico e o gosto pela leitura, adquirir autonomia no processo de conhecimento, aprender a trabalhar colaborativa e cooperativamente, entre outros.

Com o apoio de mediadores (professor e bibliotecário entre outros), nas ações de procura/ encontro/descoberta de informações, o aluno se familiariza com diversas fontes e recursos de informação, lê e analisa textos, avalia e sintetiza informações, desenvolve o senso crítico e constrói seu conhecimento.

A pesquisa é, portanto, um caminho para construção/reconstrução do conhecimento, uma estratégia que motiva e favorece a formação do aluno/cidadão. Para Demo ela é uma necessidade cotidiana que possibilita o questionamento reconstrutivo e sua realização abrange teoria e prática. Ele (2007, p.10), afirma que

[...] reconstruir conhecimento é atividade humana comum, ocorrendo desde que a criança começa a duvidar, perguntar, querer saber, se confrontar. [...] pesquisa é vista como estratégia pedagógica, para motivar o surgimento do saber pensar, da habilidade de questionar [...] pesquisa deveria ser o *ambiente da aprendizagem*. Poderia ser definida minimamente como “*questionamento reconstrutivo*”, colocando em jogo dois desafios: questionar (argumentar é, a rigor, questionar) e reconstruir (intervir de modo alternativo).

O pensamento do autor ressalta nosso ponto de vista com relação a quando uma pessoa deve ser iniciada na pesquisa, ou seja, desde a infância, para que a criança adquira desde cedo o espírito investigativo e desenvolva um perfil pesquisador.

Vimos que a pesquisa escolar é conhecida como aquela praticada nas escolas de ensino fundamental e médio. Como recurso de ensino/aprendizagem é um dos caminhos a se percorrer para a construção do conhecimento e formação do aluno.

Sendo assim, veremos como se deu a inserção da pesquisa na escola.

3.2.1 Pesquisa escolar e sua inserção na escola

A educação acontece nos momentos e lugares onde existem relações entre pessoas com intenção de ensinar e de aprender, de aprender e ensinar. Sabemos que a escola, apesar de ser ambiente favorável à prática da construção do conhecimento, não é o único local onde a educação acontece.

Também sabemos que não há um modelo único de educação, mas podemos nos adequar melhor a uma ou outra metodologia. Demo (1996, p.6) nos propõe que “a base da educação escolar é a pesquisa, não a aula, ou o ambiente de socialização, ou a ambiência física, ou o mero contato entre professor e aluno”.

Concordamos que a educação não se estabelece apenas por aulas onde se tenta “treinar os educandos, repassando conhecimento” como se o aluno fosse um *passivo* objeto receptivo, condenado a ouvir, tomar notas e decorar o que o professor diz para “ir bem” na prova.

É preciso haver questionamento e pesquisa. Vejamos então de que forma a pesquisa foi inserida na escola, se acontece realmente e como acontece.

Com o objetivo de apontar conceitos que historicamente fundaram as práticas denominadas *ativas* e que dão suporte para se entender a escolha da pesquisa escolar como procedimento didático, Teixeira (1991, p.43-44) relata o que resumidamente apresentamos a seguir.

Antigamente o objetivo do ensino era *transmitir* os conhecimentos obtidos pela ciência e já sistematizados e incorporados ao acervo cultural da humanidade. O ensino centrava-se no professor, que dominava os conteúdos estruturados e organizados. Ao aluno cabia o papel passivo de prestar atenção, como simples expectador.

Com o passar do tempo, na Escola Nova passou-se a considerar o ensino como um processo de pesquisa, de atividade, partindo do pressuposto de que os assuntos de que trata o ensino são problemas, dando assim lugar à investigação.

Os novos métodos passaram a centrar-se no aluno, com o desenvolvimento de procedimentos capazes de responder às suas dúvidas e indagações, levando-os à posse dos conhecimentos.

Era fundamental a atividade do aluno para se chegar a etapas mais elevadas do pensamento. Assim, na década de 60, sob a influência da escolanovista e piagetiana, observamos a difusão de métodos, procedimentos e técnicas consideradas ativas. Um desses procedimentos é a *pesquisa escolar*.

Com base no relato de Teixeira percebemos que a implantação da pesquisa na escola já nos anos 60 esteve relacionada com a evolução da maneira de se pensar o ensino. Sabemos, porém, que a iniciativa partia de escolas da rede particular de ensino e que só chegou efetivamente na rede pública no início da década de 70.

De acordo com Almeida Júnior (1997, 2006b), em função de mudanças na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), em 1971 a pesquisa foi estabelecida como obrigatória no ensino fundamental e médio (na ocasião 1.º e 2.º Graus de ensino), passando desde então a ser empregada em quase todas as escolas do país.

Embora houvesse mudança na maneira de se pensar e dizer o ensino, implantando a pesquisa, na prática, isso não aconteceu no mesmo instante da obrigatoriedade da pesquisa. Escolas, professores e alunos não estavam preparados para tal mudança, que aconteceria e ainda acontece gradativamente.

Almeida Júnior (2006b, p.98-101) relata alguns problemas enfrentados por professores, bibliotecários, alunos, escolas e biblioteca pública, dos quais apresentamos alguns a seguir.

Os professores foram pegos de surpresa e não estavam preparados para lidar com a exigência de pesquisa, já que em seu currículo de formação (Curso Normal) não constava uma disciplina que orientasse a pesquisa.

Os bibliotecários, assim como os professores, não se ajustaram às novas exigências. Os cursos de Biblioteconomia brasileiros ignoraram a questão da pesquisa e não a incluíram em sua estrutura curricular.

Os alunos, para os quais as atenções deveriam estar voltadas foram os mais prejudicados, pois sem uma relação entre biblioteca e escola, entre professores e bibliotecários passaram a realizar a pesquisa como mais uma tarefa “de casa”, ou seja, fora do horário de aula.

Nas escolas, praticamente não existiam bibliotecas e nas poucas que se implantaram o funcionário encarregado saiu do próprio quadro de professores. Vale lembrar que esses eram os já citados professores “readaptados”. O acervo, constituído por doações, não atendia as necessidades das disciplinas escolares.

As bibliotecas públicas se viram obrigadas a atender a demanda de pesquisa desse novo usuário (alunos do ensino fundamental e médio). Porém, como também não estavam preparadas para isso resolveram prestar esse atendimento provisoriamente, até que as bibliotecas escolares fossem criadas e passassem a se responsabilizar por tal atendimento. No entanto, esse “provisório” continua até hoje.

Percebemos que escola, professores, bibliotecários e biblioteca pública não estavam preparados para atender eficientemente à imposição de pesquisa escolar.

Sua aplicação na escola deveria auxiliar os professores no planejamento e distribuição de atividades que propiciassem aos alunos a fixação e aprimoramento do conteúdo dado em sala de aula, bem como o desenvolvimento da curiosidade, do espírito investigativo para a construção do conhecimento. A intenção era que fosse uma ação de aprendizagem e que caminhasse paralelamente ao trabalho em sala de aula.

Deveria também contar com a atuação de bibliotecários em uma biblioteca com espaço, acomodações e acervo condizentes às necessidades e interesses da comunidade escolar. Mas como isso poderia acontecer, se os próprios educadores não conheciam a pesquisa, e mesmo que conhecessem não dispunham de uma estrutura favorável para isso? O que esperar da atuação dos professores readaptados? Se não poderiam estar em sala de aula, como poderiam exercer funções na biblioteca, já que os principais usuários desse espaço são os mesmos da sala de aula? Como solicitar/conseguir verbas e saber qual deveria ser o acervo, se não havia profissional capacitado na biblioteca e nem professores conscientes da importância da pesquisa e dos recursos necessários para sua realização?

Na verdade, com a imposição da pesquisa na escola sem uma estrutura adequada, sem a devida preparação dos professores e a contratação de profissionais especializados, não poderia se esperar e nem proporcionar a ocorrência de uma pesquisa escolar satisfatória.

Consequentemente esse intento fracassou, pois sem serem orientados, sem conhecerem os reais objetivos e metas que se pretendia alcançar com a pesquisa, os alunos, segundo Almeida Júnior (1997, p.29) a entenderam como “mais uma tarefa, sem significado, a que eles deveriam se submeter”.

Como realizar de forma prazerosa e com eficiência uma atividade que, além de não saber como deve ser feita, não lhe faz sentido?

Dessa forma a pesquisa escolar, na maioria das vezes permanece no “deveria, poderia, seria, ...”, sem que seja realmente, sem que se realize verdadeira e eficazmente.

Almeida Júnior (1997, p.32-33) alerta que a pesquisa normalmente é realizada sem orientação, metodologia ou critérios que possam desenvolver o potencial dos alunos. Acrescenta elementos que se fazem presentes na tragédia da pesquisa no Brasil, como por exemplo, professores despreparados, acervos inadequados e bibliotecários acomodados, além do fato das bibliotecas públicas não assumirem sua condição efetiva de biblioteca escolar.

Em função de tantos desacertos que prejudicam o alcance dos objetivos da pesquisa na escola, o mesmo autor, na mesma obra (p.33) questiona: “Como ocorre de fato a pesquisa? Qual é o procedimento do aluno na biblioteca, procurando por um assunto indicado pelo professor?”

Tentando responder a essas questões apresentamos a seguir um relato pessoal da pesquisadora do presente trabalho.

3.2.2 Pesquisa escolar : relato de experiência e considerações

A autora da presente pesquisa atuou como bibliotecária em uma instituição particular de ensino por um período de 17 anos (1987-2004).

No primeiro ano que a pesquisadora começou suas atividades na biblioteca da escola a pesquisa parecia ter virado moda, porque os professores achavam que deviam pedi-la/exigi-la, os alunos a entregavam/apresentavam, mas nem sempre a

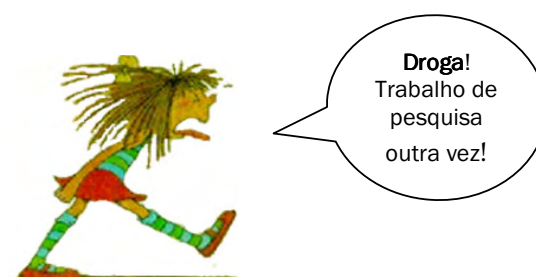
realizavam corretamente, se é que sempre, efetivamente, eles a realizavam, pois muitas vezes eram os pais e/ou irmãos. O quadro a seguir demonstra algumas posturas frente à pesquisa na escola:

Como eram as pesquisas no primeiro ano de atividade da bibliotecária	
Alunos	<p><u><i>Chegavam à biblioteca:</i></u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Sem saber direito <i>que informação</i> queriam; ✓ Sem saber o <i>porquê</i> da realização da pesquisa; ✓ Sem saber <i>onde</i> e <i>como</i> procurar a informação; ✓ Pedindo o material que, segundo eles, o professor já solicitara à biblioteca e, conseqüentemente, já estava separado; ✓ Reclamando e/ou revoltados por terem que fazer a pesquisa; ✓ Desmotivados para a realização da pesquisa. <p><u><i>Durante a “ pesquisa”, com fontes de consulta em mãos:</i></u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Só consultavam os materiais fornecidos pela bibliotecária; ✓ Dificilmente optavam por livros com conteúdo extenso/denso. Preferiam tópicos de enciclopédias ou do Almanaque Abril; ✓ Não liam o conteúdo para depois fazerem um resumo; ✓ Apenas copiavam da primeira à última linha do tópico. Quando se tratava de textos longos, pulavam um ou outro parágrafo; ✓ Passavam boa parte do tempo fazendo capas bonitas e inserindo desenhos/figuras no trabalho escrito; ✓ Com a chegada da máquina fotocopadora limitavam-se a solicitar fotocópias e levar para casa.
Parentes de alunos	<p><u><i>Justificativas apresentadas para realizarem a pesquisa:</i></u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Falta de tempo do filho/irmão, que está na aula de natação, no balé ou outro compromisso; ✓ Timidez do filho/irmão em expressar o que precisa; ✓ Falha do professor no detalhamento ou no prazo da pesquisa; ✓ Ajuda ao filho/irmão para que o mesmo melhore em outra disciplina; ✓ “Só estou buscando as informações, para levar a meu filho/irmão que está em casa, mas ele fará o trabalho”.
Bibliotecária	<p><u><i>Sentia-se insatisfeita quando verificava:</i></u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ A falta de orientação, conhecimento, independência e motivação do aluno na busca da informação e na realização da pesquisa; ✓ Que quem fazia a pesquisa, muitas vezes, eram os parentes do aluno; ✓ Que não passava ao aluno a informação que ele precisava naquele momento; ✓ Que a pesquisa não atingia seu objetivo.
Professores	<p><u><i>Ao solicitar um trabalho de pesquisa, nem sempre:</i></u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Iam à biblioteca da escola verificar o que havia sobre o assunto; ✓ Esclareciam aos alunos o tema e o objetivo a ser atingido com a pesquisa; ✓ Indicavam uma bibliografia; ✓ Esclareciam como queriam que fosse a apresentação; ✓ Incentivavam o aluno a realizar a pesquisa. <p><u><i>Ao receber e avaliar os trabalhos, nem sempre:</i></u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Observavam se o trabalho: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Estava bem organizado, e se seguia uma seqüência lógica; ▪ Possuía mais fotocópia que redação própria do aluno;

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aparentemente era bom, mas fraco de conteúdo; ▪ Era um resumo ou uma cópia fiel do texto; ▪ Era maior em quantidade do que em qualidade. <p>✓ Conversavam com o aluno sobre o trabalho apresentado;</p> <p>✓ Incentivavam o aluno a se aprofundar no assunto.</p>
--	---

Quadro 5: Como eram as pesquisas no primeiro ano de atividade da bibliotecária.
Fonte: própria autora.

Com base no relato acima se pode imaginar que a expressão dos alunos ao chegarem à biblioteca era semelhante à figura apresentada a seguir, à qual acrescentamos um dos comentários mais pronunciados pelas crianças.



Fonte da figura 1: Muniz (1998)

Com tantas evidências e problemas a bibliotecária chegou à conclusão de que algo estava errado:

O quê? A pesquisa não atingia seu objetivo. Os alunos não ampliavam seu conhecimento.

Por quê? Aos alunos faltava orientação e motivação. Aos professores e bibliotecária faltava comunicação e integração.

Junto a estes surgiram outros questionamentos, como: *De quem era a “culpa”? O que fazer para mudar isso? Por onde começar?*

Nesse impasse a bibliotecária, ao encontrar determinados professores, cumprimentava-os com um *olá, bom dia* ou *boa tarde*, mas por dentro pensava: *Que professor irresponsável é esse que passa um trabalho de pesquisa para seus alunos e nem vai à biblioteca ver o que há sobre o assunto, ou nem mesmo me avisa sobre o trabalho!*

Mas ao mesmo tempo pensava: *Não posso criticá-lo. Como vou saber se ele realmente sabe o que é uma pesquisa escolar?*

Por outro lado, os mesmos professores, ao me encontrarem poderiam me cumprimentar educadamente, mas por dentro também poderiam pensar: *Mas que*

bibliotecária ineficiente essa que o Colégio contratou; solicito trabalho de pesquisa para meus alunos e ela demora em encontrar ou não encontra a informação.

Em meio a esses questionamentos e reflexões, a bibliotecária tomou a iniciativa de procurar os professores e relatar o que presenciava com relação ao comportamento dos alunos em atividades de pesquisa na biblioteca, bem como explicar como a pesquisa realmente poderia e deveria ser feita.

A partir daí, por meio de reuniões, bibliotecária e professores interessados no assunto planejaram e integraram atividades/esforços para que a pesquisa escolar, mesmo que a longo prazo, atingisse seu objetivo e passasse a fazer parte do cotidiano escolar de forma prazerosa e eficiente.

Foram várias as tentativas. Logo de início os professores aceitaram ir até a biblioteca conhecer o acervo de sua área, fazer uma seleção tanto para desbaste quanto descarte e sugerir novas aquisições. Também passaram a informar a bibliotecária sobre a pesquisa antes de solicitarem o trabalho aos alunos.

A bibliotecária fez alguns cartazes orientando os usuários a consultarem o catálogo de fichas, localizarem o acervo nas estantes e balcões, bem como localizarem a informação nos livros, enciclopédias, revistas e jornais.

Paralelamente deixava o material da pesquisa da semana separado em balcões destinados especificamente para as pesquisas solicitadas. Organizou pastas com fotocópias/separatas de materiais que não pertenciam à biblioteca.

Os alunos, por sua vez, quando chegavam à biblioteca podiam imediatamente ter em mãos o que precisavam. Porém, poucos eram os que liam os cartazes e tentavam encontrar a informação por conta própria e/ou junto com a bibliotecária. Recebendo tudo “de mão beijada”, continuavam a realizar mera cópia ou fotocópia. Apenas reduziam o tempo em que permaneciam na biblioteca.

Dessa maneira, a pesquisa continuava a não acontecer verdadeiramente.

Então a próxima iniciativa foi, com a colaboração da direção da escola e dos professores, organizar visitas orientadas à biblioteca. Nessas visitas os alunos (da 3.ª série do Ensino Fundamental em diante) recebiam da bibliotecária informações sobre toda a biblioteca, seu acervo, como localizar a informação, enfim, orientações que podiam torná-los independentes na busca e localização de informações.

A orientação da bibliotecária era acompanhada de prática por parte dos alunos. A seguir os professores passavam um tema para pesquisa e os alunos

procuravam, sozinhos, as informações. Quando não conseguiam encontrar solicitavam a ajuda da bibliotecária que prontamente os ajudava.

Com o tempo, quando todos os alunos receberam as orientações, a bibliotecária elaborou apostilas com todas as orientações e exemplos. A cada início de ano os alunos da 3.^a série do ensino fundamental, bem como os novos das séries posteriores recebiam na biblioteca as apostilas e devidas orientações.

Os alunos foram se familiarizando com fontes e recursos de informação. Localizavam e liam, confrontavam e trocavam idéias. Conheciam as fontes de informação também de acordo com algumas recomendações e normas. Houve uma turma (sala de aula) que se movimentou no sentido de escrever para algumas editoras discutindo sobre o uso errôneo do termo índice no lugar de sumário, da importância de se esclarecer termos como nova *edição* ou *reimpressão* em função da atualidade e confiabilidade das informações, e por aí afora.

Gradativamente outras informações passaram a ser dadas, como referenciar o material consultado de acordo com as normas da ABNT, formas de apresentação do trabalho (escrito, seminário, mesa redonda, etc.).

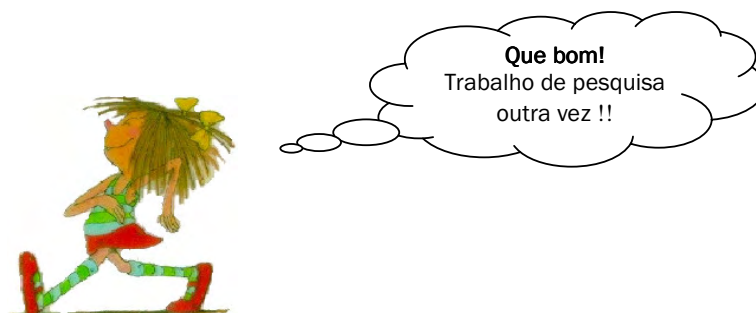
A noção de pesquisa já entrava na sala de aula dos alunos da Educação Infantil. Como já havíamos percebido que a pesquisa precisava fazer sentido para o aluno, as professoras, em comum acordo com a bibliotecária esperavam o momento certo para aguçar nos pequeninos a curiosidade e a vontade de aprender, iniciando a busca de informações na biblioteca da escola.

Com relação a isso vale a pena lembrar um dia em que entrou uma abelha em uma das salas de aula da Educação Infantil. Alguns alunos, temerosos, começaram a gritar e a correrem na sala. A professora, após controlar a situação e a abelha já tendo saído fugida da sala, aproveitou o momento para conversar sobre “abelhas” com seus alunos. Um deles disse que seu pai havia lhe dito que as abelhas não atacam e sim, apenas se defendem. Outro contradisse tal informação contando que sua irmã havia sido picada e doeu muito.

Após vários comentários dos alunos a professora perguntou onde eles poderiam encontrar mais informações, que fossem verdadeiras sobre o que é uma abelha, o que faz, de que se alimenta, etc. etc. etc. Entre várias respostas, surgiram as palavras, livros, revistas e conseqüentemente se interessaram em ir à biblioteca da escola. Então a professora combinou com eles e com a bibliotecária que na tarde seguinte iriam à biblioteca fazer uma “pesquisa” sobre abelhas.

A pesquisa foi realizada de maneira interessante e divertida, cheia de perguntas, olhinhos arregalados, surpresas, risadas e descobertas. E assim a pesquisa ia extrapolando a sala de aula, avançando para a biblioteca, pátio, ruas do bairro e assim por diante.

A expressão dos alunos ao chegarem à biblioteca para a realização de pesquisas mudou, conforme pode se verificar na figura apresentada a seguir, à qual acrescentamos um dos comentários dos alunos:



Fonte da figura 2: Muniz (1998)

A pesquisa parecia dar certo, os bons resultados foram aparecendo e a pesquisa começou a alcançar seu objetivo. Várias propostas foram elaboradas pela bibliotecária e por alguns professores, das quais listamos algumas a seguir:

- ✓ Estabelecer parceria entre bibliotecário e professor;
- ✓ Elaborar projetos de pesquisa envolvendo diferentes áreas/disciplinas;
- ✓ Instigar no aluno a curiosidade, a necessidade e a vontade de pesquisar;
- ✓ Capacitá-lo para a busca e seleção de informação em diferentes fontes/recursos;
- ✓ Desafiá-lo a pensar, encontrar respostas e construir seu texto;
- ✓ Orientá-lo para trabalhos em grupo;
- ✓ Sempre esclarecer: *tema/assunto, motivo, dimensão, onde o assunto pode ser encontrado, prazo de entrega, forma de apresentação e critérios de avaliação do trabalho;*
- ✓ Explicar que mais importante que a quantidade é a qualidade do trabalho;
- ✓ Observar o comportamento dos alunos nas diferentes etapas da pesquisa, orientando-o e auxiliando-o;
- ✓ Na avaliação dos trabalhos, analisá-los criteriosamente;
- ✓ Dar um retorno aos alunos, incentivando a continuidade de pesquisas;
- ✓ Proporcionar a *construção* do conhecimento por meio da pesquisa;
- ✓ Programar reuniões com os pais de alunos (na biblioteca), colocando-os a par da metodologia de pesquisa e avaliação dos trabalhos;

- ✓ Cuidar para que haja um contínuo acompanhamento e avaliação dos projetos voltados à pesquisa, visando possíveis e necessárias alterações;
- ✓ Ter em mente que novos alunos, professores, desafios e oportunidades sempre chegam, fazendo com que se reinicie o processo.

Pormenorizando alguns objetivos com relação à pesquisa lembramos que é imprescindível levar o aluno a:

- ✓ Conhecer o acervo (livros, enciclopédias, atlas, revistas, jornais, audiovisuais e fontes eletrônicas, entre outros) e sua organização, sabendo localizá-lo;
- ✓ Encontrar e selecionar fontes e informações;
- ✓ Sabendo que a informação é a base para tomada de decisões e/ou soluções, verificar se ela é relevante para o tema, se não é defasada ou tendenciosa a fins particulares específicos, entre outros;
- ✓ Ler, olhar/assistir, ouvir com atenção, questionar e fazer anotações;
- ✓ Saber trabalhar em equipe;
- ✓ Resumir e produzir seu próprio texto, debate ou apresentação oral;
- ✓ Fazer citação e referenciar o material consultado;
- ✓ Seguir uma metodologia apropriada;
- ✓ Estar apto e seguro a realizar uma pesquisa e construir seu conhecimento.

Nas reuniões iniciais com os pais dos alunos a bibliotecária costumava citar a seguinte frase de Bill (1988, p.38): “Durante toda nossa vida, quer seja de estudante ou profissional, utilizaremos o ato da pesquisa, pois só poderemos ser bons alunos ou bons profissionais, se estivermos profundamente informados sobre os acontecimentos que nos cercam”.

E propunha como um dos motivos da reunião o fato de que a partir do momento que somos independentes na busca da informação, que somos orientados e motivados para isso, a pesquisa escolar passa a ser uma atividade prazerosa.

Aliás, não só prazerosa, mas como mencionamos anteriormente, a pesquisa escolar, quando praticada e desenvolvida corretamente, com critérios metodológicos, de análise e avaliação, pode preparar os estudantes para futuras pesquisas acadêmicas, profissionais, científicas, tecnológicas, etc.

Neste relato é preciso esclarecer que nem tudo foi sucesso e correto. Houve inclusive um caso de uma aluna que se esmerou em ler diversas fontes e produzir seu próprio texto para entregar um trabalho de “sua autoria” para o professor. Ficou decepcionada ao ver que sua colega (que copiou um texto integralmente) recebeu uma

nota melhor que a sua. O caso foi levado adiante, o professor voltou atrás e as devidas providências foram tomadas para que esse erro não acontecesse novamente.

Embora a direção da escola tenha apoiado a iniciativa, as atividades mencionadas no relato não envolveram 100% dos professores. Da mesma forma, nem todos os alunos apresentaram completo aproveitamento de tais iniciativas.

Como mencionamos, novos desafios e oportunidades surgem a cada momento, levando à reflexão e novas propostas e ações.

Um desses desafios/oportunidades foi a chegada de computadores e internet à escola (laboratórios, biblioteca e outros setores).

Criou-se o laboratório de informática com computadores para uma sala de aula, equipou-se a biblioteca com três computadores para os funcionários e treze computadores para os alunos, todos com acesso à internet. Isso trouxe mudanças para as aulas, projetos e pesquisa. Novas oportunidades/facilidades.

Um dos exemplos diz respeito a alguns trabalhos de pesquisa na biblioteca. Alguns professores que conheciam o acervo de sua área na biblioteca agendavam um horário e dividiam a turma de alunos em equipes, sendo que em cada equipe havia diferentes funções para os alunos. Em uma equipe de quatro alunos havia a seguinte divisão de responsabilidade: um aluno procurava informações em livros, um segundo em periódicos, um terceiro na internet e um quarto controlava as informações encontradas pelos colegas, verificando o que faltava para o trabalho.

Esses professores sempre trabalhavam com pesquisa e, a cada tema, havia uma troca de responsabilidade dos alunos, ou seja, com o passar do tempo todos pesquisavam em diferentes tipos de fontes.

Assim não faltava material para as equipes e os alunos realmente praticavam a busca, seleção, interpretação de informações e a produção de texto para a apresentação do trabalho escrito ou seminário, entre outras formas de apresentação.

Outro exemplo é que havia no site/portal da escola um espaço específico da biblioteca onde eram divulgadas as últimas aquisições, fotos, comentários e relatos de exposições e demais projetos realizados na e com a participação da biblioteca. Também estavam disponibilizadas as orientações e apostilas sobre pesquisa.

Mas também novos problemas/desafios surgiram como o fato de que os alunos que ainda efetuavam a chamada “copisa escolar”, copiando ou fotocopiando textos, passaram a se utilizar das teclas “control c” e “control v”, mesclando diversos

textos e apresentando um volumoso “trabalho de pesquisa” ao professor, que se desatento dava a nota tão esperada pelo aluno.

Outro fator é que os alunos que realizavam criteriosamente a pesquisa se depararam com uma grande quantidade de informações, ficando sem saber como realizar uma boa seleção levando em consideração critérios de relevância e confiabilidade, entre outros.

Tudo isso gerou novos questionamentos e dúvidas: O que fazer? Dar continuidade aos projetos de pesquisa com alguns acréscimos? Recomeçar com os novos meios/recursos?

À bibliotecária ficaram algumas questões que norteiam a presente pesquisa: O bibliotecário sabe que é um mediador? Como tem sido esta mediação? O bibliotecário está acompanhando as mudanças tecnológicas e inserindo-as em seu fazer cotidiano? Será que a virtualização da informação facilita a orientação no uso das fontes e recursos de pesquisa? Como passar a uma fase de novos meios/recursos de informação face a questão ainda mal resolvida da pesquisa escolar em fontes impressas? Qual a mediação da informação na pesquisa escolar virtual?

Uma coisa é certa: no Brasil, a pesquisa foi inserida nas escolas, mas como já mencionado, há uma grande disparidade cultural e social, diferentes escolas e bibliotecas, salas/armários que levam o nome de biblioteca, funcionários outros que levam o nome de bibliotecário e com certeza realidades de “pesquisa escolar” que atualmente são semelhantes à citada no início de nosso relato.

A escola deve incentivar os alunos a investigar, a pensar, a serem independentes na construção de seu conhecimento. Todavia parece que a escola não está preocupada em ensinar a pesquisar, pois muitos alunos saem do ensino médio e vão para a universidade sem saber desenvolver uma pesquisa.

Em suma, percebemos que a situação de hoje não é muito diferente de quando a pesquisa escolar passou a ser obrigatória, pois continua não acontecendo a devida orientação e conhecimento sobre pesquisa por parte do professor; quase inexitem bibliotecários nas bibliotecas e conseqüentemente os alunos continuam não sabendo o que é uma pesquisa e não são formados para fazerem uso das fontes de informação nos seus diversos suportes impressos e/ou eletrônicos.

É por isso que comumente vemos ou ouvimos falar de alunos/pesquisadores recorrendo a livros, periódicos, internet e outros recursos para a realização de pesquisas, porém, sem critérios, apropriação da informação,

desenvolvimento de senso crítico e construção do próprio texto por meio do confronto de muitas e diferentes informações que efetivem a pesquisa e a aprendizagem.

Há alguns anos, o que normalmente acontecia era ver alunos/pesquisadores copiando trechos soltos ou textos integrais de jornais, revistas, livros e enciclopédias. Por vezes, fotocopiando páginas e figuras sem lê-las e interpretá-las devidamente. O objetivo era, ao invés de realizar a pesquisa, apropriar-se da informação e construir seu texto; entregar um trabalho que na verdade não era totalmente de sua autoria, apenas para receber avaliação.

Hoje, além disso, com o avanço da tecnologia percebemos outros fatores agravantes, que podemos exemplificar com a internet. Muitos pesquisadores copiam e colam eletronicamente textos e imagens de diferentes sites e depois apresentam ao professor “sua pesquisa e produção de texto”.

A falta de recursos, de envolvimento e interesse em realizar a pesquisa afetam a prática e desenvolvimento da leitura, troca de idéias, postura favorável ou negativa às informações registradas, assimilação, geração e disseminação de informação e conhecimento, enfim o alcance dos objetivos de uma pesquisa.

Faqueti e Blattmann (2003, p.51) afirmam que a realização de uma pesquisa depende “do sujeito envolvido com o tema, suas intenções e interações, [...] e não simplesmente o fazer a pesquisa por mera obrigação, mas como momento uno, revertido em inspiração, criação e construção [...]”. Entretanto, como esperar que isso aconteça, se os alunos nem sempre entendem o que é uma pesquisa, o que o professor pretende com ela, não são orientados e incentivados para realizá-la e conseqüentemente não imaginam que ela pode proporcionar-lhes a aprendizagem?

Além disso, como esperar que, dessa maneira, o aluno possa questionar, elaborar, argumentar com coerência e consistência, construindo seu conhecimento e deixando de lado a prática da cópia, a imitação?

O conhecimento do aluno ainda é baseado no que o professor tenta repassar em sala de aula (repetição e memorização), o que não é suficiente para a formação do educando no sentido de questionar, buscar, refletir, analisar, enfim, aprender a aprender.

Isso é gerado por uma série de fatores que interferem diretamente na pesquisa escolar, alterando e/ou pulando etapas necessárias à sua realização e prejudicando ou impossibilitando o alcance de seus objetivos.

Alguns desses fatores referem-se à demora na estimulação ao espírito investigativo; falta de orientação, formação e motivação do aluno para realizar a pesquisa; professores despreparados para solicitar, orientar e receber trabalhos de pesquisa; indefinição da responsabilidade/identificação de “quem” deve ensinar a pesquisar; avaliação errônea da pesquisa como a comparação qualidade/quantidade e bonito/sem graça; bem como a má utilização de fontes e recursos de informação.

Por outro lado, se nem os educadores sabem qual o momento certo de se aprender a pesquisar e inserir a pesquisa em seu dia-a-dia educacional, como esperar ou exigir que o aluno realize eficientemente uma pesquisa se ele não foi orientado, capacitado ou motivado para isso? E quais são as pessoas que devem ser envolvidas nessa tarefa?

O senso comum indica que essa atribuição é apenas dos professores, mas ela também cabe aos familiares e aos bibliotecários, entre outros.

3.2.3 Pesquisa escolar e familiares de alunos

Dizemos que a educação é um dever do Estado. E realmente é. Também dizemos que a escola, como instituição de ensino, é responsável pela formação dos educandos.

Mas isso também é uma responsabilidade da sociedade, da família, pois concordamos com Brandão (1982, p.13), quando afirma que a educação “existe onde não há a escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra [...]”

Realmente, a educação não está presa às paredes da escola, ela acontece tanto de forma institucionalizada (formal), quanto no cotidiano da vida das pessoas, de maneira informal.

A família participa ativamente da educação, da formação das pessoas e geralmente exerce influência sobre o comportamento do estudante em muitos aspectos.

No que diz respeito à aprendizagem e ao conhecimento, algum traço, algum perfil a família deixa transparecer; pois cada família tem sua maneira de se aproximar ou de se afastar do saber. Sua modalidade de aprendizagem pode passar de pai para filho, configurando o padrão das novas gerações com relação ao conhecimento.

A família, por meio de exemplos, colabora substancialmente para que o aluno/pesquisador caminhe por si só e sempre. Ou também pode ser o contrário, pode influenciar no sentido de torná-lo um estudante dependente de ajuda ao invés de pesquisador independente e competente.

No caso da pesquisa escolar, é comum ver bibliotecas escolares e/ou públicas serem freqüentadas por parentes (pais, irmãos, avós ou tios) de alunos realizando pelos alunos/pesquisadores o trabalho da escola.

Como já mencionamos, a experiência como bibliotecária durante 17 anos em uma biblioteca escolar, permitiu à pesquisadora reunir justificativas apresentadas por familiares, que iam à biblioteca realizar a pesquisa pelo estudante.

Várias eram as justificativas apresentadas, mas essas eram as mais freqüentes: Alegavam como justificativa a falta de tempo (compromisso com esporte ou outra disciplina) ou timidez do estudante para ir à biblioteca realizar a pesquisa. Havia quem dissesse que estava apenas indo buscar as informações, mas deixava claro que quem faria o trabalho seria a criança. Outros reclamavam do(a) professor(a) quanto a falha no detalhamento da pesquisa.

Era interessante notar que muitas vezes, antes que a bibliotecária questionasse a ausência do aluno, os familiares se antecipavam a dar a justificativa.

No intento de buscar outra alternativa para tais posturas, começamos por comentar algumas justificativas apresentadas.

a) *Falta de tempo do estudante devido a diferentes compromissos como esporte ou outra disciplina.* Neste caso, será que o aluno não teria realmente horário livre para realizar a pesquisa? A família poderia, ao contrário de realizar a pesquisa, reavaliar os compromissos do aluno, procurando destinar mais tempo para o estudo, de forma que ele possa dispor de tempo suficiente para realizar ele mesmo a pesquisa.

b) *Timidez do estudante em ir à biblioteca e expressar o que precisa.* Nesta circunstância a família deve tentar, aos poucos, levar o aluno a enfrentar tais situações, para que, gradativamente perca a timidez e se familiarize com a biblioteca/bibliotecário, fontes e recursos de informação para pesquisa.

c) *Busca de informação para o aluno que está em casa e posteriormente fará ele mesmo a pesquisa.* Neste caso a família precisaria compreender que desta forma o aluno não está aprendendo/praticando a busca e seleção de informações nas fontes/recursos da biblioteca. Poderia incentivar ou facilitar ao aluno a freqüência à biblioteca para fazer a pesquisa por completo.

d) *Falha do professor no detalhamento ou no prazo da pesquisa.* Esta situação merece maior comentário e análise. Em primeiro lugar os familiares devem estar atentos quanto às anotações do caderno do estudante, verificando se realmente o professor não deu as “coordenadas” corretamente. Caso isso seja verdadeiro, devem entrar em contato com o professor, solicitando a ele que oriente melhor os alunos com relação à pesquisa a ser realizada.

Mesmo que essas justificativas sejam reais, quase sempre tal postura acaba por prejudicar a realização da pesquisa determinada aos alunos pelo professor. E provoca alguns questionamentos:

- O que os familiares do aluno realmente pensam da pesquisa ao se comportarem assim?

- Até que ponto a atitude de parentes do aluno que realizam a pesquisa por ele não reforça o descrédito quanto à importância dessa atividade?

- Não estarão eles sendo coniventes com o filho/irmão/sobrinho/neto, de que o professor não explicou direito, não irá corrigir o trabalho e de que a pesquisa não é uma atividade necessária?

- O que fazer para levá-los a entender que quem deve realizar a pesquisa é o estudante?

- O que fazer para que a família valorize a pesquisa e colabore para que ela se torne uma “prazerosa descoberta” e uma aprendizagem contínua?

Por outro lado, precisamos nos colocar no lugar desses parentes e procurar ver a questão por outro ponto de vista.

Sabemos que a pesquisa escolar que é determinada aos alunos pelo professor, deve ser acompanhada pelos familiares. Dificilmente os familiares, ao verem que a criança está atrapalhada ou com dificuldade para realizar uma pesquisa, deixam de ajudá-la. Acabam sendo co-autores do trabalho. Porém, acompanhar e/ou orientar o estudante é diferente de fazer por ele.

Muitos familiares, receosos de que o estudante não seja capaz de realizar sozinho a pesquisa e receba uma avaliação negativa do professor, acabam por fazer eles mesmos o trabalho. Neste caso, já não são co-autores, mas autores do trabalho do estudante. E o estudante, por sua vez, pode até ter o trabalho bem avaliado pelo professor, mas será que assimilou o conteúdo pesquisado e apresentado?

Há casos em que o estudante, desmotivado para a pesquisa tende a não realizá-la. E mais uma vez, os parentes tomam para si tal responsabilidade. Isso acomoda a criança ou acostuma-a a deixar que outros façam “sua pesquisa”.

Com certeza os familiares agem assim por se preocuparem com o desenvolvimento da criança, com sua formação e inclusão num mercado de trabalho futuro e na sociedade como um todo. Isso porém prorroga a independência e a capacidade da criança em realizar tal atividade, tão importante para a aprendizagem.

Pais, avós, tios e irmão de alunos precisam se conscientizar de que devem sim acompanhar, se possível, passo a passo os trabalhos escolares de seu filho/neto/sobrinho/irmão, orientando, auxiliando e dando-lhe condições para desenvolver seu trabalho com eficiência; mas não realizar a tarefa por ele.

Vale lembrar que acompanhar os trabalhos envolve também ir à escola e expor o que está presenciando com relação ao modo como a pesquisa está sendo solicitada, realizada, apresentada e avaliada. Marcos Bagno escreveu um livro intitulado: *Pesquisa na escola: o que é, como se faz*. A origem do livro se deveu a seu misto de cansaço e indignação em ver seus filhos chegarem em casa com trabalho de pesquisa para realizar individualmente ou em equipe, mas apenas com informações a respeito do título do trabalho e da data de entrega, nada mais.

Bagno (1998) discorreu sobre a pesquisa escolar e sobre a responsabilidade da escola em não apenas transmitir conteúdo, mas ensinar o aluno a aprender; preocupar-se com o ensinar o aluno a pesquisar, mostrar-lhe caminhos que o levem a conhecer e utilizar de forma independente e eficaz fontes de informação e conhecimento, que lhe proporcionem um olhar crítico sobre o mundo que o cerca.

O ideal é que os pais não precisem fazer isso para que seus filhos aprendam a pesquisar e usufruam dos benefícios proporcionados pela pesquisa; bem como para alertar os educadores de sua importante e necessária missão.

Como vimos a família influencia o estudante em seu comportamento. Tanto pode iniciá-lo desde cedo na pesquisa, colaborando para que ele se torne um pesquisador para toda a vida, como pode retardar esse processo, ou pior, não permitir que isso aconteça. Assim como a família, o professor também tem bastante responsabilidade com relação à formação de seus alunos, como veremos a seguir.

3.2.4 Pesquisa escolar e os professores

Assim como a família, cabe também à escola e seus educadores proporcionarem oportunidades para que a criança exercite o pensamento com

capacidade de reflexão e de discernimento, tornando-se assim, cidadão atuante no mundo, explorando-o, transformando-o e nele vivendo dignamente.

Uma das intenções da lei que, a partir de 1971, obrigou as instituições educacionais a instituir a pesquisa no âmbito do ensino, era solucionar uma situação posta naquele momento em que os professores não tinham tempo para transmitir o que sabiam ou tudo o que seus alunos necessitavam.

A responsabilidade do professor não é apenas tornar o aluno conhecedor de sua disciplina. Ele precisa pensar que o aluno tem um mundo a seu redor e uma vida pela frente, para a qual deverá adquirir conhecimentos e habilidades diversas e integradas, visando sua formação de cidadão que saiba buscar seus direitos e cumprir seu dever na sociedade.

A pesquisa é uma das atividades que apóiam tanto professores quanto alunos na descoberta, na apropriação da informação, conhecimento, experiência e vivência. Ela precisa, antes de ser solicitada aos alunos, ser ensinada pelo professor. Este, antes de ensiná-los a pesquisar deve ser ele mesmo um pesquisador; e se perguntar “para que”, “por que” e “como” ensinar a realização desse processo.

Com as respostas em mente, objetivando proporcionar aos alunos elementos/recursos eficazes para a sua aprendizagem e crescimento, deve criar estratégias adequadas para a abordagem do tema e para a interação dos alunos com a pesquisa tanto em sala de aula, quanto na biblioteca da escola ou outros ambientes que envolvam a pesquisa.

Para motivar os alunos, o professor deve lhes instigar a curiosidade e a vontade de aprender algo novo, de construir diferentes caminhos que os leve a novos conhecimentos e experiências a cada dia. Mostrar-lhes que por meio da pesquisa sua aprendizagem será melhor e maior, principalmente se gostarem de tal atividade e forem independentes em sua realização. Lioti (2005, p.20) afirma que o professor deve utilizar métodos que tenham

o objetivo de provocar o aluno, desafiá-lo a pensar. A pesquisa em torno de temas ou problemas é um meio eficaz de propiciar ao aluno a busca por informações de que precisa para conduzir suas atividades. Com a adoção da pesquisa, o aprendente não recebe respostas prontas, deve investigar e descobrir suas respostas, individualmente ou em grupo.

O professor deve, além de motivar os alunos a realizarem a pesquisa, mostrar-se também disposto e interessado no tema, procurando tornar o assunto

interessante aos alunos. E desafiá-los a pensar, a descobrir respostas e propor soluções para o problema apresentado, para o desafio levantado.

Precisa esclarecer os objetivos e fornecer condições para que os alunos saibam o que devem fazer e como devem fazer, ou seja, mencionar que há uma metodologia para isso e esclarecer-lhes o necessário para que possam realizá-la com entusiasmo e segurança. Segundo Moro e Estabel (2005, p.2)

Algumas condições iniciais que permitam aos alunos conhecer e exercitar os procedimentos da metodologia científica são recomendáveis para a realização da pesquisa escolar. É interessante que o professor, ao solicitar a pesquisa escolar, lembre aos alunos os procedimentos que podem servir de orientação para o início, o desenvolvimento e a conclusão do trabalho, tais como: *o que*, *de que* trata o trabalho, *para que* será realizado, *quanto* (dimensão), *quando* (prazo para entrega), *onde* o assunto pode ser encontrado e *como* forma da comunicação do trabalho. (grifo do autor)

O professor também precisa informar os critérios de avaliação do trabalho e explicar aos alunos que mais importante que quantidade é a qualidade das informações apresentadas no trabalho. E que melhor que apresentar um trabalho é aprender, construir e reconstruir conhecimentos.

Alertar que as informações apresentadas no trabalho devem ser baseadas em textos de outros autores e não “copiadas”. Ensinar que não é proibido copiar alguns trechos, desde que se coloque entre aspas e se identifique a autoria.

Ao sentirem insegurança ou dificuldade na busca, seleção e interpretação de textos os alunos devem ter no professor uma pessoa que esclareça suas dúvidas, os oriente e encoraje a buscar mais informações. Confrontando dados e informações, gradativamente, o aluno desenvolverá seu senso crítico, habilidade na leitura, compreensão e produção de textos.

Ao receber os trabalhos ou presenciar as apresentações de seminários ou outra forma de apresentação do trabalho de pesquisa, o professor deve analisar criteriosamente e avaliar o que o aluno fez.

Ao entregar “a nota” e o trabalho, o professor deve conversar com os alunos a respeito da pesquisa, as dificuldades surgidas, superadas ou não, propor-lhes leituras e incentivá-los a ampliar os conhecimentos sobre o tema com novas pesquisas.

Com o incentivo e propostas apresentadas pelo professor, ao aprofundar-se no tema, o aluno inicia um novo ciclo/estágio da pesquisa, que faz com que o que foi aprendido/apreendido por ele se renove e amplie. Independente na busca

e construção do conhecimento o aluno tem mais facilidade para enfrentar os novos desafios que a cada dia aparecem em sua vida.

O professor, antes de solicitar um trabalho de pesquisa a seus alunos deve se questionar quanto a como, onde, para que e porque a pesquisa será realizada.

Isso exige que ele conheça a biblioteca (acomodações, recursos, horário de atendimento, etc.), o acervo de sua área (qualidade, quantidade, atualidade, exaustividade, etc.). Caso a biblioteca disponha de computadores com acesso à internet para pesquisa, solicitar um horário para que seus alunos possam ir à biblioteca e tenham condições de acessar informações em livros, revistas, jornais, internet, entre outros.

O professor precisa ter conhecimento do que o bibliotecário pode fazer, além de atividades técnicas. Deve saber que um bibliotecário atento ao projeto político-pedagógico da escola; conhecedor dos interesses do professor (temas para pesquisas de alunos, educação, continuada/atualização, etc.); interessado em temas favoráveis ao desenvolvimento/formação do aluno, pode adiantar-se a algumas solicitações, participar da elaboração, acompanhamento e avaliação de projetos escolares.

Até agora, discorremos sobre como o professor deve se posicionar, agir com relação à pesquisa com seus alunos. Essa é realmente a postura de alguns professores que vêm na pesquisa uma forma de ensinar/educar. Seria ótimo se fosse sempre assim, mas infelizmente não é. Ellwein (2006, p.86) comenta que

O ensino público atual é permeado de falhas, muitas destas provêm da falta de capacitação dos professores em repassar conhecimentos, pois estes muitas vezes não aprenderam a ensinar. Na realidade não podem aplicar em sala de aula o que lhes foi negado nos cursos de magistério, ou até de graduação universitária, sendo assim, em algumas ocasiões, não conseguem transformar o aprender em algo realmente significativo.

Com relação a isso, notamos que muitos professores ainda não valorizam a pesquisa e/ou mesmo não sabem pesquisar. Não podem ensinar uma coisa que não sabem fazer e que não praticam. Esses professores, quando solicitam trabalhos de pesquisa aos seus alunos, não sabem orientá-los e não conseguem fazê-los entender a importância e benefícios da mesma.

Aliás, alguns professores dão trabalho de pesquisa para alguns alunos porque estes precisam “recuperar sua nota” na disciplina.

Conseqüentemente, sem orientação e motivação o trabalho dos alunos não passa de mera cópia, sem um posicionamento do aluno quanto ao tema pesquisado, sem conclusões ou novos questionamentos, ou seja, nada se acrescenta, nenhum conhecimento é construído.

E o que acontece depois da realização da chamada “pesquisa”?

Muitas vezes, quando se apresenta um trabalho escrito, o professor avalia, mas não faz comentários com o aluno passando para outro tópico da disciplina, ou seja, por vezes encerra-se ali a pesquisa. É como se todos os alunos tivessem pesquisado, aprendido e apreendido a informação importante e necessária.

Sem conhecimento, planejamento, orientação, uma correta análise e avaliação; bem como sem um comentário, um retorno, uma motivação para a continuidade do estudo em outros aspectos do tema a pesquisa se perde e quase se anula, pois não é reforçada.

Percebemos que a falta de conhecimento/reconhecimento do professor sobre a pesquisa escolar faz com que ele deixe seus alunos sem informação, orientação, critérios e acompanhamento antes, durante e depois da pesquisa, permitindo e/ou gerando o plágio na pesquisa.

Carvalho (2007, p.2-3) constata que “se repetir pensamentos consagrados de autores e mestres fosse considerado pesquisa, então o conhecimento estaria concluído, acabado, não haveria avanço, muito menos pesquisa.”

Onde estão e quais são os critérios usados para a solicitação, recebimento e avaliação de trabalhos de pesquisa? Sem preparo e interesse por parte do próprio professor a pesquisa é uma enganação, uma ilusão sem sentido. Desse modo, Carvalho (2007, p.2-3) declara que

qualquer trabalhinho serve desde que se cumpra com as exigências do trabalho: introdução, desenvolvimento e conclusão. Muitas vezes as introduções e as conclusões não dizem nada, mas são avaliadas. Na verdade, o aluno só está mesmo é interessado na nota. Vale até enganar o professor, pagando a outras pessoas para fazerem os “chamados trabalhos de pesquisa”. Essa prática, repetida ao longo do tempo, tem prejudicado os alunos, principalmente, porque eles ingressam na universidade sem nenhuma noção de pesquisa, [...]

Devemos pensar em alternativas que propiciem uma pesquisa verdadeira. Como fazer com que, desde os primeiros anos na escola, conforme mencionado por Rocha (1996, p.5,7), os alunos tenham na pesquisa escolar “uma maneira inteligente de estudar e aprender [...] um jogo de perguntar e responder [...] no qual formulamos perguntas e nós mesmos temos que dar as respostas.” ?

Vemos que muitos alunos continuam sem saber construir/reconstruir seu conhecimento e que a solução para isso ainda está longe de acontecer. Demo (1996, p.2), em seu livro “Educar pela pesquisa” discorre sobre

a necessidade de mudar a definição do professor como perito em aula, já que a aula que apenas ensina a copiar é absoluta imperícia. A partir daí, entra em cena a urgência de promover o processo de pesquisa no aluno, que deixa de ser

objeto de ensino, para tornar-se parceiro de trabalho. A relação precisa ser de sujeitos participativos, tomando-se o questionamento reconstrutivo como desafio comum.

Ao fazermos as contas; de 1971, quando da obrigatoriedade da pesquisa nas escolas da rede pública, até 1996, quando Demo fala em educar pela pesquisa, insistindo que o profissional da educação deve ser um pesquisador e ter a pesquisa como atitude cotidiana há um espaço de 25 anos. Hoje já se passaram 36 anos e a pesquisa ainda é um desafio para muitos educadores e educandos.

A isso se soma a falta de estrutura de tantas escolas que não dispõem dos recursos mínimos necessários para a realização de pesquisas. Dentre outros fatores, também é um problema a falta de valorização e empenho político-econômico.

Enquanto esse impasse continua, se estende a demora da prática de pesquisa pelo aluno, que não a realiza porque não é orientado e motivado para tal.

E se tal situação persistir por muito tempo, a intenção que o professor tem (de ensinar a aprender) corre o risco de conseguir o efeito contrário.

Essa subseção abordou os professores, que por sua vez também devem contar com a participação de outros profissionais, dentre eles o bibliotecário, e a respeito dele trataremos a seguir.

3.2.5 Pesquisa escolar e os bibliotecários

Vimos que o bibliotecário escolar deve se aproximar de sua instituição educacional, planejando atividades de forma a se integrar a ela e aos seus respectivos objetivos. Inserido em sua comunidade, precisa ter conhecimento de todo o programa institucional, interagindo com professores, alunos e demais profissionais da Educação.

Concordamos com Almeida Júnior (2005a, p.8) que ao definir o fazer bibliotecário afirma ser este profissional um “mediador entre o universo informacional e a necessidade informacional do usuário”.

Mediar a informação, portanto, é um compromisso do bibliotecário. Nesse contexto ele não pode estar alheio e passivo à realidade da pesquisa, a como ela deveria ser e como, conforme mencionamos anteriormente, ela acontece no dia-a-dia de muitos professores, alunos e familiares.

A pesquisa é condição indispensável para o desenvolvimento da aprendizagem e por isso o bibliotecário deve persistir em superar as dificuldades,

mesmo quando a comunidade escolar não conhece e não valoriza a pesquisa como forma de aquisição de conhecimento e aprimoramento dos alunos.

Precisa fazê-los (alunos, professores, pais de alunos, etc.) conhecer e valorizar a pesquisa e a atuação do bibliotecário junto ao professor em favor do desenvolvimento do educando.

Por atuar em um espaço que oferece diferentes fontes e recursos de informação, o bibliotecário pode e deve orientar e auxiliar os usuários em suas pesquisas. FAQUETI (2002. p.15), afirma que estudos no campo biblioteconômico

[...] apontam a figura do bibliotecário como um elemento chave que pode e deve contribuir para a melhoria da qualidade das pesquisas escolares. Seu conhecimento sobre a busca e uso de informações registradas no universo impresso e *on line* o capacita a atuar junto aos educadores da escola de forma compartilhada, integrando-se diretamente ao processo de ensino-aprendizagem escolar.

Realmente o bibliotecário, em sua formação acadêmica recebe informações, estuda e faz estágios que lhe proporcionam conhecimento e habilidades que facilitam a busca, localização, seleção e uso de informações, independente do tipo de suporte em que se encontrem.

Com tal conhecimento e habilidade o profissional bibliotecário pode explorar ao máximo os recursos existentes na biblioteca chamando a atenção de seus usuários para dela usufruírem, facilitando assim o acesso dos mesmos à informação.

Porém, o bibliotecário deve estar ciente de que não basta conhecer técnicas e recursos de pesquisa; nem apenas disponibilizar o espaço e o material necessário para sua realização. É preciso haver conhecimento, habilidade, dedicação e perseverança na *comunicação* e na *ação*.

Sabemos da importância do “engajamento” do bibliotecário na realização da pesquisa escolar e na obtenção de resultados edificantes. Nesse engajamento com a pesquisa escolar, o bibliotecário precisa orientar os usuários e comunicar-se com eles, para que façam uso dos muitos e variados recursos/fontes de informação de forma correta e eficaz, enriquecendo sua pesquisa e construindo seu conhecimento.

Mas para que isso aconteça é imprescindível que o bibliotecário conheça sua comunidade e esteja atento à sua realidade e necessidade. Deve ter um olhar atento para o comportamento de seus usuários quando da realização da pesquisa. Prudentemente perceber barreiras que dificultam/impedem a realização da pesquisa.

Saber que alguns alunos/pesquisadores, ao recorrerem à biblioteca, não se sentem seguros quanto ao que o professor espera da pesquisa; por vezes sabem o que precisam, mas sentem dificuldade em utilizar corretamente fontes e recursos de informações disponíveis na biblioteca.

A falta de motivação também é uma dificuldade, pois os estudantes se sentem obrigados a fazer uma tarefa que para eles é desagradável e inoportuna, para não dizer inútil e desnecessária.

Como já mencionamos, muitos são os estudantes que acham que o professor não lerá seu texto e que não adianta se esforçar para a pesquisa já que basta fazer uma extensa cópia com figuras interessantes para receber uma nota.

Alguns repassam para a família essa atividade. Outros ainda tentam realizá-la, mas sem conhecimento, motivação, condições e retorno, acabam por desistir da “empreitada” com o passar do tempo.

Outra barreira implica o “olhar para o próprio olhar”. O auto-olhar do bibliotecário para si e suas atividades/comportamento.

Olhar-se e indagar-se quanto ao seu engajamento com a pesquisa e a comunidade escolar, ao desenvolvimento de atividades/projetos, ao atendimento dado aos usuários, à percepção das dificuldades por eles enfrentadas, à suas necessidades e anseios, entre outros fatores que interferem diretamente na realização da pesquisa.

Se o bibliotecário não estiver atento a sua comunidade e a si mesmo, tais fatores/barreiras acabam por colaborar para que a pesquisa não atinja o resultado esperado e que acabe por acontecer a “educação bancária”, criticada por Paulo Freire. Neste tipo de educação o professor é o detentor e transmissor do conhecimento, do poder e das informações que são “depositadas” na cabeça do aluno.

Com o simples “repasso” de informações o aluno dará continuidade à atividade de repetição e memorização, quando deveria estar praticando o questionamento, a busca de informações e respostas, a análise e reflexão.

O bibliotecário escolar é um dos educadores responsáveis pela mudança de tal situação e, portanto deve, por meio de uma postura política e autocrítica, lutar para reverter esse problema.

Também em função disso é de responsabilidade e interesse do bibliotecário orientar os usuários na estratégia de busca, localização, acesso e uso de informação para realização de suas pesquisas escolares.

Etapas básicas para pesquisa podem se dar na biblioteca havendo o envolvimento e participação do bibliotecário que pode atuar também fora das “paredes físicas da biblioteca” e colaborar para uma melhor qualidade da pesquisa escolar.

O bibliotecário deve contribuir para que os usuários sejam competentes e independentes na realização de consultas nas diversas fontes de informação; na localização do assunto desejado identificando e compreendendo as principais idéias do texto; relacionando-as com outros assuntos/textos correlatos e verificando sua validade e pertinência, na elaboração de resumos e conclusões com base nos textos lidos.

Também deve orientá-los quanto ao uso de citações, referenciando as fontes consultadas, evitando plágio e respeitando o direito autoral. Capacitar gradativamente os alunos no uso das normas da ABNT: citações, resumos, referências, apresentação de trabalhos, e outras informações que enriqueçam os trabalhos.

Enfim, o bibliotecário deve:

- ✓ Selecionar e adquirir o acervo e demais recursos da biblioteca visando os interesses específicos de sua comunidade;
- ✓ Organizar, divulgar e disponibilizar o espaço, o acervo e outros recursos de maneira que seus usuários tenham liberdade e facilidade para acessá-los;
- ✓ Orientar seus usuários quanto a conhecer e localizar o acervo e recursos;
- ✓ Orientar seus usuários quanto à localização da informação nos diferentes tipos de materiais (impressos, eletrônicos, etc);
- ✓ Elaborar orientações periódicas para que todos os usuários saibam “quais” são as fontes de pesquisa, “o que” podem nelas encontrar, “onde” estão localizadas e “como” nelas encontrar a informação;
- ✓ Estar atento ao nível de conhecimento e dificuldades de seus usuários, de forma a sanar os problemas surgidos;
- ✓ Auxiliar o professor na programação de atividades que dependam dos recursos da biblioteca para o desenvolvimento da capacidade de compreensão, síntese e elaboração de texto dos alunos;
- ✓ Orientar os usuários quanto à citação e referenciação de acordo com as normas da ABNT, bem como quanto às formas de apresentação de trabalhos;
- ✓ Mediar a pesquisa em suas diferentes etapas.

Com relação ao professor o bibliotecário precisa conhecê-lo e a seus interesses; olhar com atenção para a postura desse profissional quando da solicitação de trabalhos de pesquisa. Saber se ele conhece o acervo, se é um pesquisador, se orienta corretamente seus alunos para a pesquisa e se os motiva para tal atividade.

Independente do comportamento do professor, o bibliotecário deve procurá-lo e estabelecer parceria em atividades/projetos multidisciplinares. Essa parceria pode proporcionar a solução de problemas comuns à pesquisa e à construção/reconstrução do conhecimento.

3.2.6 Pesquisa escolar e a parceria entre bibliotecário e professor

É de conhecimento de quase todos os educadores o fato de que a pesquisa escolar no Brasil é uma “falsa pesquisa” e que muito há ainda que se percorrer para que ela atinja seu objetivo.

Para que a pesquisa faça parte do dia-a-dia do aluno e este se torne um eterno pesquisador é preciso que professor e bibliotecário atuem juntos, formando parceria, pois dar condições e propiciar uma pesquisa não é responsabilidade de um profissional apenas.

O ensino desta atividade deve integrar a comunidade educacional; envolver bibliotecário e professores de todas as áreas, pois isoladamente, como se vê na maioria das vezes, nada acrescenta ao ensino e não leva ao “aprender a aprender” e nem mesmo ao “ensinar a aprender”.

Com parcerias “todos saem ganhando”, principalmente os alunos, futuros profissionais, que multiplicarão esta experiência com maior segurança no decorrer de suas investigações e atividades, seja ela profissional ou pessoal.

O bibliotecário, além de organizar e disponibilizar o acervo, orientar quanto à localização, acesso e uso das fontes e recursos de informação deve, junto com o professor, participar de etapas de desenvolvimento da pesquisa.

Bibliotecário e professor precisam unir conhecimentos e habilidades em prol do desenvolvimento do aluno. Suas particularidades se complementam e juntos podem planejar atividades que aproximem biblioteca e sala de aula.

A colaboração entre esses mediadores da informação, acompanhando, orientando e guiando atividades de pesquisa fará com que o educando pense, sinta-se em dúvida, procure soluções e caminhos, reflita, compreenda, amplie vocabulário e conhecimento, seja sujeito ativo em sua aprendizagem cotidiana.

O “aprender a aprender” pode ser considerado também como “matéria prima” do processo que envolve professor/bibliotecário (mediadores) e aluno

(aprendente). Ambos num trabalho conjunto podem levar adiante a proposta da pesquisa na escola como um recurso/meio de aprendizagem.

Envolvido com a estrutura da biblioteca e com seus funcionários, o professor poderá planejar a pesquisa junto com o bibliotecário, tendo mais condições de colaborar para que o processo de pesquisa seja eficazmente inserido na vida do aluno.

A parceria bibliotecário/professor no processo de pesquisa desde o planejamento da pesquisa até a análise dos trabalhos apresentados pelos alunos fará com que ambos possam avaliar tal processo (planos traçados, recursos envolvidos, resultados obtidos). Dessa forma poderão alterar (adicionar ou suprimir) etapas e recursos para o desenvolvimento do educando.

Tanto o professor quanto o bibliotecário não receberam em sua formação acadêmica informações minuciosas sobre o dia-a-dia da pesquisa escolar. Atuando na escola se deparam com a necessidade desta atividade. Por isso devem se aproximar e como mediadores que só têm a contribuir um com o outro procurar:

- ✓ Motivar os alunos para a pesquisa;
- ✓ Proporcionar um ambiente favorável ao trabalho em equipe onde o aluno não pense apenas isoladamente, mas aprenda a acatar e/ou respeitar diferentes pontos de vista e colaboração;
- ✓ Conscientizar o aluno de que no decorrer de cada etapa da pesquisa será normal que ele se depare com alterações de informações e sentimentos;
- ✓ Mostrar ao aluno que pesquisar envolve a tomada de uma série de escolhas e decisões com relação a tema, fontes e recursos de informação para continuidade da pesquisa;
- ✓ Chamar a atenção dos alunos quanto à importância da produção de texto e respeito ao direito autoral, de forma a evitar o plágio;
- ✓ Dar liberdade ao aluno de forma que este possa refletir e expressar suas idéias e conhecimento por meio do diálogo com os colegas, bibliotecário e professor, por meio de textos, encenações, desenhos, gráficos, tabelas, etc.
- ✓ Avaliar o processo de pesquisa;
- ✓ Levar o aluno a se auto-avaliar e avaliar sua pesquisa em função de novos trabalhos de pesquisa.

Se esses profissionais, não instigarem os alunos a indagar, pesquisar e não lhes derem condições de crescimento e autonomia na busca, localização, seleção, acesso, uso e produção de informação os alunos não serão sujeitos ativos na construção de seu próprio conhecimento.

Para isso, bibliotecário e professor devem envolver-se com as diferentes e necessárias etapas da pesquisa. No próximo subitem abordaremos algumas das possíveis etapas da pesquisa escolar.

3.2.7 Pesquisa escolar e uma reflexão sobre suas etapas de desenvolvimento

Encontramos na literatura várias indicações/modelos para realização da pesquisa escolar. Em geral as etapas para seu desenvolvimento são as seguintes:

- 1) Motivação (incitar no aluno a curiosidade, o desejo e a necessidade de buscar a informação que responderá às questões e poderá trazer mais conhecimento);
- 2) Identificação do assunto, selecionando o foco da pesquisa;
- 3) Identificação, localização e acesso às fontes de informação;
- 4) Coleta e seleção de informações;
- 5) Leitura, compreensão, análise e correlação entre os textos selecionados;
- 6) Construção do próprio texto (síntese ou resposta às questões sugeridas pelo professor);
- 7) Organização do texto de acordo com a forma de apresentação solicitada pelo professor, observando as normas para apresentação de trabalhos.

Embora haja vários roteiros é interessante analisar as etapas da pesquisa escolar e o comportamento dos alunos, professores e bibliotecário quando de sua proposta, realização e avaliação. Foi o que fizeram alguns pesquisadores da área biblioteconômica e educacional como Kuhlthau, Faqueti, Campello e Abreu.

Carol Collier Kuhlthau, em um Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pela Associação de Bibliotecários de Minas Gerais em 1998 ela discorreu sobre sua experiência quanto ao “processo de aprendizagem baseada no questionamento”, adotado por algumas escolas nos Estados Unidos. Kuhlthau (1999, p.10) define essa aprendizagem como sendo

[...] aquela na qual o estudante se engaja em projetos e problemas que o façam levantar questões, procurando respostas em uma grande variedade de recursos, mudando suas questões a partir do momento em que aprende mais, demonstrando o que aprendeu através de diferentes formatos e compartilhando seus novos conhecimentos com outros estudantes, num ambiente de aprendizagem.

Vemos que esse processo de aprendizagem pode ser comparado à pesquisa e à apresentação de seus resultados, pois consiste no levantamento de

questões e busca de respostas em diversos recursos, bem como da apresentação e compartilhamento dos novos conhecimentos. Também verificamos que sua abordagem do processo de busca de informação caracteriza-se numa perspectiva construtivista ao citar que o estudante muda suas questões a partir do momento em que aprende mais.

Kuhlthau (1999, p.11) também destaca a importância da mediação bibliotecária nesse processo de aprendizagem quando afirma que o bibliotecário “desempenha papel central na criação desse tipo de ambiente de aprendizagem, através da transformação da biblioteca escolar num centro de questionamento que fornece acesso a recursos para aprendizagem, em todos os assuntos do currículo.”

Estudou o processo de aprendizagem por questionamento em escolas do ensino fundamental e secundário relacionado diretamente à aprendizagem em bibliotecas. Com base nos resultados obtidos nesse estudo desenvolveu um modelo do processo de pesquisa chamado Information Search Process (ISP) –“ Processo de Busca de Informação”, o qual tem sido usado como guia de orientação de estudantes.

O ISP ocorre em seis estágios denominados conforme a tarefa a ser realizada em cada ponto no processo (iniciação, seleção, exploração, formulação, coleta e apresentação), com um estágio adicional de avaliação.

A explicação da autora (1999, p.11-12) sobre os estágios e o comportamento/sentimento dos estudantes está citada no quadro que elaboramos e que pode ser visto a seguir:

INFORMATION SEARCH PROCESS - (ISP) - PROCESSO DE BUSCA DE INFORMAÇÃO	
ESTÁGIO	COMPORTAMENTO/SENTIMENTO DO ESTUDANTE
Iniciação: Quando um projeto ou problema é introduzido pela primeira vez	O estudante fica freqüentemente confuso e inseguro em relação a como proceder. Inicialmente seu pensamento centra-se no que o professor deseja e em exigências mais mecânicas da tarefa. Ao contrário, seu pensamento necessita voltar-se para o que ele já sabe, para novos questionamentos que aparecem e direcionar-se para as oportunidades de aprendizagem que o projeto oferece.
Seleção: É o momento para o estudante identificar um tópico geral de pesquisa.	Após selecioná-lo, [o estudante] tem uma pequena sensação de otimismo, por ser capaz de realizar a tarefa.
Exploração: É o mais difícil de todo o processo. [...] O aluno precisa mais ser guiado na tarefa de explorar a informação para definir um foco para sua pesquisa, do que apenas coletar fontes irrefletidamente.	Após a escolha de um tema geral, o estudante espera ser capaz de ir diretamente para a fase de coleta da informação e finalizar a tarefa. [...] É comum durante este estágio que a confiança do estudante diminua drasticamente, à medida que ele encontra informação inconsistente e incompatível, [...] o estudante pode começar a duvidar da conveniência do tema, da adequação das fontes de informação, e de sua própria habilidade para realizar a tarefa. [...] Quando o estudante confunde o estágio de exploração com o de coleta, acaba aplicando estratégias de coleta na tarefa de exploração [...] Quando os dois estágios se confundem, o

	estudante tem dificuldade ao final do projeto, quando está preparando a apresentação. Frequentemente copia partes inteiras de um texto porque ainda não formou sua perspectiva pessoal sobre o que escrever, o que ocorre porque não entendeu o que leu.
Formulação: É conceitualmente o mais importante. [...] formar uma perspectiva focalizada, a partir da informação que leu e sobre a qual refletiu [...] O foco fornece uma idéia guia, um tema ou uma linha na qual basear a coleta de informação; fornece a estrutura para construção de conhecimento e aprendizagem novos.	Quando o estudante se torna consciente da necessidade de estabelecer um foco para seu trabalho, adquire uma estratégia para selecionar informação e para compreender a forma de usá-la, muito mais do que simplesmente localizá-la. O estudante precisa de orientação no uso da informação que o leve a pensar, refletir e interpretar a informação que está reunindo. O projeto começa então a tomar forma.
Coleta: A tarefa do estudante é reunir informação que defina e apóie o foco estabelecido no estágio anterior; o foco é, posteriormente, delineado e aclarado.	O estudante faz conexões e extrapolações a partir da informação reunida. Muitas das estratégias usadas na pesquisa tradicional em biblioteca são úteis neste ponto, como por exemplo, a pesquisa exaustiva por assunto e a anotação detalhada.
Apresentação: A tarefa do estudante é completar o projeto, descrevendo a perspectiva focalizada e preparando-se para apresentar para os colegas o conhecimento obtido.	Este pode ser um estágio difícil caso a fase de formulação tenha sido mal trabalhada, principalmente para o estudante que simplesmente copiou trechos de algumas fontes e que realmente não refletiu muito sobre o significado da informação coletada.
Avaliação: O estudante revê todo o processo, examinando o progresso obtido, bem como o que aprendeu.	Isto o ajuda a relembrar as fases do processo de pesquisa o que pode ser útil na elaboração de novos projetos, e a pensar nelas como seu próprio processo de aprendizagem.

Quadro 6: Information Search Process (ISP) – Processo de Busca de Informação
Fonte: Kuhlthau (1999, p.11-12)

Percebemos que quando os alunos entendem que precisam de informação para a realização da tarefa, escolhem e exploram o tema, formulam questões, determinam o foco, coletam e apresentam informações, experimentam sentimentos como insegurança, confusão, dúvidas, otimismo e segurança; e que ao final da pesquisa, quando de sua avaliação podem sentir-se realizados ou frustrados.

Constatamos que não basta ao professor e ao bibliotecário ensinar aos alunos o que vem a ser uma pesquisa, disponibilizar fontes/recursos de informação e apresentar-lhes as possíveis etapas para seu desenvolvimento. É preciso conhecer e acompanhar os sentimentos e as atitudes do estudante em cada uma das etapas, cada dificuldade e progresso, orientando, incentivando e ajudando.

É necessário *mediar o processo de pesquisa*, colaborar para que o aluno use a informação, reflita, interprete, questione, faça conexões e extrapolações a partir da informação conseguida; construa e reconstrua seu conhecimento.

Kuhlthau, na mesma obra (p.13) reforça a importância da existência e uso da biblioteca como centro do processo de aprendizagem, afirmando que

[...] para uma aprendizagem baseada no questionamento, usar a biblioteca e seus recursos, não é uma atividade adicional, esporádica, e sim o próprio cerne

do projeto pedagógico. O questionamento é uma forma de aprender e os recursos na biblioteca e o processo de pesquisa são componentes essenciais neste processo.

O bibliotecário precisa inserir os projetos de pesquisa no programa da escola, caso contrário, conforme mencionado por Kuhlthau (1999, p.13) quando não há uma filosofia de aprendizagem compartilhada pelo bibliotecário e demais educadores, num envolvimento mútuo, a colaboração do bibliotecário é vista “apenas como uma tarefa adicional em um currículo já sobrecarregado”, ou seja, mais uma atividade extra.

Também preocupadas com o processo de pesquisa e a atuação dos alunos/pesquisadores, voltando-se para o desenvolvimento da competência informacional, Campello e Abreu aplicaram o ISP elaborado por Kuhlthau em uma pesquisa realizada com alunos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Com base no modelo de Kuhlthau; Campello e Abreu (2005, p.178), observaram habilidades, atitudes, sentimentos e conhecimentos relacionados ao desenvolvimento das diversas etapas do processo de pesquisa e revelaram como esses alunos desenvolvem trabalhos acadêmicos solicitados pelos professores.

Alguns resultados conseguidos por Campello e Abreu (2005, p.189-190) confirmaram os comentários de Kuhlthau, como a predominância de sentimentos negativos no início do processo; a mudança de sentimento no decorrer do trabalho mediante a troca de idéias com a equipe, o professor e com menos frequência com o bibliotecário e a passagem direta do início da tarefa, para a coleta de informação, reforçada provavelmente pelo fato de que o professor em muitos casos indicou bibliografia. As maiores dificuldades encontradas por esses alunos foram a interpretação e a elaboração do texto.

Embora a literatura aborde a necessária e possível participação do bibliotecário, constatamos uma distância entre esse profissional e seus usuários. Outro modelo bem elaborado e explicado é o de Faqueti apresentado em sua dissertação de mestrado (2002) e em capítulo escrito em parceria com Blattmann (2003).

Baseada nos estudos de Kuhlthau, Pedro Demo e Leite, que “apontam que aprender por meio da pesquisa demanda muito envolvimento, criatividade e dedicação de todos os participantes no processo de aprendizagem” Faqueti (2003, p.43), organizou as “Etapas evolutivas do processo de pesquisa escolar”.

A autora chama atenção para o fato de que embora as etapas se interliguem, cada uma possui características básicas que envolvem um conjunto de

ações específicas a serem vivenciadas pelo educando. Cada ação específica também envolve um conjunto de sentimentos, pensamentos e atuações do educando a medida que agrega novos conhecimentos e saberes no percurso do processo de pesquisa.

Esse processo está dividido em quatro grandes etapas: *iniciação*, *exploração*, *formalização* e *avaliação*. Cada etapa é subdividida internamente, conforme podemos ver na figura a seguir.

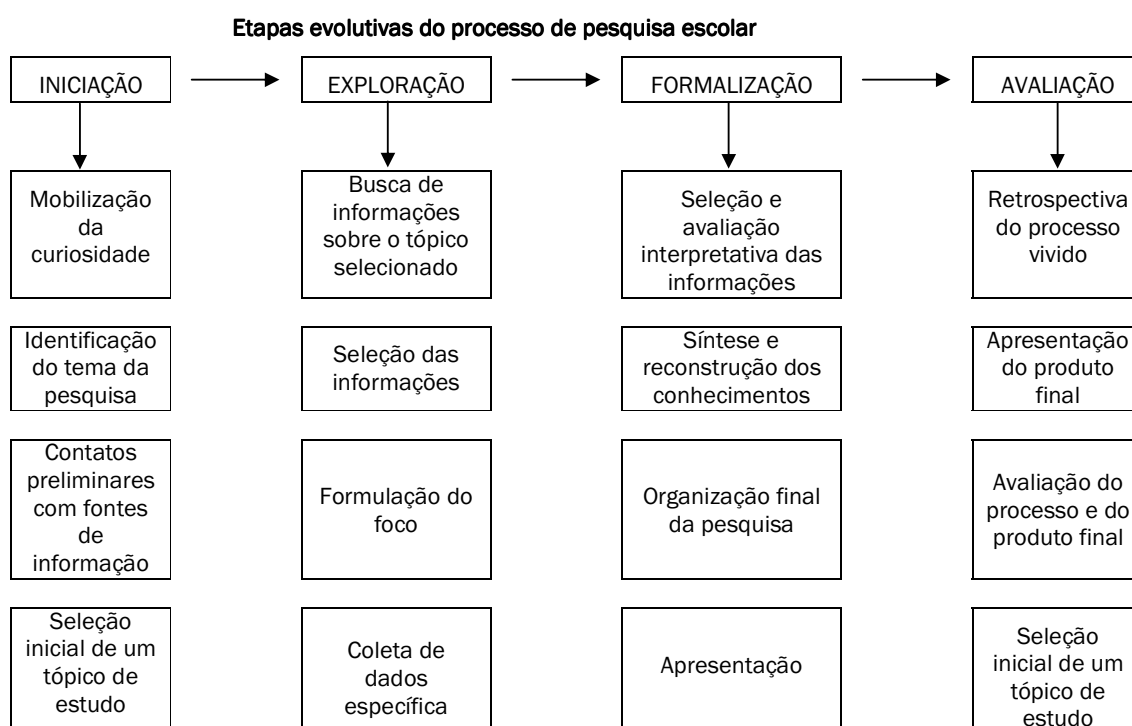


Figura 3: Etapas evolutivas do processo de pesquisa escolar. Fonte: Faqueti; Blattmann (2003, p.44)

Esse mesmo quadro de etapas evolutivas do processo de pesquisa escolar possui algumas diferenças de denominação de uma obra para outra de Faqueti.

Etapa	Denominação da sub-etapa	
Iniciação	<u>Identificação da proposta do trabalho</u>	<u>Identificação do tema da pesquisa</u>
Formalização	Avaliação interpretativa das informações	<u>Seleção e avaliação interpretativa das informações</u>
Avaliação	<u>Apreciação do produto final</u>	<u>Apresentação do produto final</u>
	<u>Generalização da experiência vivida</u>	<u>Seleção inicial de um tópico de estudo</u>

Fonte: Faqueti (2002, p.109)

Fonte: Faqueti; Blattmann (2003, p.44)

Quadro 7: Diferenças de denominação nas etapas evolutivas do processo de PE.

Como vemos nos modelos de etapas de desenvolvimento da pesquisa escolar existem algumas etapas pré-estabelecidas. A cada estudo dos educadores, as etapas do desenvolvimento podem ser esclarecidas, vivenciadas e reestruturadas.

Nossa opinião é que esse tipo de estudo deve ser realizado com maior frequência e intensidade, divulgando os resultados obtidos, para que se possam perceber quais etapas devem ser mais e melhor orientadas e acompanhadas pelo professor e pelo bibliotecário; principalmente para se organizar a mediação na pesquisa.

A verdade é que a implantação da pesquisa escolar na escola já está muito atrasada.

Alguém poderia questionar e/ou contradizer a frase acima, dizendo que a pesquisa escolar foi implantada na escola há muitos anos e que não há novidade em querer se discutir a pesquisa na escola.

Mas a pesquisa escolar a que nos referimos não é essa pesquisa “copisa, xerocopisa, scanercopisa, copia-cola, etc.” que sempre vemos e que, conforme já mencionamos, frequentemente acontece desprovida de sentido, critério e significado para educandos e educadores.

Nos referimos a implantação de uma pesquisa que realmente esteja atrelada, faça parte do ensino, da aprendizagem e da construção do conhecimento. Uma pesquisa que possa ser mediada por educadores, entre eles o bibliotecário.

Que o bibliotecário, não se prenda às paredes físicas de uma biblioteca, mas vá ao encontro dos educandos e professores em seus terminais de computadores, em suas casas ou onde estejam seus recursos digitais/eletrônicos.

Não “estacione”, mas acompanhe as mudanças. Que respeite o contraste econômico dos diferentes usuários, ou seja, oriente de forma manual tradicional, mas também utilize-se de novas tecnologias.

Precisamos de educadores/mediadores que façam da pesquisa um verdadeiro processo de aprendizagem.

No próximo capítulo discorreremos sobre a mediação bibliotecária no âmbito da pesquisa escolar.

4 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Verificamos a importância de se aprender o que é uma pesquisa e vivenciá-la desde os primeiros anos na escola. Entre outros exemplos simples, para as crianças podemos começar com a noção de que pesquisa pode ser a procura de um número de telefone em uma lista.

Todavia, Demo (1993, p.128) alerta que não devemos insinuar que pesquisa pode ser “qualquer coisa”, pois ela precisa sim existir desde a Educação Infantil, mas deve persistir também até outros níveis, como por exemplo, a pós-graduação, envolvendo-se em um espaço de qualidade formal e política.

Também mencionamos que na Educação Básica caracteriza-se mais o lado da pesquisa como princípio educativo, com questionamento e construção de alternativas; na pós-graduação prevalece mais a pesquisa como princípio científico; sendo que em ambos a pesquisa exige profunda competência e renovação incessante. Discorrendo sobre pesquisa, Demo (1993, p.128-129) ressalta quatro pontos:

Em primeiro lugar, pesquisa significa diálogo crítico e criativo com a realidade, culminando na elaboração própria e na capacidade de intervenção.[...] pesquisa é a atitude do “aprender a aprender”[...]. Em segundo lugar, pesquisa funda o ensino e evita que este seja simples repasse copiado[...]. Quem pesquisa, tem o que ensinar; deve, pois, ensinar, porque “ensina” a produzir, não a copiar [...]. Em terceiro lugar, pesquisa aponta para a direção correta da aprendizagem, que deve ser elevada a “aprender a aprender” [...]. É fundamental, portanto, “ensinar” a pesquisar [...]. Tanto a escola quanto a universidade não buscam o aprendiz, mas o pesquisador, ou o mestre capaz de projeto próprio. Em quarto lugar, pesquisa acolhe, na mesma dignidade, teoria e prática, desde que se trate de dialogar com a realidade [...] (grifo do autor).

Demo defende a pesquisa como a atitude de investigação. Não menospreza a aprendizagem, pois o ato de ensinar/repassar continua sendo uma função importante, no entanto, não pode mais ser tomado como suficiente. Ressalta que cada pesquisa pode acentuar mais a teoria ou a prática, interessar-se mais pelo conhecimento ou pela intervenção, mas sempre deve dialogar com a realidade em questão.

Vemos que a pesquisa não é algo simples ou isolado e que os educandos devem ser impulsionados e preparados para vivenciá-la, seja ela escolar ou científica.

Ensinar e orientar pesquisa exige competência, comprometimento, dedicação e responsabilidade. Na iniciação à pesquisa estamos falando da pesquisa

escolar enquanto princípio educativo, a qual, além de envolver professores e alunos, conta também com a participação do bibliotecário como um educador “mediador”.

A participação do bibliotecário na pesquisa escolar não é superficial e não se prende à Educação Infantil ou às paredes da biblioteca. Sendo assim, neste capítulo discorreremos sobre a mediação bibliotecária e alguns conceitos pedagógicos necessários ao bibliotecário mediador.

4.1 Mediação e mediador

Ouvimos falar em mediação, mas nem sempre refletimos sobre seu conceito, aplicabilidade e importância. Durozoi e Roussel (1993, p.319) definem mediação, num sentido comum, como a “ação de servir de intermediário entre dois termos, dois seres ou dois objetos”.

Para Japiassú e Marcondes (2001, p.177), mediação é uma palavra proveniente do latim “mediatio” e significa “em um sentido genérico, ação de relacionar duas ou mais coisas, de servir de intermediário ou ‘ponte’, de permitir a passagem de uma coisa a outra”.

Buscando o significado de mediatio, em Saraiva (2000, p.721) encontramos os termos “intercessão, interposição, intervenção, mediação”.

Ao procuramos o conceito de *intervenção*, encontramos *interferência*.

Há conceitos de mediação e mediador em diferentes áreas. Por exemplo, na terminologia jurídica o vocábulo mediação é empregado para indicar a intervenção de uma terceira pessoa em busca de facilitar um acordo entre duas partes.

Na doutrina católica encontramos o termo mediação para representar a ação de um intermediário (Maria e santos) entre Deus e o homem. Nesse caso mediação nos leva ao sentido de um intermediário que intercede por alguém.

Ao refletirmos sobre quando e onde a mediação acontece entendemos que ela incide a todo o momento, em diferentes lugares e situações, abarcando diferentes objetos e sujeitos.

A mediação envolve a ação de alguém que intercede, interfere por algo ou por um outro; implicando em vários caminhos, opções e escolhas. Constatamos que na mediação alguém está entre duas ou mais pessoas/coisas, facilita uma relação, serve de intermediário, sugere algo, sem agir pela pessoa ou lhe impor alguma coisa.

Esse alguém é o *mediador*, também chamado de medianeiro. O termo mediador provém do latim “*mediatore*”, que quer dizer aquele que medeia ou intervém.

O mediador e a mediação não estão restritos a uma categoria profissional e nem a uma atividade específica. O mediador pode se um professor, um padre, um pastor, um escritor, um jornalista, um apresentador de TV ou rádio, um bibliotecário, um crítico de cinema, entre outros. Cada mediador tem sua importância. Os mediadores do conhecimento favorecem a interação entre pessoa e objeto do conhecimento, propiciando a construção, divulgação, disponibilização e reconstrução do conhecimento. Tais mediadores podem se dividir em incontáveis profissões nos diferentes estratos sociais e culturais de uma comunidade, seja ela letrada ou popular.

Sob a ótica da Neurologia, Meier (2002, p.19) afirma que o conceito de mediador, diz respeito ao sistema nervoso, o qual

é responsável pela abstração, pelo raciocínio, pelos pensamentos e por toda sorte de controle sensitivo e motor no corpo humano. Sua principal célula é o neurônio, uma estrutura especializada na recepção e transmissão de impulsos nervosos que, em síntese, são a matéria-prima do funcionamento cerebral. Sem impulsos nervosos, não há pensamento, não há aprendizagem [...]. Assim, continuamente, o impulso nervoso “percorre” inumeráveis caminhos pela rede de neurônios até que encontre sua razão de existir: move um músculo, age em uma glândula, ou participa da construção do pensamento.

Seguindo este conceito percebemos a função mediadora que inicia sua ação com a chegada de um impulso nervoso e age na célula receptora, possibilitando a construção de seu próprio impulso nervoso. Ou seja, não há a transmissão do impulso, há uma “reconstrução” no neurônio receptor, provocada por uma interferência.

O mesmo exemplo, apesar de focado sob a ótica da Neurologia, quando fala da construção do pensamento e da aprendizagem nos remete, entre outros caminhos, para a leitura.

Bortolin (2001, p.30) ressalta que “em se tratando de leitura, podemos considerar que o mediador do ato de ler é o indivíduo que aproxima o leitor do texto”. E neste caso, considera como mediadores “[...] os familiares, os professores, os bibliotecários, os editores, os críticos literários, os redatores, os livreiros e até os amigos que nos emprestam um livro ou indicam um CD-ROM e uma página literária na Internet.”

Embora possamos acrescentar a essa lista profissionais como o escritor, o jornalista, o tradutor e o webdesigner, entre outras pessoas que possam provocar/incitar a leitura, ou como mencionado, aproximar o leitor do texto; sabemos que o professor e o bibliotecário são os mais requisitados para essa mediação.

Apesar de existirem outras áreas envolvidas com a mediação da informação, estaremos discorrendo sobre a mediação bibliotecária.

Voltamos a afirmar que a mediação está presente a todo o momento e por isso é importante que se desenvolvam estudos sobre esse tema. Com essa visão, há profissionais interessados em investigar a "mediação".

Com relação à “mediação da informação”, na área de Biblioteconomia podemos citar o Grupo de Pesquisa Interfaces: informação e conhecimento existente desde 1998. Nesse Grupo há o Projeto: *Mediação da informação e as múltiplas linguagens*, coordenado por Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, docente do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina.

Entre os integrantes desse Projeto encontram-se professores do citado Departamento, alunos e egressos do curso de biblioteconomia; inclusive a pesquisadora/autora do presente trabalho.

Para os pesquisadores desse projeto, Almeida Júnior (2005b, p.6-7) dentro do fazer do bibliotecário, a mediação da informação ainda não ocupa o espaço que a ela deveria ser atribuído. O ponto de vista dos mesmos é que,

a mediação estaria presente, de maneira não explicitada, na seleção, na escolha dos materiais que farão parte do acervo da biblioteca, em todo o trabalho de processamento técnico, nas atividades de desenvolvimento de coleções e, também no serviço de referência e informação. Presente em todas essas ações, a mediação faria parte do próprio objeto da área de informação. Especificamente, em relação à área de Ciência da Informação, o seu objeto passaria a ser mais a mediação do que a informação.

Percebemos que para esses pesquisadores a mediação da informação não se restringe ao Serviço de Referência e Informação (SRI), ou seja, às atividades que se relacionam diretamente ao público atendido; mas à todo o fazer bibliotecário.

Para Almeida Júnior (2006c, slide 7), mediação da informação

é toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

Com a citação acima constatamos que a mediação não é passiva, visto ser uma ação de interferência. Permeando todo o fazer do profissional da informação, ela acontece mesmo que indireta e inconscientemente. Não se prende a um número específico de atividades ou sujeitos e favorece a satisfação informacional do usuário.

Na mediação bibliotecária, Kuhlthau (apud Alves, 2001, p.62) define mediador como “aquele que ajuda, guia, orienta e intervém no processo de busca de

informação para a construção do conhecimento, de outra pessoa”. Na mesma obra e página, Alves esclarece que segundo Kuhlthau

[...] o termo mediação deve ser usado em substituição ao termo intermediário, porque a mediação pressupõe uma interação humana entre aqueles que estão envolvidos num processo de busca de informação. Já o intermediário intervém entre a informação e o usuário sem que haja qualquer interação entre eles.

Almeida Júnior também avalia o conceito de mediação adotado pela classe bibliotecária, questionando a mediação bibliotecária como uma atividade neutra. Defende que na mediação não há e nem pode haver uma neutralidade. Para ele (2006c, slides 10-18), a mediação envolve vários aspectos, dos quais citamos alguns a seguir:

[...] Toda mediação pressupõe um diálogo, mesmo que o usuário (ou seu perfil construído pelos estudos de usuários) não esteja concretamente presente [...]. Com esse conceito [...] não é ele, usuário, mero receptor, ao contrário, ele é produtor (ou co-produtor, co-criador) no processo [...]. Há uma mediação explícita (a que ocorre no atendimento direto do usuário) e a mediação implícita (abarcando todas as ações desenvolvidas até o momento do contato com o usuário). Por lidar com pessoas, a mediação trabalha com conflitos. [...] Se concretiza no âmbito dos espaços informacionais (mesmo que acessados à distância), mas emerge não dissociada do conjunto de acontecimentos da sociedade [...].

Dessa forma a mediação não se dá apenas no momento do atendimento à solicitação do usuário, mas também acontece no momento da seleção do material a ser adquirido, na opção pelo sistema de classificação, na disposição do acervo, na indicação de sites de pesquisa, etc.

Partindo do ponto de vista que a mediação permeia todas as atividades bibliotecárias, é necessário ao bibliotecário, estar atento a sua “neutralidade ou não” em seu modo de pensar, planejar, organizar e concretizar seus projetos.

Como informado anteriormente, o foco da presente investigação é a mediação da informação na pesquisa escolar digital e por isso nos restringiremos a apresentar pontos relacionados a atuação/mediação bibliotecária na escola.

Defendemos que bibliotecário e professor devem ser parceiros na mediação da informação em prol da formação do aluno.

A escola é um ambiente rico em oportunidades de mediação da informação. Na sala de aula, na biblioteca, no laboratório de informática, de química e de biologia, entre outros, existe a figura do educador-mediador; o qual não se limita à pessoa do professor, pois há também o bibliotecário e outras pessoas comprometidas com a construção do conhecimento dos alunos.

Com relação à formação do aluno, a leitura (em todos os sentidos) é fator primordial e exige a participação e o empenho de mediadores. De acordo com Barros (2006, p.17-18) “numa concepção simplista, mediar a leitura é fazer fluir a indicação ou o próprio material de leitura até o destinatário-alvo, eficiente e eficazmente, formando leitores”, mas também “deve levar em conta fatores extrínsecos e intrínsecos, relativos ao objeto, ao sujeito e ao agente da leitura: o texto, o leitor e o mediador.”

Cotidianamente a percepção, da grande maioria da população, sobre a mediação da leitura é de que esta atividade não requer dos professores e bibliotecários, principais mediadores da leitura na escola, uma atuação complexa; mas na verdade, essa mediação é muito mais profunda do que parece em princípio, pois segundo a autora (2006, p.17), como mediadores, é importante que

[...] tenhamos conhecimentos teóricos sobre Leitura e Literatura, que nos dêem competência; conheçamos os fundamentos de Psicologia, de Teoria do Conhecimento e outros mais, que nos dêem a habilidade; dominemos o acervo disponível e o que é lançado pelo parque editorial, que nos dêem a segurança; que conheçamos a crítica da mídia, tanto quanto façamos a nossa própria análise, que nos dêem a diretriz para a oferta, para o aconselhamento, para o processo de mediação da leitura, enfim, tanto em nível particular quanto ao nível coletivo.

Como vemos; o ato de mediar não é uma ação passiva ou efêmera e por isso mesmo exige interesse, capacidade e responsabilidade. Independente de se referir a mediação da leitura, mediação da pesquisa ou outro tipo de mediação na escola, essa ação envolve uma série de conhecimentos e habilidades. Almeida Júnior (2005a, p.11) ressalta que mediação diz respeito

[...] a própria atuação do profissional enquanto um mediador da informação. O processo de intermediação pressupõe uma atitude ativa, uma postura que requer um conhecimento específico e uma formação adequada objetivando uma ação que, por sua vez, exige competência e capacidade. Mediação é uma ação política por excelência, pois pede para se concretizar escolhas, opções, priorizações [...].

É possível perceber no discurso do autor que a ação mediadora não é um ato alienado, mas sim carregado de ideologias e, portanto não é neutra.

A ação política, destacada por Almeida Júnior nos faz pensar nos caminhos, opções, priorizações e escolhas que o bibliotecário escolar deve fazer cotidianamente em seu espaço de atuação, onde se encontram fontes/recursos de informação que favorecem o acesso a uma imensidão de conhecimento e saber dentro de uma sociedade, de uma cultura. Em função disso, a atuação do bibliotecário precisa

ser constantemente analisada. Oddone (1998, p.26), avaliando as atividades exercidas pelo bibliotecário, ressalta que

A prática profissional do bibliotecário, tantas vezes descrita como meramente tecnicista e burocratizante exclusivamente voltada à aplicação das ferramentas de tratamento especializado dos documentos, enquanto suportes ou veículos da informação, e não propriamente centrada sobre a especificidade de seu conteúdo não deveria nem poderia constituir-se apenas pelo domínio dessas técnicas e procedimentos. Muito mais relevante é o papel que lhe está reservado nos processos de comunicação e transferência da informação e de mediação na construção do conhecimento.

Concordamos ser necessário ao bibliotecário uma reflexão mais aprofundada, para que a técnica não continue sobrepondo a ação mediadora e, assim possamos passar a interferir, contribuir e participar mais da sociedade.

Discorrendo sobre mediação Dudziak, Gabriel e Villela (2000, p.13), enfatizam que existem “processos mediadores informais e formais. Mediadores informais são pessoas com as quais o estudante fala a respeito de seu trabalho ou pesquisa, incluindo a família, amigos, etc. Mediadores formais são os profissionais empregados em sistemas de informação, como os professores e bibliotecários”.

Ao discorrermos sobre o assunto, ele se “ramifica”, “abrindo janelas”, pois nos deparamos também com a mediação na pesquisa, um dos requisitos para a formação do aluno em sua oportunidade de construção e reconstrução do conhecimento.

Professor e bibliotecário têm um compromisso com a formação do educando. Machado (2002, p.8), afirma que a mediação é uma das competências exigidas desse profissional. Para ele o professor é essencialmente

um mediador na percepção de relações, na leitura do que está a sua volta. Ele não pode ler pelo aluno, mas ajuda o aluno a ler. Num sentido amplo, o “ler o mundo”: pode ser um texto, mas também pode ser compreender fenômenos que estão ocorrendo, seja de Física, História ou Geografia. Ele não pode ler pelo outro, mas tem que levar o outro a perceber relações.

A citação acima pode se referir também ao bibliotecário, um mediador que, junto ao professor, deve enriquecer a formação do aluno.

No mesmo sentido Dudziak, Gabriel e Villela (2000, p.13), alertam que:

Há um consenso entre os autores de que o bibliotecário é o profissional, por formação, especialista em coleção, organização, avaliação e acesso à informação, em seus mais variados formatos e que é, portanto, o profissional mais preparado para atuar como mediador da pesquisa. A mediação do bibliotecário geralmente se inicia quando o estudante já sabe o que precisa e busca coletar informações e, neste ponto, o sistema Biblioteca é bem eficiente. Porém, nos estágios iniciais da pesquisa, onde o estudante experimenta uma situação de angústia e incerteza, não há uma atuação efetiva do bibliotecário para auxiliá-lo. O bibliotecário deveria atuar desde o primeiro momento em conjunto com o professor.

Assim, para o sucesso de uma pesquisa há a necessidade de mediadores, em especial, professores e bibliotecários, impulsionando e provocando ações e mudanças. Devem tornar os alunos capazes de buscar, selecionar, entender, assimilar a informação de que necessitam para seu aprendizado, tornando-se assim livres, autônomos, críticos e também mediadores sujeitos de sua educação.

Neste caso específico, professor e bibliotecário não apenas passam informações. Não transmitem conhecimento, não ensinam, mas sim, provocam, incentivam e possibilitam ao aluno a curiosidade e a capacidade de construir sua aprendizagem. E este “aprender a aprender” deve ser para a vida toda.

Agindo assim, os mediadores que estão entre o objeto de conhecimento e o aluno, possibilitam a este, descobrir, modificar, organizar, enfatizar, transformar os estímulos e assim aprender por si mesmo. Concordamos com Dudziak, Gabriel e Villela (2000, p.16), de que é necessário que o

[...] bibliotecário trabalhe junto com os professores de maneira a incrementar a colaboração e interação mútuas, atuando como co-autores nas mudanças educacionais e reestruturações curriculares que buscam a adequação do ensino ao novo contexto da Sociedade do Conhecimento. Seu papel como mediador do conhecimento traz à luz o verdadeiro sentido educacional dos Serviços de Informação.

Discorrendo a respeito de biblioteca, pesquisa e mediação, nos referimos a construção e reconstrução do conhecimento, aprender a aprender, ensinar a aprender, parceria entre educadores e mediação na pesquisa escolar; mas para que tudo isso aconteça são necessários alguns conhecimentos básicos, conforme mencionaremos no próximo subitem.

4.2 Teorias educativas relevantes à atuação do bibliotecário mediador na escola

O bibliotecário escolar medeia a informação na escola e isso, conforme citado, exige competência não só na área de Biblioteconomia, mas em outros aspectos que envolvem a Educação.

Para facilitar a compreensão dos educandos quanto à organização da biblioteca e seus recursos informacionais os bibliotecários dedicam-se à atividade de “educação do usuário”. Esta mediação produz bons resultados, pois o pesquisador torna-se independente e seguro na localização e uso de fontes de informação, de serviços e produtos disponibilizados pela biblioteca para acesso à informação que necessita.

Porém, o bibliotecário escolar preocupa-se com algo que vai além do acesso à informação. É um educador e como tal deve contribuir com o desenvolvimento da capacidade investigativa dos educandos para que estes, como alunos/pesquisadores, possam ampliar seus saberes e se tornarem produtores de novas informações. Para isso esse profissional precisa conhecer também o ambiente educacional.

O ambiente educacional está envolvido com a sociedade e seus problemas no sentido de preparar seus educandos para um bom desempenho não só educacional, mas na vida como um todo. É um espaço favorável, por meio de movimentos de ação/reflexão/ação, a vivências de trabalhos, projetos e atividades que provoquem a emancipação e o desenvolvimento das potencialidades dos educandos.

O bibliotecário deve conhecer a proposta político-pedagógica da escola em que atua. Saber que ela diferencia-se de planejamento pedagógico, já que é composta por um conjunto de princípios que norteiam a elaboração e a execução do planejamento pedagógico e que esclarecem a própria identidade da escola.

As escolas, na elaboração de sua proposta pedagógica fundamentam-se em teóricos e correntes educativas. A formação dessa proposta é complexa e exige o conhecimento das possibilidades, contribuições e limites de várias teorias, bem como as possíveis relações entre elas, para posteriormente traçar sua identidade.

A educação é um campo interdisciplinar que nutre concepções oriundas das diversas ciências para estruturar sua organização e prática.

Conhecer basicamente conceitos, teorias e métodos educativos é imprescindível ao bibliotecário para desempenhar melhor suas atividades de mediador e educador junto à sua comunidade.

No intuito de compartilhar informações e conhecimentos com os educandos, os educadores precisam ter noções básicas sobre o desenvolvimento do conhecimento. Devem procurar conceitos de como a criança aprende, ou seja, como pode desenvolver as habilidades necessárias para a aprendizagem.

Numa breve aproximação às teorias do conhecimento verificamos que a parte das ciências que se debruça em torno de se aprofundar nas questões, sobre como se conhece, denomina-se epistemologia.

Os estudos epistemológicos muito contribuem para a educação, pois por meio deles podemos entender um pouco mais sobre a criança que aprende, estruturando assim práticas pedagógicas mais pertinentes e coerentes. No entanto, por ser o fenômeno educativo muito complexo, no qual estão envolvidas várias dimensões,

deparamo-nos com diferentes formas de interpretá-lo, sendo que cada uma delas enfoca a aprendizagem de forma diferenciada, priorizando uma ou outra dimensão. Mizukami (1986) aponta três correntes: o empirismo, o inatismo, e o interacionismo.

Os empiristas entendem que o conhecimento está fora do sujeito que aprende e deve ser introjetado aos poucos, pois é uma cópia do mundo externo. A criança é passiva e aprende através da experiência sensível e observável que o mundo exterior impõe a ela. De acordo com Delval (1998, p.35),

[...] para os empiristas, o conhecimento é adquirido pelos sentidos e o sujeito é basicamente passivo, já que está exposto ao meio às influências que vêm do exterior e que agem sobre ele. No momento do nascimento, o intelecto do sujeito é como um quadro em branco – uma tabula rasa – e a experiência vai agindo sobre ele e o vai levando a formar diversos conhecimentos cada vez mais complexos.

O inatismo, por sua vez, considera que o conhecimento é herdado. Para Rego (1995, p.86), a abordagem inatista; também conhecida como apriorista ou nativista,

[...] se baseia na crença de que as capacidades básicas de cada ser humano (personalidade, potencial, valores, comportamentos, formas de pensar e de conhecer) são inatas, ou seja, já se encontram praticamente prontas no momento do nascimento ou potencialmente determinadas e na dependência do amadurecimento para se manifestar. Enfatiza assim os fatores maturacionais e hereditários como definidores da constituição do ser humano e do processo de conhecimento. Exclui, conseqüentemente, as interações sócio-culturais na formação das estruturas comportamentais e cognitivas da criança. Nessa visão o desenvolvimento é pré-requisito para o aprendizado e o desenvolvimento mental é visto de modo retrospectivo.

A última corrente, a interacionista, é a que mais se encontra presente na educação atual. Nessa corrente, o conhecimento é produto da inter-relação da criança com o objeto; sendo assim, tanto a maturação como o meio ambiente são fatores centrais para o desenvolvimento cognitivo. Nesse prisma não há pré-formação endógena como acreditam os inatistas e nem exógenas como determinam os empiristas; o que acontece são sucessivas elaborações que implicam a interação de ambas as correntes de pensamento como aborda Mizukami (1986, p.64):

De uma parte, o conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo nem de objetos já constituídos (do ponto de vista do sujeito) que a ele se imporiam. O conhecimento resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre os dois, dependendo, portanto, dos dois ao mesmo tempo, mas em decorrência de uma indiferenciação completa e não de intercâmbio entre formas distintas. De outro lado, e, por conseguinte, se não há, no início, nem no sujeito, no sentido epistemológico do termo, nem objetos concebidos como tais, nem, sobretudo, instrumentos invariantes de troca, o problema inicial do conhecimento será, pois de elaborar tais mediadores. A partir da zona de contato entre o corpo próprio e as coisas, eles se empenharão

então sempre mais adiante nas duas direções complementares do exterior e do interior, e é desta dupla construção progressiva que depende a elaboração solidária do sujeito e dos objetos.

Para os interacionistas a criança é uma investigadora movida por motivações interiores na busca do conhecimento que adquire conforme vai organizando o mundo a sua volta para poder se apropriar dele.

As duas correntes teóricas que mais tomaram expressão em relação ao interacionismo foram a elaborada por Piaget e seus seguidores e a defendida por Vygotsky e outros teóricos soviéticos. Entretanto, a que mais colabora para esta pesquisa por trabalhar especificamente com o conceito de mediação é a teoria vygotskiana a qual exporemos brevemente a seguir.

4.2.1 Vygotsky

Lev Semenovitch Vygotsky nasceu em Orsha, na Bielo-Rússia, em 17 de novembro de 1896 e faleceu em Moscou, em 11 de junho de 1934.

De acordo com Silva e Davis (2004, p.633), no Brasil ainda não há uma padronização na grafia do nome de Vigotski. Traduções norte-americanas e portuguesas utilizam Vygotsky; espanholas utilizam Vygotski e Vigotski, enquanto que em trabalhos publicados recentemente no Brasil estão utilizando a grafia Vigotski. Encontramos também Vigotsky e Vigotskii.

Da mesma forma, encontramos na literatura: Lev e Liev; Semenovitch, Seminovitch, Semiónovitch e Semyonovitch.

Seus estudos contribuem significativamente para a compreensão do processo de aprendizagem humana, pois se preocupou em entender como se dá o funcionamento psicológico do homem, integrando aspectos biológicos e culturais.

É considerado sócio-interacionista por acreditar que o desenvolvimento e a aprendizagem humana se dão mediante suas interações sociais com a cultura e a história da sociedade da qual faz parte.

Para Vygotsky (1998, p.68), “a característica básica do comportamento humano em geral é que os próprios homens influenciam sua relação com o ambiente e, através desse ambiente, pessoalmente modificam seu comportamento, colocando-o sob controle”.

Nessas interações (influências mútuas entre sujeito e objeto, organismo e meio) o homem é alguém que transforma e é transformado. Sujeito e objeto se constroem, se constituem mutuamente, na interação. É na síntese da ação dos dois que se dá a construção do conhecimento. Rego (1995, p.93-94) ressalta que na abordagem vygotskiana

o que ocorre não é uma somatória entre fatores inatos e adquiridos e sim uma interação dialética que se dá, desde o nascimento, entre o ser humano e o meio social e cultural que se insere. [...] as características de cada indivíduo vão sendo formadas a partir da constante interação com o meio, entendido como mundo físico e social, que inclui as dimensões interpessoal e cultural. Nesse processo, o indivíduo ao mesmo tempo que internaliza as formas culturais, as transforma e intervém em seu meio. É, portanto na relação dialética com o mundo que o sujeito se constitui e se liberta [...].

Uma forma de visualizarmos melhor o interacionismo de Vygotsky é por meio da compreensão de seus *Planos Genéticos de Desenvolvimento*: quatro entradas de desenvolvimento que, juntas caracterizam o funcionamento psicológico do ser humano, os quais são apresentados por Oliveira (199-), a seguir:

1) **Filogênese**: História da espécie humana. (características próprias de cada espécie). *O homem anda, mas não voa.* 2) **Ontogênese**: História do indivíduo da espécie. De um indivíduo de uma determinada espécie. 3) **Sociogênese**: História de cultura onde o sujeito está inserido. As formas de funcionamento cultural que interferem/definem o funcionamento psicológico. Fator alargador: *O homem anda, mas não voa. - Agora voa porque criou o avião.* 4) **Microgênese**: Cada fenômeno psicológico tem sua própria história. Como a criança aprendeu a amarrar o sapato. Entre não saber e saber "algo aconteceu". É a porta aberta dentro do não determinismo. (grifo nosso)

Percebemos que as interações envolvem características biológicas da espécie humana; e que estas são desenvolvidas ao longo de sua vida social.

No decorrer de sua vida, o homem, um ser social e histórico em constante construção, busca satisfazer suas necessidades por meio do trabalho, de relações com outras pessoas, pela produção de conhecimentos e transformação da natureza.

Para Vygotsky, a relação do homem com o mundo que o rodeia não se dá de maneira direta, mas mediada. Ou seja, o homem, enquanto sujeito do conhecimento, tem acesso mediado, e não direto aos objetos. Há um processo de intervenção/mediação de um elemento intermediário (mediador) na relação, que passa a ser mediada por esse elemento, na construção do conhecimento.

Oliveira (199-), baseada na concepção de Vygotsky, afirma que entre o homem e o mundo real existem dois tipos de elementos mediadores (instrumentos e signos) como podemos ver a seguir:

Instrumentos (ferramentas): são elementos externos à pessoa, cuja função é modificar a natureza ou interagir com ela. Ex.: *Para cortar um pão eu utilizarei uma faca.* - **Signos**: funcionam como instrumentos psicológicos internalizados na pessoa humana. A invenção e o uso de signos são análogos à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. Ex.: *Chapéu no banheiro masculino / Sombrinha no banheiro feminino - A figura representa a idéia de feminino e masculino e toma-se posse da informação adequadamente.*

Para entender melhor a mediação desses elementos no comportamento humano nos apoderamos da explicação de Vygotsky (1998, p.72-73), ao esclarecer que a diferença essencial entre instrumento e signo,

consiste nas diferentes maneiras com que eles orientam o comportamento humano. A função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado *externamente*; deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado *internamente* [...]. (grifo do autor)

Entendemos que, embora distintos, os instrumentos e os signos, envolvem uma atividade mediada.

Estudando o desenvolvimento humano a partir do processo histórico/social em que o homem vivia, Vygotsky percebeu que a *linguagem* tinha um papel fundamental na *mediação* entre as relações sociais e a aprendizagem.

Para ele o pensamento é culturalmente mediado pela linguagem, pois por meio dela ele passa a existir. O aparecimento da linguagem como veículo de comunicação e apropriação do conhecimento é devido à necessidade de intercâmbio entre os homens. Exemplificando a função mediadora da linguagem Vygotsky (1998, p.33), afirma que:

[...] o momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem. [...] Antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento.

Ainda discorrendo sobre o desenvolvimento da criança Vygotsky (1998, p.40) nos diz que

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e,

sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social.

Portanto, a construção do conhecimento do homem implica numa ação partilhada; acontece mediada por outras pessoas. Todo um patrimônio cultural (valores e conhecimentos) adquiridos com o desenvolvimento da humanidade não precisa ser recomeçado do zero em cada indivíduo. Para que a criança possa se apoderar de tais conhecimentos é necessária a intervenção direta ou indireta de mediadores (indivíduos mais experientes) de seu grupo cultural.

Vygotsky (1998, p.111), salienta que “aquilo que a criança consegue fazer com ajuda dos outros poderia ser, de alguma maneira, muito mais indicativo de seu desenvolvimento mental do que aquilo que consegue fazer sozinha”; e afirma (1998, p.117), que o “bom aprendizado” é aquele que se adianta ao desenvolvimento.

O fundamento desse ponto de vista é encontrado em seu conceito de *Zona de Desenvolvimento Proximal* (ZDP), que para Vygotsky (1998, p.112-113),

[...] é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. [...] A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. [...] aquilo que é a zona de desenvolvimento proximal hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã [...].

Nesse sentido, a teoria de Vygotsky representa uma grande contribuição para a área da Educação. Ao desenvolver o conceito de ZDP ele fornece subsídios para a compreensão de como se dá a integração entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento. A ZDP é o “espaço” onde a mediação pode acontecer. Mediação/intervenção essa que na escola deve ser realizada pelo professor e outros educadores, como o bibliotecário. Rego (1995, p.108), destaca que

A escola desempenhará bem seu papel, na medida em que, partindo daquilo que a criança já sabe (o conhecimento que ela traz de seu cotidiano, suas idéias a respeito dos objetos, fatos e fenômenos, suas "teorias" acerca do que observa no mundo), ela for capaz de ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos [...].

A afirmação de Rego chama atenção para o tipo de mediador e mediação que deve haver na ação pedagógica: O papel do educador é o de mediador de conhecimento; é aquele que puxa, motiva, facilita e promove a aprendizagem do aluno.

O mediador precisa conceber que o aprendizado presente, baseado no passado está em constante reconstrução do conhecimento, dando ao futuro uma nova construção.

As idéias de Vygotsky sugerem que a escola seja um local que permita ao educando experiências e erros, diálogo, exposição de dúvidas, esclarecimentos, descobertas, ou seja, um local que não se prenda a simples obtenção/repasse de informação, mas vá além, procurando visualizar os processos, ritmos, maneiras de pensar e agir envolvidos na construção do conhecimento.

Como conseguir isso? Uma das opções é que a informação circule por toda a escola (biblioteca, pátio, laboratórios,...) e não só dentro da sala de aula. Fazer da escola um novo espaço, onde a comunidade escolar interaja de modo criativo; e que de tal interação todos possam sair transformados.

Já não cabe um ensino autoritário, que não permite o diálogo e a discussão, acabando por formar pessoas passivas, que repetem, que não discutem a vida, o mundo, as próprias pessoas; porque receberam/aprenderam coisas prontas, acabadas. Na verdade receberam informação, mas não construíram conhecimento.

Nesse sentido, concordamos com Micheletti (2002, p. 19), quando ao se referir a ação do professor em sala de aula, afirma que “para tornar-se um verdadeiro mediador entre o texto e os alunos, [é necessário] que ele se abstenha de seu papel de guardião do saber, sem abdicar, contudo, de sua condição de leitor mais maduro”.

Os mediadores, lembrando que as crianças são sedentas de saber, de aprender e de conhecer o mundo, devem capacitá-las para atividades que implique em ler, interpretar, saber questionar, freqüentar bibliotecas fazendo uso de seu acervo e demais recursos, pesquisar, apresentar resultados de pesquisa, etc.

Já conhecemos caminhos de mediação que propiciam a construção do conhecimento dos alunos, porém, ainda há alguns pontos mal resolvidos, como é o caso da pesquisa escolar. Fala-se da importância da pesquisa como um dos requisitos para aprendizagem do aluno; mas na verdade ela ainda não acontece como deveria.

Assim como as idéias de Vygotsky trazem um novo modo de pensar o ensino, porque não pensarmos em um novo modo de encarar a pesquisa escolar, o ensino/habilidade/experiência da pesquisa?

Professor e bibliotecário devem encarar o problema da pesquisa escolar e procurar fazer com que ela aconteça de maneira satisfatória na escola. No lugar de passarmos “receitas” de como deve ser a pesquisa, discorrendo sobre sua importância e

necessidade, devemos nos preocupar em saber como nossos educandos constroem o processo da pesquisa em suas mentes.

Precisamos fugir desse ensino que prolonga uma transmissão, assimilação, imitação de palavras e exemplos que não fazem sentido para o aluno, e por isso não encontra sua razão de ser.

Em substituição a isso, redimensionar nosso olhar, nossa fala e nossa escuta. Um olhar e uma escuta que possam perceber e ouvir mesmo o que não está totalmente expresso. Observar, dialogar, entender o que pensam os educandos sobre a pesquisa escolar. Que significado e importância dão à pesquisa? Como a vivenciam?

Devemos entender o processo pelo qual o aluno passa enquanto descobre os recursos, os trâmites e os benefícios da pesquisa escolar. Quais os fatores envolvidos na própria função da pesquisa na realidade do aluno. Isso envolve também diálogo e mediação. Almeida Junior (2006c, slide 12) observa que toda mediação pressupõe o diálogo, e que este

[...] possibilita “dar a voz e palavra” ao usuário, permitindo-lhe explicitar suas necessidades e interesses. O fazer bibliotecário/arquivístico tem como base essas necessidades e interesses na construção de mecanismos para permitir aos usuários a apropriação da informação.

Defendemos que a mediação pode e deve acontecer. E mais uma vez observamos a importância do educador praticar a pesquisa e possibilitar ao aluno um maior desenvolvimento de suas potencialidades de pesquisador.

Retomando a idéia de que mediar envolve a interferência, devemos abandonar o ensino direto de conceitos e criar situações de dúvidas, de vontade de conhecer, de descobrir, de entender, de forma que o aluno busque por meio da pesquisa respostas às interrogações provocadas.

Isso porque, como vimos anteriormente no capítulo sobre a pesquisa escolar (cf. seção 3.2.7), é necessário mediar o processo de pesquisa, pois não basta ao professor e ao bibliotecário ensinar aos alunos o que vem a ser uma pesquisa, disponibilizar fontes/recursos de informação e apresentar-lhes as possíveis etapas para seu desenvolvimento.

A mediação não é isolada, mas sim, uma atitude contextualizada. O mediador deve conhecer e acompanhar os sentimentos e atitudes do estudante em cada uma das etapas, cada dificuldade e progresso, orientando, incentivando e ajudando.

Exemplificando essa mediação na pesquisa escolar, mencionamos no citado capítulo a pesquisa e a experiência de Kuhlthau (1999); Campello e Abreu (2005),

com o (ISP) Information Search Process, o qual entende a busca de informação como um processo de aprendizagem significativa, na perspectiva do usuário.

A mediação no modelo ISP diferencia a postura dos educadores (bibliotecário e professor) com relação à pesquisa tradicionalmente realizada. Nesse modelo parceria entre esses educadores é fundamental; a participação do bibliotecário na orientação e intervenção é mais ativa; e a pesquisa, baseada em informações de múltiplas fontes e espaços informacionais sempre envolve a elaboração de um produto final, proporcionando a construção/reconstrução do conhecimento.

O ISP desenvolvido por Kuhlthau é baseado nas idéias de Vygotsky. Para ele a aprendizagem é um processo interativo, no qual o sujeito/educando é o centro da aprendizagem, comportando-se de maneira ativa e interativa com o meio.

Nesse processo, o mediador formal é o educador (professor, bibliotecário e outros). Estes educadores, em sua mediação, facilitam ao educando o acesso aos conceitos ou conhecimentos científicos/educativos no ambiente escolar.

O mediador informal pode ser o pai, a mãe, o irmão, o amigo ou outra pessoa de seu meio histórico/cultural. Esses mediadores favorecem os conceitos e conhecimentos espontâneos.

No que diz respeito à mediação no momento da pesquisa, podemos novamente citar Vygotsky. Para ele o aprendizado é contínuo e sua evolução caracteriza-se por saltos de um nível de conhecimento para outro.

O desenvolvimento deve ser visto de maneira prospectiva, dando ênfase ao que está em processo, pois é ali que a intervenção pedagógica pode acontecer.

Como vimos, em seu conceito de ZDP, ele trabalha com dois outros conceitos; o nível de desenvolvimento real e o potencial. No quadro abaixo, acrescentamos características do aluno nesses níveis, como se vê a seguir:

O ESTUDANTE/PESQUISADOR E OS NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO		
	NÍVEL DE DESENVOLVIMENTO REAL	NÍVEL DE DESENVOLVIMENTO POTENCIAL
C O N C E I T O	Nível que a criança já chegou. Sabe e tem capacidade de desenvolver tarefas de forma independente, sem a ajuda de outras pessoas. (retrospectivo) Habilidades amadurecidas	Nível ao qual a criança ainda não chegou. (desejado) Aquilo que a criança não realiza sozinha, mas com a ajuda de alguém mais experiente. Habilidades em amadurecimento
	Aluno que pode resolver um problema sozinho, sem auxílio de alguém.	Aluno que precisa da ajuda de um professor, do bibliotecário ou de um colega para resolver um problema.
A L U N O		

Quadro 8: O estudante/pesquisador e os níveis de desenvolvimento baseado na teoria de Vygotsky.

A ZDP é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial ou desejado. Zona entre aquilo que já está pronto e o que está presente em semente. É onde se permite intervenção e a mediação pode acontecer.

No modelo ISP de Kuhlthau, essa zona de intervenção corresponde aos estágios em que o bibliotecário pode intervir objetivando ajudar o usuário. De acordo com Alves e Faqueti (2002, p.10), nesse modelo,

[...] o bibliotecário cria atividades ou estratégias que possibilitem a identificação das ZDPs nos estudantes, de maneira a levá-los ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Essas atividades, além de auxiliarem no diagnóstico das necessidades de informação, são usadas pelos bibliotecários como estratégias para mediar o processo de busca de informação compatível com a zona de desenvolvimento proximal em que o usuário se encontra.

Constatamos assim que o ISP é um modelo de busca da informação que anima a mediação bibliotecária no sentido de intervir na orientação dos pesquisadores/usuários no processo de busca da informação.

Nessa mediação os educadores buscam tornar o aluno autônomo, capaz de saber qual a melhor maneira de agir, qual o melhor caminho a seguir, de tomar decisões por ele mesmo; o que não significa deixá-lo sozinho e completamente livre. Devem levar o educando a uma autonomia que o faça identificar o que já conhece, o que quer/precisa conhecer, como, quando e onde buscá-lo. Assim ele pode estar apto a “gerenciar” a construção de seu conhecimento durante toda a vida.

Isso nos remete a um outro movimento bastante discutido nos últimos anos na área educacional e que deve fazer parte do acervo de conhecimentos do bibliotecário: “Information Literacy” – Competência Informacional.

4.2.2 Competência Informacional

Vivemos numa sociedade marcada por diversas e rápidas transformações, nos vemos cercados de novos meios de informação e comunicação. Isso facilita a produção, divulgação e o acesso a informações e cultura de um modo geral.

Por outro lado, precisamos estar aptos a viver nesse meio, conscientes de que a explosão informacional é uma constante; e que termos acesso a tudo que nos é de interesse é praticamente impossível. Educar nossas crianças para esse mundo é um desafio. Takahashi (2000, p.45) menciona que educar em uma Sociedade da Informação

[...] significa muito mais que treinar as pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação: trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomar decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas. Trata-se também de formar os indivíduos para “aprender a aprender”, de modo a serem capazes de lidar positivamente com a contínua e acelerada transformação da base tecnológica.

Cabe aos educadores, dentre eles o bibliotecário, capacitar os alunos para o “aprender a aprender”, de forma que saibam buscar as informações de que necessitam e delas fazer uso crítico, que lhes possibilite uma contínua construção do conhecimento para a tomada de decisão e resolução de problemas em suas vidas.

Nesse sentido, a Information Literacy (IL), de acordo com Hatschbach (2002, p.95), é uma área que, envolvendo estudos e práticas, “trata das habilidades acerca do uso da informação em relação à sua busca, localização, avaliação e divulgação, integrando a utilização de novas tecnologias e a capacidade de resolução de problemas de informação”.

No idioma português há diferentes expressões que representam o termo “Information Literacy”, como: alfabetização informacional, fluência informacional, letramento, literacia, competência informacional e competência em informação. No entanto, no campo de Ciência da Informação verifica-se uma preferência pelo uso de competência informacional e competência em informação.

Podemos dizer que a Competência Informacional é favorável a habilitação das pessoas para o domínio do universo informacional, pois, conforme afirma Dudziak (2003, p.23), a IL “liga-se à necessidade de se exercer o domínio sobre o sempre crescente universo informacional. Incorporando habilidades, conhecimentos e valores relacionados à busca, acesso, avaliação, organização e difusão da informação e do conhecimento”.

Essas habilidades são essenciais para que uma pessoa possa se inserir devidamente na Sociedade. De acordo com Beluzzo (2004, apud BELUZZO, 2007), a Competência em Informação é um processo contínuo

de interação e internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades específicas como referenciais à compreensão da informação e de sua abrangência, em busca da fluência e das capacidades necessárias à geração de conhecimento novo e sua aplicabilidade ao cotidiano das pessoas e das comunidades ao longo da vida.

Guedes e Farias (2007, p.115) mencionam uma das definições largamente aceita na literatura, que é a do Relatório Final da (ALA) American Library Association, elaborado pelo Presidential Committee on Information Literacy, esclarecendo que

Para ser competente em informação, uma pessoa deve ser capaz de reconhecer quando uma informação é necessária e deve ter a habilidade de localizar, avaliar, e usar efetivamente a informação [...] Resumindo, as pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Elas sabem como aprender, pois sabem como a informação é organizada, como encontrá-la e como usar a informação de forma que outras pessoas aprendam a partir dela.

Percebemos que uma pessoa competente em informação é aquela que “aprendeu a aprender”; e que para isso são necessários alguns atributos como reconhecer a necessidade de informação, saber buscar, filtrar, avaliar organizar e usar a informação de forma crítica e também para a tomada de decisão.

Tais requisitos e conceitos da Competência Informacional, se incluídos no currículo escolar, aproximam bibliotecário/biblioteca, professor/sala de aula para, em parceria, estimular nos alunos o uso da biblioteca e dos recursos informacionais para a aprendizagem. Segundo Dudziak (2003), a IL é ainda, um processo de aprendizado que envolve três concepções: *informação*, *conhecimento* e *inteligência*. Nas três concepções, biblioteca e bibliotecário são enfatizados, como veremos a seguir:

Concepção ou nível da informação: ênfase na tecnologia da informação [...] Neste contexto, a biblioteca aparece como suporte ao ensino/pesquisa e proporciona o acesso físico à informação organizada. O profissional da informação assume o papel de intermediário da informação. O paradigma informacional e educacional reproduzido é o tradicional, apesar do aporte tecnológico.

Concepção ou nível do conhecimento: ênfase nos processos cognitivos [...] A biblioteca é concebida como espaço de aprendizado, e o profissional da informação aparece ora como gestor do conhecimento, ora como mediador nos processos de busca da informação. O paradigma educacional que dá suporte a esse modelo de information literacy é o alternativo, que privilegia o processo de ensino/aprendizado, tendo o foco no indivíduo/aprendiz.

Concepção ou nível da inteligência: ênfase no aprendizado ao longo da vida [...] Neste cenário, a biblioteca aparece como espaço de expressão do sujeito, e o profissional da informação transforma-se em agente educacional, ativamente envolvido com a comunidade. Mais que mediador (conceito definido por Kuhlthau), o trabalho do bibliotecário como agente educacional está direcionado à mediação do aprendizado.

Vemos que a biblioteca aparece como suporte ao ensino/pesquisa, espaço de aprendizado e de expressão do sujeito. Já o bibliotecário assume o papel de intermediário, mediador, gestor da informação; um agente educacional ativamente envolvido com a comunidade e direcionado à mediação do aprendizado.

Também citando o bibliotecário, Campello (2003) aborda que “o bibliotecário é a figura central no discurso da competência informacional”.

Assim, Campello discorre sobre as diretrizes sugeridas no chamado Information Power: Building Partnerships for Learning, de 1998, o qual, além de colocar o bibliotecário como líder na implementação do conceito de competência informacional no ambiente escolar, apresenta um conjunto de recomendações para desenvolver competências informacionais desde a fase de educação infantil até o ensino médio.

Campello (2003) esclarece que nessa versão do Information Power, são apresentadas “nove habilidades informacionais, divididas em três grupos, conforme quadro traduzido pela autora e por nós adaptado, a seguir:

NOVE NORMAS PARA COMPETÊNCIA INFORMACIONAL	
<i>Competência para lidar com a informação</i>	O aluno que tem competência informacional... 1) acessa a informação de forma eficiente e efetiva; 2) avalia a informação de forma crítica e competente; 3) usa a informação com precisão e criatividade.
<i>Informação para aprendizagem independente</i>	O aluno que tem capacidade de aprender com independência possui competência informacional e... 4) busca informação relacionada com os seus interesses pessoais com persistência; 5) aprecia literatura e outras formas criativas de expressão da informação; 6) se esforça para obter excelência na busca de informação e de geração de conhecimento.
<i>Informação para responsabilidade social</i>	O aluno que contribui positivamente para a comunidade de aprendizagem e para a sociedade tem competência informacional e... 7) reconhece a importância da informação para a sociedade democrática; 8) pratica o comportamento ético em relação à informação e à tecnologia da informação; 9) participa efetivamente de grupos, a fim de buscar e gerar informação.

Quadro 9: Nove normas para competência informacional.

Fonte: Campello (2003) Adaptação do quadro de Campello

Sendo nosso foco de estudo a mediação da informação na pesquisa escolar digital e considerando a pesquisa como base para a aprendizagem e construção do conhecimento do aluno, achamos pertinente acrescentar aos pontos levantados por Campello, os objetivos da IL apontados por Dudziak e apresentados no quadro a seguir:

OBJETIVOS DA INFORMATION LITERACY	
FORMAR INDIVÍDUOS QUE:	UMA VEZ QUE:
<i>Saibam determinar a natureza e a extensão de sua necessidade de informação como suporte a um processo inteligente de decisão:</i>	<ul style="list-style-type: none"> - dialogam com colegas, docentes, educadores, definindo e articulando suas necessidades de informação; - identificam potenciais fontes informacionais, em variados formatos e níveis de profundidade; - consideram custos e benefícios em relação à natureza e extensão de seus propósitos; - definem critérios de escolha e tomadas de decisão dentro de um plano predeterminado.

<p><i>Conheçam o mundo da informação e sejam capazes de identificar e manusear fontes potenciais de informação de forma efetiva e eficaz:</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - estão familiarizadas com as várias mídias de informação, incluindo jornais, revistas, televisão, internet, além das pessoas; - sabem como o mundo da informação é estruturado, como acessar as redes formais e informais de informação; - selecionam os métodos investigativos mais apropriados; - constroem e implementam estratégias de busca planejadas e efetivas; - recuperam a informação a partir de variadas interfaces e sistemas, utilizando as tecnologias de informação; - redefinem estratégias de ação; - criam um sistema de organização da informação, registrando as informações pertinentes para futuros usos; - elaboram mapas mentais, esquemas e anotações.
<p><i>Avaliem criticamente a informação segundo critérios de relevância, objetividade, pertinência, lógica, ética, incorporando as informações selecionadas ao seu próprio sistema de valores e conhecimentos:</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - extraem informações de textos e documentos, sintetizando-os; - examinam e comparam informações de variadas fontes considerando confiabilidade de fontes, distinguindo fatos de opiniões; - analisam a estrutura e a lógica que sustentam os argumentos ou métodos; - comparam os novos conhecimentos com os conhecimentos preexistentes, examinando contradições, novidade; - sintetizam as idéias construindo novos conceitos; - integram novas informações às informações ou conhecimentos preexistentes.
<p><i>Usem e comuniquem a informação, com um propósito específico, individualmente ou como membro de um grupo, gerando novas informações e criando novas necessidades informacionais:</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - organizam conteúdos; - articulam conhecimentos e habilidades na construção de produtos ou atuações informacionais; - manipulam textos digitais, imagens, dados, ferramentas de apresentação e redação; - sabem comunicar apropriadamente suas idéias, incorporando princípios de planejamento comunicacional e de abertura ao diálogo.
<p><i>Considerem as implicações de suas ações e dos conhecimentos gerados, observando aspectos éticos, políticos, sociais e econômicos extrapolando para a formação da inteligência:</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - são responsáveis por suas escolhas; - identificam e discutem questões relativas à propriedade intelectual; - demonstram entendimento acerca dos aspectos políticos, sociais e ambientais relativos às suas ações; - demonstram visão sistêmica da realidade.
<p><i>Sejam aprendizes independentes:</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - assumem a responsabilidade por seu próprio aprendizado; - são capazes de aprender a partir dos recursos informacionais disponíveis; - procuram a informação de que necessitam para a resolução de seus problemas ou tomadas de decisão, mantendo redes interpessoais de relacionamento; - mantêm-se atualizados; - assumem atitude proativa de aprendizado.
<p><i>Aprendam ao longo da vida:</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - assumem o aprendizado como um continuum em suas vidas; - internalizam valores que promovem o uso da informação como criação de significado para suas vidas; - incorporam os processos investigativos à sua vida diária; - estão sempre dispostos a vencer desafios.

Quadro 10: Objetivos da Information Literacy. Fonte: Dudziak (2003)

Embora saibamos que há mais coisas sobre a Competência Informacional que poderiam ser citadas, nos restringiremos aos pontos mencionados, os quais consideramos essenciais para termos noção desse movimento e de sua importância nas bibliotecas.

Assim, conhecemos parte dessa abordagem pedagógica focada no aluno e em suas necessidades para que ele seja ativo na construção de seu conhecimento. Saímos de uma pedagogia que era focada no ensino/aprendizagem (professor/aluno), e nos voltamos para o aprendiz, para o aprender a aprender.

Ao considerarmos a biblioteca escolar como um local de competência informacional, suporte ao ensino/pesquisa, espaço de aprendizado e de expressão do sujeito, constatamos que o bibliotecário (educador/mediador), deve direcionar suas atividades para a mediação da informação e do aprendizado.

Tais considerações com relação ao papel a ser desempenhado pelo bibliotecário estão distantes da realidade de muitas bibliotecas e bibliotecários brasileiros apresentada no capítulo da biblioteca escolar, (cf. item 2.4) deste trabalho.

Na verdade, em função do bibliotecário, por diversos motivos, se restringir a atividade técnica, poucos atendimentos a questões de referência e orientações quanto a fontes de informação, acaba por não conseguir espaço no plano pedagógico. Espera-se que a inserção do movimento Competência Informacional nas escolas possa reverter esse quadro.

Porém, para que o bibliotecário possa desempenhar os papéis citados, envolvendo-se com a mediação, com o processo investigativo, com o aprendizado independente, o aprender a aprender, o aprendizado ao longo (e por toda) da vida, é necessário que ele esteja preparado, seja competente em informação e possua as habilidades requeridas para desenvolver adequadamente tais papéis.

Assim, o bibliotecário também deve mudar sua postura, antes tão tecnicista e atualmente centrado no usuário. Deve junto ao professor, capacitar o aluno de forma que este, além de estar apto a perceber quando precisa de uma informação, que informação necessita, como a informação está organizada, como encontrá-la e de que forma usá-la de maneira crítica e consciente, seja autônomo para tal comportamento.

O bibliotecário, atualizado e competente, precisa ser um mediador que favoreça o aprender a aprender, o aprendizado constante, ao longo da vida.

Mas o aprender envolve uma profunda reflexão por parte dos educadores quanto à valorização da pesquisa como suporte para a autonomia e desenvolvimento intelectual do aluno, como podemos perceber na concepção de Pedro Demo no próximo item.

4.2.3 Pedro Demo

Pedro Demo é professor universitário, pós-doutor em Educação, PhD em Sociologia. Suas idéias devem ser conhecidas pelos bibliotecários, pois questionam as aulas, o repasse de informação, os métodos de avaliação e sugerem outras maneiras de focar a formação do aluno.

Demo nos remete à pesquisa como base para o conhecimento, ao aprender a aprender e a outros conceitos necessários ao bibliotecário/mediador.

Suas obras são ricas em questionamentos e conceitos educacionais e por isso selecionamos alguns trechos que consideramos primordiais a uma reflexão para o bibliotecário se situar em pontos que devem permear suas atividades junto ao aluno.

Demo defende uma formação básica qualitativa, onde o aluno se apropria de conhecimentos relevantes e gesta uma atitude metodológica construtiva. Para substituir o repasse informativo pela competência/capacidade de confrontar-se e renovar-se, esse autor (1993, p.101), afirma que cabe à pedagogia e à didática:

- a) construir o contexto de totalização da formação básica, revelando que seus componentes formam um todo interligado e dinâmico;
- b) mostrar que diz respeito à realidade histórica, desvelando ser capaz de compreender processos e de neles entrar como figura ativa;
- c) ressaltar que formação básica não é pacote fechado, apropriado, mas, mais que produto, um procedimento para renovar o conhecimento e renovar-se através dele;
- d) indicar que seu cerne não é um lote decorado de informação, mas a capacidade de sempre se informar;
- e) argumentar que a alfabetização não é enunciar e desenhar letras, mas ler a realidade, interpretar o mundo, sobretudo intervir nele como sujeito;
- f) construir e reconstruir a atitude do aprender a aprender em nosso ambiente histórico e social.

Ele chama atenção para a necessária exigência de constante formação e atualização do professor, que aqui nos referimos como educador inserindo nesse sentido o bibliotecário. Fala sobre a capacidade de informar-se e reconstruir o horizonte informativo a cada dia. Assim nos transporta à linha do aprender a aprender, a

capacidade de formar-se/reciclar-se; a refletirmos que mais importante que deter conhecimento é preparar, habilitar os alunos a “manejá-lo e a produzi-lo”.

Demo se contrapõe à didática exclusivamente “ensino/aprendizagem” por considerá-la inadequada e por conduzir os alunos a meros objetos. Para ele (1993, p.98), “sem desfazer os momentos em que cabe o ‘aprender’, no sentido de internalizar conhecimentos via absorção repassada, o contexto deve sempre ser o do ‘aprender a aprender’, base da autonomia emancipatória”.

Ressalta que sobretudo na escola básica o objetivo deve ser “reconstruir o conhecimento” em sentido participativo/construtivo.

Nesse aprender a aprender, construir e reconstruir conhecimento, chama-nos a atenção para a postura do sujeito/aluno, para o desenvolvimento de uma atitude crítica e questionadora diante da realidade, colocando a pesquisa como meio para obtenção dessa meta. Na visão de Demo (1993, p.99),

O centro da pesquisa é a arte de questionar de modo crítico e criativo, para, assim, melhor intervir na realidade. Por isso, é princípio educativo também. Como tal, constitui-se na mola mestra do aprender a aprender. Em vez de decorar, saber pensar. Não se restringe à acumulação mecânica de pedaços de conhecimento, que permitem transitar receptivamente no cotidiano, mas gera a ambiência dinâmica do sujeito capaz de participar e produzir, de ver o todo e deduzir logicamente, de planejar e intervir.

Ainda discorrendo sobre os benefícios e importância da pesquisa Demo(1993, p.100), afirma que ela

[...] poderia ser maneira inteligente de reverter o processo instrumentalizante, à medida que fundasse atitude alternativa participante, construtiva, questionadora. Mostra a relevância de conjugar qualidade formal e política, porquanto saber pensar é, ao mesmo tempo, a capacidade de dominar e renovar informação, e de decidir o que fazer com ela. Não se contenta em apropriar-se do conhecimento, porque faz dele a estratégia do questionamento. Une saber e mudar.

Enfim, ao bibliotecário, que também olha a pesquisa com olhos de quem quer mediar para testemunhar seus bons resultados, ressaltamos o alerta de Demo (1993, p.103), de que a habilidade didática e pedagógica precisa:

[...] centrar-se na competência estimuladora da pesquisa, incentivando com engenho e arte a gestação de sujeitos críticos e auto-críticos, participantes e construtivos. Como meta, coloca-se a gestação no aluno da capacidade de saber pensar, aprender a aprender, construir/reconstruir - dentro de seu contexto - questionamentos pertinentes. Não se trata de exigir produção científica, porque já é importante que saiba reconstruir, no sentido de construir para si mesmo a habilidade de ler a realidade, questioná-la e lançar projeto próprio de desenvolvimento.

Além de Pedro Demo, Carol Kuhlthau é um dos nomes a ser lembrado. É sobre ela que discorreremos a seguir.

4.2.4 Carol Kuhlthau

Carol Collier Kuhlthau, professora/pesquisadora norte-americana, tem relevante trabalho e pesquisa relacionados à biblioteca escolar e sobre o processo de busca da informação.

Estudando o processo de aprendizagem com base no questionamento em escolas de ensino fundamental e secundário nos Estados Unidos desenvolveu um modelo de processo de pesquisa chamado Information Search Process (ISP).

A abordagem desse processo de busca da informação recebe influências de teorias de aprendizagem construtivistas, respeitando a perspectiva e estágios do aluno.

Kuhlthau destaca a importância da existência e uso da biblioteca como centro do processo de aprendizagem reforçando a necessidade da mediação bibliotecária.

Nesse sentido seu nome também é lembrado no movimento da competência informacional, já que sua proposta envolve propiciar aos alunos conhecimentos e habilidades para localização, seleção, avaliação e interpretação de informação, tornando-os competentes em sua constante construção de conhecimento.

No decorrer do presente trabalho encontram-se informações sobre Kuhlthau o ISP, bem como a mediação/intervenção baseada em Vygotsky.

Porém, tanto o bibliotecário quanto professores deveriam ter acesso a seus textos, em especial o livro “Como usar a biblioteca na escola” obra já traduzida para o português. Na referida obra encontram-se sugestões de atividades que visam o desenvolvimento de habilidades nos alunos, para que estes possam usar de forma gradual e eficiente os recursos informacionais da biblioteca.

Destaca-se na obra que esse programa de desenvolvimento de habilidades para usar a biblioteca e a informação precisa fazer parte da proposta curricular da escola por meio de um planejamento conjunto de bibliotecário e professor.

Enfim, é importante que o bibliotecário conheça as idéias de Kuhlthau, bem como de outras pesquisas baseadas em sua experiência que dizem respeito também à contextualização da pesquisa e sentimento/comportamento do aluno.

Em se tratando de contextualização dos temas de pesquisa e ao comportamento do mediador e dos alunos, o bibliotecário precisa conhecer os princípios de Paulo Freire com relação a alguns saberes fundamentais à prática educativa, conforme citaremos no item a seguir.

4.2.5 Paulo Freire

Paulo Reglus Neves Freire foi um educador brasileiro. Nasceu no Recife, em 19 de setembro de 1921 e faleceu em São Paulo, no dia 2 de maio de 1997.

Seu trabalho até hoje tem significativa influência na educação, devido à sua profunda reflexão e questionamento na área pedagógica.

Sua concepção é contrária à forma “depositária” de transmissão de conhecimentos e valores, na qual a relação professor/aluno consiste em narrador e ouvinte, onde o professor detém todo o saber e o aluno se reduz a um passivo ouvinte.

Freire defendia a contextualização dos temas de estudo no cotidiano e nos valores dos alunos. Para ele (2002, p.68), “ninguém educa ninguém, ninguém se educa; os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Nesse sentido, em seu livro: “Pedagogia da autonomia” ele traz como temática central a formação docente, mediante uma reflexão sobre a prática educativa em favor da autonomia do ser dos educandos. Freire (2006, p.14) afirmava que “*formar* é muito mais do que puramente *treinar* o educando no desempenho de destrezas [...]”.

Para Freire (2006, p.21), “não há docência sem discência” e o ato de ensinar exige, entre outras ações: rigorosidade metódica; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; corporeificação das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; e reflexão crítica sobre a prática.

Vemos também a preocupação de Freire (2006, p.47) em alertar que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”. Chama-nos de seres inacabados e inconclusos já que, em seu modo de pensar onde há vida, há inacabamento.

E nessas possibilidades de produção/construção de conhecimento dos alunos, frisa a importância de haver, no ensinar: respeito à autonomia do ser do educando; bom senso, humildade, alegria, esperança e curiosidade.

Alerta que não basta ter competência profissional e acrescenta outros requisitos ao ensinar, como: segurança, generosidade, comprometimento, compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo; liberdade, autoridade, tomada consciente de decisões; saber escutar, estar disponível ao diálogo e querer bem aos educandos.

Percebemos nos princípios de Paulo Freire a necessidade de uma relação de respeito entre professor e alunos, baseada principalmente no diálogo. Esta característica tira o aluno de sua posição passiva e lhe instiga/permite assumir, desde o início, o seu papel e a sua responsabilidade pelo próprio aprendizado, comprometendo-o constantemente com situações problemáticas e existenciais.

Sempre nos convidando ao bom senso, Freire (2006, p.66), alerta que

O professor autoritário, o professor licencioso, professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca.[...]

As idéias de Freire, culminando com a citação acima devem servir de guia e alerta também ao bibliotecário, que deve estar atento à sua postura de mediador, verificando que tipo de marcas deixa em seu caminho.

Aos conceitos do aprender a aprender, das concepções de Vygotsky, Pedro Demo e Paulo Freire, podem-se juntar outros estudos e movimentos pedagógicos. Enfim, apesar do bibliotecário não ser um pedagogo, necessita de conhecimentos básicos acerca da atuação no ambiente educacional.

Também não podemos nos esquecer das noções e conhecimentos relativos às Tecnologias de Informação que surgem a cada dia e que podem ser aplicadas à ação/mediação bibliotecária.

Sendo as tecnologias importante recurso para a realização de pesquisas escolares discutiremos no próximo capítulo sobre a mediação da pesquisa escolar e as tecnologias.

5 A MEDIAÇÃO DA PESQUISA EM MEIO AO DESENVOLVIMENTO DAS TECNOLOGIAS

A mediação da informação aumenta sua amplitude em função do crescente desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TICs).

As Bibliotecas Escolares, principalmente as da rede particular de ensino têm mais um espaço e forma de atuação. Fontes de informação impressas e digitais coexistem, proporcionando além do atendimento presencial, melhores condições para o atendimento remoto, agora em especial o virtual. As tecnologias, em especial a Internet, contribuem para a prática da pesquisa escolar. Modesto (2005, p.288), afirma que

A internet, necessariamente, não traz nada de novo. Praticamente, podemos realizar de outra forma o que fazemos na rede auxiliados pelo computador. A internet, na realidade, modifica a velocidade e a escala do que se poderia realizar, em termos de trocas de informação e de comunicação. [...] é revolucionária quando adotada no ambiente tradicional, aplicando características de velocidade, interatividade, mobilidade, etc. sobre os processos que afeta.

Nesse sentido, discorreremos sobre a mediação bibliotecária na pesquisa escolar há alguns anos atrás; e de que forma ela pode se dar em função das vantagens e desvantagens proporcionadas pelo uso de tecnologias como a Internet.

5.1 Breve retrospectiva sobre as fontes de informação e a pesquisa escolar

No Brasil, há aproximadamente vinte anos atrás, quando se falava em pesquisa escolar pensava-se em localizar informações nas fontes de informação existentes na biblioteca da escola, na Biblioteca Pública Municipal ou no próprio acervo da família ou de vizinhos. O acervo era formado por material impresso (papel).

Na biblioteca, além das revistas, dos jornais, dos livros didáticos e dos livros específicos do assunto desejado, a coleção de referência era a mais procurada.

O bibliotecário que permanecesse alguns anos na escola veria, com algumas exceções, repetirem-se alguns temas de pesquisa como, por exemplo, a biografia de “Tiradentes”, poluição da água e do ar, Monteiro Lobato, índios, folclore, células, ecologia, explosão demográfica, imigração, regiões brasileiras e tantos outros.

Havia uma série de reclamações e descontentamento por parte dos bibliotecários quando, sem comunicação prévia do professor, eram pegos de surpresa pelos alunos (às vezes uma sala inteira), chegando à biblioteca para fazer a pesquisa.

O descontentamento se estendia também aos alunos caso o acervo da biblioteca fosse limitado em qualidade e em quantidade sobre o tema pesquisado.

Por outro lado, bastava ao bibliotecário, entendendo a questão do usuário e conhecendo seu acervo, saber em quais obras buscar a informação. Precisava conhecer o acervo da biblioteca nas diversas áreas e os tipos básicos de informação (bibliográfica, biográfica, lingüística, geográfica, histórica, estatística, etc.). Também devia levar em consideração alguns critérios, como data de publicação, origem, autoria e complexidade das informações, o nível de conhecimento de seus usuários

Ou seja, embora geralmente realizada às pressas em função da demanda, basicamente, a mediação da informação por parte do bibliotecário, no momento da pesquisa, restringia-se a relacionar os temas das pesquisas ao tipo de fonte de informação existente na biblioteca e na adequação da informação ao nível do usuário.

Em casos de questões aparentemente incoerentes e/ou que os bibliotecários não sabiam onde procurar a informação, estes precisavam aprofundar a entrevista de referência com o usuário até encontrar a informação desejada.

Em ocasiões que a biblioteca não dispunha de determinado conteúdo em seu acervo, o bibliotecário sugeria aos usuários que se dirigissem para outras bibliotecas, pessoas ou instituições onde pudessem encontrar a informação. Isso muitas vezes ocorria devido à dificuldade dos bibliotecários terem conhecimento e obterem recursos para adquirir boa parte das publicações que frequentemente eram lançadas.

Quando o bibliotecário localizava facilmente a informação solicitada o usuário tinha acesso rápido e preciso ao que procurava. Todavia, quando o bibliotecário os direcionava para outros locais/contatos, a pesquisa tendia a ser mais demorada.

Devido a raridade de se encontrar bibliotecas escolares com número de funcionários suficiente, o próprio bibliotecário desempenhava as atividades de processamento técnico (seleção, aquisição, registro, classificação, catalogação, etc.) e atendia os usuários no conhecido (SRI) Serviço de Referência e Informação.

Assim, mesmo que o atendimento às questões dos alunos sempre fosse rápido, nem sempre o bibliotecário podia acompanhar os alunos em suas pesquisas.

Resumidamente o que mais se via era um aborrecimento por parte do professor em receber “cópias/fotocópias” como trabalho de pesquisa; bibliotecários com a função de simples “entregadores” de material de pesquisa/empréstimo, inconformados com a falta de comunicação e de tempo para orientar e auxiliar no processo de pesquisa; e alunos desorientados e desmotivados para a pesquisa.

Por isso a mediação envolvendo atividades de estudo e orientação de usuários, procurava tornar os mesmos cada vez mais independentes em suas pesquisas.

Bem orientados, os usuários já não dependiam totalmente do bibliotecário para lhes entregar em mãos o material solicitado, de preferência aberto na página certa. Nem precisavam mais proferir as rotineiras frases: “Tia, de *que linha até que linha eu preciso copiar?*” ou “Tia, neste livro não tem o *que eu preciso!*” e outras frases referentes à dificuldade em localizar o material e a informação desejada.

Mesmo assim, a mediação do bibliotecário continuava presente. A orientação técnica para localização do material nas estantes; de assunto no sumário e nos índices não era suficiente, pois alguns alunos tinham dificuldade em encontrar o assunto por procurá-lo com as “palavras pronunciadas pelo professor”.

Não podemos generalizar, pois muitos usuários sabiam recorrer corretamente a sumários e índices, todavia, faltava-lhes ainda a motivação, a contextualização e interpretação do assunto.

A mencionada parceria professor/bibliotecário ganhou espaço em algumas escolas no sentido de orientar, motivar e dar condições aos alunos de, por meio de questionamentos e busca de respostas; descobrir, aprender/compreender informações e adquirir conhecimento.

Em muitos casos não cessou a polêmica “cópia” e/ou “fotocópia”, o que fez com que alguns professores diminuíssem o número de solicitação de pesquisas; e ainda outros que “permitissem” tal postura por falta de tempo e condições de controle.

Com o passar do tempo identificou-se novas necessidades. A Biblioteca foi contemplada com outros recursos como televisão, videocassete, DVD e computadores. Ao acervo se somaram multimeios: fitas, discos, filmes, CD-ROM, DVDs; enciclopédias, livros, almanaques e revistas eletrônicas e outras fontes de informação. Vários temas de pesquisa podiam ser vistos em fitas de vídeo na biblioteca; incentivando os alunos a procurarem mais informações em outras fontes de informação.

No final dos anos 80, professores e bibliotecários se interessavam em conhecer os recursos do computador, que já chegava às bibliotecas de escolas particulares brasileiras. Fontes de informação impressa e eletrônica coexistiam como recursos da biblioteca, exigindo nova infra-estrutura e capacitação de educadores.

O registro de materiais, listagens, catálogos, disseminação da informação, entre outras atividades da biblioteca passaram gradativamente a serem realizados com os recursos do computador.

Os alunos já podiam optar por realizar suas pesquisas na biblioteca fazendo uso de enciclopédias, dicionários, almanaques, revistas e outras fontes de informação disponíveis em papel impresso e/ou em Cd Roms.

Hoje a infra-estrutura da biblioteca, em muitos casos, possibilita o acesso à informação sem a necessidade de deslocamento a outros locais, pois o usuário busca e acessa a informação via máquina/computador. O acervo impresso, nem sempre suficiente para todos os alunos teve na internet uma aliada já que vários usuários acessam simultaneamente um mesmo documento.

São vários os recursos digitais atualmente. Brito (2002, p.5) afirma que no paradigma da sociedade digital,

[...] diferentes tecnologias estão gradativamente convergindo e se popularizando de tal forma que qualquer aparato eletrônico possa conter várias tecnologias incorporadas, como é o caso do próprio computador. Além dos computadores e das redes eletrônicas, novos recursos digitais incluem a imagem digital (fotos), a música digital (CD, MP3), o vídeo digital (DVD), a tv digital (HDTV), o rádio digital (Rádio Satélite), o livro digital (*eBook*), a terceira geração de celulares digitais (GSM – sistema global para telecomunicação móvel), a eletrônica embarcada (veículos, aviões, satélites) e a computação móvel (*wireless, palmtops, notebooks, wap*). A Internet se apresenta como o principal ponto de convergência entre os recursos digitais. (grifo do autor)

Constatamos que as TICs contribuem para a realização de atividades escolares; porém, o que mais alterou o ambiente da biblioteca, a pesquisa escolar e a mediação bibliotecária, foi sem dúvida a internet, conforme veremos no próximo item.

5.2 Novos ambientes, usuários e mediações da informação

Na atualidade, com o crescente desenvolvimento da tecnologia, novos sistemas e fontes de informação são criados diariamente; vários recursos informacionais tradicionais (livros, revistas, dicionários, etc.) são disponibilizados em versão eletrônica.

Fala-se em redes eletrônicas e suportes digitais facilitando o acesso a informação e obtenção do conhecimento. No rol dos recursos informacionais encontramos fóruns eletrônicos, conferências on-line, e-mails, listas de discussão, bate-papos, rádios e televisões on-line, imagens de satélite em tempo real, etc.

As TICs fazem parte da vida de muitas pessoas diariamente, seja no ambiente de trabalho ou num supermercado, em bancos, em residências, etc. Isso modifica nossos costumes e forma de agir, estabelecendo novos elos e serviços. A esse

respeito Moran (1995, p.25), afirma que a tecnologia de redes eletrônicas modifica profundamente o conceito de tempo e espaço; exemplificando que

Posso morar em um lugar isolado e estar sempre ligado aos grandes centros de pesquisa, às grandes bibliotecas, aos colegas de profissão, a inúmeros serviços. Posso fazer boa parte do trabalho sem sair de casa. Posso levar o notebook para a praia e, enquanto descanso, pesquisar, comunicar-me, trabalhar com outras pessoas à distância. [...] O computador está integrando todas as telas antes dispersas, tornando-se, simultaneamente, um instrumento de trabalho, de comunicação e de lazer. A mesma tela serve para ver um programa de televisão, fazer compras, enviar mensagens, participar de uma videoconferência. [...]

Percebemos que com as TICs, hoje fazemos em casa ou em variados lugares atividades que antes implicavam em filas e deslocamentos para lugares específicos, tomando-nos bastante tempo, o que por vezes causava aborrecimentos, como por exemplo, compras, depósitos bancários e pagamentos de contas.

À medida que a tecnologia é aperfeiçoada em seus recursos de textos, sons e imagens; deparamo-nos com novas expectativas e opções de mensagens, cultura e diversão. Vemos a introdução de mais tecnologias em quase todos os ambientes. Na área educacional elas permitem várias inovações com recursos que aproximam educadores, alunos e familiares, dinamizando e facilitando o processo de comunicação, de ensino e de aprendizagem. Segundo Brito (2002, p.3-4),

Escolas estão cada vez mais incorporando a tecnologia na pedagogia e no aprendizado, transcendendo os usuais laboratórios de informática e sendo crescente a presença da Web, da multimídia, dos computadores, *notebooks*, *palmtops*, etc. Os ambientes virtuais estão se tornando instrumentais necessários ao ensino presencial, como extensões da sala de aula e da escola até o lar dos alunos. Os muros estão caindo face aos novos projetos educacionais transnacionais e transculturais.

As bibliotecas também mudam mediante as tecnologias. Um número cada vez maior de documentos são disponibilizados em suporte eletrônico exigindo dos bibliotecários um redimensionamento de seus projetos e ações.

Saindo de seu modelo tradicional, a biblioteca recebe outras denominações e atribuições. Embora ainda não haja um consenso quanto aos novos tipos de biblioteca e suas denominações, fala-se com frequência em Biblioteca eletrônica, digital, virtual e híbrida. Para Cunha (1999, p.258,268) a biblioteca digital

é também conhecida como biblioteca eletrônica (termo preferido dos britânicos), biblioteca virtual (quando utiliza os recursos da realidade virtual), biblioteca sem paredes e biblioteca conectada a uma rede. [...] as bibliotecas digitais não se localizam em um determinado prédio ou edifício. [...] diferentemente das outras tecnologias de informação, a biblioteca digital pode ser um novo paradigma para a profissão e, como tal, deve ser estudada, entendida e aperfeiçoada. [...]

Ainda para Cunha (2000, p.78) as bibliotecas digitais “são simplesmente um conjunto de mecanismos eletrônicos que facilitam a localização da demanda informacional, interligando recursos e usuários”.

Segundo Sayão e Marcondes (2007, p.2) a principal vantagem das bibliotecas digitais sobre as bibliotecas físicas diz respeito “a capacidade que elas têm de multiplicar o alcance – geográfico e temporal – em termos das comunidades que elas são capazes de atingir e servir”.

Com relação à biblioteca escolar já existem estudos/iniciativas. Santos e Amaral (2006, p.57) propõem

uma metodologia para o desenvolvimento da rede de bibliotecas escolares digitais (BEDNet) no ensino público, com ênfase no ensino fundamental. Tem como objetivo, capacitar os professores gestores na formação dos alunos e aproveitamento de seus trabalhos para a constituição do acervo escolar digital pela rede Internet. O projeto enfoca a atuação do bibliotecário-pesquisador, como um elemento articulador nas ações técnicas demonstrando que as funções cabíveis apenas no recinto de uma biblioteca poderão ser compartilhadas com outros profissionais para o desenvolvimento de um trabalho coletivo.

Esta iniciativa merece acompanhamento e, se possível, colaboração já que, de acordo com os autores (2006, p.79) o projeto “representa apenas uma etapa de um estudo mais amplo, onde a metodologia apresentada poderá ser estendida e aplicada em escolas públicas, deficientes de bibliotecas escolares presenciais”.

A biblioteca virtual é um outro tipo de biblioteca a se destacar. De acordo com Viana (apud SANTOS, PASSOS e AMARAL, 2001, p.3) é

aquilo que, potencialmente, pode ocorrer ou ser realizado, mas que não existe como a coisa concreta. A biblioteca pode ser chamada de virtual quando ela possui as mesmas características de uma biblioteca concreta, mas que ao mesmo tempo não existe fisicamente.

Outro conceito é o de biblioteca híbrida, adotado para as bibliotecas que tem tanto coleções físicas quanto coleções digitais. A biblioteca híbrida segundo Garcez e Rados (2002, p.47)

é designada para agregar diferentes tecnologias, diferentes fontes, refletindo o estado [da biblioteca] que hoje não é completamente digital, nem completamente impresso, utilizando tecnologias disponíveis para unir, em uma só biblioteca, o melhor dos dois mundos (o impresso e o digital) (grifo nosso) .

Macedo e Modesto (1999, p.66) consideram a biblioteca híbrida “um meio de integração da biblioteca tradicional com a biblioteca digital.” Para eles a biblioteca digital “inclui elementos que servem para aumentar, ao invés de substituir as bibliotecas convencionais”. E concluem que

Seja qual for a definição que prevaleça: eletrônica, digital ou virtual, ou ainda, a biblioteca híbrida, é importante que se tenha uma nova alternativa tecnológica que facilite a difusão do conhecimento humano produzido, complementando e ampliando até mesmo os meios convencionais de organização das informações.

A implantação de tais bibliotecas reduzem o contato direto do bibliotecário com os usuários, o que não implica em exclusão da mediação bibliotecária de diferentes formas. O bibliotecário sabe que os meios eletrônicos possibilitam a criação de um ambiente de aprendizagem e precisa utilizar as TICs em seu cotidiano.

Extrapolando o espaço físico, o ensino à distância é um dos bons exemplos a ser citado, pois amplia os recursos pedagógicos e propicia formação e atualização em diversas áreas a um número cada vez maior de estudantes.

A videoconferência é outro recurso que privilegia não só empresas e organizações, mas também a área educacional. Tais recursos possibilitam que várias pessoas, em diferentes locais e situações possam visualizar-se, comunicarem-se, trocar informações, ensinar e aprender, entre outras vantagens.

Vanti (2005, p.78), discorre que a “WWW constitui o maior repositório e a mais rica fonte de informação já conhecida pela humanidade” e por isso mesmo não se surpreende ao ver que pesquisadores que antes se dedicavam a investigar os sistemas de informações tradicionais hoje se voltam para “a investigação de como este novo ambiente pode ser utilizado, organizado e avaliado”.

As pessoas têm maior variedade de mecanismos para busca e acesso à informação. O tratamento e a recuperação de informações e documentos passaram a ser também informatizados.

Nas escolas, várias bibliotecas proporcionam tais recursos a seus usuários, embora isso não tenha acontecido em um “pisar de olhos”. Lembramos que antes era necessário ter o suporte físico em mãos, depois a preocupação passou a ser com o documento e com o acesso à informação em si. Em função da explosão informacional passou-se a desenvolver tecnologias que facilitassem a identificação, localização e acesso à necessária informação, específica e atualizada.

Com a chegada da Internet, o acesso à informação tornou-se exato e imediato, bem como maior produção e disponibilização de informações. A Internet provê acesso a uma imensidade de informações de lazer, artísticas, culturais e científicas, entre outras, em tempo real. E esse acesso, desde que se disponha do equipamento necessário, pode se dar de forma direta pelas pessoas.

O fato de um aluno poder, sem estar na escola ou na presença do professor e do bibliotecário, ter acesso facilitado a uma série de informações que complementam seu aprendizado e ampliam seu conhecimento, exige que se repensem atitudes na escola, de forma a modificar as atividades e postura dos educadores. Modesto (2005, p.293) alerta que o professor

Não pode mais agir como simples transmissor de conteúdos ao seu público; caso contrário, poderá acabar substituído por um *software* interativo, com interface atraente e grande capacidade de manipulação de dados, que transmite informações com imagens coloridas, sons e vídeos divertidos [...].
(grifo do autor)

Nesse momento de influência tecnológica que exige um novo perfil e atuação do professor no espaço escolar Moran (1995, p.26), afirma que

As tecnologias da comunicação não substituem o professor, mas modificam algumas das suas funções. A tarefa de passar informações pode ser deixada aos bancos de dados, livros, vídeos, programas em CD. O professor se transforma agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar a informação mais relevante. Num segundo momento, coordena o processo de apresentação dos resultados pelos alunos. Depois, questiona alguns dos dados apresentados, contextualiza os resultados, os adapta à realidade dos alunos, questiona os dados apresentados. Transforma informação em conhecimento e conhecimento em saber, em vida, em sabedoria - o conhecimento com ética [...].

Observamos nas palavras de Moran um pouco dos citados princípios de Pedro Demo e Paulo Freire, assim como parte da linha de pensamento de Vygotsky, ao percebermos que o professor é um *mediador* da informação, assim como o bibliotecário.

Em tempos que a comunicação é cada vez mais multidimensional e menos linear; podemos discorrer sobre os desafios da Internet para o bibliotecário em suas atividades e refletir sobre a mediação da pesquisa escolar nesse contexto.

5.3 A Internet e seus reflexos na Biblioteca Escolar

Nesse contexto de tecnologias que possibilitam a disponibilização de informações de maneira imediata; e que os documentos desvinculam-se de seu suporte físico e assumem um suporte digital, com organização integrada de textos, imagens e sons; novos ambientes e atividades despontam para bibliotecas e bibliotecários.

Sabemos que no Brasil a maior parte das bibliotecas escolares (principalmente as da rede pública) ainda não é o que se espera/precisa. Porém, as que podem acompanhar o desenvolvimento da tecnologia devem fazê-lo. A ferramenta que está mais próxima dos bibliotecários escolares é a Internet.

As tecnologias, em especial a Internet refletem diretamente nos objetivos/atividades da biblioteca, que passam do paradigma de *posse* da informação para o paradigma de *acesso* à informação.

Convém lembrar que embora a tecnologia da internet pareça ser muito acessível e prática, pode ser complexa para quem não tem familiaridade ou capacitação na busca e recuperação da informação em tal ambiente.

Profissionais ligados ao ensino têm maior responsabilidade no sentido de orientar e acompanhar estudantes no desenvolvimento de suas atividades de pesquisa e por essa razão devem estar atentos e capacitados para isso.

Há bibliotecários inseridos às instituições educacionais, mas muitos, por diversas razões, não estão capacitados, empenhados e envolvidos no meio digital.

Em geral, as pessoas acham que letramento eletrônico ou letramento digital refere-se apenas ao conhecimento técnico no uso de teclados, interfaces gráficas e programas de computador. Mas, segundo Buzato (2005, p.1), o conceito é mais abrangente, pois para ele, letramento digital

[...] é o conjunto de conhecimentos que permite às pessoas participarem nas práticas letradas mediadas por computadores e outros dispositivos eletrônicos no mundo contemporâneo. [...] inclui a habilidade para construir sentido a partir de textos que mesclam palavras, elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície (textos multimodais), a capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informação disponibilizada eletronicamente [...].

Desse modo, bibliotecários devem ser letrados digitais, refletirem/dedicarem-se a estudos e práticas ligadas à computação visando orientar e facilitar aos seus usuários o acesso à informação neste novo ambiente.

Reforçando a situação do bibliotecário em tempos eletrônicos, Oddone (1998, p.27), cita que estamos numa

sociedade informatizada, caracterizada por elevadas taxas de produção e consumo de informação de vários tipos, por canais múltiplos, pela onipresença midiática e marcada por uma nova comunicabilidade e uma nova sociabilidade. Assim, um novo paradigma da função biblioteconômica emergiu, incorporando novos conceitos, novas definições, novas tecnologias, uma clientela diferenciada [...]. No contexto dessa nova realidade sócio-cultural que vemos se desenvolver, o trabalho do profissional bibliotecário deve configurar-se, de fato, como tarefa de mediação, de interfaciamento, de filtragem, de elo de ligação (sic!) no processo de apropriação de novos conhecimentos, requerendo qualificações diferenciadas e em constante evolução. (grifo nosso)

Realmente, com o aumento de tecnologias de produção, circulação e transmissão de informações, novas competências se esperam do bibliotecário, que deve estar preparado para se adaptar e atuar de modo diferente do que vinha atuando.

É crescente a importância, no contexto da Sociedade do Conhecimento, do bibliotecário como educador/mediador do conhecimento. Os bibliotecários precisam mudar seu modo de pensar, sentir e viver, pois se até pouco tempo os acervos das bibliotecas eram compostos por livros, revistas, jornais e outras fontes impressas; hoje são, cada vez mais, compostos de fontes de informação eletrônicas/digitalizadas, com as quais esses profissionais precisam se adaptar em seu dia-a-dia.

Tal mudança, para muitos bibliotecários é um desafio, porém inadiável é enfrentá-lo, já que hoje a virtualidade e a rapidez da produção da informação ao consumo é uma realidade.

Alguns aspectos ligados à internet influenciam as atividades nas bibliotecas escolares, como o aumento de informações disseminadas diretamente no meio eletrônico, bem como a facilidade de acesso a documentos nesse meio.

Isso faz com que um número cada vez maior de usuários busque a informação desejada sem a intermediação da biblioteca. Em contrapartida aumentam as dificuldades na identificação e seleção da informação mais adequada na imensa quantidade de informação disponível.

Com a utilização das ferramentas de busca da Internet, aumenta a diversidade de informações, extrapolando em muito as tradicionais informações bibliográficas para pesquisas. A inserção da Internet na biblioteca escolar exige novas metodologias no tratamento técnico, no SRI e em sua atuação geral.

Outro reflexo da Internet na biblioteca é exposto por Lopes e Silva (2006), ao assegurarem que “diminuindo as distâncias e permitindo o transporte de informações de uma maneira instantânea, a Internet reconfigurou a noção de espaço geográfico, criando um novo espaço, que supera as fronteiras do mundo físico.”

Nesse superar as fronteiras do mundo físico acrescentamos que a Internet contribui para que o bibliotecário derrube as barreiras do limite físico da biblioteca, aumentando a possibilidade de recuperação de informações inexistentes no acervo, ampliando-se significativamente a mediação/comunicação/atuação do bibliotecário junto a seus usuários.

Nestes termos, retomamos Lopes e Silva (2006), as quais consideram que de certa forma as bibliotecas,

[...] estão evoluindo juntamente com as novas tecnologias, a partir do momento que disponibilizam em seus sites recursos informacionais tais como fontes de referência com texto completo e serviços on-line para acesso ao seu acervo, que possibilitam a autonomia aos usuários no processo de busca da informação e na utilização de seus serviços.

Algumas bibliotecas escolares apresentam em portais/sites de sua instituição escolar, informações sobre a biblioteca, novas aquisições, atividades, acervo, orientações, etc. Os bibliotecários interagem em redes de computadores e alguns acompanham a instalação dessa infra-estrutura na escola.

Com sua interatividade e grande alcance, a Internet também faz surgir novas necessidades e habilidades ao usuário/pesquisador e ao bibliotecário/mediador de informação na pesquisa escolar, como veremos a seguir.

5.4 A mediação bibliotecária na pesquisa escolar por meio da Internet

A Internet faz surgir um usuário da informação menos dependente do bibliotecário, pois os alunos que a ela têm acesso começam a mudar seu comportamento na busca de informação. Lopes e Silva (2006) nos alertam que na concepção de algumas pessoas

[...] a Internet libertou os usuários da dependência de intermediários, eliminando barreiras e proporcionando oportunidades para o acesso direto aos produtos de informação em qualquer hora ou local e de forma independente. Esse fenômeno gerado pela autonomia dos usuários na busca de informação tem sido rotulado de desintermediação da informação [...]. [Esse usuário] pode escolher entre as informações disponíveis as que lhe interessam em um universo informacional amplo e diversificado e sem passar pelos filtros tradicionais tais como bibliotecas, bibliotecários, editoras, editores.

De fato o acesso a Internet permite ao usuário sozinho efetuar uma série de buscas que o levam rapidamente a uma grande quantidade de informações, o que faz com que alguns deles defendam a desintermediação da informação.

Em bibliotecas escolares sabemos que muitos usuários estão familiarizados com as tecnologias e não dependem tanto do bibliotecário para o acesso à informação. Mas o contrário também ocorre; alguns dependem muito dele. Também usuários de bibliotecas universitárias, empresas e outros tipos de instituições enfrentam dificuldades na busca e recuperação de informações em meio eletrônico.

Além disso, a Internet expandiu volumosamente, gerando dificuldades até mesmo para as pessoas que desenvolvem mecanismos e padrões de controle e acesso ao conteúdo. Nesse sentido devemos estar atentos e perceber que da mesma forma que as ferramentas nos permitem encontrar rapidamente diversas informações e em grande quantidade, por falta de tratamento adequado em sua representação na

rede, geram problemas relacionados a como procurar, selecionar e avaliar tais informações.

Existem preocupações e propostas relacionadas ao tratamento/controle das informações nesse meio, como metadados, padrões bibliográficos, repositórios, Scielo, Biblioteca Digital de Teses e Revistas digitais, entre outros; porém ainda há usuários que precisam da ajuda de bibliotecários e outros mediadores da informação.

Há usuários remotos, efetuando pesquisas por meio de telefone, e-mail, fax, catálogos on-line, etc., de outros locais, ou seja, numa pesquisa não presencial na biblioteca, que também necessitam do auxílio de um mediador, como o bibliotecário.

É inegável a contribuição da Internet na mediação da informação. Em outro momento neste trabalho, veremos de forma mais detalhada que o bibliotecário, na biblioteca, por meio dos recursos da Internet, pode entrar em contato com seus usuários em seus lares, orientando-os quanto à pesquisa escolar, apresentação de trabalhos, divulgando informações e sites, esclarecendo dúvidas, etc.

Para que isso aconteça com eficácia e eficiência, o bibliotecário precisa estar interessado e capacitado a trabalhar no ambiente digital, bem como manter contato com os profissionais de informática, esclarecendo dúvidas, aperfeiçoando seus conhecimentos e trocando idéias sobre programas/projetos interdisciplinares.

Na Sociedade do Conhecimento, aos tradicionais conhecimentos e habilidades do bibliotecário, somam-se outros relativos à: softwares, hardwares, multimídias, saber pesquisar na rede, conhecer e fazer uso dos recursos tecnológicos. Não só conhecer a máquina eletrônica e seus mecanismos, mas também ter conhecimento de linguagem/termos específicos de cada área/disciplina das quais são desenvolvidas pesquisas, bem como dominar outros idiomas (inglês, espanhol, ...).

Com tais conhecimentos e habilidades, o bibliotecário pode desempenhar eficazmente seu papel de mediador da informação, atuando como um orientador e como um filtro na pesquisa virtual/digital; pode com facilidade, rapidez e segurança: buscar, selecionar, recuperar e disseminar a informação para seus usuários.

No ambiente digital o bibliotecário pode e deve ampliar seu contato profissional participando proativamente de redes sociais de pares trocando experiências e aperfeiçoando práticas. Participando de Grupos de pesquisa, em contato com membros do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) da Escola de Ciência da Informação da UFMG e/ou do Grupo de Bibliotecários da Área Escolar de Santa Catarina (GBAE/SC), por exemplo, acompanhar todas as necessidades e novidades da área.

O bibliotecário deve continuar indicando fontes de informação impressas, verbais (fontes vivas: pessoas); e acrescentar as fontes eletrônicas, as informações em meio digital. Contudo, esse profissional não pode se omitir quanto à responsabilidade social em sua interação humano/computador.

A tecnologia está disponível e proporciona inúmeras facilidades e vantagens na pesquisa; porém ela estará inerte, se diante dela não estiver uma pessoa capacitada para instrumentalizá-la de forma consciente e responsável.

Deve esse mediador estar mais atento às informações disponíveis, pois quando as pesquisas se restringiam ao acervo da biblioteca era mais fácil controlar a qualidade e confiabilidade das informações. Precisa preocupar-se com os resultados obtidos nas buscas efetuadas pelos usuários que dispensam a mediação do bibliotecário no momento de filtrar as informações e/ou sites.

É importante capacitar os usuários para o uso das diversas fontes de informação nos diferentes suportes; no processo de busca da informação relevante para sua pesquisa. Pois sem uma orientação, muitos usuários não percebem que as fontes de informação, em especial a Internet disponibilizam tanto informações relevantes e de qualidade quanto o contrário.

Lembramos que com a Internet podemos enviar e receber mensagens, buscar informações, trabalhar, nos divertirmos nesse ambiente em que não se impõe o que deve ser disponibilizado ou acessado. Por isso, nela encontramos temas culturais e científicos de relevante importância e qualidade; mas também encontramos luxúria, manifestações de preconceitos e violências, bem como outros temas que não se referem às necessidades de pesquisa de um aluno, principalmente os menores.

Alguns sites apresentam ao final de sua página uma observação quanto a sua isenção de responsabilidade em relação ao conteúdo do texto/imagem.

É óbvio que o bibliotecário, como mediador também não tem condições de garantir a confiabilidade ou não de tantos sites e informações outras; porém, pode sugerir mecanismos de recuperação baseados na seletividade que ofereçam resultados satisfatórios de informações qualificadas e confiáveis, como por exemplo: Wakia, Lexxe, Mahalo, Chacha, bem como o protótipo de pesquisa qualificada Google.

Devido à explosão informacional na rede, reforçamos a necessidade do mediador. Como filtro, o bibliotecário escolar pode facilitar a busca personalizada de informação para seus usuários. E deve continuar acompanhando seu comportamento, fracasso ou sucesso na realização da pesquisa e apresentação de resultados.

Fragoso e Blattmann (2003, p.16), nos apresentam um exemplo de pesquisa na biblioteca da escola em ambiente digital:

Num ambiente educacional, um estudante de ensino médio busca a biblioteca da escola para tentar descobrir novos conhecimentos sobre a Lua. Utilizando-se de um computador, a partir da rede, ele se conecta com diversas bibliotecas ao redor do mundo, recuperando informações que considera pertinentes e descartando outras. O mesmo aluno entra em alguns grupos de discussão sobre o assunto e, nessa atividade, encontra novas fontes de informações, além de poder expor parte de suas descobertas. Para anexar imagens, intercambia-se com a NASA e recupera filmes e fotografias de missões espaciais que tiveram como objetivo a exploração da Lua. Aproveitando-se dos recursos que a rede oferece, pode ainda enviar suas dúvidas sobre o tema a pesquisadores e ampliar tentativas na busca de respostas. Para elaborar toda essa procura, o aluno não precisou sair da frente da janela que é a tela de um computador.

Esse é um ótimo exemplo de pesquisa. O citado estudante deve ter sido bem orientado e motivado para a realização de pesquisas; provavelmente contou com a ajuda de mediadores em sua formação de estudante/pesquisador e conta com os recursos e tempo necessários à realização da pesquisa.

O procedimento desse aluno deveria ser o de muitos outros. Mas o que percebemos em nossas escolas é que a realidade ainda é bem distante da apresentada por Fragoso e Blattmann. O número de alunos que assim procedem em suas pesquisas é ínfimo, principalmente no ensino fundamental.

Levando em consideração que a mediação se encontra em todo o fazer bibliotecário, vejamos algumas percepções acerca da pesquisa escolar com a utilização dos recursos da Internet. Como mencionamos, a autora da presente pesquisa atuou em biblioteca escolar da rede particular de ensino, onde pode presenciar diferentes momentos da atividade de pesquisa na escola.

Nossa experiência com a mediação da pesquisa escolar em meios bibliográficos e eletrônicos proporcionou a identificação de diferentes comportamentos por parte de alunos e professores, e conseqüentemente da bibliotecária. Passamos agora a relatar um pouco dessa experiência.

A biblioteca dispunha de três computadores para os funcionários e treze para os alunos, todos com acesso à internet e disponíveis para as pesquisas escolares. Na escola havia um laboratório de informática com computadores para uma sala de aula. Na sala dos professores havia cinco computadores a disposição dos educadores.

Todos os funcionários administrativos e professores da escola possuíam um e-mail organizacional para agilizar e facilitar a comunicação institucional.

No site/portal da escola havia um espaço específico da biblioteca onde, entre outras informações, estavam disponibilizadas orientações e apostilas sobre pesquisa e apresentação de trabalhos. Também havia um espaço destinado aos professores, com diversas informações, entre elas, temas de pesquisa. Alguns professores faziam sugestões de leituras específicas para sua disciplina.

Os funcionários do laboratório de informática, em aulas programadas, davam instruções básicas a todos os alunos, professores e funcionários administrativos da escola quanto ao uso do computador e seus recursos, bem como da internet.

Os computadores da biblioteca disponibilizavam dicas e orientações para pesquisa na internet, bem como indicação de sites e lembretes quanto ao uso do computador na biblioteca, liberados apenas para pesquisas escolares. A bibliotecária, a cada início de ano letivo passava pessoalmente essas orientações aos alunos.

Na biblioteca, quando da realização de pesquisa em horário de aula, os alunos eram orientados e acompanhados pelo professor. A bibliotecária também os acompanhava na busca de informações nas variadas fontes de informação. Para melhores condições de atividades, cada professor fazia sua reserva na biblioteca para utilização do espaço, acervo e equipamentos.

Alguns professores se utilizavam do laboratório de informática para pesquisa em horário de aula e orientavam os alunos a dirigirem-se à biblioteca para complementar a pesquisa. Outros professores não se utilizavam da biblioteca e laboratório de informática em horário de aula. Apenas solicitavam a pesquisa aos alunos.

Portanto, fora do horário de aula os alunos procuravam a biblioteca para iniciar e/ou dar continuidade à suas pesquisas. Embora as fontes de informação impressas e eletrônicas coexistissem e se complementassem na biblioteca, havia uma parcela de alunos que dava preferência à utilização da Internet como fonte de pesquisa.

Os computadores eram disponibilizados mediante agendamento prévio dos alunos, pelo período de uma hora, podendo ser prorrogado o horário de acordo com a procura do equipamento por outros usuários. Eles preenchiam e assinavam uma reserva na qual informavam: nome, série e turma, disciplina e assunto a pesquisar.

Cada computador que a biblioteca disponibilizava aos alunos possuía uma etiqueta com número de identificação em local bem visível. No próprio formulário de reserva já constava o número dos computadores. Quando os alunos chegavam à biblioteca, na data e horário agendado, os funcionários indicavam o número do equipamento ao qual deveriam se dirigir.

Os alunos não podiam salvar suas pesquisas e/ou trabalhos no computador. Apenas em disquetes ou CDs.

Todos os alunos receberam as mesmas orientações na escola; porém, podíamos perceber diferentes comportamentos. Embora fosse o desejado, raríssimos alunos se comportavam como o do exemplo citado por Fragoso e Blattmann. Percebíamos várias atitudes por parte dos alunos.

Com relação ao acesso de sites, percebíamos:

- ✓ Acesso aos sites indicados pelo professor e/ou biblioteca;
- ✓ Acesso a sites indicados pelo professor e/ou biblioteca e também a outros que complementavam a pesquisa;
- ✓ Acesso a sites destinados à pesquisa e também a interesses particulares;
- ✓ Acesso somente a sites de entretenimento, e-mail, bate-papo, etc.

Na localização da informação nos sites de busca:

- ✓ Faziam consultas com termos específicos/corretos e encontravam a informação rapidamente;
- ✓ Tinham dificuldade em localizar a informação em função de termos muito gerais de pesquisa ou mesmo pela consulta a fontes muito variadas;
- ✓ Sentiam-se totalmente perdidos, sem saber o que buscar ou como buscar.

Durante a pesquisa percebíamos que alguns alunos:

- ✓ Acessavam os sites de pesquisa e faziam uso controlado dos recursos da internet para ampliar as informações de cada fonte;
- ✓ Acessavam os sites próprios para a pesquisa, mas no decorrer desta, “viajavam” em links que os tiravam do foco da pesquisa;
- ✓ Acessavam os sites para pesquisa mas não conseguiam desenvolver-se por se verem perdidos e confusos com tantas informações.

Após a elaboração dos textos para trabalhos digitados, em Power Point, seminários, ou outras formas, percebíamos que alguns alunos:

- ✓ Salvavam o trabalho em disquetes ou cds para imprimir em casa;
- ✓ Salvavam em arquivos temporários para impressão na biblioteca;
- ✓ Procediam como uma das maneiras acima, mas também salvavam o trabalho no computador da Biblioteca e posteriormente avisavam a alguns colegas em qual computador (n.º) haviam salvo.

Quanto ao conteúdo apresentado, alguns alunos:

- ✓ Apresentavam textos construídos por eles mesmos, com base nas consultas/pesquisas efetuadas;
- ✓ Apresentavam textos quase que integralmente compostos pelo uso das teclas “control c” e “control v”.

Percebemos também que:

- ✓ Alguns familiares reforçam as orientações dadas pelos professores, bibliotecários e funcionários do laboratório de informática;
- ✓ Alguns familiares continuam fazendo a pesquisa pelos alunos;
- ✓ Os recursos da internet atraem mais os alunos em função da interatividade, do hipertexto, da rapidez, da facilidade e da praticidade em sua utilização;
- ✓ Os recursos da Internet facilitam o plágio;
- ✓ Alguns professores, contrários ao plágio, orientam seus alunos a não fazê-lo e tecem críticas sempre que percebem quando o mesmo ocorre;
- ✓ Outros professores, por sua vez, o ignoram;
- ✓ Alguns professores passam aos alunos trabalhos e dizem que deve ser realizado de acordo com normas de pesquisa;
- ✓ Alguns professores estimulam os alunos, fornecem diretrizes, formulam questões, levantam hipóteses, estabelecem objetivos, metodologia, indicam fontes e os acompanha em todas as etapas da pesquisa.
- ✓ Alguns alunos se sentem perdidos em meio à infinidade de informações na rede e têm dificuldade em selecionar a mais adequada a seu interesse;
- ✓ Alguns alunos, por outro lado, buscam informações na Internet justamente pela amplitude de informações;
- ✓ Alguns alunos se saem bem no acesso à informação, mas encaram a pesquisa apenas como transcrição de informações;
- ✓ Alguns alunos se saem bem no acesso à informação, mas embora tentem, não conseguem trabalhar com ela adequadamente, de forma a compreendê-la, produzir seu próprio texto e/ou articular suas idéias;
- ✓ Alguns alunos acham que encontram tudo que há de melhor na Internet, sem se darem conta de que muita informação importante ainda não está disponível na rede.

As percepções foram em maior número do que as mencionadas. Porém nosso objetivo é mostrar que na mediação da informação, o bibliotecário deve levar em conta que no ambiente virtual/digital apresentam-se vários fatores positivos e negativos. Bicheri e Ellwein (2006, p.111-112) apresentam algumas vantagens e desvantagens na pesquisa escolar na Internet, conforme podemos ver no quadro a seguir:

VANTAGENS E DESVANTAGENS DA PESQUISA ESCOLAR NA INTERNET	
VANTAGENS	DESVANTAGENS
Acesso rápido e objetivo a milhares de informações armazenadas nos sites.	Nem sempre há uma criteriosa seleção e avaliação de informações e confiabilidade de sites.
Disponibilidade de programas de sons, imagens e vídeos.	Privilegiando a busca na Internet de textos e imagens; e não a recuperação de informação e aquisição de conhecimento.
Sistemas de busca, que auxiliam a pesquisa recuperando informações sobre temas específicos como: <i>Yahoo! cadê?</i> (http://br.cade.yahoo.com) e <i>Google</i> (www.google.com.br).	Muitos estudantes e educadores têm acesso à tecnologia, mas não sabem utilizá-la corretamente.
Quantidade e atualidade das informações contidas nos sites.	As informações veiculadas nem sempre são avaliadas quanto à qualidade e/ou veracidade do seu conteúdo.
Rapidez na transmissão de dados.	Com a facilidade de acesso à informação, alunos perdem ou deixam de adquirir as habilidades de interpretação, síntese e produção de texto.
Alternativa de consulta para bibliotecas com acervo pequeno e/ou defasado.	Não modificou a antiga prática muito criticada por professores e educadores: a cópia dos textos pesquisados
Profissionais especializados, como bibliotecário, trabalhando na seleção de sites para alunos do ensino médio e fundamental.	Muitos alunos não estão sendo preparados para a pesquisa.
Sites de Instituições que auxiliam trabalhos escolares.	Facilita o plágio, muitas vezes não percebido por professores.
Possibilita interligação com praticamente o mundo inteiro.	Colabora para a exclusão de membros das camadas mais baixas que não têm acesso à tecnologia
Estudantes se utilizam de muitos e variados recursos para obtenção de trabalhos escolares volumosos e com ótima apresentação visual.	Postura passiva de professores e bibliotecários perante a má utilização da internet pelos alunos.
Alunos podem aumentar seu vocabulário pelo contato com palavras e termos estrangeiros.	Alguns alunos estão usando “informatiquês” em textos escolares e alguns professores estão aceitando isso como fator positivo.

Quadro 11: Vantagens e desvantagens da pesquisa escolar na Internet.
 Fonte: Bicheri e Ellwein (2006, p.111-112).

Muitos alunos, por uma série de fatores (falta de orientação, conhecimento, curiosidade, motivação, etc.), não pesquisam e apresentam resultados corretamente, ampliando o conhecimento e interesse por novas pesquisas. Tal problema se estende desde as pesquisas em fontes de informação impressa.

Bicheri e Ellwein (2006, p.106) observam que “apesar da pesquisa escolar na Internet estar se popularizando entre os estudantes, não conquistou o espaço da descoberta, de conhecimento, de enriquecimento do conteúdo escolar”.

Constatamos que o problema não está no suporte em si; nem apenas na enorme quantidade de informações; mas em um conjunto de fatores que englobam a mediação, a maneira como se orienta, direciona e acompanha a pesquisa, a busca, a seleção, avaliação, uso e produção de informação.

De acordo com a ZDP, proposta por Vygotsky, o mediador medeia na ZDP; entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial do aluno. No entanto, o mediador precisa saber qual é esse momento na mediação da informação na pesquisa. Para isso, também de acordo com o citado SPI, proposto por Kulhthau, é preciso perceber o comportamento do aluno nos diferentes momentos da pesquisa, procurando orientá-lo/puxá-lo em seu desenvolvimento.

São fatores a se pensar na mediação; a escolha do momento para as intervenções no processo de pesquisa; a contextualização do tema, da importância da atividade, de sua razão de ser, os sentimentos dos alunos ao se depararem com problemas na pesquisa, entre outros. Precisamos pensar nas barreiras, problemas e dúvidas encontradas pelos alunos quando da utilização da Internet na pesquisa.

Muitos alunos, e mesmo a sociedade, vislumbram na Internet a solução para seus problemas de pesquisa e não percebem que em meio à interatividade e hipermídia desse ambiente acabam muitas vezes por se dispersarem do foco da pesquisa. Quanto a problemas no uso da Internet, Emília Ferreiro, entrevistada por Iwasso (2006) relata que

[...] O problema é o seguinte. Eu busco, acho um site, que tem um link para outro lugar, e dele vou para outro, e em pouco tempo já nem sei o que buscava. Sou um barco perdido no meio do mar sem porto de chegada. Uma das dificuldades é que cada opção abre outras opções. É muito fácil se perder e o desafio é manter o objetivo da busca diante de uma multiplicidade de opções. É uma coisa que a escola nunca ensinou. Outra coisa é que busco e aparecem cem opções, como escolho? Com que critérios seleciono? O problema da reação aos buscadores é que pensamos que existe alguém por trás que saiba tudo e me mostre tudo e me leve a tudo. E não é assim. Um dos problemas sérios é aprender a duvidar da internet, que nem sempre me traz o que busco. Para navegar eficientemente na internet é preciso ter uma série de atitudes novas, tomar decisões rápidas e extrair informação.

Ferreiro nos traz mais uma série de pontos para refletir sobre a mediação da informação. Isso nos mostra mais uma vez a necessidade do mediador da informação e nos dá subsídios para dizer que muitas pessoas não concordariam com o termo “desintermediação da informação” citado anteriormente.

A entrevistada nos lembra também o problema que diz respeito a “precisão” da informação, pois o uso de links e de palavras chaves remetem a

documentos que possuem a “palavra”, mas não o assunto procurado. Por outro lado, um documento importante para o assunto procurado pode não ser encontrado por utilizar termos diferentes da palavra-chave escolhida.

Em meio à inesgotável fonte informacional que é a Internet é preciso dar maior atenção à origem, ao conteúdo e a qualidade da informação.

Diante da confiabilidade ou não das informações; exige-se uma ação, um posicionamento por parte dos mediadores em alertar e orientar os alunos quanto a alguns critérios de seleção para informações capturadas na internet, conforme sugerido por Tomaél et al (2001, p.9-11), e apresentados no quadro a seguir:

CRITÉRIOS DE SELEÇÃO PARA INFORMAÇÕES CAPTURADAS NA INTERNET
<p>a) informações de identificação</p> <p>- dados detalhados da pessoa jurídica ou física responsável pelo <i>site</i> de forma a identificá-la plenamente: Endereço eletrônico (URL) do <i>site</i> definindo clara e objetivamente a autoria ou o assunto do qual trata a fonte; <i>E-mail</i> do <i>site</i> (organização que disponibiliza a fonte) diferente do <i>e-mail</i> da fonte de informação; Título da fonte de informação claro e preciso, além de informativo; Endereço eletrônico (URL) da fonte de informação definindo clara e objetivamente a autoria; Objetivos da fonte informando a que público se destina; Disponibilização de informações adequadas sobre a fonte (apresentação, nota explicativa, informações gerais etc.), descrevendo seu âmbito; Identificação da tipologia da fonte e de sua origem, no caso de se tratar de evolução de formato impresso.</p>
<p>b) consistência das informações</p> <p>- detalhamento e completeza das informações que fornecem: Cobertura da fonte, abrangendo informação de toda a área que se propõe; Validez do conteúdo, isto é, sua utilidade em relação aos propósitos do usuário final; Resumos ou informações complementares como elementos que realmente contribuam para a qualidade; Coerência na apresentação do conteúdo informacional; a fonte não pode ser carregada a ponto de prejudicar sua consistência ou ao contrário, apenas apresentar informações muito superficiais; Oferta de informações filtradas ou com agregação de valor. Neste caso, identificar se a informação oferecida é embasada ou somente opinativa; Apresentação de informação original ou apenas fornecimento do endereço para recuperá-la (baseada somente em acesso a <i>links</i>).</p>
<p>c) confiabilidade das informações</p> <p>. investiga a autoridade ou responsabilidade: Dados completos de autoria como mantenedor da fonte, podendo ser pessoa física ou jurídica; Autor, pessoa física, reconhecido em sua área de atuação, demonstrando formação/especialização. Analisar a organização que disponibiliza o <i>site</i>, caso o autor da fonte pertença a ela; Conteúdo informacional relacionado à área de atuação do autor demonstra relevância; Observância de outras informações como: existência de referências bibliográficas dos trabalhos do autor; endereço para contato com o autor; se foi derivada de um formato impresso/origem; Verificação de datas: quando foi produzida; se está atualizada e quando.</p>
<p>d) adequação da fonte</p> <p>- tipo de linguagem utilizada e coerência com os objetivos propostos: Coerência da linguagem utilizada pela fonte com os seus objetivos e o público a que se destina; Coerência do <i>site</i> onde a fonte estiver localizada com seu propósito ou assunto</p>
<p>e) links</p> <p>. <i>Links internos</i> - recursos que complementam as informações da fonte e permitem o acesso às informações e a navegação na própria fonte de informação: clareza para onde conduzem; tipos disponíveis: anexos, ilustrações, informações complementares, outras páginas do <i>site</i>; atualização dos <i>links</i>, apontando para páginas ativas;</p> <p>. <i>Links externos</i> - recursos que permitem o acesso às informações e a navegação em outras fontes/sites: clareza para onde conduzem; devem apontar apenas para <i>sites</i> com informações fidedignas/úteis e apropriadas; tipos disponíveis mais comuns: informações complementares e/ou similares, ilustrações, comércio relacionado, portais temáticos, entre outros; revisão constante dos <i>links</i>, apontando para páginas existentes</p>
<p>f) facilidade de uso</p> <p>- facilidade para explorar/navegar no documento:</p>

<p>. Links: que possibilitem fácil movimentação página-a-página, item-a-item, sem que o usuário se perca ou se confunda; <i>links</i> suficientes na fonte, que permitam avançar e retroceder;</p> <p>. Quantidade de cliques para acessar a fonte e a informação: da página inicial do Site até a fonte: recomendável três ou menos <i>cliques</i>; da fonte à informação: recomendável três ou menos <i>cliques</i>;</p> <p>. Disponibilidade de recursos de pesquisa na fonte: função de busca, lógica booleana, índice, arranjo, espaço da informação, outros;</p> <p>. Recursos auxiliares à pesquisa: tesouros, listas, glossários, mapa do site/fonte, guia, ajuda na pesquisa, outros; instruções de uso; documentação/manuais da fonte de informação para <i>download</i> ou impressão;</p>
<p>g) lay-out da fonte</p> <ul style="list-style-type: none"> - mídias utilizadas: As mídias utilizadas devem ser interessantes; Tipos de mídias utilizadas: imagens fixas ou em movimento e som; A harmonia entre a quantidade de mídias utilizadas nos verbetes ou itens (partes) da fonte é fundamental; Coerência entre as várias mídias (texto x som x imagem): - imagens com a função de complementar ou substituir conteúdos e não meramente ilustrar; - pertinência com os propósitos da fonte; - legibilidade (nitidez, tamanho da letra/imagem); - clara identificação das imagens; Na estrutura/apresentação da fonte (<i>lay-out</i> e arranjo) é importante que: haja coerência na utilização de padrões, estética da página, tamanho da letra, cor; - os recursos, como a animação, sirvam a um propósito e não sejam apenas decorativos; - as imagens facilitem a navegação e não a dificultem; - o <i>design</i> do menu seja estruturado para facilitar a busca da informação; - a criatividade no uso dos elementos incluídos na página <i>Web</i> contribua para a qualidade; - evite-se o <i>frame</i>, que limita o uso da fonte (espaço de visualização);
<p>h) restrições percebidas</p> <ul style="list-style-type: none"> - são situações que ocorrem durante o acesso e que podem restringir ou desestimular o uso de uma fonte de informação: Pequena quantidade de acessos simultâneos permitida; Alto custo de acesso à fonte de informação; Mensagens de erro durante a navegação; Direitos autorais impedindo o acesso à informação completa.
<p>i) suporte ao usuário</p> <ul style="list-style-type: none"> - elementos que fornecem auxílio aos usuários e que são importantes no uso da fonte, tais como: <ul style="list-style-type: none"> . Contato com o produtor da fonte: endereço ou <i>e-mail</i>; Informações de ajuda na interface: <i>Help</i>.
<p>j) outras observações percebidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Recursos que auxiliam o deficiente no uso da fonte; Opção de consulta em outras línguas.

Quadro 12: Critérios de seleção para informações capturadas na Internet
Fonte: Informações retiradas de Tomaél et al (2001, p.9-11)

Também seria interessante ao bibliotecário mediador conhecer alguns programas antivírus e recursos/mecanismos, como o McAfee Site Advisor, um classificador de site que, apresentando estatísticas de sites visitados nos principais mecanismos de busca da Internet, alerta quanto a possíveis sites que possam conter ameaças ao computador do usuário.

Esse profissional (bibliotecário/mediador) poderia contatar os pais de alunos e por meio de um debate sobre a questão das informações, não ser um sensor, mas estabelecer políticas de acesso à informação.

O bibliotecário pode indicar ou fazer listas de sites cujas informações e configurações estão mais voltadas ao estudante e mesmo ao professor, consultar catálogos e publicações eletrônicas para indicação aos usuários, fazer uso do correio eletrônico para auxílio em pesquisas, elaborar a *home page* da biblioteca com informações/dicas de/para pesquisa, etc.

Deve se informar continuamente de forma a desenvolver atividades e/ou produtos que facilitem as pesquisas dos alunos; que possa atendê-los mesmo em ambientes que não a biblioteca (espaço físico), pois os usuários muitas vezes entendem mais dos mecanismos eletrônicos que o próprio bibliotecário, porém, nem sempre dominam a prática da pesquisa. Modesto (2005, p.296-297), alerta que

Na cibercultura, conceituada como interação da sociedade com as tecnologias emergentes de informação e comunicação, o bibliotecário pode ser substituído, caso adote postura de mero intermediário no acesso a fontes de conteúdos; mantenha apego à aplicação de tecnologias para continuidade de modelos convencionais de tratamento e organização de informações; ou persista na construção de sistemas informatizados baseados em estruturas desprovidas de contexto ou de interfaces motivadoras e hipertextuais. A transmissão de informações pode ser realizada, por sistemas computacionais, de modo mais interessante e prazeroso, contendo recursos multimídia, uma transmissão que incentive o público escolar a assumir um papel até mais ativo na pesquisa de temas de interesse. Dessa forma, o bibliotecário precisa contemplar em seus serviços as possibilidades de novas apresentações da informação. [...] Como no caso do professor, diante dos impactos tecnológicos caberá ao bibliotecário escolar reinventar sua profissão e sua atuação no ambiente educacional.

Portanto, a mediação, com as novas TICs, passa por um momento de mudança na metodologia de trabalho, que aumenta sua amplitude no atendimento ao usuário e ambiente de atuação. Mudam também os conhecimentos do bibliotecário, pois, com o surgimento de tantos recursos há certos termos que precisam ser inseridos ao vocabulário de muitos pesquisadores e profissionais, como serviços online, social Bookmarking, wiki, ferramentas de colaboração (blog, wiki), redes sociais (orkut, MySpace), Web, chat, correio eletrônico, FTP, portal, realidade virtual, E-books, link, provedor, home page, interatividade, ciberespaço, Web semântica, etc.

Tais termos/recursos precisam ser inseridos não só em seu vocabulário, mas também em sua ação.

As ferramentas de colaboração como blog e wiki fazem parte dos recursos eletrônicos que o bibliotecário escolar pode utilizar na mediação da pesquisa escolar. Participar de redes sociais na internet é um dos exemplos que possibilitam mediar melhor a pesquisa na escola. Segundo Cavalcanti (2007) uma rede social

é uma estrutura social feita de nós (ou pontos de junção/intersecção, que são geralmente indivíduos ou organizações) que estão relacionados por um ou mais tipos de interdependência, tais como valores, visões, idéias, amigos, conflitos, comércio, trocas financeiras, links na Internet, transmissões de doenças (em epidemiologia), ou linhas aéreas.

O bibliotecário escolar pode por meio de laços sociais contatar com outros bibliotecários, com professores, alunos, parentes de alunos e outras pessoas interessadas no desenvolvimento da pesquisa escolar. Com a internet essa rede social é

ampliada. Como exemplo de redes sociais na internet podemos citar entre outros o Orkut e o MySpace. Inserir-se em grupos de discussão/fóruns eletrônicos de interesse pedagógico ligado à biblioteca escolar também propicia a mediação.

A mediação da informação na pesquisa escolar está intimamente ligada ao chamado Serviço de Referência e Informação. Macedo (1990) discorre sobre cinco linhas de atuação para o Serviço de Referência e Informação: o serviço de referência propriamente dito; educação do usuário; alerta e disseminação da informação; divulgação e comunicação visual; administração/supervisão do SRI.

Tais linhas de atuação servem de base tanto para o serviço de referência tradicional quanto para o digital. Segundo Alves e Vidotti (2006, p.5), no serviço de referência e informação digital (SRID) a diferença é que todas as linhas são “realizadas com a contribuição das tecnologias de informação e comunicação, em especial as tecnologias de informática e dos recursos que a Internet permite às bibliotecas digitais e aos seus serviços”.

Assim, (Macedo e Modesto, 1999; Alves e Vidotti, 2006) interessados no assunto procuraram atualizar as linhas de atuação em relação ao desenvolvimento das TICs. Também nas bibliotecas escolares essa atualização pode e deve ser feita.

Há algumas iniciativas de bibliotecas universitárias com relação ao serviço de referência digital/virtual que poderiam ser aproveitadas e/ou adaptadas para a biblioteca escolar. Podemos verificar a aplicabilidade de alguns tipos de serviço de referência on-line citados por vários autores como (MÁRDERO ARELLANO, 2001; ALVES e VIDOTTI, 2006; CUNHA e PESSOA, 2007), entre outros.

Quando se trata de serviços de referência on-line geralmente ouvimos ou lemos algo sobre: correio eletrônico, e-mail, formulário via web, chat, softwares de mensagens instantâneas, salas de bate-papo, softwares de chat, Web contact centers softwares, videoconferência, páginas com perguntas mais frequentes (FAQ), listagem de especialistas de assuntos com seus e-mails nas homepages das bibliotecas para facilitar o contato, listagens de bibliotecas especializadas com seus e-mails, projetos colaborativos de referência virtual (Question Point Cooperative Reference, 24/7 Reference e o Virtual Reference Desk -VRD), Ask a librarian ou outros especialistas.

Num momento de virtualização da informação é imprescindível que o bibliotecário seja um mediador competente em sua área de formação e em novas TICs, ter noção de estudos epistemológicos, conhecer o processo de pesquisa, vantagens e desvantagens de seus trâmites e assim entender e atender as extremidades de usuários:

os que ingenuamente defendem a cabal desintermediação da informação e os que, como citado, se sentem como “um barco perdido no meio do mar sem porto de chegada”.

Dessa forma poderá mediar a informação, interferir na pesquisa, elaborar/participar de projetos de pesquisa escolar num ambiente virtual/digital, com estratégias mediadas por ferramentas da Web. Numa concepção interacionista saberá no momento certo mediar e permitir a interação do aluno com o novo ambiente informacional para pesquisa de forma a intensificar sua aprendizagem.

Cabe a esse profissional fazer parte da equipe pedagógica, inserindo-se no processo de ensino e aprendizagem. E nesse caso, além de ser um mediador entre a informação e o aluno/pesquisador, colaborar com o desenvolvimento de competências para que este possa refletir e discutir a respeito da informação acessada, dela se apropriando e a transformando em conhecimento.

No entanto, como já mencionamos, há muitos bibliotecários que ainda não se atentaram para tal postura. Não acompanham as mudanças tecnológicas, ou se acompanham, repassam mecanicamente as informações a seus usuários, sem se preocupar com a necessária “informação certa, na hora certa e do jeito certo”.

No ambiente escolar a mediação deve ser explorada para a formação do aluno para a vida. O bibliotecário precisa “acordar”, pois como reflete Demo (2007),

É fundamental que as inovações sejam conquistadas como suportes da pedagogia da aprendizagem, em primeiro lugar em função dos desafios formativos. Precisamos acima de tudo, para além do mercado, preparar os alunos para a vida. De fato, a vida vai se inserindo, cada dia mais e a galope, no contexto das novas tecnologias. Elas nos cercam por toda parte e se tornam inevitáveis. Não podemos ser objetos dela. Na escola teríamos uma chance de reconquistar a posição de sujeito das tecnologias. No fundo, porém, a escola guarda uma questão bem mais angustiante do que a nova mídia: aprendizagem. Não sabendo enfrentar adequadamente este desafio, corre o risco de, adotando inovações tecnológicas, continuar fazendo a mesma coisa. Inovar o instrucionismo não vale a pena. [...] Ao mesmo tempo, a escola seria um lugar privilegiado para mostrar como saber usar as novas tecnologias, por exemplo, fazendo da internet um dos ambientes mais interessantes de pesquisa e elaboração.

Nesse panorama o bibliotecário escolar, com os recursos disponíveis em sua instituição, ciente da importância das TICs para a realização de pesquisas, deve mediar a informação, propiciar aos indivíduos uma autonomia no controle dos processos de busca e escolha de fontes e meios para a satisfação de suas necessidades de informação, fazendo com que a pesquisa alcance seu objetivo.

6 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho, o passo inicial foi uma pesquisa bibliográfica visando centrar o tema na literatura pertinente e assim obter referencial teórico.

As fontes de informação consistiram em livros, periódicos, anais de congressos, dissertações; via internet: periódicos, dissertações e trabalhos apresentados na área de Ciência da Informação, etc. Também nos utilizamos de fitas de vídeo.

Buscamos embasamento teórico relacionado à biblioteca escolar, pesquisa escolar, mediação bibliotecária e tecnologias de informação.

Feita a seleção de materiais, iniciamos a leitura, que proporcionou melhor compreensão e contextualização do assunto, bem como maiores subsídios para decidir sobre a metodologia da pesquisa. Quanto a esta última, trata-se de uma abordagem Qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados o formulário para entrevista focalizada que foi realizada com o recurso do gravador, obedecendo ao roteiro de tópicos relativos ao problema estudado.

De acordo com Minayo (2002, p.22), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Optamos pela Pesquisa Qualitativa por meio de entrevista com perguntas abertas por acharmos este instrumento importante por proporcionar ao pesquisador a observação no local; conceder liberdade de resposta ao entrevistado e em decorrência, liberdade ao entrevistador para formular novas perguntas. Também possibilita a produção de conteúdos/respostas fornecidos pelos sujeitos envolvidos no processo de forma tanto objetiva (técnica, direta) quanto subjetiva (pessoal, particular).

O roteiro para entrevista focalizada (Apêndice A), foi composto por 22 perguntas referentes a: perfil do bibliotecário, mediação da informação, espaço de atuação/ambiência do bibliotecário escolar, mediação e tecnologia, pesquisa escolar, parceria entre mediadores e propostas de projetos/ações.

Como os objetivos estão entrelaçados, não há uma questão única para cada objetivo. As perguntas de 1 a 3 referem-se à caracterização do perfil do entrevistado.

Para um entendimento da origem das demais perguntas da entrevista apresentamos a seguir os objetivos da pesquisa e o número das questões que colaboraram para a obtenção de resposta:

- Avaliar a percepção do bibliotecário quanto a sua responsabilidade cotidiana em mediar a pesquisa escolar independente da ambiência em que se encontra. (Perguntas de n.º 4-8, 12-13)

- Analisar a postura e as habilidades técnicas/cognitivas do bibliotecário na mediação da pesquisa em um momento de crescente virtualização da informação. (Perguntas de n.º 8-13, 17-18)

- Verificar o processo de utilização de recursos tecnológicos na busca de informação. (Perguntas de n.º 10-13)

- Identificar a existência de parceria entre bibliotecário e professor na prática da pesquisa escolar. (Perguntas de n.º 14-15, 20-21)

- Obter subsídios para propostas de projetos/ações que visem busca de soluções para que a pesquisa escolar atinja seus objetivos. (Perguntas n.º 16, 22)

Ressaltamos que além da entrevista, a observação feita em campo e o referencial teórico foram fontes de informação para concretização dos objetivos.

O roteiro elaborado serviu como norteador da entrevista, embora nem todas as perguntas tenham sido feitas sequencialmente, ou mesmo nem foram apresentadas já que alguns entrevistados se adiantavam à pergunta.

Definimos como Universo de Pesquisa bibliotecas de escolas particulares de ensino fundamental da cidade de Londrina (Apêndice B), com bibliotecário em seu quadro de funcionários. A seguir apresentamos os critérios levados em consideração para a escolha de:

a) Bibliotecas de escolas da rede particular de ensino: por deduzirmos que essas bibliotecas possuem maiores recursos para pesquisa, em especial com relação às tecnologias;

b) Ensino Fundamental: por acharmos que é um estágio propício para se iniciar/efetivar o estudante na prática da pesquisa;

c) A cidade de Londrina-Pr: por acharmos que as escolas, embora com realidades diferenciadas, estão inseridas num mesmo entorno econômico/social, bem como pela facilidade de contato e locomoção da pesquisadora;

d) Bibliotecário: por sabermos que esse profissional tem formação para bem exercer as funções no espaço da biblioteca e conteúdo para respostas às perguntas.

Com essa perspectiva iniciamos os procedimentos metodológicos, verificando quantas e quais escolas particulares de ensino fundamental na cidade de Londrina possuem bibliotecário em seu quadro de funcionários. Para levantamento das escolas solicitamos informação ao Sindicato das Escolas Particulares do Norte do Paraná.

Fizemos contato telefônico com as escolas para confirmar a presença de bibliotecários embora já conhecêssemos a maioria deles. Constatamos um total de dez escolas. No contato telefônico nos identificamos como mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP-Marília, informando o tema da pesquisa, instrumento de coleta de dados e a importância da entrevista com o profissional bibliotecário.

Nesse contato indagamos sobre a possibilidade de efetuar a pesquisa no local e informamos da necessidade de obtenção de uma carta de anuência para apresentar ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNESP.

Todos os bibliotecários responderam que precisavam pedir autorização para a Direção da Escola. Alguns bibliotecários disseram que bastava enviar as informações por e-mail que eles mesmos pediriam autorização e posteriormente dariam resposta. Outros concordaram em agendar um horário com a Direção da Escola.

Sendo assim, enviamos por e-mail ou apresentamos nas escolas uma carta de apresentação da pesquisadora e da pesquisa (Apêndice C), elaborada e assinada pelo orientador, professor doutor Oswaldo Francisco de Almeida Júnior.

A visita/entrevista foi autorizada em seis escolas (Apêndice D). Conforme previamente comunicado na carta de apresentação, os profissionais entrevistados não foram identificados nominalmente.

Com a liberação do Comitê de Ética da UNESP-Marília para realização das entrevistas, agendamos as mesmas para o período do mês de outubro e início de novembro, de acordo com a disponibilidade dos sujeitos.

Uma das entrevistas não pode ser realizada devido ao fato de não haver mais bibliotecário no quadro de funcionários. Sendo assim, acrescentamos na análise as respostas obtidas no pré-teste já que a alteração efetuada foi apenas na seqüência das perguntas.

No decorrer das entrevistas deixamos os entrevistados livres para articularem espontaneamente sobre as perguntas, intervindo apenas para voltar ao foco da pesquisa, quando necessário.

Como todos os bibliotecários apresentaram a biblioteca e fizeram uma explanação geral sobre ela, alguns inclusive mostraram a escola toda, aproveitamos a oportunidade, tanto na visita quanto durante a entrevista para observar a movimentação/expressão, o olhar, o tom de voz do entrevistado e a ambiência da biblioteca em todos os momentos.

Enfim procuramos, por meio de observações e de diálogo, perceber o cotidiano do entrevistado.

7 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E PROPOSTAS DE PROJETOS/AÇÕES

Neste capítulo analisamos as respostas dos entrevistados. Para facilitar o entendimento das respostas, agrupamos algumas questões e inserimos títulos de acordo com o assunto específico que as une.

No final do capítulo apresentamos nossas sugestões junto com as propostas dos entrevistados para a pesquisa escolar.

O primeiro grupo de perguntas refere-se ao perfil dos bibliotecários entrevistados.

Perfil dos sujeitos entrevistados

As perguntas de número 1 a 3 referiam-se à caracterização do perfil dos entrevistados (ano de conclusão do curso de biblioteconomia, atualização na área biblioteconômica e tempo de atuação em biblioteca escolar). As respostas podem ser visualizadas no quadro abaixo:

PERFIL DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS			
Sujeito entrevistado	Ano de conclusão do curso de Biblioteconomia e tempo de graduado	Pós-graduação	Atuação em biblioteca escolar
A	1981 - 27 anos	Não	9 anos
B	1992 - 16 anos	Especialização em Gerência da Informação - UEL (2003)	14 anos
C	1999 - 9 anos	Não	14 anos
D	2005 - 3 anos	Cursando especialização em Informação, Conhecimento e Sociedade na UEL	2 anos
E	2005 - 3 anos	Não	4 anos
F	2006 - 2 anos	Não	3 anos

Quadro 13: Respostas referentes ao perfil dos sujeitos entrevistados

Entre os entrevistados encontramos profissionais formados há 2, 3, 9, 16 e 27 anos em Biblioteconomia. Um deles (C) também cursou Pedagogia.

O tempo de experiência em biblioteca escolar varia de 2 a 14 anos.

Relacionando as datas de conclusão do curso de Biblioteconomia com o tempo de atuação em biblioteca escolar percebemos que três dos entrevistados começaram sua atuação antes de formados, um deles antes mesmo de iniciar a graduação. Um desses profissionais atuou em biblioteca escolar como estagiário remunerado por dois anos e há quase um ano em outra escola como bibliotecário escolar. Dois entrevistados passaram a atuar como bibliotecário escolar pouco tempo depois de formados (1 e 2 anos) e apenas um entrevistado assumiu a direção de uma biblioteca escolar após 18 anos de formado na área.

Quanto à atualização na área, um é especialista em gerência da informação e um está cursando a especialização em Informação, Conhecimento e Sociedade. O sujeito (F) formado há menos tempo está pensando em cursar o mestrado em Biblioteconomia e/ou em Educação.

Todos disseram que se mantêm atualizados na área. Os meios de atualização citados foram: lendo artigos de periódicos e livros da área biblioteconômica, principalmente sobre biblioteca escolar, acessando sites, participando de eventos, fazendo cursos, minicursos e contato com colegas que trabalham em escolas. Também mencionaram leituras de textos na área pedagógica.

Mediação da informação

Por meio das questões de número 4 e 5 procuramos saber se os entrevistados se consideram mediadores e o que entendem por mediação.

Os entrevistados foram unânimes em dizer que são mediadores. Porém, nem todos responderam tal pergunta com satisfação, pois um deles (C) disse: *“Sou mediador, mas poderia ser bem mais, se houvesse espaço. Nem sempre dão espaço para o bibliotecário ser um mediador”*.

Definindo mediação os entrevistados responderam de maneiras diferentes. Por ser uma questão importante para a pesquisa relacionamos a seguir as respostas:

(A) : *“É ligar, ser ponte, sempre via de mão dupla”*

(B) : *“É facilitar o trabalho dos professores, é incentivar a leitura, orientar na pesquisa, interferir com atividades que ajudem na formação dos alunos.”*

(C) : *“A mediação envolve a seleção e aquisição do acervo e do equipamento, o atendimento ao usuário, fornecer aos alunos e professores a informação que eles precisam para o desenvolvimento de suas atividades e pesquisas a orientação e busca da informação, a participação nas reuniões pedagógicas opinando e aceitando sugestões. Mas não é isso que acontece aqui. A biblioteca é local de pesquisa e leitura,*

mas também é de castigo, a aquisição do acervo e equipamentos é toda feita pela administração. O bibliotecário não tem condições de ser um mediador, ele só é um servidor de livro, de equipamento.”

(D) : “Acredito que seja o ponto onde o bibliotecário consegue esclarecer as dúvidas do aluno, onde ele necessita de uma informação e vai até a biblioteca, e eu consigo por conhecer o acervo e as fontes onde encontrar a informação, poder disponibilizar a ele aquilo que ele necessita para sua pesquisa. Acredito que essa é uma interação de mediação, mas existe a mediação da literatura onde nós podemos, conversando, sentir os gostos pela leitura e podemos ajudar, de acordo com o perfil do usuário, com o que ele apresenta de desejo. O mediador vai disponibilizar o material, os livros, as revistas, etc. Precisamos ter a sensibilidade de disponibilizar todos os tipos de materiais para que todos tenham acesso à leitura. Mediação para mim é um todo, sempre atento a tudo que chega ao acervo, não só no tempo em que os alunos e os professores estão na biblioteca, mas o tempo todo ligada ao acervo e as necessidades dos usuários: seleção, registro, etc.”

(E) : “Mediação é o ato de mediar; é uma intervenção.”

(F) : “Passar o que eu aprendi e o que estou aprendendo. Buscar para o aluno o que ele necessita; facilitar o trabalho deles. É a interferência na busca da informação, é ajudar na montagem dos trabalhos infantis, na hora do conto, no trabalho como um todo.”

Vemos fatores positivos quanto ao conceito que os entrevistados têm sobre mediação. Embora os sujeitos (A e E) conceituem a mediação como elo, ponte, intervenção sem se prenderem a exemplos específicos/práticos, os outros entrevistados mencionaram a mediação em diferentes momentos e atividades do bibliotecário que não apenas o momento do atendimento ao usuário.

O sujeito (C), apesar de conceituar bem mediação, desabafou quanto à situação que vive em seu dia-a-dia profissional. Em sua insatisfação ele só comentou a respeito da escola, mas não chegou a citar iniciativas/tentativas de mediação por parte dele como profissional em busca de conhecimento e/ou reconhecimento.

Espaço de atuação/ambiência do bibliotecário escolar

Ainda em busca da noção de mediação dos entrevistados, aliando à sua idéia de espaço de atuação na questão de número 6 indagamos quanto ao espaço de atuação do bibliotecário escolar, se preso às paredes físicas ou extrapolando-as.

Todos os entrevistados disseram que o espaço de atuação do bibliotecário escolar não se prende às paredes físicas da biblioteca, mas que deve extrapolá-las e ir a outros ambientes da escola onde haja informação e se possa contribuir com a formação dos alunos como: sala de aula, pátio, corredores, laboratórios e locais de eventos escolares.

Dois sujeitos (C e F) acrescentaram que o espaço de atuação do bibliotecário em suas escolas é limitado. O sujeito (C) lamentou a falta de integração biblioteca/escola dizendo que o espaço de atuação do bibliotecário escolar *“Não deveria se prender às paredes da biblioteca, mas é o que acontece na maioria das vezes, pois a biblioteca e a instituição não trabalham inteiramente juntas”*.

O espaço de atuação do bibliotecário escolar, segundo os entrevistados não se prende às paredes físicas da biblioteca, mas chega a outros ambientes da escola em que haja aprendizagem.

Percebemos que embora os entrevistados tenham estendido a atuação do bibliotecário escolar a praticamente toda a escola apenas um deles (E) mencionou locais de possíveis eventos da escola, extrapolando o espaço físico da instituição escolar.

Nenhum deles se referiu à residência dos alunos como um espaço de aprendizagem em que o bibliotecário possa mediar tendo como aliada a tecnologia de informação e comunicação.

Mesmo após serem questionados, quanto a influência das tecnologias no espaço de atuação/ambiência e mediação do bibliotecário escolar, como é o caso das questões de número 7 e 8, os entrevistados não citaram esta opção.

Os sujeitos entrevistados acreditam que o avanço da tecnologia altera a ambiência/atuação do bibliotecário no sentido em que ao mesmo tempo amplia e facilita as atividades deste profissional. Para eles o avanço da tecnologia:

(A) *Coloca a mediação bibliotecária em mão dupla, pois da mesma forma que o bibliotecário orienta seus usuários na busca, acesso e uso da informação também recebe informações e aprende com os alunos, professores e funcionários diferentes conteúdos.*

(B) *Facilita e colabora com a localização de mais informações.*

(C) *Amplia a dimensão do trabalho do bibliotecário, pois é mais uma ferramenta sob sua responsabilidade para orientar e acompanhar os usuários, controlar horário e a disponibilidade para uso do computador, além dos outros recursos como data show, retroprojeter, vídeo, DVD, etc.*

(D) *Exige do bibliotecário uma constante atualização e capacitação para acompanhar o desenvolvimento da tecnologia em seu dia-a-dia.*

(E) *Facilita o trabalho e a localização de informação, ajudando o bibliotecário a ganhar tempo para realização de outras atividades.*

(F) *Facilita a vida do bibliotecário, pois aumenta as ferramentas e a frequência de alguns alunos na biblioteca.*

Percebemos pelas respostas dos entrevistados que com o desenvolvimento da tecnologia aumentam as possibilidades de localização e acesso à

informação, também amplia a quantidade de informação e isso vai ao encontro da mediação bibliotecária. Também vemos que a tecnologia facilita algumas atividades do bibliotecário, bem como aumenta o número de tarefas, visto haver maior número de ferramentas/recursos informacionais. Constatamos também a necessidade de constante atualização/capacitação desse profissional.

Podemos acrescentar que o desenvolvimento da tecnologia amplia o universo da mediação, favorece a parceria com outros educadores, o contato com os usuários, instrumentaliza melhor o bibliotecário para possíveis orientações e atendimento à distância de forma a favorecer o desenvolvimento de habilidades, competência para lidar com informações e propiciar a aprendizagem.

Recursos tecnológicos na biblioteca e sua disponibilização como apoio à pesquisa

Procuramos saber dos entrevistados, por meio das questões de número 9, 10 e 11, quais os recursos tecnológicos existentes na biblioteca em que atuam, como disponibilizam novos recursos para apoio à pesquisa escolar, se estão satisfeitos com a tecnologia que possuem para suas atividades ou se gostariam de incluir mais e/ou outros recursos em sua mediação na pesquisa.

Podemos verificar os recursos tecnológicos citados e o parecer dos entrevistados quanto à necessidade de mais e/ou outros recursos no quadro a seguir.

RECURSOS TECNOLÓGICOS NA BIBLIOTECA		
Sujeito entrevistado	Recursos tecnológicos à disposição dos usuários	Parecer do entrevistado
A	10 computadores em rede; 2 scanners e 1 DVD.	No nosso caso é o suficiente, pois temos salas de informática, audiovisual e comunicação. Tais setores já são utilizados para trabalhos e pesquisas no dia a dia dos alunos.
B	3 computadores com acesso à internet.	Não faltam recursos, pois temos quase 500 alunos, sendo que 80% deles têm acesso à internet em suas casas.
C	3 computadores, 2 data show, 2 DVDs, 6 TVs, 4 vídeos, 2 retroprojetores e 4 rádio gravadores.	Os computadores ficam na biblioteca. Os demais recursos circulam pelo Colégio. Eu acho suficiente para nossos 980 alunos.
D	1 computador, 1 TV, 1 DVD e 1 retroprojetor.	Embora os alunos (480) se utilizem da internet em suas casas, precisam de uma biblioteca maior, com mais equipamentos para que as pesquisas sejam realizadas na biblioteca também.

E	15 computadores e 1 DVD.	Acho suficiente, pois além da biblioteca nossos 160 alunos dispõem também do laboratório de informática.
F	2 computadores.	A biblioteca ficava em outra sala. Nesta falta espaço físico para que 17 computadores da biblioteca voltem a fazer parte dos recursos disponibilizados aos 873 alunos.

Quadro 14: Respostas referentes aos recursos tecnológicos na biblioteca

Apenas dois dos entrevistados disseram estar insatisfeitos com os recursos tecnológicos. Um destes sujeitos (F) explicou que a biblioteca antes ficava em outro espaço, bem maior, onde ficavam 19 computadores, mas que após algumas mudanças administrativas, inclusive do profissional bibliotecário, a biblioteca foi alocada em uma sala menor e com menos recursos tecnológicos.

Podemos inferir que a atuação/mediação do bibliotecário nesta instituição não é conhecida e/ou reconhecida pela comunidade escolar. Não sabemos se tal situação deu-se em função do bibliotecário não corresponder às expectativas da instituição ou de barreiras na comunicação entre esse profissional e demais membros da escola. O que constatamos é que a biblioteca já esteve mais estruturada para atender seus usuários e que o atual bibliotecário espera mudar a situação.

O outro sujeito (D) que se referiu a falta de espaço e equipamento está aguardando a construção de uma nova biblioteca (prevista para o primeiro semestre de 2008) e aquisição de variados recursos para a biblioteca. Pudemos perceber nas duas visitas que fizemos a esta escola que o contato deste profissional com a comunidade escolar é aberto e prazeroso e que professores, alunos e funcionários vêm com bons olhos a biblioteca e este bibliotecário.

Os demais entrevistados mostraram-se satisfeitos com os recursos. Todos disseram que a maioria dos usuários tem acesso à internet em suas casas e que, além disso, a escola disponibiliza o equipamento do laboratório de informática para realização de pesquisa.

Quanto à disponibilização dos recursos tecnológicos para apoio à pesquisa os entrevistados disseram que isso se dá por meio de agendamento prévio.

A biblioteca que dispõe de maior número de computadores com relação ao número de alunos só disponibiliza o acesso à internet depois de esgotadas todas as consultas em fontes de informação impressa e CDRom. Além disso, a busca de informação é realizada em horário de aula.

Achamos interessante ressaltar esse trabalho diferenciado, pois isso faz com que os alunos adquiram habilidades na busca e seleção de informação em todos os meios existentes na biblioteca.

Pesquisa escolar e mediação bibliotecária

As perguntas de 12 a 19 dizem respeito à pesquisa escolar e a mediação bibliotecária na pesquisa. Algumas questões específicas enquadram-se em algumas questões gerais, havendo repetição de informações, fato que ajudou a reflexão dos entrevistados no momento das respostas.

Nas questões de número 12 e 13 nos preocupamos em saber a opinião dos entrevistados quanto a como deve ser a mediação bibliotecária na pesquisa escolar e quais as possibilidades dessa mediação perante a crescente virtualização/digitalização da informação.

As respostas dos entrevistados se complementam, conforme podemos verificar no quadro a seguir.

PESQUISA ESCOLAR E MEDIAÇÃO		
Sujeito	Como deve ser a mediação bibliotecária na pesquisa escolar?	Possibilidades de mediação perante a crescente virtualização/digitalização da informação?
A	Além de disponibilizar todo o acervo, o profissional deverá auxiliar/ensinar as técnicas de utilização do material (uso de sistemas de busca eletrônico; índices, sumários, etc.)	Incutir espírito crítico, apresentar mais de uma alternativa de informação é um dos principais itens da mediação, pois assim os alunos poderão fazer uma pesquisa verdadeira e de qualidade.
B	O bibliotecário tem que estar junto com os usuários, passando informação e orientando na pesquisa. Desenvolver projetos de orientação na busca, seleção e interpretação da informação e também na produção de texto e apresentação de trabalhos.	Indicar sites de busca, portais educacionais, orientar quanto a localização de assuntos e seleção de páginas confiáveis e também organização pessoal para bom aproveitamento do tempo para pesquisa.
C	O bibliotecário deve ter domínio sobre o que é a pesquisa e como pesquisar, conhecer os passos para que ela seja bem elaborada e ajudar o professor nessa orientação. Enfim, o bibliotecário deve ensinar/orientar a pesquisa do aluno.	Este é nosso primeiro ano com computadores para os alunos aqui (alguns meses), então não posso responder com precisão, mas acho que o bibliotecário não pode deixar que os alunos pesquisem apenas na internet, ou cds.
D	Além de disponibilizar espaço e indicar fontes/recursos, deve ensinar, dar as coordenadas para que o aluno tenha autonomia, consiga desenvolver os passos da pesquisa e realmente atinja seu objetivo. O profissional deve fazer os alunos entenderem que pesquisa/trabalho envolve leitura, compreensão e produção de texto.	Indicar e ajudar a escolher fontes seguras, porque existe tanta informação que sem uma orientação os alunos ficariam perdidos. Passar para eles os critérios de avaliação de sites, para que acessem uma informação segura, ressaltando que nem tudo que está na internet iremos utilizar.

E	Ajudar os alunos a fazer as pesquisas não só nos materiais impressos, mas também na internet. Facilitar a localização da informação, orientar os alunos para que cheguem à biblioteca e obtenham as informações que precisam. Porém o bibliotecário tem que cuidar para não extrapolar e ao invés de ajudar, acabar tomando o lugar do usuário.	Tanto os professores quanto o bibliotecário devem estudar/analisar alguns sites antes de indicar aos alunos, verificando se são confiáveis e se a criança vai encontrar a informação necessária de forma correta.
F	Trabalhando bem todas as fases e recursos da pesquisa com os usuários.	Indicando sites e páginas da Web.

Quadro 15: Respostas referentes à pesquisa escolar e mediação

As respostas mencionadas se complementam compondo o conceito de mediação da informação na pesquisa escolar.

Porém, concordamos com o sujeito (E) quanto à postura do bibliotecário, para que não se estenda o repasse/entrega de informação em detrimento do desenvolvimento da capacidade e autonomia do aluno.

Na mediação da informação na pesquisa escolar o bibliotecário, em parceria com o professor e em sintonia com os familiares dos alunos, precisa ensinar, orientar e ajudar o aluno na pesquisa, mas precisa ter em mente que deve colaborar para que o aluno desenvolva as habilidades necessárias para ser capaz de encontrar, selecionar, compreender, enfim, fazer uso da informação e explaná-la ou mesmo produzir outras informações por si mesmo.

Por meio das questões de número 14, 15 e 16 procuramos verificar como são realizadas as pesquisas escolares, de que forma são apresentados os resultados dos trabalhos e o conceito dos bibliotecários sobre como deve ser a pesquisa escolar.

As respostas não são diferentes do que encontramos na literatura da área, pois pudemos perceber aspectos positivos e aspectos negativos.

Em três escolas (A, B e E) identificamos os seguintes aspectos positivos:

- Bibliotecário e professor trabalham juntos na orientação e acompanhamento da pesquisa;
- Os alunos recebem orientações quanto à pesquisa, sua importância, como e onde realizá-la;
- A maioria dos professores sabe pesquisar e frequenta a biblioteca não só em função da pesquisa dos alunos, mas para leitura e pesquisas pessoais;
- Os professores procuram o bibliotecário para falar sobre a pesquisa antes de solicitá-la aos alunos;

- O bibliotecário tem tempo de buscar a informação em fontes impressas e eletrônicas antes que os alunos cheguem à biblioteca, podendo indicá-las para a pesquisa;
- Dessas três escolas, uma possui poucos computadores na biblioteca, mas os alunos, depois de orientados são encaminhados também ao laboratório de informática para complementarem a busca e digitarem seus trabalhos;
- A maior parte dos alunos tem conseguido realizar a pesquisa e a vê como atividade interessante e produtiva.

Nessas escolas os trabalhos dos alunos são escritos ou digitados, em disquete, enviados por e-mail ou de forma oral.

A respeito da maneira que as pesquisas escolares deveriam ser eles respondem:

(A) Nas séries iniciais sempre acompanhadas pelos professores e bibliotecários. À medida que os alunos vão avançando nas séries, autonomia e liberdade para escolher a metodologia, os mediadores poderão atuar nos momentos de dificuldade dos estudantes ou quando solicitado por eles.

(B) A parceria em projetos de pesquisa, na orientação e acompanhamento nas pesquisas deve ser uma constante, evitando cópia e propiciando a elaboração de resumos, produção de textos, independência e desenvolvimento dos alunos.

(E) Acredito que a forma que trabalhamos aqui usando todo o material impresso primeiro e só depois utilizando os recursos on-line para melhorar/completar as informações é indicada, mesmo porque quando os alunos vão para a busca de informação na internet já estão mais preparados para a pesquisa.

É interessante mencionar que em uma dessas escolas a iniciativa de solicitar à direção disponibilidade no horário das aulas para as orientações e realização de pesquisas partiu de professores inconformados com a “pesquisa que não era pesquisa” realizada anteriormente na escola.

Ouvimos desses três entrevistados que a situação positiva em suas escolas é resultado de alguns anos de trabalho, da força de vontade, dedicação e perseverança tanto do bibliotecário quanto do professor, bem como de grande influência/postura da direção da escola.

Tal conjuntura deve ser revelada para que se perceba a importância da mediação/interferência dos educadores em dados momentos, para se reverter uma situação, para se mudar o rumo de algumas atividades, enfim de realmente propiciar a aprendizagem.

Assim como há pontos positivos a serem ressaltados com relação à pesquisa escolar também encontramos casos que merecem reflexão, como se pode ver a seguir:

O sujeito (C) mencionou que para os pais acompanharem as atividades de seus filhos, as tarefas são colocadas no portal da escola além do aluno anotá-la em sua agenda. Em função disso alguns pais ligam para o bibliotecário procurando esclarecer dúvidas ou solicitando informações via fax.

Esse entrevistado se queixou, porém que apesar de desenvolver um trabalho de orientação à pesquisa por meio de apostilas, sua presença ou opinião pouco importa na realização da pesquisa escolar. Disse que indica livros e periódicos para os alunos, mas estes vão direto ao título que o professor lhes indicou. Limita o tempo de pesquisa na internet a quinze minutos e não permite digitação na biblioteca. Disse que apresenta para os alunos uma lista de sites para pesquisa, mas eles vão direto ao Google.

Acrescentou que são raros os professores que informam sobre a pesquisa e que prefere que o rapaz da informática acompanhe os alunos na pesquisa.

Questionado sobre como acha que deveriam ser as pesquisas ele respondeu: *“Eu acho que os alunos precisam fazer a pesquisa e não ir apenas atrás de um livro específico, ou cd, ou filme. A pesquisa ideal é quando o professor trás o aluno na biblioteca, orienta e acompanha junto com o bibliotecário a pesquisa. O professor, antes de dar uma pesquisa aos alunos, deveria previamente saber os conteúdos e sites e aí sim levar os alunos para a sala de informática e trabalhar junto com ele.”*

Quanto à maneira que as pesquisas dos alunos são apresentadas disse que geralmente são digitadas ou escritas, mas que também se utilizam de data show, retroprojektor e outros recursos.

Pudemos perceber nitidamente em quase todas as questões, que embora o sujeito (C) seja coerente em suas respostas ele atua isoladamente, não mantém laços de parceria com os professores e não tem seu trabalho conhecido, muito menos reconhecido. Prefere se manter à distância quando os usuários não aceitam suas sugestões.

Este profissional não está conseguindo mediar a informação em seu ambiente de trabalho.

Um fator agravante nessa situação é que os alunos não fazem uso eficiente dos recursos para a pesquisa e conseqüentemente esta atividade acaba por não propiciar satisfação e conhecimento.

Ao responder à entrevista ele pareceu um tanto descontente com sua posição na escola. Neste caso parece que com o passar do tempo se intensifica a distância desse profissional em relação à sua comunidade, tornando-se mais um número na estatística de problemas relacionados à biblioteca, ao bibliotecário escolar, à leitura, à pesquisa escolar e à outros requisitos para a aprendizagem.

Outro caso a se refletir é o do sujeito (F). Enquanto estudante ele atuou por dois anos como estagiário na biblioteca de outra escola. E agora atua como bibliotecário nesta escola há quase um ano.

Ele está se sentindo um pouco perdido numa biblioteca cujo espaço físico e equipamentos foram reduzidos poucos dias antes de sua contratação.

Disse que na verdade a pesquisa não acontece a contento. Sua visão e acompanhamento da pesquisa restringem-se ao espaço físico da biblioteca e aos alunos que vão até lá. Ele ajuda os alunos a procurar informações no acervo impresso e na busca na internet já que os alunos não sabem pesquisar e buscam a informação por termos muito gerais/abrangentes.

Este entrevistado só consegue ver as falhas na pesquisa dos alunos que vão até a biblioteca, mas não sabe como são realizadas as pesquisas no laboratório de informática, aonde vai a maior parte dos alunos.

Informou-nos que alguns alunos mandam os trabalhos para o professor por e-mail, mas adiantou que os professores querem abolir trabalhos digitados, permitindo apenas trabalhos escritos e apresentação oral devido a tantos trabalhos/cópia.

Quanto a como deveriam ser as pesquisas este sujeito acha que os alunos deveriam ser independentes na busca e uso da informação para conhecimento e não ver a pesquisa como uma coisa difícil de realizar e sem razão de ser.

Até o momento sua atuação está dentro do espaço físico da biblioteca. Esse bibliotecário não realizou orientações sobre a biblioteca, seus recursos, pesquisa escolar e outros temas relevantes à mediação bibliotecária para a comunidade escolar.

A fase em que esse profissional se encontra é um desafio: o início de uma mediação que gere conhecimento da biblioteca e de seu profissional visando uma reestruturação da biblioteca, parceria entre educadores e participação na formação dos

alunos. Ele está ansioso pelo mestrado e formação também na área pedagógica, pois recebe tratamento diferenciado na comunidade que não o vê como um profissional que pode e quer, como mediador/educador que é, somar e contribuir com os anseios e missão da escola.

Como na situação anterior, o sujeito (D) também está em uma fase inicial, convivendo entre fatores positivos e negativos.

Porém, a escola o “vê com outros olhos”. Pudemos perceber isso quando da realização da entrevista. Quem nos recebeu primeiramente foi a diretora, que se mostrou bastante interessada na mediação bibliotecária na escola.

O bibliotecário informou-nos que por enquanto a biblioteca é procurada para leitura e empréstimo de livros, mas que a pesquisa escolar com a mediação bibliotecária ainda é novidade nesse ambiente. Está aguardando a construção da nova biblioteca com mais recursos e espaço para realização de pesquisas.

Questionado quanto à forma que os alunos realizam as pesquisas escolares respondeu: *Aqui na escola existem várias formas de ser trabalhado isso. Eles vêm à biblioteca e pedem aquilo que o professor pediu, principalmente quando é de primeira a quarta série, eu faço a busca e deixo o material separado. As crianças fazem a pesquisa no material impresso, de repente eles fazem a pesquisa em casa pela internet.*

Os alunos apresentam os trabalhos por escrito, seminários, power point e outras formas. Com relação ao aproveitamento há “casos e casos”. Percebemos que alguns alunos conseguem uma interação com o assunto, conseguem explicar a leitura. Mas existem aqueles que não passam do control c, control v.

Com certeza a literatura não tem se enganado, pois muitos alunos não passam dessa ação e não tem interesse em entender o assunto pesquisado. Consigo visualizar no aluno que eles entregam um trabalho para conseguir uma nota. Também consigo perceber que o professor não está apto à pesquisa porque ele também não foi ensinado, portanto, não aprendeu. Se ele não é pesquisador ele não saberá ensinar a pesquisar.

Sua opinião sobre como deveriam ser as pesquisas escolares é a seguinte:

Deveria haver um aprendizado, onde os alunos não pesquisassem para receber uma nota, mas para descobrir, conhecer, sentir prazer na descoberta.

Os professores deveriam ser pesquisadores e motivarem seus alunos para a pesquisa. Fazer com que os alunos, sabendo os caminhos da pesquisa, mesmo com dificuldades, busquem a satisfação do entender, do saber, do conhecer.

Com relação ao fato de alunos e professores não saberem pesquisar e não realizarem essa atividade eficientemente, eu acredito que a possibilidade de mudança viria de um processo longo. O ideal seria que todas as escolas tivessem um profissional bibliotecário que tenha noção e visão da mediação, do ensino para e pela pesquisa para que isso possa acontecer no futuro.

Unindo as respostas deste sujeito à dos anteriormente citados percebemos o que a literatura e os eventos da área divulgam. Vemos que há bibliotecários em diferentes etapas, alguns bem sucedidos e outros não. Alguns a caminho e outros sem rumo.

Em meio aos casos mencionados queremos chamar a atenção e reforçar a idéia de que o bibliotecário deve ser um mediador/educador que interfere, orienta e indica caminhos, mas que não os percorre pelo aluno. E nem deve percorrer, já que sua mediação deve estar voltada para o desenvolvimento e autonomia do aluno.

Pesquisa escolar na internet

No intuito de filtrar mais informações referentes a postura do bibliotecário frente à pesquisa na questão de número 17 questionamos a opinião dos entrevistados sobre o uso da internet em pesquisas escolares.

Todos os sujeitos são favoráveis à internet nas pesquisas. Disseram que ela é essencial, não é possível ficar sem ela, muito importante, aumenta o número de informações disponíveis, contém informações atualizadas e agiliza a pesquisa.

No entanto eles foram unânimes em dizer que os usuários não devem deixar de lado outras fontes de informação como livros e outros materiais impressos.

Apesar de avaliarem que é uma opção válida para a pesquisa acham que merece alguns cuidados e fizeram algumas ressalvas como: a internet oferece materiais digitalizados, com apelos visuais interessantes, mas de conteúdo incompleto, informações errôneas, conflitantes e/ou não confiáveis. Alertam que se os usuários não se auto-organizarem facilmente sairão do foco da busca. Também citaram que alguns usuários pensam que com essa tecnologia não há necessidade de mediadores, mas que isso é uma ilusão.

Logo após, procuramos saber como os bibliotecários orientam as pesquisas realizadas na internet. Algumas respostas são extensas, mas consideramos importante dar a conhecer como ocorre a mediação de cada sujeito. As respostas estão no quadro a seguir:

Sujeito	ORIENTAÇÃO DE PESQUISAS REALIZADAS NA INTERNET
A	Instruir o aluno que precisamos nos certificar de que a informação recuperada é confiável, que alguns cuidados nos livram de armadilhas, como por exemplo, quem escreveu (autoria), sites com certificação (responsabilidade formal de pessoas ou entidades/organismos oficiais), sites de pesquisas indicados para a área de educação ou específicos da área consultada.
B	Primeiramente conscientizo os alunos que não é a internet a única fonte de informação e pesquisas. Eu, juntamente com os professores passo os sites confiáveis sobre os assuntos que eles necessitam para as pesquisas e consultas, tendo o cuidado de acessar primeiro para saber se é confiável, do que se trata e se está dentro dos níveis dos alunos. Tudo isso é analisado antes. Temos um manual com orientações de como pesquisar. Desenvolvemos um projeto de orientação na busca de informação e apresentação do trabalho, também trabalho com leitura de artigos e resumos com os alunos. Além disso, os alunos têm acesso a um Portal Educacional, onde podem realizar várias pesquisas. O portal é muito bom e nele procuro acompanhar as atividades/projetos dos alunos. Trabalhamos muito com o google, altavista, yahoo, terra. Tem também o site biblioteca do estudante que é virtual e o portal educacional. Oriento como localizar e selecionar os assuntos. Alerto que não é só achar o assunto e já ir colocando na pesquisa, mas sim selecionar, ver qual é o ideal para ele, o que o professor está pedindo. Dentro da pesquisa são feitas estas orientações, uma pré-seleção, sites confiáveis. É orientado que o computador só deve ser usado para pesquisa.
C	Eu indico alguns sites, mas eles vão direto no Google.
D	Eu ainda não acompanho pesquisa na internet devido ao fato de haver apenas um computador na biblioteca, mas oriento os alunos quanto como fazer uso dela em termos de dados, páginas, critérios de seleção, etc. para que eles possam fazer as pesquisas em casa ou no laboratório de informática da escola, fazendo uso de páginas fidedignas. Indico sites de universidades, jornais e revistas que são fontes seguras e confiáveis.
E	Nós indicamos alguns sites confiáveis em conjunto com os professores para que eles possam pesquisar e obter informações verdadeiras. Procuramos fazer uma referência dos materiais para assegurar uma melhor qualidade na pesquisa. Explicamos como funcionam os buscadores, como o aluno vai utilizar esses buscadores, ajudando a identificar as páginas de busca, as bases de dados que são confiáveis e que podem estar contribuindo para um maior/melhor desempenho desses alunos. Alertamos o aluno que é preciso verificar se o site é confiável, se realmente é o autor do site que escreveu. A mediação é necessária porque a criança precisa do apoio do bibliotecário que deve estar realmente ajudando, informando, procurando contribuir com a busca pela informação. Ajudando a filtrar as informações, pois na internet a abrangência é muito grande.
F	Oriento os alunos que vêm aqui procurar os assuntos por palavras/termos específicos, sugiro uma lista de sites/bases de dados para as pesquisas, fico atenta e alerta quanto ao copia e cola, à busca por imagens que fujam do foco da pesquisa, ao acesso de sites indevidos, etc.

Quadro 16: Respostas referentes à orientação à pesquisas realizadas na internet

Mais uma vez percebemos que as respostas se complementam. Também verificamos que os bibliotecários se preocupam com a mediação da informação na pesquisa na internet.

É importante verificar tais realidades/mediações e compará-las com os resultados de alguns estudos. Em uma pesquisa sobre o panorama do uso da internet por alunos do ensino fundamental Campello et al. (2000, p.1) concluíram que os participantes de sua investigação

[...] usam a rede no ambiente doméstico, demonstrando bastante independência e visão crítica. Escola e biblioteca, bem como professores e bibliotecários, não têm participação efetiva no processo, embora se conclua que há espaço para mediação nos aspectos de seleção e organização da informação, onde o bibliotecário pode dar contribuição significativa.

A mediação do bibliotecário escolar independente da ambiência é uma questão relevante para nós. Por isso, na questão de número 19 procuramos saber de que maneira se dá a mediação da informação quando a pesquisa é realizada à distância, quando, por exemplo, o aluno está na casa dele ou na casa de amigos e parentes, na Lan house ou em outro ambiente que não a escola.

Os entrevistados responderam que por enquanto é complicado mediar a pesquisa quando os alunos não estão no ambiente da escola, mas alguns acreditam que quando a orientação é bem feita, a partir do momento que o aluno se torna independente na realização da pesquisa esta atividade é realizada em outros ambientes da mesma forma que é realizada na escola.

Concordamos com os entrevistados, mas na verdade esperávamos que eles se referissem também a alguma comunicação com os alunos em suas residências ou outros ambientes se utilizando de tecnologias que propiciem maior interação/colaboração do bibliotecário com os usuários em suas pesquisas remotas, como um serviço de referência virtual.

Parceria entre mediadores na pesquisa escolar

Cientes da importância da parceria entre bibliotecário e professor para a formação do aluno procuramos saber se os bibliotecários percebem a visão dos professores com relação às tecnologias na pesquisa escolar.

Os entrevistados disseram que os professores “vêm com bons olhos” o uso das tecnologias na pesquisa escolar. Todavia reclamam bastante de trabalhos/cópia

que não refletem os objetivos da pesquisa e procuram sugerir aos alunos que pesquisem em diferentes meios que não só a internet.

Continuando nossa investigação, na pergunta de número 21 questionamos qual a relação entre bibliotecário e professor na prática da pesquisa escolar. As respostas encontram-se seguir:

Sujeito	RELAÇÃO ENTRE BIBLIOTECÁRIO E PROFESSOR NA PESQUISA
A	A palavra é <i>parceiros</i> . Se não forem parceiros não tem pesquisa escolar, não tem nada que provoque crescimento.
B	Nós trabalhamos muito unidos. Os professores e eu. Tem que haver essa união e entrosamento. Qualquer dúvida os professores vêm até mim para solicitar o que precisam, informando das pesquisas e solicitando minha orientação e acompanhamento nas pesquisas, principalmente dos alunos que têm mais dificuldade. Existe uma comunicação e uma parceria entre eu (bibliotecária) e os professores. Procuro participar das reuniões para estar a par do que os professores vão passar os projetos a serem trabalhados com os alunos. Consequentemente eu envolvo a biblioteca nesses projetos.
C	A relação é boa, mas seria ótimo se houvesse parceria entre bibliotecário e professor. O professor ensinando o conteúdo/novas descobertas; o bibliotecário disponibilizando os conteúdos/novas descobertas. Há professores que acham que não precisaria de biblioteca e bibliotecário. Alguns nunca vieram à biblioteca. Mesmo com a biblioteca do professor dentro da biblioteca alguns não aparecem aqui. O professor tem que valorizar a biblioteca, o bibliotecário e seu auxiliar.
D	Há integração. Eu disponibilizo espaço, acervo, convido os professores a freqüentarem a biblioteca com os alunos. Alguns vêm, mas não para pesquisa. A pesquisa envolvendo a biblioteca não é 100% porque ainda é uma coisa nova nesta escola.
E	Essa relação é muito boa, pois os professores trabalham com projetos. Esses projetos estão ligados diretamente com a biblioteca, pode-se dizer que a biblioteca é o cérebro porque todos os materiais estão concentrados aqui. Trocam-se idéias, informações entre aluno e bibliotecário, entre aluno e professores e entre bibliotecário e professores.
F	Com alguns professores ela é muito boa, eles trazem materiais deles para a biblioteca quando solicitam trabalhos de pesquisa e/ou leitura. Outros professores vêm aqui esporadicamente. O relacionamento tem melhorado, mas ainda falta ao professor e ao bibliotecário um entrosamento maior para o conhecimento e realização correta dessa atividade.

Quadro 17: Respostas referentes à parceria entre mediadores na prática da pesquisa escolar

A resposta dos entrevistados (A,B e E) foram carregadas de prazer, a dos entrevistados (D e F) expressam certa preocupação mas contêm esperança. Apenas a resposta do entrevistado (C) é que mais uma vez carrega um desabafo. Ficamos sem saber se este sujeito critica certos professores, esperando que eles mudem, mas não toma a iniciativa de procurá-los e se fazer conhecer ou se ele já tentou isso por várias vezes e se decepcionou.

Esta questão revela “a face” do relacionamento entre bibliotecários e professores tão discutida em reuniões, cursos, artigos, etc. Ficamos felizes em perceber que em nossa amostragem há mais fatores positivos e promissores em relação a isso.

Ações propostas pelos entrevistados

Nossa última questão, a de número 22 foi: Quais projetos/ações você proporia para que em meio ao uso de novas tecnologias a pesquisa escolar realmente atinja seus objetivos?

Cada um em uma realidade diferente respondeu:

(A) *Que as atividades de sala de aula e extra-sala fossem provocativas e realizadas em ambiente com possibilidade de acompanhamento nas séries iniciais (até a 6ª série), isto é, na biblioteca, nos laboratórios de informática e ciências. Nas séries seguintes acompanhar também, mas dar mais liberdade e testar a autonomia com responsabilidade ensinada pouco a pouco.*

(B) *Através de trabalhos eu já estou percebendo que é preciso por em prática outros projetos relacionados à pesquisa fazendo uso do próprio site da escola, do portal educacional. Também o de uma mediação eletrônica através do blog da biblioteca. Tudo que é adquirido e tudo que acontece é relatado nesse blog: compras, doações, perguntas, pesquisa.*

(C) *Projetos/ações que façam o aluno usar conscientemente a biblioteca e seus recursos. Há um projeto para inserir informações da biblioteca no portal da escola.*

(D) *Espero que quando a biblioteca for maior e disponibilizar mais recursos possam ser desenvolvidas atividades de orientação/capacitação para a pesquisa envolvendo toda a biblioteca, seus recursos e potencialidades.*

(E) *Com certeza é fundamental fazer um trabalho de conscientização em relação às novas tecnologias, sem deixar de lado as outras fontes de informação. Reforçar a importância de se verificar a confiabilidade das informações. Conscientizar os alunos sobre a pesquisa. Que os professores e bibliotecário identifiquem se o trabalho é cópia ou pesquisa, já que dá para perceber se o texto é do aluno ou não, pois a linguagem das crianças é uma linguagem simples e da internet uma linguagem complexa.*

(F) *Colocar no site do Colégio informações da biblioteca, como acervo e indicação de páginas para pesquisas.*

Os entrevistados têm planos futuros, mas destacamos o comentário do sujeito (B), o qual citou uma mediação por meio de um blog da biblioteca. É uma das sugestões que nós também gostaríamos de propor.

7.1 Algumas percepções

Retomando hipóteses levantadas no início desta pesquisa verificamos por meio das respostas dos entrevistados que algumas se confirmam e outras não.

Achávamos que a idéia de mediação para a maioria dos profissionais se limitava ao momento do atendimento ao usuário, mas verificamos o contrário.

Os entrevistados sabem o que é mediação e se dizem mediadores. No entanto, não basta ter conhecimento de mediação e se dizer mediador, pois segundo nos alerta Almeida Júnior (2006c, slide 15) “a mediação deve ser qualificada, ou seja, os profissionais devem estar preparados, formados, devem ser competentes para esse tipo de atuação”.

Nesse sentido constatamos resultados positivos como, por exemplo, o entrevistado que afirmou ser a biblioteca considerada o “cérebro” da escola. Mas percebemos também que há entre os sujeitos da pesquisa mediadores despreparados para orientar trabalhos de pesquisa. Sabem explicar o termo “mediação”, mas não estão aptos a realizá-la de forma competente. Orientam, porém de maneira isolada, fora do contexto da escola.

Isso faz com que, em casos como esse, a comunidade escolar não conheça o bibliotecário e sua possível contribuição para a formação dos educandos, prolongando-se a antiga constatação de Silva (1993, p.67) de que “aos olhos dos professores, o bibliotecário é ainda o guarda-livro (...), não tem muito a dizer sobre a educação dos jovens”.

Neste caso também a biblioteca é subutilizada e desprezada, fazendo-nos ainda hoje lembrar do alerta de Martínez e Calvi (1994, p.29) de que “a biblioteca que não se deixa conhecer, que não sabe corresponder às expectativas de sua clientela, corre o risco de perder seu lugar na comunidade e ser desvalorizada, esquecida e abandonada”.

É preciso haver uma mediação que vincule a utilização da biblioteca ao projeto pedagógico da escola. A pesquisa deve ser vista como meio de construção do conhecimento dos educandos. Concordamos com a afirmação de GASQUE (2007) de que a pesquisa escolar deve fazer parte da concepção de ensino e aprendizagem envolvendo formação de professores, infra-estrutura e aprendizagem de conteúdos para lidar com a informação (letramento informacional).

Quanto à responsabilidade/identificação de “quem” deve ensinar o ato da pesquisa constatamos que em duas escolas a orientação da pesquisa, bem como seu acompanhamento faz parte de projeto integrado professor/bibliotecário. Nossa percepção é que nas outras escolas esta atividade ainda acontece sem a necessária atenção e devido compromisso.

Verificamos na literatura que as tecnologias propiciam o ensino e a aprendizagem além das paredes físicas da escola.

Da mesma forma os recursos tecnológicos ampliam o espaço de atuação/mediação do bibliotecário escolar. Morigi e Silva (2005, p.10) afirmam que “a mediação é constante nos serviços bibliotecários. As tecnologias de informação e comunicação e a sua inserção nas bibliotecas estão modificando a forma de pensar a própria biblioteca.”

Face a tal realidade e pensando também no profissional bibliotecário pretendíamos avaliar a percepção dos sujeitos quanto a sua responsabilidade cotidiana em mediar a pesquisa escolar, *independentemente da ambiência* em que se encontram; pois a nosso ver, a ambiência da biblioteca não se prende a seu espaço físico, mas sim deve alcançar os lares dos alunos, salas de aula e outros aportes pedagógicos.

Nosso interesse também foi analisar a postura e as habilidades técnicas/cognitivas do bibliotecário na mediação da pesquisa neste momento de crescente virtualização da informação, bem como verificar e discutir a relação entre mediadores e os recursos tecnológicos.

Constatamos que embora os entrevistados tenham noção da importância da mediação bibliotecária nenhum deles se posicionou quanto a uma mediação da informação que, fazendo uso dos recursos tecnológicos, possa interferir na pesquisa escolar realizada fora dos muros e horário de funcionamento da escola.

Nessas escolas os alunos são orientados e acompanhados para a e na pesquisa apenas no recinto escolar. Os bibliotecários não têm contato com os alunos quando de suas pesquisas em outros ambientes, eles orientam para que sejam realizadas independentemente de tempo e local, mas o acompanhamento é, salvo algumas exceções, presencial.

Inferimos que os entrevistados não têm um conhecimento aprofundado acerca de recursos tecnológicos que favorecem a mediação em outros ambientes.

Ficou evidente, por exemplo, que um dos entrevistados é resistente ao uso da internet na pesquisa escolar e que algumas fontes e recursos de informação não são utilizados com frequência e eficiência tanto pelos mediadores quanto pelos educandos. Parece-nos que mesmo aos mediadores que participam da pesquisa por meio de projetos integrados faltam condições ou visão de diferentes caminhos que levem a ampliar a mediação da informação na pesquisa escolar.

Outra preocupação nossa diz respeito à parceria entre os mediadores (professores e bibliotecários) na pesquisa escolar. A literatura e eventos da área geralmente mostram alguns entraves nessa relação.

As respostas dos entrevistados demonstram satisfação e frustração no que diz respeito ao relacionamento entre estes mediadores.

Martins e Bortolin (2006, p.40) consideram que

a constante dificuldade de diálogo e parceria entre o bibliotecário e o professor prejudica consideravelmente qualquer iniciativa de leitura [e pesquisa]; em consequência disso, projetos idealizados na escola em prol da leitura [e pesquisa], correm o risco de não “entrar em cena”. (grifo nosso)

Ao refletirmos sobre a constatação de Martins e Bortolin a preocupação aumenta, pois verificamos que uma minoria trabalha com projetos de pesquisa escolar envolvendo professor e bibliotecário em seu planejamento, execução e avaliação.

Em se tratando de projetos/ações relacionados à pesquisa escolar em meio ao uso de novas tecnologias propostos pelos entrevistados acrescentamos a seguir nossa sugestão.

7.2 Propostas de projetos e ações

Nas propostas dos entrevistados com relação à pesquisa escolar encontramos sugestões para que:

_ As atividades de orientação à pesquisa e uso das fontes e recursos de informação sejam mais provocativas e alicerçadas nas primeiras séries para que posteriormente, face às habilidades e autonomia dos educandos possa haver apenas um acompanhamento por parte dos mediadores.

_ Se desenvolvam orientações no sentido de conscientizar os alunos quanto à pesquisa e uso de novas tecnologias.

_ O site da escola conte com informações da biblioteca, como acervo e indicação de páginas para pesquisas.

_ Se coloquem em prática outros projetos relacionados à pesquisa fazendo uso do próprio site da escola.

_ Uma mediação eletrônica por meio do blog da biblioteca.

Concordamos com as propostas dos entrevistados em suas diferentes realidades.

Mas, se como citamos, a mediação está em todo fazer bibliotecário, este profissional não deve pensar na mediação da pesquisa apenas no momento em que o usuário está presencialmente realizando tal atividade.

O bibliotecário precisa, como sempre, conhecer sua comunidade, sua realidade e se antecipar a suas possíveis necessidades para procurar satisfazê-las. Imaginamos que este profissional possa estender o atendimento a ambientes fora do espaço físico da biblioteca e da escola.

Considerando que a pesquisa escolar serve de base para outras pesquisas devemos alicerçá-la e renová-la sempre mais.

Como a tendência é aumentar a disponibilização e a busca de informação em meios eletrônicos, o bibliotecário não pode apenas acompanhar o avanço das TICs e inseri-la na tradicional pesquisa, mas sim *planejar* uma mediação com os recursos eletrônicos de forma a capacitar usuários para uma pesquisa orientada e acompanhada de forma participativa e prazerosa.

Modesto (2005a, p.293), discorrendo sobre o professor e as tecnologias, cita a necessidade de uma mudança comportamental. Afirma que

Os recursos ofertados pelas redes eletrônicas, utilizadas para enfatizar o intercâmbio entre os professores e sua comunidade de alunos, fazem-se agora por: listas de discussão, salas de bate-papo, correio eletrônico e *website* (contendo material didático e paradidático) como apoio à aprendizagem

Assim como o professor, o bibliotecário também deve mudar seu comportamento e otimizar sua comunicação com os usuários por meio dos recursos ofertados pelas redes eletrônicas.

Há bibliotecas escolares que disponibilizam no site da escola informações sobre atividades realizadas, catálogo on-line do acervo, listas de novas aquisições, orientações para apresentação de trabalhos e informações gerais.

Iniciativas de bibliotecas universitárias com relação ao serviço de referência digital/virtual podem ser aproveitadas e/ou adaptadas para a biblioteca escolar.

Sendo assim, pensamos que a biblioteca deveria ter um site mais interativo e atrativo, que possibilite a participação e contribuição de professores, alunos e familiares de alunos, facilitando a comunicação e o entrosamento, bem como a orientação e esclarecimento de dúvidas quanto à pesquisa escolar e outras atividades referentes à biblioteca.

A intenção é que este site possa funcionar como um ambiente virtual de aprendizagem. Ele poderia disponibilizar diferentes ferramentas/campos como:

Proposta/Convite - campo com explicações a respeito da proposta de interatividade, seus objetivos e benefícios entre outras informações necessárias.

Minicursos - (educação à distância) sobre pesquisa escolar, como encontrar informações nas diferentes fontes de informação, acesso a sites e recursos tecnológicos, como buscar informações confiáveis na internet, como fazer uso de determinados recursos tecnológicos na realização e apresentação de trabalhos, normas da ABNT para apresentação de trabalhos, etc.

Leitura indicada para: (crianças, adolescentes, jovens, adultos, professores, pais de alunos, todos). Neste campo pode haver sugestões enviadas por diferentes membros da comunidade educacional.

Nossa pesquisa - com indicações de títulos, de sites e de autores para os diferentes temas das pesquisas.

Lista de autores com seus e-mails (desde que autorizado por eles).

Lista de livrarias, de bibliotecas, de museus e outros pontos culturais com os respectivos endereços.

Tira dúvidas - campo que pode funcionar como um FAQ (perguntas mais freqüentes).

Correio eletrônico - onde por meio de e-mail e/ou formulário via web os usuários possam se comunicar com questões e comentários para o bibliotecário e/ou professor para posterior resposta.

Salas de bate-papo - onde os diferentes usuários possam trocar idéias e esclarecer dúvidas sobre as leituras e pesquisas efetuadas.

Fórum de discussão - onde podem ser lançadas discussões sobre temas de pesquisa e assuntos polêmicos entre outros que interesse a diferentes membros da comunidade educacional.

Cantinho de produções - onde se possam compartilhar resultados de pesquisas, de fóruns de discussão, bem como trabalhos que se destacaram na escola e que possam servir de base para outras pesquisas.

Agenda - campo onde podem ser expostas as programações de fóruns.

Parceria administrativa - campo com acesso permitido ao bibliotecário, professores e equipe de informática para acompanhamento do site e propostas de modificações dos campos.

Outros Projetos - com o bom andamento dos demais serviços, neste campo podem ser registradas sugestões/colaborações para ampliação de campos que proporcionem maior acessibilidade/interação de usuários como a adição da escrita da língua de sinais ou mesmo bate-papo falado.

Tal iniciativa incorre em aprovação e colaboração da direção escola com a disponibilização de recursos humanos e financeiros. Por outro lado, o número de equipamentos, de computadores na biblioteca, bem como seu espaço físico não precisarão ser tão grandes, pois o bibliotecário poderá mediar a pesquisa de alunos que estão no laboratório de informática, em Lan houses, em suas residências, etc.

O bibliotecário orientará e acompanhará a pesquisa escolar também por meio da educação à distância, poderá agendar dias e horários para participar de fóruns, esclarecerá dúvidas e indicará caminhos via e-mail, selecionará as perguntas mais freqüentes e formará o tira dúvidas, poderá obter ajuda/participação de membros da comunidade escolar para os diferentes campos.

Os alunos terão mais opções para entrar em contato com o bibliotecário independente de tempo e espaço. Poderão fazer uso do site da biblioteca para trocar idéias a respeito de pesquisas com professores, bibliotecário e colegas.

A participação do bibliotecário e dos professores nos campos do site dependerá de sua disponibilidade de tempo sendo melhor inserir gradativamente os serviços, já que é uma atividade para ser realizada em parceria.

Porém é importante que o bibliotecário conheça as variadas formas de colaboração e de comunicação dos alunos (blog, orkut, MSN, skype, etc), planeje atividades que o levem ao encontro dos usuários e propicie cada vez mais sua aprendizagem e autonomia.

Além disso, o bibliotecário escolar também deve participar de reuniões, encontros virtuais com outros bibliotecários escolares. Pode formar um grupo de estudos virtual partilhando experiências, dificuldades, expectativas, projetos e outras iniciativas que levem ao conhecimento, fortalecimento e valorização de sua atividade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa escolar, quando praticada com orientação, critérios metodológicos, análise e avaliação é um dos principais meios de aprendizagem na escola.

O desenvolvimento dessa atividade deve ser contextualizado e fazer sentido para educandos e educadores. Praticando a pesquisa escolar os alunos são preparados para futuras pesquisas acadêmicas, profissionais, científicas, etc.

Essa prática implica em que professor e bibliotecário sejam pesquisadores e que orientando e motivando o aluno propiciem a estas habilidades para buscar e localizar informações em variadas fontes e recursos de informação, praticar a leitura, a análise de textos e o desenvolvimento do senso crítico para que possa independente e eficientemente construir e reconstruir seu conhecimento.

Atualmente a tecnologia de informação e comunicação aumenta as possibilidades de busca e acesso a diversas informações relacionadas aos temas de pesquisa. Contribui para que um número significativo de informações seja disponibilizado, encontrado e consultado por pessoas em diversos lugares e de diferentes formas ao mesmo tempo.

Independente da presença do aluno em bibliotecas as TICs permitem o acesso à informação para pesquisa desde que o assunto esteja disponível virtualmente.

Mas a formação e o desenvolvimento de alunos/pesquisadores exigem a presença, parceria e ação de mediadores capacitados e interessados na aprendizagem do educando, ou seja, precisamos de educadores/mediadores que façam da pesquisa um verdadeiro processo de aprendizagem independente do suporte em que se encontrem as informações e ambiência do pesquisador.

As informações obtidas em nossa investigação revelaram que a pesquisa escolar acontece em todas as escolas perquiridas, porém de diferentes maneiras e com variados níveis de resultados.

A cópia e o uso das teclas “control c e control v” continuam presentes nesta atividade, todavia percebemos que onde há parceria entre bibliotecário e professor esta prática tem diminuído e dado lugar a uma pesquisa que acontece num contexto de motivação, de busca de informação, de descoberta e conhecimento.

A parceria entre bibliotecário/professor na orientação e acompanhamento da pesquisa escolar encontrada neste estudo divide-se em três

etapas: a) harmoniosa e com resultados promissores, b) em desenvolvimento e c) inexistente.

Verificamos que o suporte (físico ou digital) e a quantidade de informação não são fatores decisivos na condução da pesquisa ou da “copisa”. Constatamos que a mediação envolvendo parceria na orientação, motivação, acompanhamento e avaliação é imprescindível para a obtenção de bons resultados na pesquisa e desenvolvimento do educando.

Investigando a mediação do bibliotecário na pesquisa em ambiente digital identificamos que na mediação diária alguns bibliotecários vêem a virtualização da informação apenas como uma tarefa e um controle a mais, além da pesquisa no acervo da biblioteca. Como muitos alunos buscam informações diretamente na internet sem ajuda do bibliotecário ou do professor tais bibliotecários os deixam soltos, isentando-se da responsabilidade de orientá-los e acompanhá-los na pesquisa.

Outros bibliotecários, conscientes da importância da mediação na formação de alunos/pesquisadores, em parceria com os professores orientam todos os alunos quanto à pesquisa e procuram acompanhá-los pelo menos até que possuam as habilidades necessárias para realização da pesquisa de maneira independente.

Percebemos que os bibliotecários acompanham o desenvolvimento e esclarecem dúvidas dos usuários que vão até a biblioteca ou que de outros locais da escola solicitam sua ajuda. Não há uma rotina de comunicação com os alunos em outros ambientes que não a escola.

A mediação acontece, mas pode ser ampliada no ambiente digital, que exige outras habilidades ao bibliotecário/mediador da informação na pesquisa escolar.

Nosso ponto de vista é que a mediação bibliotecária requer uma atualização constante. O bibliotecário não pode “estacionar” e nem mesmo só acompanhar as mudanças, mas deve planejá-las e fazer parte delas.

É necessário ao bibliotecário, fazendo uso das TICs não se prender às paredes físicas da biblioteca e da escola, mas mediar a informação em diferentes ambientes onde se encontre o educando: em suas residências ou onde estejam seus recursos digitais/eletrônicos.

Deve elaborar e/ou participar de projetos de pesquisa escolar no ambiente digital com estratégias mediadas por ferramentas da web.

No capítulo anterior sugerimos a elaboração de um site interativo por meio do qual o bibliotecário pode mediar a informação e se comunicar com os usuários em outros ambientes.

Na elaboração de tais projetos o bibliotecário precisa ter em mente as diferentes etapas por que passa o aluno em sua formação de aluno/pesquisador e propor alternativas que no ambiente digital possam orientar, acompanhar, agilizar e facilitar suas pesquisas.

Tais alternativas devem visar aos usuários melhores condições de busca e acesso a informação de forma a propiciar mais tempo para leitura, compreensão e produção de texto, tentando prepará-los para conviver com os desafios e benefícios da Sociedade do Conhecimento.

Deve voltar sua atenção para as dúvidas e necessidades dos professores estabelecendo parceria com eles e com outros membros da comunidade escolar. Em parceria podem com os recursos das TICs trocar idéias e somar conhecimento que favoreçam a pesquisa e a aprendizagem dos educandos.

Também deve, no ambiente digital, ampliar seu contato com outros bibliotecários, trocar experiências e aprimorar ações profissionais. Esse contato é importante, pois muitos bibliotecários passam pelas mesmas dificuldades e podem em colaboração desenvolver atividades que visem a satisfação de seus usuários.

A formação de salas/grupos de discussão e estudos com outros bibliotecários não precisa se limitar aos profissionais da rede particular de ensino; deve ser aberto aos interessados da rede pública para que estes também tenham condições de orientar seus usuários, já que muitos deles embora não tenham equipamento em suas casas freqüentam ambientes digitais.

Nossa investigação foi realizada com profissionais que atuam em bibliotecas da rede particular de ensino, mas os resultados obtidos e sugestões elaboradas cabem também as bibliotecas da rede pública que têm em sua infraestrutura acesso a suportes digitais. Mesmo porque, respeitando o contraste econômico de diferentes escolas, a mediação bibliotecária deve acontecer independente da ambiência em que se encontre o profissional e seus usuários.

Mesmo que a internet/tecnologia ainda esteja distante de muitas realidades/bibliotecas/escolas o bibliotecário deve criar caminhos, para que quando chegarem tais recursos possa haver uma pesquisa eficiente e prazerosa.

Queremos reforçar que é urgente a inclusão do uso da biblioteca e de seus recursos no projeto pedagógico da escola, bem como a implantação de um processo de pesquisa que realmente faça parte do ensino-aprendizagem e da construção do conhecimento.

Gostaríamos de destacar que em nossa busca de informações para realização do presente trabalho não encontramos relatos significativos de pesquisas/experiências relativos a ampliação da mediação da informação na pesquisa escolar digital para outros ambientes de pesquisa dos alunos. Encontramos informações em outros tipos de bibliotecas, mas não na escolar.

Portanto, a história aponta para um aprofundamento desse tema, sob pena de nós, bibliotecários, e de nossos espaços – bibliotecas escolares neste caso – sermos relegados, esquecidos e preteridos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. Projeto bibliotecário e pedagógico: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC/CRB8, 2005. p.258-262.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. *Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas*. Londrina: Ed.UEL, 1997.

_____. Bibliotecário escolar: seu perfil, seu fazer. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Orgs.) *Fazeres cotidianos na biblioteca escolar*. São Paulo: Polis, 2006a. p.43-54. (Coleção Palavra-Chave, v.17).

_____. Pesquisa escolar: entre o modelo educacional e a liberdade da pesquisa. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Orgs.) *Fazeres cotidianos na biblioteca escolar*. São Paulo: Polis, 2006b. p.97-103. (Coleção Palavra-Chave, v.17).

_____. *Mediação da informação: alguns aspectos*. Marília, 23 de outubro de 2006c. (19 slides - pps)

_____. *Mediação da informação: discutindo a atuação do bibliotecário*, 2005a. Apostila

_____. *Projeto de Pesquisa Mediação da Informação e Múltiplas Linguagens*. Londrina, 2005b. Material impresso

ALVES, Ana Paula Meneses; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregório. O serviço de referência e informação digital. *Biblionline*, v.2, n.2, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/viewFile/611/448>> Acesso em jul. 2007.

ALVES, Maria Bernadete Martins. *A percepção do processo de informação em bibliotecas, dos estudantes do curso de Pedagogia da UFSC, à luz do modelo ISP (Information Search Process)*. 2001. 120f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em <<http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/5447.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2007.

ALVES, Maria Bernadete Martins; FAQUETI, Marouva Fallgatter. *Mudanças no serviço de referência, em bibliotecas universitárias, sob o impacto das novas tecnologias*. Disponível em <<http://www.sibi.ufrj.br/snbu/snbu2002/oralpdf/89.a.pdf>>. Acesso em 25 jun. 2007.

AMARO, Regina Keiko Obata F. Casos especiais – novos enfoques à biblioteca escolar: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC/CRB8, 2005. p.304-313.

AMATO, Mirian; GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues. A biblioteca na escola. In: GARCIA, Edson Gabriel (Org.) *Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento*. São Paulo: Loyola, 1989. (Práticas Pedagógicas, 3). p.11-23.

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na escola: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1998.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BARROS, Maria Helena T. C. O bibliotecário e o ato de ler. In: SILVA, Ezequiel Theodoro (Org.) *O bibliotecário e a análise dos problemas de leitura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. (Cadernos da ALB, 1)

_____. A mediação da leitura na biblioteca. In: BARROS, Maria Helena T. C. de; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. *Leitura: mediação e mediador*. São Paulo: Ed. FA, 2006. p.17-22.

BATTLES, Matthew. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BELUZZO, Regina Célia Baptista. *Novas tecnologias: novos procedimentos das diferentes linguagens*. Projeto Pedagogia cidadã. Seminário apresentado em 05/10/2007. Disponível em: < <http://sol.unesp.br/usuario/ppt/regina.ppt> >. Acesso em: 31 out. 2007.

BERNARDI, Marilucia. O Manifesto Unesco/Ifla e os objetivos da biblioteca escolar: missão e objetivos: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC/CRB8, 2005. p.203-206.

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira; ELLWEIN, Selma Alice Ferreira. Pesquisa escolar na internet. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Orgs.) *Fazeres cotidianos na biblioteca escolar*. São Paulo: Polis, 2006. p.105-113. (Coleção Palavra-Chave, v.17).

BILL, Roseli. Como fazer uma pesquisa bibliográfica. *Revista do professor*, Porto Alegre, v.4, n.14, out./dez. 1988.

BORTOLIN, Sueli. A leitura e o prazer de estar na biblioteca escolar. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Org.). *Fazeres cotidianos na biblioteca escolar*. São Paulo: Polis, 2006. p.65-72.

_____. *A leitura literária nas bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador*. 2001. 233 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos, 20).

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997. v.1. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/>>. Acesso em 19 jan. 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. *Plano Nacional de Educação*. 2001. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>> Acesso em: 20 dez. 2007.

BRITO, José Augusto Pereira. *A revolução da tecnologia de informação na educação*. Disponível em: < <http://www.mackenzie.com.br/brito/recife/brito-recife-2002.pdf>>. Acesso em abr. 2007.

BUZATO, Marcelo E. K. Letramento digital abre portas para o conhecimento. *EducaRede*, 11 mar. 2003. Disponível em: http://www.educarede.org.br/educa/html/index_busca.cfm>. Acesso em: 12 nov. 2005.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. *Revista ACB*, Brasília, DF, v.10, n.2, p.163-168, jan. 2006. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/viewarticle.php?id=130>>. Acesso em: 06 fev. 2007.

CAMPELLO, Bernadete dos Santos. Biblioteca e Parâmetros Curriculares Nacionais. In: CAMPELLO, Bernadete dos Santos et al. *A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. *Ciência da Informação*, Brasília, v.32, n.3, p. 28-37, set./dez.2003. Disponível em <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 26 jan. 2007.

CAMPELLO, Bernadete dos Santos et al. A coleção da biblioteca escolar na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Inf. Inf.*, Londrina, v. 6, n. 2, p. 71-88, jul./dez. 2001.

_____. A internet na pesquisa escolar: um panorama do uso da Web por alunos do ensino fundamental. (2000) In Proceedings XIX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação 1, Centro de eventos da PUCRS. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000832/>>. Acesso em: 02 jan. 2008

CAMPELLO, Bernadete dos Santos; ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. Competência informacional e formação do bibliotecário. *Perspectivas em Ciência da Informação*. Belo Horizonte, v. 10, n. 2, 178-193, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline>>. Acesso em: maio 2007.

CARVALHO, Eliete. *Desafio da escola: ensinar a pesquisar*. Disponível em: <<http://br.geocities.com/elietecarvalho20/desafiodaescola.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2007.

CASARIN, Helen de Castro Silva. *Comentário sobre inserção de disciplinas no currículo de Biblioteconomia*. Marília, UNESP, 11 de dezembro de 2007. (informação verbal).

CAVALCANTI, José Carlos. Redes sociais na internet I. *JC OnLine* 05/11/2007. Disponível em: <jc.uol.com.br/2007/11/05/not_153342.php>. Acesso em: 23 dez. 2007.

CHOO, Chun Wei. *A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões*. São Paulo: Senac São Paulo. 2003.

COLÉGIO Adventista de Londrina. Disponível em: <<http://www.educacaoadventista.org.br/escolas/index.php>> Acesso em jan. 2008.

COLÉGIO Canadá. Disponível em:
<http://www.colegiocanada.com.br/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1>.
Acesso em jan. 2008.

CUNHA, Murilo Bastos da. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. *Ciência da Informação*, Brasília, v.29, n.1, p.71-89, jan./mar. 2000. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline/viewarticle.php?id=307>>. Acesso em: 14 dez. 2007.

_____. Desafios na construção de uma biblioteca digital. *Ciência da Informação*, Brasília, v.28, n.3, p.257-268, set./dez. 1999. Disponível em:
<<http://www.ibict.br/cionline/viewarticle.php>>. Acesso em: 14 dez. 2007.

CUNHA, Murilo Bastos da; PESSOA, Patrícia. Perspectivas dos serviços de referência digital. *Informação e Sociedade*, João Pessoa, v.17, n.3, p.69-82, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/836/1587>>. Acesso em: jan. 2008.

DELORS, Jacques (Coord.) Os quatro pilares da educação. In: _____. *Educação: um Tesouro a Descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez, 1999. cap.4, p.89-102. Disponível em: <<http://4pilares.net/text-cont/delors-pilares.htm>> Acesso em: 7 jul. 2007.

DELVAL, Juan. *Crescer e pensar: a construção do conhecimento na escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

DEMO, Pedro. *Desafios modernos da educação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 1996.

_____. *Escola e aprendizagem*. Disponível em:
<<http://pedrodemo.sites.uol.com.br/textos/html>>. Acesso em out. 2007.

_____. *Professor/conhecimento*. UnB, 2001. Disponível em:
<<http://www.enap.gov.br>> Acesso em 15 jun. 2007.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. *Ciência da Informação*, Brasília, v.32, n.1, p.23-35, jan./abr. 2003. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 26 Jan. 2007.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana, GABRIEL, Maria Aparecida, VILLELA, Maria Cristina Olaió *Educação de usuário de bibliotecas universitárias frente à sociedade do conhecimento e sua inserção nos novos paradigmas educacionais*. Disponível em: <snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t060.doc> Acesso em: 24 fev. 2006.

DUROZOI, Gerard; ROUSSEL, André. *Dicionário de filosofia*. Campinas: Papirus, 1993.

ELLWEIN, Selma Alice. Pesquisa escolar e o enfadonho exercício de cópia: como separar o trigo do joio? In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Orgs.) *Fazeres cotidianos na biblioteca escolar*. São Paulo: Polis, 2006. p.79-96. (Coleção Palavra-Chave, v.17).

ESCOLA Berlaar Santa Maria. Disponível em: <<http://www.esmaria.g12.br/default.asp>>. Acesso em jan. 2008.

FALTA biblioteca na rede pública: na rede estadual, poucas abertas. Disponível em: <<http://www.apeoesp.org.br/especiais/faltam.html>> Acesso em: 20 dez. 2007.

FAQUETI, Marouva Fallgatter. *O bibliotecário como sujeito ativo no processo de ensino aprendizagem através da pesquisa escolar: proposta de um modelo*, 2002. 137f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis. Disponível em: <www.bu.ufsc.br/cac/cacmen2.html>. Acesso em 21 dez. 2005.

FAQUETI, Marouva Fallgatter; BLATTMANN, Ursula. O processo de pesquisa e seus vínculos. In: BLATTMANN, Ursula; FRAGOSO, Graça Maria (Orgs.) *O zapear a informação em bibliotecas e na internet*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 41-53.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico: Século XXI*. Versão 3.0 Lexikon Informática; Nova Fronteira, 1999. (on-line)

FRAGOSO, Graça Maria. A “bela adormecida” precisa acordar. *Amae Educando*, Belo Horizonte, v.29, n.263, p.32-34, out. 1996.

_____. Biblioteca na escola. *Revista ACB Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v.7, n.1/2, p.124-131, jan./dez. 2002.

FRAGOSO, Graça Maria; BLATTMANN, Ursula. O zapear na informação. In: BLATTMANN, Ursula; FRAGOSO, Graça Maria (Orgs.) *O zapear a informação em bibliotecas e na internet*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.13-26.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 34.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. (Coleção Leitura).

_____. *Pedagogia do oprimido*. 34.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GARCEZ, Eliane F.; BLATTMANN, Ursula. O Manifesto Unesco/Ifla e os objetivos da biblioteca escolar: missão e objetivos: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC/CRB8, 2005a. p.194-202.

_____. Projeto bibliotecário e pedagógico: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC/CRB8, 2005b. p.266-269.

_____. Recursos humanos: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC/CRB8, 2005c. p.356-360.

_____. Recursos informativos – acervo: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC/CRB8, 2005d. p.326-328.

GARCEZ, Eliane M. Stuart; RADOS, Gregório S. V. Biblioteca híbrida: um novo enfoque no suporte a educação à distância. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 44-51, maio/ago. 2002. Disponível em: <www.ibict.br/cionline/include/getdoc.php?id=461>. Acesso em 14 dez. 2007.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. *CRA comemora seis anos com Semana da Biblioteca*. Entrevista publicada por Fernanda Pimenta Monteiro em 12 de março de 2007. Disponível em: <<http://www.marista.org.br/index.cfm?FuseAction=noticias>>. Acesso em 20 abr. 2007.

_____. Pesquisa escolar [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: analu@marilia.unesp.br em 27 dez. 2007.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GUEDES, Clediane de Araújo; FARIAS, Gabriela Belmont de. Information literacy: uma análise nas bibliotecas escolares da rede privada em Natal/RN. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 4, n. 2, p.110-133, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://server01.bc.unicamp.br/seer/ojs/viewarticle.php?id=87>>. Acesso em: 10 maio 2007.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima. *Information Literacy: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior*. 2002. 108f. Dissertação (mestrado). Pós-Graduação em Ciência da Informação do MCT/IBICT-UFRJ/ECO. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em <http://biblioteca.ibict.br/phl8/anexos/mariahelena2002.pdf> Acesso em: julho 2007.

INSTITUTO de Educação Infantil e Juvenil. Disponível em: <<http://www.ieij.com.br/>>. Acesso em jan. 2008.

IWASSO, Simone. Internet na escola não resolve problemas, fabrica novos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 out. 2006. Vida &. Disponível em: <<http://txt.estado.com.br/editorias>>. Acesso em: nov. 2006. (entrevista com Emília Ferreiro)

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

KUHLTHAU, Carol Collier. O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. *Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica*. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 9-14. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

_____. *Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental*. Tradução e adaptação de Bernadete Santos Campello et al. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 303 p.

LIOTI, Ivana de Fátima Peres de Oliveira. *A construção do conhecimento mediante a pesquisa: rumo à competência em informação*. 2005. 46f. Monografia (Especialização em metodologia da ação docente). Universidade Estadual de Londrina. Londrina.

LOPES, Marili Isensee; SILVA, Edna Lúcia da. *As bibliotecas universitárias e a mediação da informação na comunicação científica*. Disponível em: <www.snbu2006.ufba.br/soac/viewpaper.php?id=87 >. Acesso em: 26 jan. 2007.

MACEDO, Neusa Dias de (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC/CRB8, 2005. 446p.

MACEDO, Neusa Dias de. Princípios e reflexões sobre o serviço de referência e informação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v.23, n.1, p.9-37, jan./dez. 1990.

MACEDO, Neusa Dias de; MODESTO, Fernando. Equivalências: do serviço de referência convencional a novos ambientes de redes digitais em bibliotecas. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v.1, n.1, p.38-72, jan./dez. 1999. Nova Série.

MACEDO, Neusa Dias de; SIQUEIRA, Idméa Semeghini. Subsídios para a caracterização da biblioteca escolar. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v.20, n.1/4, p.67-69, jan./dez. 1987.

MACHADO, Nilson José. As competências necessárias para o ofício do professor. *Educação Marista*, São Paulo, v.2, n.4, ago./dez. 2002. p.6-11.

MANIFESTO IFLA/UNESCO para biblioteca escolar. Edição em língua portuguesa traduzida por Neusa Dias de Macedo. São Paulo, 1999. Disponível em: <<http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>.> Acesso em 09 jan. 2005.

MÁRDERO ARELLANO, Miguel Angel. Virtual reference services. *Ciência da Informação*, Brasília, v.30, n.2, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652001000200002&script=sci_arttext. Acesso em: jan. 2007.

MARTÍNEZ, Lucila; CALVI, Gian. *Biblioteca e escola criativa: estratégias para uma gerência renovadora das bibliotecas públicas e escolares*. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, 1994.

MARTINS, Elizandra; BORTOLIN, Sueli. O bibliotecário escolar “afinando” o foco na leitura. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Org.). *Fazeres cotidianos na biblioteca escolar*. São Paulo: Polis, 2006. p.33-41.

MARTUCCI, Elizabeth Márcia. O Manifesto Unesco/Ifla e os objetivos da biblioteca escolar: missão e objetivos: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC/CRB8, 2005a. p.183-187.

_____. Recursos humanos: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC/CRB8, 2005b. p.353-356.

_____. Recursos informativos – acervo: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC/CRB8, 2005c. p.323-326.

MAYRINK, Paulo Tarcísio; MORANDIN, Rosana Helena; VANALLI, Tereza Raquel. Avaliação de coleções da FDE em bibliotecas de escolas da região de Marília. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v.25, n.3/4, p.49-59, jul./dez. 1982.

MEIER, Marcos. Neurologia, Moisés e Feuerstein: uma abordagem multidisciplinar da mediação da aprendizagem. *Educação Marista*, São Paulo, v.2, n.4, ago./dez. 2002. p.17-25.

MICHELETTI, Guaraciaba (Coord.). *Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria método e criatividade*. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.

MODESTO, Fernando. Casos especiais – novos enfoques à biblioteca escolar: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC/CRB8, 2005a. p.287-298.

_____. O Manifesto Unesco/Ifla e os objetivos da biblioteca escolar: missão e objetivos: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC/CRB8, 2005b. p.192-194.

_____. Recursos humanos: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC/CRB8, 2005c. p.349-352.

MOLL, Jaqueline. Tempos de viver, espaços de educar. *Revista Literária Blau*, Porto Alegre, n.19, p.20-22, 1998.

MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo. *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, v.23, n.126, p.24-26, set./out. 1995. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/novtec.htm#educação> Acesso: abr. 2007.

MORIGI, Valdir José; SILVA, Magali L. Paradigma tecnológico e representações sociais dos bibliotecários sobre seu perfil e suas práticas no contexto da sociedade da informação. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v.15, n.1, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article>> Acesso em: 25 nov. 2007.

MORO, Eliane Lourdes da Silva, ESTABEL, Lizandra Brasil. *A pesquisa escolar propiciando a integração dos atores – alunos, educadores e bibliotecários – irradiando o benefício coletivo e a cidadania em um ambiente de aprendizagem mediado por computador*. Disponível em: <www.cinted.ufrgs.br/ciclo3>. Acesso em: 21 dez. 2005.

MUNIZ, Flávia. *Rita, não grita*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

NEUNZIG, Vanessa Luiz. *A pesquisa escolar como elemento integrador dos recursos de biblioteca, internet e sala de aula para a construção do conhecimento*, Florianópolis, 2004. 260 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2004. Disponível em: <<http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/8470.pdf>> Acesso em 19 fev. 2007.

NEVES, Josélia Gomes. Metodologia Científica ou a dor e a delícia de aprender a ler e escrever na graduação. *Revista virtual Partes*, v.5, fev. 2007. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/educacao/metodologia.asp>>. Acesso em: 02 jul. 2007.

NEVES, Rogério Xavier. A leitura e o estudante de biblioteconomia: um instrumento para sua formação. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v.3, n.6, 1998. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/147/14700602.pdf>> Acesso em: 13 dez. 2007.

OBATA, Regina Keiko. Biblioteca interativa: construção de novas relações entre biblioteca e educação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, nova série, v.1, n.1, p.91-103, 1.º sem. 1999.

ODDONE, Nanci. O profissional da informação e a mediação de processos cognitivos: a nova face de um antigo personagem. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v.8, n.1, p.25-41, 1998.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Lev Vygotsky: metodologia*. São Paulo: Atta Mídia e Educação, [199-]. 1 fita de vídeo (45 min.) VHS, son. color.

PERFIL de Londrina 2007. Disponível em: <http://home.londrina.pr.gov.br/planejamento/perfil/perfil_2007.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2008.

PROJETO de leitura Bibliotecas escolares: palavras andantes. Disponível em: http://www.vivaleitura.com.br/calendario_detalhe.asp?id_projeto=1026. Acesso em 28 maio 2007.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

ROCHA, Ruth. *Pesquisar e aprender*. São Paulo: Scipione, 1996.

SANTOS, Gildenir Carolino; AMARAL, Sérgio Ferreira do. Rede de conhecimento digital (BEDNet): metodologia para construção da rede de bibliotecas escolares digitais. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, Nova Série, São Paulo, v.2, n.1, p. 57-82, jan./jun. 2006. Disponível em: < <http://www.febab.org.br/rbbd/ojs-2.1.1/index.php/>>. Acesso em: jan. 2008.

SANTOS, Gildenir Carolino; PASSOS, Rosemary; AMARAL, Sérgio Ferreira do. *Considerações sobre a convivência da informação impressa, virtual e digital no século XXI: o perfil dos profissionais de informação diante das tecnologias para auxílio no ensino a distância*. 2001. Disponível em:< <http://www.bibli.fae.unicamp.br/abed2001.pdf>> . Acesso em 14 dez. 2007.

SARAIVA, F.R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11.ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

SAYÃO, Luís Fernando; MARCONDES, Carlos Henrique. O desafio da interoperabilidade e as novas perspectivas para as bibliotecas digitais. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2., 2007, Londrina. Londrina: UEL, 2007.

SILVA, Altair Pedro da. Financiamento, legislação e redes: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC/CRB8, 2005a. p.240-242.

_____. Recursos humanos: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC/CRB8, 2005b. p.362-363.

SILVA, Deonísio da. *A vida íntima das palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa*. São Paulo: Arx, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura em crise na escola e na biblioteca*. 4.ed. Campinas: Papyrus, 1993.

SILVA, F.G. da; DAVIS, C. Conceitos de Vigotski no Brasil: produção divulgada nos cadernos de pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v.34, n.123, p.633-661, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 08 jun. 2007.

SILVA, Helena et al. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 1, p.28-36, jan./abr. 2005.

SILVA, Rovilson José da ; BORTOLIN,Sueli. Reflexões sobre a leitura e a biblioteca escolar. In: _____ *Fazeres cotidianos na biblioteca escolar*. São Paulo: Polis, 2006. p.11-19.

SILVA, Vicente de Paulo da. Nas trilhas da pesquisa: o mais importante é saber “por que?” *Caminhos de Geografia*, v.4, n.17, p. 47-54, fev. 2006. Disponível em: <www.ig.ufu.br/revista>. Acesso em: 27 jun. 2007.

SIMÃO, Maria Antonieta Rodrigues; SCHERCHER,Eroni Kern; NEVES,Iara Conceição Bitencourt. *Ativando a biblioteca escolar*. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 1993.

ST. James' International School. Disponível em: <<http://www.stjames.com.br/>>. Acesso em jan. 2008.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). *Sociedade da Informação no Brasil: livro verde*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TEIXEIRA, Mirene Mota Santos. Pesquisa escolar: o que precisa mudar? *Revista do Professor*, Porto Alegre, v.7, n.25, p.43-46, 1991.

TOMAÉL, Maria Inês et al. Avaliação de fontes de informação na Internet: critérios de qualidade. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v.11, n.2, 2001. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/>>. Acesso em: maio 2006.

VANTI, Nadia. Os links e os estudos webométricos. *Ciência da Informação*, Brasília, v.34, n.1, p.78-88, jan./abr. 2005.

VIGOTSKI, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE A – Roteiro para entrevista focalizada

APÊNDICE A – Roteiro para entrevista focalizada

- 1) Em que ano você concluiu o curso de Biblioteconomia?
- 2) Fez algum curso de Pós-Graduação?
- 3) Há quanto tempo você trabalha com biblioteca escolar?
- 4) Você se considera um(a) mediador(a)?
- 5) O que você entende por mediação?
- 6) Qual o espaço de atuação do bibliotecário escolar? Prende-se às paredes da biblioteca?
- 7) Você acha que as novas possibilidades tecnológicas alteram o espaço de atuação/ambiência do bibliotecário escolar?
- 8) De que forma você acha que o avanço da tecnologia altera a mediação bibliotecária?
- 9) Quais recursos tecnológicos a biblioteca em que você atua possui? A quantidade é suficiente?
- 10) Como esta biblioteca disponibiliza serviços de apoio à pesquisa com novos recursos tecnológicos?
- 11) Você acha que falta algum recurso? Quais? De que forma você os utilizaria?
- 12) Como deve ser a mediação bibliotecária com relação à pesquisa escolar?
- 13) Quais as possibilidades de mediação da pesquisa escolar perante a crescente virtualização/digitalização da informação?
- 14) De que forma os alunos realizam as pesquisas escolares?
- 15) Como são apresentadas as pesquisas dos alunos? Apenas em papel?
- 16) Como você acha que deveriam ser as pesquisas escolares?
- 17) Qual sua opinião sobre o uso da internet em pesquisas escolares?
- 18) Como você orienta pesquisas realizadas pela internet?
- 19) De que maneira isso se dá quando a pesquisa é feita à distância, por exemplo, quando o aluno está na casa dele?
- 20) Como os professores vêem as novas tecnologias na pesquisa escolar?
- 21) Qual a relação entre bibliotecário e professor na realização da pesquisa escolar?
- 22) Quais projetos/ações você proporia para que em meio ao uso de novas tecnologias a pesquisa escolar realmente atinja seus objetivos?

APÊNDICE B – Cidade de Londrina - Paraná

APÊNDICE B – Cidade de Londrina - Paraná

LONDRINA

A cidade de Londrina (pequena Londres), localizada no norte do Paraná, surgiu em 1929, com desbravadores de um projeto inglês, mas a criação do município se deu anos mais tarde através do Decreto Estadual n.º 2.519, em 3 de dezembro de 1934. Sua instalação foi em 10 de dezembro do mesmo ano, data em que se comemora o aniversário da cidade.

Teve um crescimento acelerado e contínuo, tornando-se não só pólo regional de bens e serviços, como a terceira mais importante cidade do Sul do País, depois de Curitiba e Porto Alegre.

De acordo com o IBGE, possui 497.833 habitantes sem contar o expressivo número de estudantes de outros locais que residem temporariamente na cidade.

Seu clima é do tipo CFA, Clima subtropical úmido mesotérmico, com verões quentes e geadas pouco freqüentes, com tendência de concentração com chuvas nos meses de verão e temperatura média de 21 graus.

O solo de Londrina é rico para a agropecuária e conhecido como terra roxa. Os principais produtos são: soja, milho, trigo, café, algodão, entre outros. Tem ainda grandes rebanhos bovinos com gado premiado em leilões e exposições. A Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina, realizada na Sociedade Rural do Paraná no mês de abril movimentou milhares de dólares todos os anos em agronegócios.

De tradição agrícola mantém essa influência, embora seja crescente a industrialização e geração de tecnologias.

Chama atenção no setor cultural, de comércio e prestação de serviços com festivais de artes cênicas, de dança e de música, inúmeros hotéis, hospitais, bares, restaurantes, lojas, etc.

Constituída de várias etnias em sua formação é rica e diversificada culturalmente.

A cidade possui também diversos Centros de Pesquisa e Instituições de Ensino Superior, entre os quais destacam-se a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Pontifícia Universidade Católica, Universidade Estadual de Londrina, Universidade Norte do Paraná e Centro Universitário Londrinense.

O representativo número de instituições de ensino e pesquisas em diversas áreas atrai moradores das cidades circunvizinhas para estudos e empregos.

Estas e outras informações encontram-se no site:

<http://home.londrina.pr.gov.br/homenovo.php?>

APÊNDICE C - Carta de apresentação da pesquisadora e da pesquisa

Londrina, 29 de maio de 2007.

Ao
Diretor da _____

Prezado Senhor,

Na qualidade de orientador do mestrado de *Ana Lúcia Antunes de Oliveira Bicheri*, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP/Marília, solicito sua cooperação para a coleta de dados para a pesquisa da referida aluna. O tema central da pesquisa é "*A mediação da informação na pesquisa escolar virtual*". Enfocando as bibliotecas escolares, o desenvolvimento da pesquisa exigiu um estudo de campo envolvendo os profissionais bibliotecários que atuam nas escolas particulares de ensino fundamental da cidade de Londrina. Tanto eu como a aluna temos certeza da importância do tema e da contribuição que tal pesquisa trará para as ações envolvendo a pesquisa escolar, em especial as que se valem das informações virtuais.

Ana Lucia é formada em Biblioteconomia e atuou como bibliotecária em escolas da cidade de Londrina. Foi docente do curso de Biblioteconomia na Universidade de Londrina. É especialista em Gerência de Unidades de Informação pela Universidade Estadual de Londrina e, atualmente, mestranda em Ciência da Informação na UNESP-Marília.

Gostaria que fosse autorizada uma entrevista de minha orientanda com o bibliotecário dessa instituição. Asseguro que em nenhum momento da dissertação a Escola dirigida pela senhora será mencionada. Termos, palavras, imagens ou referências que possam identificar essa instituição serão criteriosamente eliminados no produto final da pesquisa.

Seguimos as normas estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNESP, órgão a que todos os orientadores e orientados devem se submeter quando do envolvimento de pessoas, em qualquer instância ou momento da pesquisa. A não identificação tanto dos estabelecimentos de ensino como dos bibliotecários respondentes, faz parte dessas normas. Atendendo exigência desse órgão, solicitamos sua anuência - no sentido de colaborar com esta pesquisa - assinando o documento em anexo.

Coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento que se fizer necessário.

Atenciosamente

Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

APÊNDICE D – Instituições onde foram realizadas as pesquisas

APÊNDICE D – Instituições onde foram realizadas as pesquisas

COLÉGIO ADVENTISTA DE LONDRINA

O Colégio Adventista de Londrina, atualmente localizado à Rua Universo n.º 184, na cidade de Londrina iniciou suas atividades em 1941, com aproximadamente 15 alunos. Hoje comporta aproximadamente 1.250 alunos, 100 funcionários, dentre estes cerca de 75 professores.

O Colégio é uma instituição mantida pela Associação Norte Paranaense das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia. A Pedagogia Adventista se propõem a auxiliar as famílias na formação do caráter de seus filhos e tem como principais objetivos:

1. Promover o conhecimento de Deus como fonte de toda sabedoria;
2. Reconhecer e aplicar a Bíblia como referencial de conduta;
3. Estimular o estudo, a proteção e a conservação da natureza criada por Deus;
4. Incentivar a utilização das faculdades mentais na aquisição e construção do conhecimento em favor do bem comum, tendo como ferramenta as diferentes formas de informações e recursos tecnológicos;
5. Promover a aquisição de hábitos saudáveis através do conhecimento do corpo e das leis que a regem;
6. Oportunizar o desenvolvimento do senso crítico, da criatividade, da pesquisa e do pensamento reflexivo;
7. Incentivar o desenvolvimento dos deveres práticos da vida diária, a sábia escolha profissional e formação familiar, o serviço a Deus e à comunidade;
8. Promover a autonomia e autenticidade ancoradas nos valores bíblico cristãos;
9. Favorecer o desenvolvimento da auto-estima positiva, do sentimento de aceitação e de segurança;
10. Resgatar a prática da regra nos relacionamentos interpessoais, que é amar ao próximo como a si mesmo.

A biblioteca do Colégio conta com uma bibliotecária e duas auxiliares em períodos alternados.

O texto foi retirado do site:

<<http://www.educacaoadventista.org.br/escolas/index.php>>

COLÉGIO LA SALLE CANADÁ

Localizado à Rua Paranaguá n.º1420, na cidade de Londrina-Paraná, o Colégio La Salle Canadá ocupa uma área de 9.081,58 m².

Dirigido por irmãos Lassalistas, até dezembro de 1969, foi passado para as mãos de leigos que iniciaram as atividades no ano de 1970.

A filosofia da escola envolve a promoção de desafios e a criação de estratégias de pesquisa procurando transformar dúvidas em caminho e construção. Tal processo é sustentado pela ética, afetividade e solidariedade. Visa ser uma instituição de referência, pelo excelente Trabalho Educacional, onde o aluno é agente do seu aprendizado e o professor facilitador desse processo.

O Projeto Político Pedagógico oportuniza a apropriação ativa e crítica do conhecimento científico, historicamente produzido e acumulado pela humanidade.

O Colégio tem parceria com o Sistema de Ensino Positivo. Promove também: Feira de Ciências, das Nações, Gincana e Jogos Olímpicos entre outras atividades.

Em 2007 recebeu o "Prêmio Nacional de Excelência em Qualidade no Ensino - 2007" - Instituto Brasileiro de Pesquisa e Qualidade Gomes Pimentel.

Fundada em 1971 a biblioteca conta hoje com uma bibliotecária e com uma auxiliar no período da tarde. Possui um acervo de 7.000 volumes.

O texto foi retirado do site:

http://www.colegiocanada.com.br/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1.

ESCOLA BERLAAR SANTA MARIA

A Escola Berlaar Santa Maria, fundada em 1961, com o nome de Instituto Santa Maria, é uma comunidade educativa dirigida pelas Irmãs do Sagrado Coração de Maria com as finalidades escolar e filantrópica.

É uma das oito escolas da Rede Berlaar de Educação. Fundamenta-se na mensagem de Cristo, buscando a formação integral do aluno no aspecto intelectual, espiritual e social, em um ambiente de amor, verdade, justiça e fraternidade. Mantém convênio com o Sistema Positivo.

Localizada à Av. Maringá n.º991, ocupa uma área de 15 mil metros quadrados que oferece: auditório para 320 pessoas, biblioteca, laboratório de informática, de Ciência e Tecnologia, capela, sala de dança, área verde e pomar, recanto ecológico, campo de futebol suíço, piscina, praça da alimentação, ginásio de esportes, casinha de bonecas, entre outros.

Oferece também: palestra, oficina e mini-congresso para pais, semana da família, retiro com as famílias, oficina do livro, projetos sociais, colônia de férias, etc.

A biblioteca da escola conta com uma bibliotecária que está inserida/integrada aos projetos da instituição.

O texto foi retirado do site:

<http://www.esmaria.g12.br/default.asp>

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E JUVENIL

O Instituto de Educação Infantil e Juvenil (IEIJ) localiza-se na Rua Bélgica, 926, na cidade de Londrina-Paraná.

Fundado em 1973, é uma escola sem fins lucrativos. Toda receita obtida no Instituto é usada para a manutenção da escola, desde funcionários, professores, material didático, até projetos desenvolvidos pelos alunos. Os recursos são geridos pela Diretoria de Pais, eleita por meio de Assembléia anual. Dessa forma, o valor das mensalidades é 100% revertido para a educação dos alunos.

É uma escola construtivista. Trabalha com problemas, propondo-os aos alunos em diferentes atividades e ambientes. Interdisciplinaridade faz parte do dia-a-dia.

Além do ensino de todo o currículo do ensino regular, busca-se vivenciar o aprendizado por: experimentos, observações, gráficos, viagens, confecção de livros, maratonas, feiras, dramatizações, poemas, músicas, filmes, etc.

A biblioteca é aberta ao público e freqüentada pela qualidade de seus títulos. A não utilização de livros didáticos e de apostilas na escola garante grande movimento de turmas e professores para pesquisas, conhecimento e lazer.

O bibliotecário, além da busca e manutenção do material para satisfazer as necessidades dos usuários está intimamente ligado à pedagogia da escola.

O texto foi retirado do site: <http://www.ieij.com.br/> .

ST. JAMES' INTERNATIONAL SCHOOL

Fundada em 1998 e hoje situada à Av. Gil de Abreu de Souza n.º 1850 na cidade de Londrina-Paraná, é a escola pioneira no interior do Paraná no ensino bilíngüe "inglês e português".

Oferece currículo brasileiro completo, acrescido das vantagens do currículo internacional. Atende todos os conteúdos do Parâmetro Curricular Nacional e a Língua Inglesa não interfere na alfabetização da Língua Portuguesa.

A partir da 3ª série, os alunos são avaliados anualmente pelos testes da Universidade de Cambridge nas habilidades de "reading, writing, listening and speaking". Oferece aulas que não são exigidas na base nacional, como por exemplo: as aulas de música, teatro, empreendedorismo, biblioteca, computação e mais idiomas além do Inglês, como o espanhol, o francês e o Mandarim.

Tem a sua concepção pedagógica baseada na situação de fazer o aluno pensar, "aprender a aprender" e na preocupação da formação da cidadania e busca de autonomia. Sua filosofia é sustentada em dois pilares: o da formação humana e o das competências.

Preocupa-se ainda com: turmas reduzidas, inclusão escolar com tutoria; educação alimentar (lanche e refeição fornecido pela escola), responsabilidade Social (parceria com a Creche Irmãs de Bethânia), viagens e intercâmbios internacionais para o Canadá e Estados Unidos, rodas de sentimento para alunos de Ensino Fundamental, balé, momento Crescer com psicóloga para alunos de 5ª a 8ª séries, computação, prática esportiva dentro da própria escola, entre outros.

Na biblioteca, além do atendimento e empréstimo de materiais é oferecida uma atividade com o intuito de estimular o prazer pela leitura através de dramatizações, teatro de fantoches e para os alunos de 5ª a 8ª séries, os clássicos da literatura brasileira e mundial.

O texto foi retirado do site: <http://www.stjames.com.br/>.